

A close-up, high-contrast portrait of a woman's face. She is wearing large, round sunglasses. The lenses of the sunglasses are filled with a bright, intense fire. Her lips are painted a dark, glossy red. A sharp, metallic knife blade is held vertically between her lips, with some dark liquid, possibly blood, smeared on its edge. The overall color palette is dominated by the reds of the lips and sunglasses, the orange and yellow of the fire, and the pale skin of the face.

KARINA HEID

***O CLUBE DA
VINGANÇA***



O CLUBE DA VINGANÇA

KARINA HEID



O CLUBE DA VINGANÇA

Copyright© 2018 Karina Heid Rocha

Todos os direitos dessa obra são exclusivos da autora.

É expressamente proibida sua distribuição ou cópia,
parcial ou inteira sem prévia autorização.

Diagramação e capa: Karina Heid Rocha



[Created with Vellum](#)

*À magnífica Margaret Atwood, que plantou em mim, anos atrás, uma semente.
Nolite te bastardes carborundorum (ou: não deixe os bastardos te abaterem.)*

Nunca deixaremos, Margaret.

CONTENTS

Regras Do Clube

1. Jogador ou não jogador?
2. Não deixe o bastardo quebrar você
3. Qual é o seu preço?
4. Equifinalidade
5. O mundo que não gira
6. Um ato revolucionário
7. Precisamos falar sobre César
8. Fogueira das Vaidades
9. Abra os Olhos
10. Considere a dívida paga
11. Castelo de Cartas
12. Gente da sua laia
13. Forasteiro das Galáxias
14. Manipuladores e manipulados
15. Não abra a porta
16. Uma traidora acima de qualquer suspeita
17. Tubarões do aguardo
18. O mundo é das espertas
19. O Casamento
20. Uma promessa feita e cumprida
21. É Guerra
22. Descanse em paz
23. Vingança número 1
24. Vingança número 2
25. Vingança número 3
26. Tome sua caneta de volta
27. Real ou não real?
28. Início do fim
29. A peça desconsiderada
30. A teia
31. Alucinação de jogo
32. Cheque-mate

Outras obras da autora

Referências:

REGRAS DO CLUBE



Não falamos do Clube.

Não mentimos no Clube.

Perdoamos, mas jamais esquecemos

Vingança não é opcional.

1. JOGADOR OU NÃO JOGADOR?



TRÊS ANOS ATRÁS

Há luzes por toda parte. Intermitentes, prismáticas, espectrais. O carrossel é uma confusão matizada de risadas e crianças montadas em cavalos de celas azuis. Por todo lado, neon. Rosas, verdes, amarelos. O parque de diversões é um caleidoscópio de cores.

Enfio um chumaço do algodão doce na boca, sorrindo para a garotinha que acena. O ar da noite é encorpado e paira pesado ao redor, cheirando a pipoca e maçãs do amor, melando a pele como se fosse mel. A menina some na curva do carrossel e ressurgue do outro lado com um sorriso sem dentes. Aceno de volta, vendo a sombra de um homem encostar ao meu lado.

— É linda. Sua?

O rapaz cruza os braços sobre o alambrado e olha a menina desaparecer na curva. Olho-o com a boca cheia de açúcar.

— Quem, a menina?

O estranho sorri, e embora a noite seja uma cartela de cores, seus dentes ofuscam tudo ao redor. Há mais brilho naquela carreira lustrosa que em todo parque. Seus olhos são escuros e profundos, e suas feições angulosas. Cabelos negros e fartos, bem arrumados, emolduram feições quadradas. O cheiro que o acompanha é amadeirado e rascante. Rico, eu aposto.

— É, a menina. Sua?

Olho para a camisa polo e o sapato caro, confirmando a suspeita:

— Não. Sou solteira.

Ele ri, voltando a observar a garotinha. Não foi isso que perguntou.

A conversa começa ali, sob a música repetitiva do carrossel. O moço diz que está de passagem pela cidade. Veio ver umas fazendas, não quis contar qual.

— Santa Clara? — tento adivinhar, porque a Santa Clara corre por toda a parte norte do município, e geralmente são seus bois que trazem o povo rico pra cá. Ele sorri misterioso e diz que não, que conhece a Santa Clara mas não veio por causa dela.

A brisa chega, mas não tira do corpo a sensação viscosa. Ele quer saber de mim, sorri charmoso, pergunta onde é que uma moça bonita dessa vive, o que ela faz. Conto da escola onde dou aula e como é ser professora em um lugar tão pequeno. Ele conta sobre seu trabalho, e como é viver na cidade.

O forasteiro é misterioso de um jeito estranho. Seus olhos veem mais do que eu mostro, e tiram de mim mais do que dou. Ele elogia meus cachos escuros, e chama meus olhos verdes de *olhos de gato*. E ele me causa calor. Olha para mim de um jeito que o povo de cidade pequena não costuma ser olhado.

— E o seu nome, qual é? — ele pergunta.

— Ana Laura. O seu?

— Guilherme.

Ele pega meus dedos mas eu os recolho. Essa é uma cidade do interior, não damos as mãos a estranhos.

— Quero te ver de novo, Ana Laura — ele sussurra.

— Por que, se moro no interior de Minas e você no Rio?

Sua resposta desliza mansa e natural:

— Porque não existe por aquelas bandas mulher tão bonita quanto você.

Pelas próximas horas passeamos entre brinquedos iluminados e barracas de comidas perfumadas. Ele compra uma pipoca e me paga um suco; fala um monte de coisa que não tenho o costume de ouvir. Como é viver na cidade; como é morar no exterior. Sem planejar ou perceber, nos afastamos da festa. Escolhemos o refúgio do telhado da pracinha, onde pistas de bocha dividem o espaço com mesas feitas de manilha e bancos de concreto. Guirlandas iluminadas pendem do teto, enfeitando o espaço comunitário. Ao redor das mesas, idosos jogam xadrez em tabuleiros pintados no cimento enquanto aguardam suas mulheres voltarem do parque.

— Gosta de xadrez? — pergunto enquanto caminhamos por entre jogadores imóveis e de olhos fixos no jogo.

— Sou um jogador, Ana.

Ponto para você, estranho. Ele procura meu dedo acomodado sobre o braço e o puxa. Os braços desfazem o nó, e andamos até um banco com os dedos entrelaçados. O banco é afastado dos outros, como se colocado ali para aquele momento que pede silêncio. Uma coisa fria e boa se remexe em mim, como uma revoada de beija-flores batendo asas na barriga.

— O xadrez é um jogo de estratégia e raciocínio — ele leciona como um

professor, observando uma dupla jogar ao lado. — Veja, as peças fortes ficam na fileira de trás, e as fracas, na frente — continua. — Os peões protegem as peças mais importantes, e caem cedo no jogo.

Volto o rosto para o jogo, entrando no seu:

— Sempre achei que peões ficavam mais fortes à medida que o jogo avança.

— Não — Guilherme desmerece as peças. — São só peões.

Olho para a sua mão, entrelaçada à minha.

— Não acha que a vida se parece com o xadrez, Ana?

Ergo os olhos para encontrar os seus.

— Talvez.

— No jogo, cada movimento tem seu propósito — ele alisa a palma da minha mão como uma cartomante tentando ler a sorte. — Todo movimento precisa de uma estratégia. Precisa saber que caminho tomar.

Olho suas sobrancelhas, e os olhos escuros e turbulentos por baixo delas. Olho também para o queixo empinado e o nariz de quem não se curva fácil. Algo se enrosca na minha barriga, e já não sei mais dizer se a sensação é boa ou ruim.

— E qual é a sua estratégia para o momento? — pergunto.

Ele sorri:

— Chegar até você.

— E por que eu seria motivo de uma estratégia?

Seus olhos brilham como os dos predadores da noite:

— Tenho a impressão de que não devo perder você de vista.

Não gosto que sinta, ao mesmo tempo, atração e medo por esse estranho. Fui criada por uma mãe protetora, que me ensinou cedo a reconhecer mal intencionados. O problema? Às vezes queremos baixar a guarda. Desejamos a má intenção, por acreditarmos poder suportá-la.

— Essa seria uma tática errada no xadrez — murmuro.

— Qual?

Cada palavra da minha resposta sai mais baixa que a anterior, cada letra menos entonada:

— Mover-se rápido demais.

— Quem quer ganhar um jogo não pode pensar demais.

Acoberto um sorriso olhando ao redor, incomodada com os olhares suspeitos que os conhecidos me lançam. Não é simples para uma garota do interior se relacionar com um estranho. Não importa quão cordata e discreta tenha sido durante a vida; é só agir de maneira suspeita e lá estarão os olhares de reprovação.

— Vamos voltar para o parque? — sugiro recolhendo os dedos.

— Por quê?

— Porque mal nos conhecemos, oras — digo firmando os pés no chão para me levantar. — Tudo que sei é que você está perdido em Passos e que seu nome é Guilherme.

As costas de sua mão roçam na lateral do meu rosto, mas o efeito é como se me segurassem no lugar:

— Não estou perdido. Na verdade, eu acabei de me encontrar. E se isso importa, meu nome é Guilherme Diniz.

Rio, como se o nome fosse um tipo de piada particular. Mas então acontece: as pernas retesam, e eu percebo a semelhança do home à frente com as fotos de revistas. A brisa que antes soprava agradável cessa, e o que antes corria agradavelmente gelado pela barriga, agora refrigera a alma. Um novo Guilherme — um completamente diferente do que estava comigo — se revela ao meu lado.

Ora, ora.

Cruzo as pernas e apoio as mãos na manilha, mantendo a feição de embaraço:

— E o que mais o xadrez ensinou a você, Guilherme *Diniz*?

Ele não nota que agora algo arde em mim. Que meus olhos, supostamente *espelhos d'alma*, estalam de interesse.

Ele endireita os ombros e volta a prestar atenção nos jogadores:

— Ensinou, por exemplo, que um bom jogo exige sacrifícios, mas são exatamente esses sacrifícios que nos levarão mais tarde à vitória.

— Parece um conselho sábio.

— E é. — Ele se perde por alguns segundos nas luzes que brilham ao longe, como se pensasse no que acabou de dizer.

Levo os olhos às mesmas luzes com as narinas dilatadas e a mandíbula travada:

— Sacrifique-se com sabedoria, é o conselho?

— Você aprende rápido — ele diz com a condescendência de quem acabou de ensinar alguém uma lição.

Olhamos por um tempo as luzes, cada um imerso em seu silêncio interior.

—Alguma outra dica para entender seu jogo? — provoco.

Ele se vira, erguendo a mão e embrenhando os dedos entre os cachos do meu cabelo. À essa distância, seu hálito chega à face morno e mentolado. Como um sopro de novidade na vida em que pouco acontece. Observo as curvas perfeitas da boca bem-desenhada, e o resquício de barba que traz aspereza à pele do rosto. Que estamos sendo observados torna-se, após saber seu nome, inteiramente irrelevante.

— Meu jogo é simples, Ana. Proteja o rei, vigie a rainha e sempre jogue

para vencer. E quando o jogo permitir, faça o movimento.

Olho para baixo e estreito os olhos, pensando no que ele acabou de dizer. Quando seu dedo ergue meu queixo e sua boca toca a minha, sei de algo que ele não sabe.

Não tenho à frente um jogador.

2. NÃO DEIXE O BASTARDO QUEBRAR VOCÊ



As lágrimas caem sobre as letras cheias de arestas. A tinta preta invade o local das outras, ramificando-se como um organismo vivo. O mundo rui letra a letra e me pego notando isso: em como é fácil contornos perfeitos se transformarem em borrão. A mão treme enquanto assino meu nome na linha pontilhada: *Ana Laura Dias*. Temos um contrato.

Entrego a caneta à advogada. A mulher de cabelos vermelhos recolhe o objeto em silêncio enquanto coloca os papéis dentro de um envelope.

— Desejo à Srta. e ao Sr. Guilherme toda felicidade do mundo — ela diz com máscara de ferro.

Assim que ela deixa a sala, desabo. As lágrimas fluem livres, tingidas de raiva. De dor pela humilhação. Não há nada que respalde o tamanho de minha dor, mas dói. Dói muito, assim mesmo.

Ando até a vidraça com os pulsos travados, enquanto libero um choro preso e enfurecido. Parece uma década desde que troquei a paisagem rural de minha cidade natal pelo Rio de Janeiro, e não três anos. Há três anos sei com o que lido, e mesmo assim me sinto barata. Eu não deveria me sentir tão vendida, eu sabia exatamente onde estava pisando.

Mas a verdade é que a venda da dignidade, mesmo que sob os enfeites, comendas e brilhos de um mundo de luxos, cobra seu preço e ele é alto. Acabei de vendê-la entregando, como brinde, a alma.

Guilherme invalidou meu jogo. Mostrou as garras e avançou uma casa.

Enxugo as lágrimas com as costas das mãos, tentando erguer o queixo com alguma dignidade, mas não há mais dignidade que o sustento na horizontal. “Desejo a vocês toda a felicidade do mundo”, disse a advogada. Felicidade? Felicidade é uma superstição da era moderna, nada mais.

Lembranças doloridas retornam. Guilherme no sofá de seu apartamento,

pernas femininas abertas sob seu quadril, gritos alucinados sendo ouvidos do corredor antes mesmo que eu colocasse a chave na porta. Eu sou o *alien* que acabou de pousar na Terra, a extraterrestre que não entende como funcionam as regras sentimentais desse planeta e por isso se espanta ao ver o noivo deitado nu sobre outra.

Guilherme? Ele não se espanta. Sequer interrompe as estocadas secas na mulher sob ele. Há alguma confusão em seu rosto — suas feições estão franzidas pela concentração exigida no movimento de vai-e-vem —, mas não é de espanto.

A mulher sob ele? Ela também não se espanta. Ela, inclusive, olha para mim, com um sorriso maldoso, achando que estou ali para apimentar a situação.

Só eu me espanto. Também empalideço, e as extremidades esfriam: dedos, pés, orelhas – tudo em mim congela, como se eu não estivesse no Rio, e sim no Ártico. Algumas crenças espatifam-se no chão enquanto outras se reforçam. A cabeça reorganiza jogadas, questiona movimentos, recalcula rotas.

Em seguida, pifa.

Meus olhos quase me traem, à medida que o mundo vai perdendo, de objeto em objeto – tal qual uma maré que rescinde, levando embora o que fica – suas cores. Pessoas e paisagens, desbotadas; sons, ruídos abafados. Nas cercanias da cabeça cresce um espaço negativo, cheio de nada.

Em retrospecto, acredito que naquele dia frio de maio uma parte minha morreu. Ou outra nasceu, não sei.

— Ana – Guilherme resfolega, aborrecido – Escrevi... para você... dizendo... para vir... às cinco. – Irrita-se por causa da distração durante o esforço da penetração. A mulher sob ele se contorce, mordendo os lábios. *O que sua noiva vai fazer? Por que ela não para de nos olhar?*

Eu sou a noiva parada à porta, chave na mão e olhos arregalados pela cena. Meu noivo está trepando com outra. Na minha frente. E meu espanto é legítimo, especialmente porque minha chegada causa *mal-estar* em Guilherme. Sim, eu o deixei *embaraçado*.

— Você disse às quatro — minha voz sai tremida.

Ele mandou um recado, “*te espero às quatro.*”

Ele mandou.

— Cinco — ele repete, frustrado por não gozar. — E que cara é essa, Ana? — diz ao sair de dentro da outra. — Eu, hein.

A cena me feriu de tal maneira que até hoje me lembro da umidade ao redor do seu membro. Nem de longe deveria ser o que mais me chocou, mas não há outro elemento na cena tão absurdo e real quanto aquele brilho.

Ele é meu noivo, e está aborrecido porque não gozou. Sou sua noiva, e não reajo ao flagra da traição. Subo os olhos, vendo-o andar nu ao redor da sala,

procurando a cueca. Estamos de casamento marcado para daqui a três meses, e nem eu nem ele cogitaremos desfazer os planos.

Se você fosse um jogador teria prestado melhor atenção em mim naquele dia, Guilherme.

Guilherme passa por mim, me dá um beijo breve e anda sem pressa até o banheiro. Toco os lábios com a ponta dos dedos, e seu beijo tem o efeito da urtiga. Penso nisso, no selinho que ele me dá. Em como selos marcam procedência e indicam destino. *Em como selos selam e lacram.*

Acompanho-o com os olhos com um zumbido no ouvido. A reação natural de Guilherme me desconcerta; eu pareço ser a única a não conhecer o *script*. Sigo-o tonta, a sala se movendo por mim e não eu por ela. Ambientes trocam de parede enquanto sua voz chega como se viesse de debaixo d'água:

— Ana, traga-me a toalha, por favor?

— Desde quando? — ouço minha voz sair espremida.

— Desde quando o quê? — ele liga o chuveiro, concentrado em regular a temperatura da água. O vidro embaça.

Eu digo '*ela*', mas a palavra se perde entre o vapor. *Ela, elas*. Giro o corpo em câmera lenta para a sala. A mulher acende tranquilamente um cigarro enquanto ajeita a calcinha. Em seguida, ajusta a peruca loira sobre a cabeça. Junta suas coisas sem pressa, e quando me vê observando-a da porta, acena.

Por que tenho a impressão, agora, de que a reconheço? *Mas a reconheceria de onde?*

— A gente se vê, Gui! — ela grita. Ele sequer se despede dela.

Lembro da conversa dias depois, quando consegui finalmente falar sobre o acontecido sem demonstrar raiva ou medo de que o casamento fosse cancelado:

— Aninha, pare de drama — ele disse. Embalando-me em seus braços. — Eu sempre tive outras.

Ele sempre teve, porque *eles sempre tiveram outras*. Simples assim, como se eu precisasse entender que é assim que os 1% amam. Seus olhos estão firmes e doces nos meus. Ele enxuga minha lágrima com o polegar enquanto embala meu rosto com as mãos.

O incrível? Há doçura em seus olhos. Amor. Ele me beija brevemente, achando minha reação engraçada. *Como posso não ter desconfiado de nada?* Ele pensa.

Todas as vezes em que ele viajou para as montanhas para se encontrar com acionistas esteve com outras. As reuniões em São Paulo que nunca o permitiam voltar no mesmo dia: *outras*. As noites passadas em clubes: *outras*.

Otras, outras, outras.

— Não tenha medo, Ana. Estamos bem — ele assegura, beijando minha

boca.

Ao fim do beijo, lembro-me de não ter sentido nada, nem mesmo asco.

— Nada mudou entre nós, querida. Na verdade, talvez seja a hora de termos a conversa.

A conversa? Meu coração acelera no peito. Ele abraça meu rosto entre as mãos e me olha legitimamente penalizado, como um pai que tenta acalmar uma criança magoada:

— No meu mundo, e futuramente *nosso mundo*, as regras são outras.

Estreito as sobrancelhas.

— O bem, o mal, o certo e o errado inexistem. São conceitos vazios, polos inexistentes, meras embalagens a serem preenchidas com o que desejarmos. Ou convier, no momento.

Ele mexe os ombros e olha para cima, como se não houvesse muito o que explicar.

— Estamos acima disso, amor. Você passará a fazer parte de outro mundo. Hora de abrir a cabeça.

Abro a boca, mas as palavras não vem.

— Aquela mulher? — Guilherme dá de ombros inclinando o rosto para a sala. — Ela não foi nada. Hoje ela, amanhã outra: será sempre apenas sexo. Pense da seguinte forma: só você carregará meu nome.

Ele me abraça, no aguardo de que eu me sinta lisonjeada. Passo os braços ao seu redor e faço que sim, como se fosse uma honra e não uma cruz carregar seu sobrenome nas costas. Como se eu devesse agradecê-lo por ter sido tão sincero. Tão generoso comigo.

Ele se levanta e eu sou deixada em paz para absorver suas palavras. Não lembro o que pensei no dia, mas me recordo do imenso nada. Dizem que o trauma faz isso, ele esvazia a cabeça. Ainda tenho dificuldade em lembrar daquela noite.

Por quê? Eu me pergunto. Por que fiquei tão abalada?

Então eu me respondo: porque dei a Guilherme o benefício da dúvida. Questionei se ele poderia ser diferente de sua linhagem, e ali ele me provou que não é.

Quanto ao vazio que me tomou a mente, talvez esvaziá-la tenha sido um gesto auto protetor, como desligar uma máquina superaquecida para evitar panes. Hoje tenho minha própria teoria sobre o trauma: o trauma tem cores. Ao partir do incidente no seu apartamento, passou a existir um enorme branco na minha cabeça. Branco é a junção de todas as cores.

É durante esse período de brancura que chegam os presentes. Meu pequeno apartamento é inundado de caixas envoltas em ouro e prata. Embrulhos

suntuosos que empacotam presentes igualmente ostentativos. Laços e fitas, cartões que nos desejam felicidade, objetos inúteis e caros. Guilherme se espanta, ao me visitar, com o número de presentes. Ele é bom nisso, em notar coisas. Ele não nota a mudez ou o vazio que tomou minha mente, mas traz, no entanto, mais um presente: um colar de pedras verdes e brilhantes – *da exata cor dos meus olhos*, disse –, e bem mais caro que minha dignidade. Depois que o flagrei trepando com outra, os presentes nunca mais pararam de chegar.

Por dias quis desesperadamente que alguém me estendesse a mão. Que dissesse que não estou louca, que Guilherme não está acima do bem e do mal. Com a aproximação do jantar mensal na casa de seus pais, cogitei mencionar o ocorrido com Sarah, sua mãe. Ela é seca e dura, mas no fim é apenas outra mulher.

Uma vez por mês os Diniz jantam juntos. Uma vez por mês coloco minha melhor roupa e me porto como a dama que esperam de mim: silenciosa e opaca, uma mulher de gestos finos, poucos sorrisos e menos ainda palavras. Um pouco menos opaca agora que as pedras reluzem no pescoço, mas ainda assim carregando outro tipo de pedra no peito. A noite veio, e a mente continuava vazia.

— Vejo que a generosidade dos Diniz conquistou você, Ana — minha futura sogra profere durante o jantar. Seu sorriso é uma incógnita, o sorriso de uma maldita Monalisa.

— Sim, foi muita generosidade — respondo baixo.

Sarah olha sob os cílios para o filho, em seguida lança um breve olhar para o marido. Volta a comer e simplesmente sei, como sei que os presentes são parcelas de uma compra cara, que ela reconheceu o padrão. Os presentes vêm com um propósito, e os meus não seriam diferente.

O jantar é opulento e sufocante como qualquer coisa que incluía seus pais. A mesa longa nos coloca distantes um do outro, como metáforas acuradas. A falta de olhares em minha direção, seu desinteresse.

— E a candidatura ao Senado, meu pai? — Guilherme pergunta. — Acha que será reeleito?

— Estamos nos aliando aos bons — ele responde.

— Aos bons? — Guilherme ri. — Não estão todos presos?

— Aos intocáveis — Castro conserta a frase.

Eles ainda conversam sobre os negócios da família, dona do maior conglomerado de aço em mãos privadas no país, e o bordão de sua nova candidatura: “*Castro Diniz, eu fiz.*”

O bordão que o elegeu pela primeira vez – “O melhor para o Rio de Janeiro” - desfilava hoje na tela, durante o horário eleitoral, sob estampas de

“fraude” e na sequência de imagens de um Rio vencido. Seus feitos enquanto ainda era o Barão do Aço, se é que havia feitos, haviam sido esquecidos. Castro Diniz estava indignado. Sua candidatura dessa vez era mais discreta e sorrateira, mas persistente. Ele precisa limpar sua honra e afagar o ego. Seu lugar (com voto ou sem) já está garantido.

Naquela noite seu assessor financeiro e braço direito, Mathias Rossman, também se senta à mesa. Não gosto dele, como não gosto de Castro e agora também de Guilherme. Rossman não é um homem de classe, e a captação financeira que faz para a campanha de Castro, o resultado de sua índole. Cheio de esquemas, mulhereço e *sujo como pau de galinheiro*, como minha mãe costumava dizer, ele é o tipo de homem que causa náusea.

Rossman me despe com os olhos à mesa, e Guilherme e Sarah fingem não ver. A triangulação Guilherme-Castro-Rossman – representação da tríade ataque-desprezo-objetificação – é um lembrete à mesa do que esperam de mim. Não eu, Ana. Eu, mulher.

Adicione Sarah à formação, e temos a efígie do que somos para muitos: ali, sirvo apenas para a apreciação geral.

Os assuntos giram em torno de acordos e cifras astronômicas, o tipo de dinheiro que pessoas do meu convívio sequer saberiam transformar em números. Enquanto traçam estratégias para o arrecadamento, penso na ironia de ter parado exatamente ali. No um por cento que ocupa o topo da pirâmide social. O Olimpo do Olimpo.

O branco que me sedou por dias se dissipa aos poucos, deixando a paisagem como se tomada por fumaça. O cinza toma paredes, colore a comida, embrulha o estômago. Infelizmente, por mais que eu queira, o jantar formal mal dá abertura para respirar, quando mais falar. A mãe de Guilherme não se interessa por campanhas políticas ou a minha dor, ela quer falar sobre a festa de nosso casamento. Sobre presentes e vestidos. Sobre fotógrafos que trabalharam para gente que ela conhece. O jantar acaba sem que eles ouçam a minha voz.

Na saída Guilherme me envolve com seu casaco quando o grupo se despede no hall, tapando um pouco mais o meu decote que de costume. Guilherme agradece a recepção, e enquanto conversa no beiral da porta com o pai e Mathias, Sarah toca em meu braço:

— Querida, você já assinou o contrato?

A porta está aberta e deixa o ar fresco da noite entrar. O silêncio ao redor da mansão nababesca é tanto que chega a zunir no ouvido, como se estivéssemos no espaço. Mas Sarah não abaixa a voz ou modifica o tom, não se interessa por sigilo ou discrição. A pergunta é simples, ela quer saber se eu assinei o documento. Não fazia ideia até aquela noite de que contrato falava, para mim as

surpresas sobre Guilherme estavam encerradas.

— É melhor que tudo seja às claras, sabe — ela diz com o queixo erguido e voz controlada. — Sem surpresas nem mágoas. Não foi fácil para mim no início, mas somos resilientes. Nós nos adaptamos.

Noto, pela primeira vez, que Sarah não tem brilho nos olhos.

Guilherme me abraça:

— Estou providenciando os termos, mamãe. Daqui alguns dias ela o assinará.

— Os termos? — meu sogro me olha nos olhos pela primeira vez na noite e seu olhar gela, como sempre, minha alma. — Não mudamos os termos daquele contrato há pelo menos um século — diz para o filho. — Não mexa em time que está ganhando.

Rossman esconde o sorriso. Ele também conhece o contrato.

Ninguém me explica sobre o contrato que teria que assinar, nem demonstra constrangimento sobre o assunto. Mas o que verdadeiramente me intriga é: *como eles sabiam que eu o assinaria?*

Volto ao escritório de advocacia, à mesa de mogno, às paredes cobertas de pinturas caras. Com a assinatura que acabei de dar, afirmo ter conhecimento que Guilherme herda, juntamente com os milhões do pai, um apartamento para suas amantes. Que suas amantes podem ser esporádicas ou perenes, e que afirmo conhecimento e acordo. Que, legalmente, não posso usar esse argumento contra ele se porventura viermos a nos separar. Por fim, afirmo ter ciência que alguns encontros poderão acontecer em nossa própria casa.

Em nossa própria cama.

Há décadas os homens de sua família apresentam o contrato para suas esposas, e há décadas suas esposas os assinam.

No fundo da garganta, ali onde acaba a fileira de dentes e começa a goela, algo amargo e corrosivo começa a se formar. Naquele momento o acinzentado da paisagem enegrece. O mundo que nunca foi colorido ganha tons ainda mais sombrios.

Os advogados partiram há muito, mas continuo na sala de reunião observando do vigésimo andar cabeças passarem pela calçada. Formigas operárias encaminhando-se para o trabalho, para casa, para o apartamento de suas amantes. Todos enganados por promessas de dinheiro, prazer e felicidade. Crentes que, se fizerem as escolhas certas, coisas certas lhes acontecerão. Sorrio minimamente ao pensamento.

Não temos a menor ideia de que sobre nós pairam fios que controlam nossos movimentos, afinal ouvimos a vida inteira que nossa sorte está escrita nas estrelas. A verdade? Somos fantoches que negam as cordas amarradas aos

membros, e enquanto negamos as cordas, elas continuam lá.

— Posso recolher o copo? — ouço atrás de mim.

Acordo no presente, na sala de reuniões do suntuoso escritório. Descruzo os braços e enxugo discretamente o rosto. A copeira, uma moça na casa dos vinte, não aguarda realmente minha resposta. Ela passa o pano sobre a mesa onde o copo suado deixou uma marca circular.

— Sim, obrigada.

Ela recolhe o copo e coloca-o no carrinho. Ouço o barulho de rodas girando, e ao passar por mim, a moça para. Olhos grandes e castanhos procuram os meus, e seus dedos me estendem um cartão. Um cartão branco, onde o nome O Clube, em relevo, divide espaço com um número de celular.

— Não deixe o bastardo quebrar você.

3. QUAL É O SEU PREÇO?



LINDA MOREIRA

Impressionante quão irônica é a vida, a mulher reflete. Quem diria que, em uma sociedade que preza tanto príncipes e princesas, seu *reality show* ‘Vida de Princesa’ lhe renderia tanta aporrinhção?

Linda precisa se abaixar para não levar uma sapatada na cabeça. Entra no carro na frente do estúdio escondendo o rosto como se tivesse dado um golpe multimilionário no país, ou cometido matricídio — coisa que, no caso de sua mãe, seria praticamente um favor ao mundo, pensa, irritada.

Da janela do carro, vê feministas levantarem cartazes com todo tipo de disparates: "*Estamos no século XXI, não somos capachos!*" O próximo cartaz retorce seu rosto em uma careta: "*Não somos mercadorias, sua PUTA, e não estamos à venda!*"

Linda acompanha o rosto redondo da garota que a xinga. Um rosto cheio de utopias, e uma ou outra espinha. A mulher de cabelos malcuidados e pele manchada quase torce o pescoço olhando a menina ficar para trás. Vira para a frente pensando nisso, na afirmação de que não temos etiquetas com preço penduradas no pescoço. Linda não tem tanta certeza disso. *Todos temos um preço.*

Um dia ela também foi uma jovem insegura dando os primeiros passos no mundo da televisão. Lutando para conquistar seu espaço sem ter que dormir com o chefe, conciliando ideologia e trabalho, tendo que provar a todo momento que ela, mulher negra, podia fazer o mesmo que uma mulher branca.

Que podia fazer o mesmo que um homem era uma luta à parte.

Naquela época, ela teria buzinado para a multidão e gritado "é isso aí!", mas hoje? Anos se passaram, e o mundo derrubou suas ideias de sociedade ideal. Ela

se tornou alvo dos cartazes por não acreditar mais em conto de fadas, o que leva à segunda ironia: Linda não acredita em contos de fadas, mas arrumou uma maneira de lucrar com eles.

Linda recosta no banco do carro executivo que a leva para casa. Foi um longo caminho percorrido até o momento, onde tornou-se a maetrina de uma estranha seleção de meninas que sonham em se casar com um príncipe. Um príncipe de verdade, solteirão — e agora, participante do *show Business*.

Enquanto meninas sonham, Linda faz contas. Filma dramas que aumentam a audiência, provoca conflitos, faz de tudo para que essas garotas percam o juízo e as estribeiras. Seu show é uma mistura bárbara de *The Bachelor* com *A Seleção*, onde inicialmente trinta garotas lindas são isoladas em uma mansão para disputar o coração de um membro da realeza. O que as ditas *feminazis* que não raspam as axilas dizem, de maneira desarticulada, é a mais pura verdade. Ela promove com aquele teatro a anorexia travestida. O eterno simbolismo de posse, do fetiche pela mulher como objeto de leilão. Reforça padrões ditatoriais e normativos — cabelos compridos, certa altura, magreza excessiva, feições que apenas 0,01% da população mundial possui. Às vezes Linda tem certeza de que pode ser apontada como a maior destruidora da auto-estima das adolescentes do país, aquela que reforça, visando lucro, a lenda imaginosa do homem (e da mulher) perfeito.

Nada mau, hein? Mas Linda não para por aí.

Ela é, segundo ouviu recentemente enquanto passava pelos corredores do estúdio, o demônio vestindo saias. O nêmesis das participantes, o *Kraken* do estúdio. Veja só, outra ironia (Linda acredita que está fazendo coleção) : quanto mais malvada é, mais ganha popularidade dentro da emissora. Está sendo cotada para coisas maiores, programas mais polêmicos. *Oprah tupiniquim*, alguém falou, *só que sem sal*, alguém completou antes que ela entrasse na sala e perguntasse se estavam de folga ou só queriam mesmo serem mandados embora.

Que a odeiem não lhe interessa. O que interessa é que está sendo considerada para coisas maiores. Isso é bom, porque ela não pretende filmar esse circo para sempre.

Todo esse sucesso lhe trouxe problemas, e como não traria? Sua agenda anda tão cheia que ela mal tem tempo para respirar — segundo também ouviu em outro lugar, até os bem sucedidos da televisão precisam de ar. Ela não tem, por exemplo, tempo para o marido. Enquanto vende na TV o romance perfeito, seu casamento está em ruínas.

Ironia, novamente.

O motorista para na frente do prédio. A mulher agradece, bate a porta, sobe pelo elevador luxuoso olhando sua aparência cansada no espelho. Há meses não

retoca a raiz dos cabelos ou faz algo na pele. Ela repuxa a lateral dos olhos, ergue a pele para conferir o resultado. Rugas proliferam por tudo quanto é lugar. Solta a pele, desanimada.

O que estamos fazendo um com o outro, Eduardo?, pensa mexendo distraidamente no molho de chaves. Quando se casaram, há dez anos, eram malditos coelhos. Uma trepada atrás da outra, em qualquer lugar.

Hoje? Ela suspira. Hoje é o que é.

Ela entra em casa, joga a bolsa no chão e acende a luz. Sobre a bancada da cozinha a empregada deixou o prato feito do jantar. Constata, colocando a mão no recipiente, que ele está gelado. Suspira.

Linda não quer comer, ela quer ser comida. Pelo seu marido, pelo cara com quem fez todas as loucuras, pelo homem com quem não conversa há quase um ano. Conversar, conversar, sabe? Taça de vinho na mão, cigarro na outra, os assuntos inflamando-se a tal ponto que ela se levantava sacolejando a guimba do cigarro ao redor sem me importar com o tapete, ele levantando a voz para defender seu ponto.

'Você está viajando!' ela gargalhava, e quando viam estavam pelados no chão, a guimba queimando o tapete, tanto ela quanto ele se lixando para qualquer coisa que não o outro. Quem se importaria se não tinham tomado banho? Apagado o cigarro? O tesão era tanto que suplantava divergências, higiene, cuidado. As noites eram tórridas, a química certa e extremamente satisfatória.

Linda anda pelo corredor escuro deixando o salto pelo caminho. Sente falta da época em que se achava o máximo porque ele a olhava como se ela fosse o máximo. Ela não era ninguém, mas era seu ninguém favorito. Hoje não era mais nada.

Entra no quarto e vê o marido dormindo na cama. A TV está ligada, os índices Dow Jones passando na tela. Ela sente mais alívio em vê-lo roncar do que tesão. *Está um caco*, justifica-se; precisa descansar. Ela entra no banheiro e tranca a porta. Não seria justo acordá-lo, e mesmo se o acordasse, o que aconteceria? Nada.

O jeito é se virar com Henrique. De novo.

Linda abre a gaveta e pega o vibrador. Dá um beijinho em sua ponta e agradece em silêncio: *obrigada por existir*. Pensa em Henrique, homônimo e inspiração para o alívio manual. Vinte e quatro anos de puro músculo, olhos de gato e *pobremas* de portugueses.

Não me entenda mal, não é você, sou eu, ela olha para o objeto fálico. *E sim, amo meu marido e ele está exatamente ali, mas não, não quero trepar com ele*. Ultimamente eles estão agindo estranho um com o outro, e precisariam

conversar um pouco antes de chegar lá. Conversar dá trabalho e rouba tempo. Eduardo perguntaria por que ela não pagou a conta do mecânico, por que o encanamento da lavanderia está fazendo barulho. Poderia ser pior, ele poderia inventar de contar os casos enfadonhos do trabalho. Desde que começou a trabalhar há cinco anos na firma de investimentos financeiros, Eduardo mudou. Ficou chato.

Linda teve um dia de cão, rosnou o dia inteiro como um, precisa de alívio. Deita na banheira com o vibrador nas mãos e fecha os olhos. Não está mais no banheiro, nem nos bastidores com o *bluetooth* conectado à cabeça, gritando com qualquer um que se atreva a chegar perto ou passar muito longe. Hoje ela está no palco vestida de seda ou organza, qualquer coisa que seja esvoaçante e indulgente à pele.

Ela se imagina um pouco mais alta que seus 1,60 e um pouco mais magra que seus 75 Kg. Seios menos caídos, ancas menos largas. Já sonhou em ser menos negra, mas cortou a besteira dos sonhos; parecia coisa de sua mãe. Seu assistente, Henrique, está selecionando as garotas. Ela o seleciona para a noite.

Anda fantasiando isso, agora. Que está sendo escolhida por ele não para a competição, mas para sua cama. Como toda boa mulher, ela tenta boicotar a fantasia: *não, ele nunca iria me querer*; ninguém jamais escolheria a louca que não raspa a perna há três dias para ter um caso. Mas Henrique, em suas fantasias, quer assim mesmo.

O assistente alto, malhado e de cachos escuros e delicados a chama com o dedo. Ela desce as escadas sob holofotes.

Ele quer na sua sala, onde um sofá de couro surrado contaria histórias se falasse. Henrique fecha a porta atrás de Linda. Ela finge olhar alguma coisa na parede, quadros, talvez. Desenhos, diplomas — não, diplomas ela duvida que ele tenha. Esquece os diplomas, volta a sentir a pele ferver. Seu olhar corre seu corpo; ela pode ouvir sua respiração, senti-la chegar como um hálito quente na nuca.

Ele vem por trás. Dedos grossos tocam a seda na altura do quadril, erguendo o tecido macio pela pele morna. Linda fecha os olhos. Seu peito encosta em suas costas, sua boca encontra a nuca. Vapor contra pele.

Arrepio.

Ela se retrai ao sentir a lambida quente e úmida deslizar da base do pescoço até a orelha, fazendo-a se encolher de agonia. Sua saliva acalma cada um dos músculos cansados, levando embora a fadiga.

Henrique faz o que Linda detesta, algo que ela pediu explicitamente a Eduardo, anos atrás, nunca mais fazer: ele enfia a língua tão fundo dentro de seu ouvido que ela ensurdece. Por que suas fantasias ganham vida própria, ela não

sabe.

Ele encharca seu tímpano. Deixa-a surda por um tempo, mas ao contrário do que imaginaria, Linda sente uma sensação quente borbulhar entre as pernas. A mão de Henrique, pesada, a envolve sobre o ombro e invade seu decote. Ele mexe a língua dentro do tímpano enquanto belisca com força suas partes íntimas.

Algo roça contra suas curvas enquanto a boca de Henrique mordisca o lóbulo da orelha. Tenta agarrá-lo de costas e trazê-lo para a frente. Ela quer ser vista, olhada; quer olhar para ele e se enxergar em seus olhos, creditar a si mesma aquele desejo, mas Henrique fica onde está.

Linda exala. Ela tem um problema a respeito disso. Ela quer ser vista. Mais que vista de um jeito fetichista e narcísico, mais que se sentir lisonjeada para autenticar seu valor próprio: ela quer se ver como objeto de desejo nos olhos de alguém, só isso.

Henrique a imobiliza, mantendo-a de costas. Sua outra mão esfrega entre a junção das nádegas sobre o tecido. Ela ergue o vestido e ele enlouquece. Seus agarros ficam urgentes, seus dedos, possessivos. Ela responde gemendo com vontade, alto, procurando o que quer sob o elástico de sua calça.

Ele finalmente a vira, e seus olhos são uma loucura. Eletризantes como as novidades, luxuosamente auto-indulgentes. Ele apoia uma mão em cada ombro seu e a força para baixo, ajeitando-a à frente da virilha. Henrique, em seus sonhos, é bem apessoado por inteiro.

Linda imagina todos os detalhes. Ele a olha o tempo inteiro. Passa a mão pelo seu cabelo, treme, desliza os dedos até sua cara. Sem dó, estala um tapa em sua bochecha, virando seu rosto para trás.

Linda aperta mais os olhos. Só em sonho ela permitiria isso.

Ele volta a enfiar os dedos entre seus cachos, enquanto ela se farta com ele. Antes que atinja o ápice, eles se separam para se olhar, apaixonados. Linda interrompe a fantasia, imaginando a cena. Não parece crível. Mas então dá de ombros, quer a fantasia assim e acabou. Henrique agarra na alça fina do seu vestido e a despe.

A descarga elétrica irradia da coluna para todas as extremidades do corpo: *esta noite vou ser amada*. Amada por esse cara que olha para mim como se eu fosse um pedaço de carne. Céus, eu quero isso. Só hoje, por uma vez apenas.

Linda suprime um gemido ao sentir sua língua deslizar pela pele do pescoço. *Ah, se os homens soubessem como temos a fórmula para o tesão*, pensa. Boca, pescoço, seios, umbigo, meio das pernas, vagina.

Diretamente na vagina? Não. Diretamente no meio das pernas? Não. A sequência é essa: *Boca, pescoço, seios, umbigo, meio das pernas, vagina*. Ou, apenas, BPSUMPV. Um truque mnemônico? **Beijos para saber um meio** (de)

provocar você.

— Quero você — ele rosna, os cachos do cabelo escuro de Henrique roçando seu rosto. *Desde quando?* Linda se pergunta. Mas ele está enlouquecido por ela, o que mais ela poderia querer de um sonho?

Ela se empina na banheira como uma dessas mulheres com total domínio sobre seus corpos, seguras do que gostam e fazem com seus parceiros. Ela queria ser assim, às vezes: segura. Lixando-se para o mundo. Sem pudores. Mas a vizinha não deixa. A vizinha é viva, parece uma entidade com personalidade própria. Se Linda se acha bonita, a vizinha acorda. *Oh, você está se achando bonita? Não lembra do último lugar, Linda? Não lembra do que sempre lhe digo?*

A vizinha não tem rosto, mas se precisasse lhe dar um, lhe daria o da sua mãe.

A mão de Henrique desce pelas suas curvas — e Linda tem um monte delas — para apalpar sua cintura. Contorna a bunda, se encaminha para a frente. Seus olhos encontram os dela. Azuis em negros. Os azuis brilham como espelhos.

Linda pensa no marido que ronca no outro cômodo. Eduardo nunca mais a olhou durante o sexo; era como se ele quisesse esquecer quem estava ali. Henrique não para só porque ela se lembra de coisas ruins; ele insiste. Ela fecha os olhos a contragosto e se entrega ao devaneio.

Por uma eternidade eles se amam. Durante o amor ela se lembra sem vontade dos comentários de Eduardo sobre o sexo: 'esse povo cruza como animais,' ou 'quem tem classe refina os trejeitos'. Linda duvida que gente fina murmure só palavras doces no ouvido de outro.

— O que animais e gente fina faz me interessa muito pouco, — Henrique sussurra em seu ouvido. — Quem quer sexo limpo e perfumado, marcado no calendário, feito nas tardes chatas de domingo?

Linda não quer mais.

Ela quer essa mistura de saliva e de olhares. Quer aquilo com o cara que dorme ali ao lado — com quem um dia fez amor de verdade — e não com seu funcionário galinha cuja cara de neném ela quer geralmente estapear, e não beijar.

Linda exala, a pressão do vibrador castigando-a no chuveiro. As poucos chega a familiar e bem vinda sensação de completude, de linha de chegada depois de uma maratona. Foi bom, mas poderia ter sido melhor. Henrique fica ali, zunindo contra a superfície lisa da banheira, e o barulho acaba acordando Eduardo.

— Linda? Você chegou? — ela ouve do outro lado da porta.

— Cheguei — diz se levantando, secando o alívio com a toalha. Sai da

banheira e esconde Henrique dentro de uma gaveta, atrás da caixa de maquiagem.

Ela coloca uma lingerie nova. Por um segundo pensa em seduzir Eduardo, mas hesita. Não é a crise (não-oficial) que lhe tira a vontade; é o boato que ouviu na última festa de sua empresa, duas semanas atrás. O de que ele estava tendo um caso com a estagiária.

Imagine, pensou na época. Ele nunca tem energia para nada, trabalha sem parar, vive para os negócios. Mas mesmo sem acreditar que ele tivesse coragem de ter um caso com *uma menina*, ela chorou a semana inteira. Foi então que, em uma dessas escapulidas ao banheiro para deixar a mágoa sair, uma das competidoras do *reality show* — uma loira esquelética de cabelo ralo — lhe estendeu aquele cartão.

Um cartão estranho, com o nome Clube escrito em alto-relevo, e um número que não consta nas listas telefônicas (ela checkou). *Não deixe o bastardo te quebrar*, a menina teve a ousadia de dizer ao entregá-lo. Como se soubesse tudo sobre a sua vida, a presunçosa.

Depois do episódio Linda passou a infernizar a vida da magricela. *Justamente a menina que entrou no concurso de maneira irregular!* Uma concessão que Linda jamais tinha feito antes, e que nunca mais voltaria a fazer, caso saísse dessa ilesa. Mas como dizer não ao próprio marido, ele mesmo colocado na constrangedora situação de entregar nas mãos da diretora do programa — sua esposa — a inscrição da filha do chefe?

Linda ralhou, claro. Disse que não podia aceitar esse tipo de persuasão, e Eduardo jurou que se ela não o ajudasse, ele seria demitido. Linda prometeu pensar, mas ao ver o perfil da moça — educada, bonitinha, carismática — fez vistas grossas e a colocou no programa. Seu compromisso com o chefe do marido, no entanto, acabou ali, com a entrega do cartão. Com a intrusão da menina em sua vida particular, a guerra contra a garota foi declarada. Linda piorou sua estadia na mansão, destratou-a como pode. *Quem ela pensa que é? Uma amiga?*

Linda veste a camisola longa tomada por rosas vermelhas que a faz pensar, ao mirar-se no espelho, em jardins perfumados. Em noites de amor e reconquistas. Ela abre a porta e apaga a luz do banheiro.

— Oi, amor — Eduardo diz esfregando os olhos. — Chegou faz tempo?

— Cheguei agora.

Linda rebola discretamente ao voltar para a cama. Eduardo sorri, recostado na pilha de travesseiros. *É hoje*, algo dentro dela se incendeia. Uma chama há muito apagada dá sinais de vida. Ela se aproxima com o desejo explícito em cada gesto: do rebolado ao modo como morde os lábios.

— Camisola nova? — Eduardo pergunta olhando a peça comprada com o

único propósito de impressioná-lo. Ela balança a cabeça sensualmente que sim.

Eduardo pousa os óculos de leitura sobre a mesa de cabeceira, comentando enquanto aponta o controle para a TV para mudar de canal:

—Você está parecendo uma toalha de mesa.

4. EQUIFINALIDADE



ANA LAURA

O local do encontro é um antigo restaurante em Copacabana. Lembro de ter passado ali uma vez, anos atrás, quando almocei no *self-service* da frente. Talvez tenha pegado o ônibus do lado oposto da rua, não sei. Sei, ao certo, que nunca olhei duas vezes para o estabelecimento abandonado. A placa pendurada sobre a porta está tão apagada que mal se lê o nome do que um dia existiu ali, mas de uma coisa eu sei: aqui é o lugar.

Desligo o carro na frente do restaurante e repasso mentalmente os passos que, por precaução, tomei antes de chegar ali. Os cartões de crédito ficaram em casa, assim como um pequeno bilhete dentro da gaveta explicando que, caso eu sumisse, deveriam ligar para a polícia e informar aquele número. Bobeiras, mas medidas que achei serem necessárias tomar por ter aceito o convite. Também relembro a conversa ao telefone daquela tarde. Não sei como a mulher que me atendeu sabia o meu nome, mas esta é apenas a primeira das minhas surpresas daquela noite.

— Ana Laura, que bom que ligou — a voz macia disse.

— Olha, não tenho ideia do porquê estou ligando. Recebi um cartão com esse número de uma moça que nunca vi antes, e...

— Ana, nós sabemos sobre o contrato — a mulher do outro lado da linha fala. — Sabemos da traição de Guilherme, e o que você precisou assinar.

— Nós? — salta da boca em um misto de horror e algo mais. — Quem é você?

Até aquele minuto acreditava saber tudo sobre a família que me colocou na difícil posição de vender a alma. Sobre sua sordidez e manipulação, seu egocentrismo, sua crença inquestionável de que somos todos fantoches

manipulados. No entanto, aquela mulher afirma saber sobre o contrato e a traição. Até aquele telefonema eu achava que a sujeira dos Diniz era secreta e acessível apenas aos que orbitam cordatamente ao seu redor.

— Se quer saber quem somos e o que temos a oferecer, apareça no endereço que mandarei por mensagem. Não diga ao seu noivo onde vai, nem comente sobre o cartão.

— Quem é você? E por que está me ajudando?

Ouço do outro lado apenas estalos secos causados pela estática. Quando sua resposta vem, causa estranheza:

— Estou ajudando você porque sou mulher.

Aquela não me é uma resposta boa o suficiente, mas é a resposta que ela me dá.

Hesito durante a tarde em aceitar o convite. Não quero me enfiar em uma furada, nem descobrir que me envolvi com um grupo de malucas querendo vingança dos Diniz. É isso que imagino a princípio: um clube composto de ex-namoradas de Guilherme. Que ele tenha me contado (e eu achei em revistas de fofocas antigas), elas somariam mais de vinte. Vinte garotas irritadas com seu jeito *bon-vivant*, vinte bons motivos para querer destruir seu casamento com a professorinha do interior.

Penso além: talvez Guilherme tenha proposto casamento a outras antes de mim. Talvez todas tenham dito *não* quando confrontadas com o contrato, e eu sou a idiota que disse sim. Por outro lado, enlouqueço a cada minuto passado no apartamento lotado de presentes e cartões com votos de felicidade eterna.

Não consigo mais me concentrar nas crianças da escola, e perco a sanidade a cada movimento do relógio.

Bato a porta do carro andando até a porta e a empurro, sentindo um comichão no couro cabeludo. O barulho de juntas enferrujadas anuncia minha entrada.

Sequestro, assassinato, brincadeira de mau gosto, pegadinha de programas de terceira — eu penso em tudo. Penso no meu corpo sendo descoberto por algum indigente, uma equipe do IML tapando meu rosto com um lençol branco. Penso em pessoas gritando 'surpresa!', saltando, animadas. Mas penso, sobretudo, na frase cheia de sentimento da moça do café: *Não deixe o bastardo quebrar você*.

Nunca pretendi deixar.

— Entre, Ana! — grita alguém lá de dentro.

Sigo a voz, atravessando o corredor escuro. Tropeço em caixas de madeira empilhadas no canto e aterrisso trôpega em uma sala. Encontro cinco cadeiras e quatro mulheres sentadas em círculo, uma lâmpada clareando seus rostos.

Recebo das quatro mulheres quatro sorrisos, entre eles, o da menina que me entregou o cartão.

Paro agarrada à alça da bolsa:

— Eu sou...

— Sabemos quem você é — diz uma senhora grisalha que tem um prato de biscoitos na mão. A mulher, na casa dos setenta, veste um vestido florido e sapatos ortopédicos, e poderia ter saído das páginas de um livro de Monteiro Lobato. O cabelo está preso em um coque sobre a cabeça, e por trás dos óculos redondos seu olhar é maternal.

A copeira que me entregou o cartão, agora de camiseta e jeans, estende a mão para pegar um biscoito do prato, mas a idosa o afasta.

— Já, já nos apresentaremos — a senhora diz dando um tapa leve na mão da garota. — Por favor, sente-se, Ana.

Hesito em me sentar entre elas, fechando o círculo. Apesar de não parecer estar em perigo, minha permanência ali depende de algumas informações. Por exemplo, ainda não sei o que o Clube quer dizer. Clube do quê, ou contra o quê? Essa é a primeira das minhas condições, saber sobre o que é o clube. Tenho outras perguntas, mas elas podem esperar.

— Não vamos atacar você — a senhorinha ri, como se ela mesma soubesse que não colocaria medo em uma mosca. — Venha, sente-se — ela insiste.

Sento-me em uma das cadeiras, estremecendo pelo barulho de ferro que faz ao arrastar no chão.

— Sou Bárbara — a idosa se apresenta.

— E eu, Ísis — fala a jovem que me entregou o cartão.

Outra mulher, certamente uma executiva pelo terno e salto alto, me observa com olhos atentos. Seu cabelo ligeiramente desarrumado está preso na base da nuca e a pele negra está coberta do suor dos dias cheios.

— Eu sou Linda — ela diz avaliativa.

Tento memorizar tantos nomes. Bárbara, a idosa. Ísis, a copeira. Linda, a oleosa. A última mulher do grupo, sentada ao meu lado, fala com voz rouca e pausada:

— E eu sou Janine.

Olho duas vezes para Janine. Não digo nada, apenas disfarço um certo constrangimento trazendo os olhos de volta para o centro do círculo. O prato de biscoitos passa de mãos em mãos e chega a mim. Obviamente, recuso.

É Bárbara quem fala:

— Ana, bem vinda ao Clube.

O nervoso é tanto que minha bolsa cai no chão.

— Clube? – olho ao redor. – Clube do quê?

— Clube da vingança — a jovem copeira ri.

Abaixo e agarro a alça da bolsa, trazendo-a ao peito. *Vingança?*

Bárbara balança calmamente a cabeça de um lado para o outro, ciente de que a brincadeira de Ísis não ajudou meus nervos.

Não sei que diabos está acontecendo ali, mas cresce a certeza de que estou entre lunáticas.

— Olha — digo olhando para Ísis como se me desculpasse por estar deixando o lugar. — Sinto muito por ter vindo aqui hoje. Sei que estou encrencada, mas não preciso de um *grupo de apoio*. — Torço a boca, consertando: — Sei que *preciso* de apoio, mas não quero fazer parte de um grupo.

Olho para Bárbara:

— Não procuro vingança.

As mulheres não se movem. Não me falta vontade de xingar os Diniz, nem curiosidade em saber o que essas mulheres oferecem. Mas fui proibida de falar a respeito do contrato, e isso é o bastante para me silenciar. Uma pequena cláusula, insignificante no meio de tantas relevantes, diz mais ou menos que ‘o que acontece na família Diniz, fica na família Diniz’. Pela lei sou obrigada a sofrer em silêncio e a tratar a traição como um segredo industrial. Não posso, legalmente, estar ali.

— Não somos um grupo de apoio, Ana — Bárbara me corrige, pensando melhor no que disse. — Bem, somos um grupo, e sim, nos damos apoio, mas não somos exatamente o que você entende por grupo de apoio.

Ela não me convence. Aquilo ali se parece com um grupo de apoio, um bem secreto e estranho.

As mulheres me olham como se preparadas tanto para me deixar partir como para me aceitar. Aguardam talvez que meu susto se assente, e eu absorva a ideia no meu tempo.

— Seja lá o que são, não quero falar sobre minha vida particular para estranhos. Na verdade, nem posso. — após dizer aquilo meu silêncio é completo. Acima de nós, só se ouve o barulho de roedores correndo sobre o rebaixamento mofado.

É engraçado como é realmente fácil arrancar coisas de alguém, basta fazer silêncio. As quatro sabem que precisam apenas aguardar. Na verdade, terapeutas do mundo inteiro conhecem o truque: faça silêncio, e o preencheremos com todo tipo de palavra, inclusive as verdadeiras. Quebra primeiro quem não o tolera a mudez, e no momento, quem não a tolera sou eu:

— Mas o que, exatamente, vocês fazem?

— Ajudamos mulheres — Bárbara responde.

— A fazer o quê? – estreito as vistas em sua direção.

As mulheres se entreolham. Posso senti-las conversarem em um nível que não pertença, e chegarem juntas a um acordo mudo sobre minhas suposições.

É Bárbara quem novamente fala:

— Nós ajudamos mulheres a elaborar revanches.

Abro os olhos e vejo Ísis roubar mais um biscoito, enquanto Linda checa o estado das unhas. Nenhuma delas parece interessada no meu espanto.

— O que vocês estão exatamente propondo? — pergunto pausadamente. — Por que se estão propondo que eu machuque Guilherme, não posso aceitar o convite.

Bárbara e Ísis trocam uma risada cúmplice.

Claro que revanches me interessem. Quero revanche a um nível profundo, quase celular, mas preciso tomar cuidado. Não sei quem são essas mulheres, nem o que querem de mim.

— Sabemos da cláusula que proíbe você de falar sobre o assunto — Bárbara murmura ajeitando os biscoitos na travessa, e meu coração começa a socar o peito. *Como ela pode saber da cláusula?*

— Nós, do clube, acreditamos que certos atos merecem revanche, e oferecemos uma via para alcançá-la. Acreditamos também que você deve ter um plano de vingança, e pedimos que não aja sobre ele. Que confie no que o clube tem a oferecer.

— Como podem saber que quero vingança?

— Você não quer? — a senhora abre os olhinhos por detrás dos óculos, e não consigo achar em mim a frieza de negar. Como se soubesse de antemão a resposta, Bárbara continua:

— Acreditamos aqui em *equifinalidade*, Ana. Que um estado final pode ser atingido de muitas maneiras, e por vários pontos de partida diferentes. Você quer vingança, ou teria partido assim que Isis contou o que fazemos. Mas você ficou, e vejo em seu silêncio que está curiosa ao nosso respeito. Peço que fique essa noite. Que ouça as histórias de suas companheiras, e decida-se no final se quer fazer parte do clube.

Faço que sim, unindo as mãos geladas. Em seguida sou esquecida e Bárbara dá a palavra à Linda.

Não sei o que está acontecendo, no que me meti ou onde isso vai levar, mas há um elemento na cena que me toca mais que a chance de vingança e a promessa de apoio: Bárbara.

Há algo indubitavelmente forte em sua voz. Um timbre tão velho quanto o mundo, que toca em algo familiar dentro de mim. Algo que apenas minha mãe, naqueles raros momentos íntimos entre mulheres, foi capaz de perceber.

Revanche, ela propõe. Vingança através de uma outra via.

É mais forte do que eu. Escolho ficar, e nenhuma delas parece surpresa com a decisão.

5. O MUNDO QUE NÃO GIRA



Bárbara me oferece chá e desta vez eu aceito. Enquanto beberico o líquido perfumado, ela conta sobre a origem do clube:

— O clube foi fundado no ano de 1901 por Elise de Sá, aqui mesmo na cidade do Rio de Janeiro. A intenção de Elise era fazer por outras mulheres o que não fizeram por ela. O que Elise não foi capaz de fazer por si mesma.

“O que aconteceu é passado de boca em boca, como antigamente se passavam à frente relatos. Segundo me contaram, e lá se vão muitos anos, Felipe, o conde de Albuquerque, pediu a mão da jovem Elise em casamento. Elise sequer o conhecia, mas sua família imediatamente aceitou o pedido.

“Você sabe, o século retrasado não foi nossa época de ouro. Às mulheres, objetos de posse de seus maridos, faltava voz. Faltava educação, faltavam meios de sobreviverem sozinhas e escolher sem interferências com quem e como desejavam levar a vida. Éramos reféns da sociedade, obrigadas a nos casar ou viver nas abas de outros se quiséssemos sobreviver.

Janine pega um biscoito e murmura para si mesmo:

— Muitas de nós ainda não tem voz.

Bárbara concorda, continuando:

— A família de Elise de Sá acreditava nos benefícios daquela união. Seria um bom negócio para o clã que cresceu exportando açúcar unir-se aos Albuquerque, descendentes de uma longa linhagem da nobreza portuguesa. No mais, as referências do conde eram impecáveis: ele era abastado, cortês, bem-afeiçoado. O casamento favoreceria não apenas Elise, mas toda a sua família. Casamentos serviam para isso, afinal: servir ao bem de todos.

“Mas Elise não era uma garota convencional; não, pelo menos, para o século em que nasceu. Ela tinha uma qualidade pouco desejável para moças na época: era inteligente em excesso, o que a fazia uma séria candidata à solteirice.

“O Conde de Albuquerque não sabia o que estava levando para casa. Não havia enxergado seu intelecto, sua energia. Ela tinha um longo histórico de enraivecendo tutores e desagradar a família; falava sobre coisas que não lhe diziam respeito. Era um tornado contido em uma jarra de vidro, e as mães e as avós conheciam bem a sina de mulheres como ela. Elise se destacava de maneira negativa. Era o tipo indomável cuja mente ninguém alcança.

“Domar a mais intrincada das capacidades humanas, no entanto — o intelecto — não é tarefa fácil. O casamento mudaria Elise, sua mãe e avó acreditaram. Assim que a casaram, pediram que ela desse ao conde filhos. Filhos sempre foram ótimas saídas para um imenso rol de fins que vão da ocupação total da mulher até a contenção de pensamentos de vanguarda.

— Sem contar que são perfeitos para as chantagens emocionais — Ísis adiciona.

Bárbara continua, olhos nos meus:

— Sua família temia que, quando o encantamento do conde diminuísse, ele enxergasse Elise como ela é, e acabasse devolvendo-a como uma mercadoria defeituosa. A princípio, não foi o que aconteceu. Elise se tornou a esposa que Felipe queria. Virtuosa, fiel. Um tanto inquieta, mas perceptiva o suficiente para saber que o conde não aguardava dela nada diferente. Com o tempo e convivência, cresceu um sentimento entre eles. A menina inteligente descobriu que tinha outro órgão no corpo que pulsava com a mesma energia do cérebro: o coração. O conde se encantou com sua perspicácia, e Elise se sentiu admirada. O que nasceu entre eles era forte e vibrante. O casal, já casado, finalmente se apaixonou.

“No início o conde não queria saber de nada que não a envolvia. Ele a encheu de mimos, de livros, de amor. Viajaram juntos, conheceram o mundo. Ela se entregou de corpo e alma, e ele a recebeu de peito aberto. Os filhos chegaram, o amor cresceu e se ramificou.

“Aos poucos ela se sente atraída pelo trabalho de Felipe. Interessa-se por balanços financeiros e cálculos, pede para dar uma olhada na papelada dos negócios. Entende miudezas que ele não vê, pergunta sobre inconsistências, questiona abonos, gastos desnecessários, divergências. No início o conde a ouve — ele afinal a ama — e em poucos anos, assessorado por ela, aumenta a fortuna. Sua família, que antes vivia de título, agora tem finalmente dinheiro.

Bárbara faz uma pequena pausa no discurso para repor os biscoitos na bandeja. Ísis se levanta para ir ao banheiro, e um minuto depois volta com uma careta apavorada, dizendo que vai deixar para ir ao banheiro em casa. Bárbara espera que a garota se sente e torna a falar:

— Com a confiança, vêm as sugestões. Invista aqui, recuse ali. Não demora

para que Elise cresça aos olhos dos investidores. Que ela faça seu nome no mundo dos negócios e eclipse, sem ter a intenção, o marido. Não era uma época boa para dividir os holofotes com a esposa; quanto mais ela se destacava, mais ele se ressentia.

“Felipe pede que ela se afaste das empresas, e, por amor, ela se afasta. Dá mais atenção aos filhos e à casa, tenta ser a esposa que ele gostaria que ela fosse. Infelizmente, é tarde demais. As empresas não respondem aos comandos do conde como respondem ao dela.

“Quando o mercado percebe que Felipe não consegue os mesmos resultados nas empresas sem a esposa, vira alvo de chacota. É uma situação nova para o conde. O pedido gentil para que ela fique em casa se transforma em uma ordem: Elise é proibida de abandonar a mansão. Presa, a mulher vibrante vê agora a vida passar pela janela. Ela reclama, se rebela, e quanto mais tenta se impor, mais Felipe se afasta. Passa a ocupar-se com jogos e bebida, endurece o discurso com a mulher insubordinada, não ouve mais seus apelos e, por fim, interna a esposa em uma casa de saúde alegando que aquela não é mais a mulher com quem se casou.

Seus negócios afundam, mas agora ele pode creditar o mau desempenho ao mal da esposa: Elise enlouqueceu, está tudo explicado. É menos degradante trancafiá-la em uma casa de saúde — deixando suas três filhas sem mãe — do que assumir que a esposa estava por trás do seu sucesso.

“Ao pedir socorro às mulheres da família, Elise ouve: *a culpa foi sua. Se tivesse ficado onde devia, nada disso teria acontecido*. Ela é deixada sozinha no hospício para mulheres instáveis, histéricas e desequilibradas, um local seguro para enviar as rebeldes da época.

Bárbara faz uma pausa, colocando um biscoito na boca:

— Não sei de sabem, mas histérico vem de *histerus*, útero. As mulheres rebeldes eram jogadas nesse estranho balaio chamado histeria, onde se encontrava de tudo um pouco: neuróticas, rebeldes, ou as ‘fracas de cabeça’. Enfim, quando Elisa volta para casa, um ano e meio depois, não é mais a mesma. Sua rebeldia foi domada. Seu intelecto, contido com Lítio. Durante o tempo que esteve fora, suas filhas foram doutrinadas com varas e chineladas, para que se esquecessem dos modos vanguardistas da mãe e entrassem na linha. Felipe havia saído de casa, encontrado outra esposa — bem mais jovem e saudável — e a sociedade compreendia que um homem com tantos afazeres e posses não tinha que penar solitário pela doença da antiga mulher. Em breve ele seria viúvo, e sua vida precisava continuar.

Bárbara pressiona os lábios, vendo que acompanho a história com olhos arregalados.

— Mas Elisa não morria, e Felipe cansou de esperar sua hora. Abandonou a vida antiga, as três filhas e a esposa, e retornou a Portugal com a outra. Não sem deixar para Elise, é claro, as contas a pagar do negócio falido.

Quando Bárbara termina a explicação, o silêncio é de morte. Eu me remexo na cadeira, sem entender direito o ponto da história:

— Mas Elise fundou o clube para o quê, exatamente?

— Com o passar dos anos, Elise percebeu que o mundo girava cada vez mais rápido – roupas alteravam suas cores, carros substituíam charretes, paisagens eram alteradas por construções erguidas ou derrubadas – menos para as mulheres. O mundo que mudava era o mundo que era conveniente mudar, o mundo que pertencia aos homens. O tratamento dado às mulheres continuava o mesmo. Continuávamos a ser diminuídas, e o patriarcado continuava a garantir que nunca saíssemos de nossa posição inferior, e fôssemos institucionalizadas ao menos sinal de rebeldia. Não podíamos estudar ou votar; não tínhamos domínio sobre nossos corpos, não podíamos dançar, amar ou reagir de maneira contrária à ordem imposta. Quando foi atraída pelo marido e largada com seus débitos, Elise foi julgada. Apontaram seus erros e os transformaram em exemplo negativo para outras mulheres.

“Quando saiu da casa de saúde ela decidiu agir. Ela não queria ser o conto cautelar para mulheres que ousavam se rebelar. Não queria a mesma sina para suas filhas, que elas deixassem de ser indivíduos para servir a um parceiro, ou que fossem diminuídas para caber nos gostos pequenos da sociedade da época.

Bárbara acerta os pequenos óculos sobre o nariz bulboso:

— Foi então que ela fundou o clube. Ela queria ajudar mulheres, já que as leis só garantiam direitos a um grupo específico da população. Elise queria, especialmente, ajudar mulheres a pagarem uma injustiça na mesma moeda. Desde então o clube tem trabalhado nos bastidores, provendo justiça e empoderamento para todas que dele necessitam.

— Então é disso que se trata o clube? Empoderamento e vingança? — pergunto tentando entender o que elas estão me oferecendo.

Bárbara sorri:

— Não parece suficiente para você?

Recosto na cadeira. Toda aquela explicação sobre sua fundação me impressiona, claro. É estranho que um clube assim exista, mulheres são conhecidas por sua competição e agressividade com as outras, não por companheirismo. Volto a desencostar da cadeira, cheia de perguntas. Quem recruta essas mulheres? Como essa iniciativa se paga?

Sem me dar mais atenção, Bárbara se volta para Linda, a executiva de pele oleosa.

— Linda, já que está entre nós há três semanas, poderia passar as regras do clube para a Ana, por favor?

— Claro — a mulher com aparência exausta diz. Ela limpa a garganta e começa:

— As regras do clube são poucas. A primeira delas é: não falamos sobre o clube. Não mencionamos seu nome, não o abordamos em conversas, não o sugerimos a outras. Sempre discutimos antes de trazer alguém novo ao grupo. Para todos os efeitos, o clube não existe.

Ergo as sobrancelhas, surpresa.

— A segunda regra é: não mentimos aqui dentro. Tudo que fazemos precisa ser feito à claras. As vinganças são pensadas com base nas informações que damos, por isso não devemos ocultar nada, ou podemos ter problemas com a justiça.

— Vocês fazem coisas contra a lei? — pergunto olhando para Bárbara.

— Digamos que estamos *além* da polícia, do júri e do juiz — Bárbara responde, limpando os óculos.

Se eu tinha alguma dúvida sobre o caráter narcisista do grupo, não tenho mais.

— Bárbara, não sei se isso vai funcionar — eu falo. Não gosto da ideia de trabalhar às margens da lei. Posso me meter em uma enorme enrascada se abrir a boca. Posso ver tudo que planejei ser reduzido a nada se meter os pés pelas mãos. — E se Guilherme descobrir que frequento um clube atrás de vingança, ele...

— O que perderia, Ana? — Bárbara enfia um biscoito na boca, varrendo o farelo dos dedos. — O que perderia se ele descobrisse?

Tudo, eu penso.

Nada, na verdade.

— Eu perderia meu noivo. E no mais, e se eu não concordar com algum plano que traçarem?

E se vocês forem um grupo de piradas? E se alguém em algum momento chegar contando que cortou fora as partes íntimas do marido ou que o enterrou no fundo do quintal? Uma coisa é a vingança que procuro, a outra é ter que depor na delegacia porque alguma maluca cortou o pau do marido a mando de um grupo de lunáticas.

— Você pode abandonar o clube no momento que quiser — Janine comenta ao meu lado.

— Não somos criminosas, se é disso que tem medo — confirma Bárbara. Ísis solta uma risada irônica, mas a o riso morre sozinho no círculo.

Olho ao redor com o coração querendo saltar do peito. Há anos me envolvi

em uma cilada muito maior do que eu, e há dias penso em como sairei ilesa da teia que se formou ao meu redor. Então, eis que esse grupo surge do nada oferecendo ajuda.

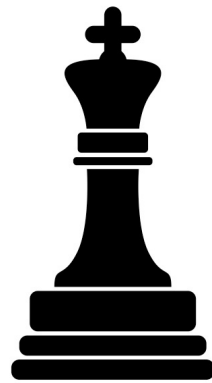
Lembro de minha mãe, e de suas palavras. Olho ao redor me perguntando por que confiaria nelas, se não as conheço. Não sei nada sobre a misteriosa Bárbara, a jovem Ísis, a aparentemente poderosa Linda e a exótica Janine. Não sei nada sobre esse clube das Luluzinhas secreto. O que sei é que estou sozinha, e que minha tormenta é repartida com outras. Existe universalidade na minha angústia. Atemporalidade.

Os olhos de Bárbara estão em mim, no aguardo da minha decisão. Fico ou vou embora? Arrisco ou dou meia volta?

Bárbara se inclina na cadeira e me estende a mão. A intenção oculta do grupo ainda não conheço — só sei que existe — mas essas mulheres me estenderam a mão quando achei estar sozinha. Uma mão misteriosa que ainda não sei se tem o potencial de me prejudicar ou ajudar, mas que para saber terei que continuar.

— Sem crimes, então? — estendo a mão até a de Bárbara, apertando-a.

— Sem crimes, — ela responde com um sorriso. — A menos que possamos sair ilesas.



“Quando mulheres adormecidas despertam, montanhas se movem”
Provérbio chinês

6. UM ATO REVOLUCIONÁRIO



LINDA MOREIRA

Linda empatiza imediatamente com a novata. Reconhece nela seu grau de dor, e simpatiza com o questionamento sem fim. Ela mesma questionou tudo quando chegou ali.

Aquela é a terceira sessão de Linda. Nas duas primeiras, questionou sua participação no grupo, ou qualquer vingança contra Eduardo, seu marido. Negava veementemente que precisasse daquilo, embora continuasse vindo. Negava estar sendo traída. Negava querer vingança.

Hoje Linda está ali para contar o que descobriu. Que ela quer o grupo e que precisa dele. A mulher ajeita a camisa apertada na cintura e diz em voz alta:

— Ela só tem dezenove anos.

Dói dizer aquilo um pouco mais do que imaginava. Na cabeça a frase já navegava como um navio fantasma sem conseguir ancorar em porto algum, afinal, quem quer aportar esse tipo de verdade?

O silêncio enche o cômodo. Ísis olha com olhos envidraçados para o centro do círculo, como se decepcionada. Janine brinca com as unhas compridas, silenciosa e apática; Bárbara encara Linda sem expressão. Só Ana parece perdida com a informação sem preâmbulos lançada na roda.

— Tem certeza? — Bárbara pergunta.

— Chequei os documentos de admissão.

— Droga — Bárbara exala, olhando para algum ponto no centro do círculo.

— Acha que ela pode ter mentido sobre a idade?

— Não, ela tem carteira de motorista.

Janine cruza os braços na frente do peito: — A armadilha de usar sua idade está descartada.

— O que mais descobriu? — Bárbara coloca a vasilha de biscoitos caseiros para girar entre o grupo sem demonstrar esmorecimento.

Linda pega ar, sentindo o peito menor. Anda ultimamente precisando respirar várias vezes para encher o pulmão, como se ele fosse enorme e não se enchesse nunca, ou tivesse sobre ele um elefante estacionado. Essa é a sensação mais persistente dos últimos dias, o de que seus pulmões atrofiaram.

— Eu o segui. Ele me ligou, disse que chegaria tarde porque estava cheio de trabalho. Deixei tudo nas mãos do meu assistente e dirigi como uma louca até o centro. Fiquei esperando do lado de fora do edifício, escondida. Às cinco ele saiu de carro... acompanhado da estagiária.

— Estagiária — Linda repete como se nem ela acreditasse naquilo. — Novinha, tudo no lugar. — Seus olhos enchem de água.

— Para onde eles foram? — Bárbara pergunta.

— Motel.

Ana se remexe na cadeira.

— Se não fosse pelas regras do clube, eu teria chamado a TV — o maxilar de Linda estira. — Feito um estardalhaço, como esses que vemos por aí.

— Que bom que não fez — a senhora murmura.

Com o canto dos olhos Linda vê que a novata começa a chorar. Certamente passou por coisa parecida e teve essa mesma vontade, a de criar confusão, ou ser consolada. Todas aqui temos histórias assim para contar. Algumas mais feias que as outras, todas dolorosas. A diferença, e o único motivo para Linda ter parado de falar para conferir se sua impressão estava certa, é que seu choro não é sentido como o das outras; seu choro é de raiva.

Ver outra mulher raivosa ao seu lado faz com que a barragem que segura suas próprias lágrimas ceda:

— Olhe só, estou chorando — Linda ri, nervosa, secando a umidade sob os olhos. Quando foi a última vez que chorou? Não sabe responder, mas faz décadas.

Linda limpa o nariz na manga da camisa e continua:

— Somos casados há dez anos. Está sendo muito difícil trabalhar, chegar em casa e olhar para a sua cara.

— Mas você precisa manter o casamento — Bárbara reforça, carinhosa.

— Ele não sabe que você descobriu tudo? — a novata quer saber.

Linda gira a aliança no dedo olhando para Bárbara. Por ela, teria confrontado o canalha, mas Bárbara parece ter seu próprio plano para Eduardo.

— Achamos por bem manter sigilo, caso sua suspeita se confirmasse — Bárbara responde a pergunta de Ana Laura.

Ana Laura se remexe na cadeira, e por um tempo ela e Linda se olham.

Embora tenham histórias em comum, Linda muda de opinião. Tem raiva como ela, mas não se reconhece nela.

Linda considera-se má. Feroz no trabalho, intensa. Não é o tipo que as pessoas sentem prazer em ter ao lado, nem a que recebe convites para *happy hours*. Sempre foi assim, desde o colégio – ela era a criança deixada de lado, mas nunca a aterrorizada; os outros não eram malucos de mexer com ela. No entanto, lá no íntimo, ela se considera frágil. Uma piada de mulher, preterida por uma garota com metade de sua idade. *Ela é a última*.

Só que Ana, a novata, não é como ela. Ana é doce e tem uma aparência agradável, mas algo nela causa em Linda inquietação. Há algo frio em seus olhos, uma dureza que ela não notou no momento em que foram apresentadas. Ana Laura chora e demonstra empatia, mas Linda tem certeza, como dois e dois dão quatro, que aquela mulher tem gelo no lugar de alma.

Linda entrelaça as mãos e abaixa a cabeça. Ninguém estende a mão, ninguém a acalenta. Todas a olham como se ela precisasse admitir a derrota e chegar, finalmente, ao fundo do poço.

— A sensação é de que seguro os cacos do que um dia foi algo precioso. Não sei consertar o objeto quebrado, mas ainda o quero, sabe? — Ninguém responde, embora todas saibam. Linda continua, fungando: — Eu queria o objeto inteiro, mas ele se foi.

— Hora de jogá-lo fora — Ísis cantarola.

— Está preparada para o que o clube oferece, Linda? — Bárbara pergunta. Sua pergunta poderia ser: está preparado para se vingar mesmo amando-o?

— Não sei ainda.

Linda quer o divórcio, não uma vingança. Quando se casou com Eduardo, ele prometeu apoio. Prometeu estar lá para ela, já que a vida corrida não permitia amigos e sua família era uma piada. Com exceção de sua mãe, a mulher que ensinou Linda a odiar cada uma de suas curvas e cada cacho do seu cabelo, Linda não tem ninguém. Sem Eduardo, o número de pessoas próximas a ela é zero.

Verdade seja dita, Linda sente-se devedora em relação a Eduardo. Ele era o cara branco que ela jamais achou que namoraria. Que a olhou de maneira diferente nas reuniões do diretório acadêmico e gostou da energia da moça ‘exótica’. Namoraram e casaram-se, e juntos superaram toda a babaquice inter-racial que surge quando duas pessoas de cores diferentes se juntam.

Ela escondeu até mesmo dele sua baixa auto-estima, e suas dúvidas sobre si mesma, que começam no momento em que acordava e só terminavam quando ela se deitava. Eduardo também não conheceu, sequer teve um vislumbre da verdadeira Linda, aquela menina insegura estudando em colégio de brancos (por

si só uma aberração estatística), perguntando para a mãe antes de sair de casa se ela a achava bonita.

A mãe, mestiça, continuava a alisar o cabelo da menina com a boca cheia de grampos de cabelo. Nunca respondeu a pergunta, mas Linda lembra só da mão puxando a escova com violência, como se só a dor pudesse tirar da cabeça da menina aquelas perguntas perigosas.

— Linda?

Bárbara precisa chamá-la duas vezes para que a olhe. Linda volta a olhar para o centro do círculo, esfregando as mãos uma na outra.

— Estou ouvindo.

— Linda, como você se vê sem Eduardo?

Se alguém a perguntasse o que ela faria por ele, ou se o quer de volta em sua vida, ela saberia a resposta. Mas perguntar como ela se vê sem ele, isso ela não sabe.

Por ele, Linda faria o mundo girar ao contrário. Faria tudo diferente, se soubesse que ele um dia deixaria de amá-la. Mas essa não é a pergunta de Bárbara: ela quer saber como Linda se vê *sem ele*. Aí mora o problema: sua mente não tem esse cenário, ela nunca o montou. Acha, inclusive, que mulher alguma consegue realmente visualizar um futuro após uma traição tão ordinária.

— Eduardo foi o único homem que me quis — Linda tenta responder da maneira mais sincera que consegue, e responde. Sem Eduardo na equação, ela é a mulher que ninguém quer. — A impressão é de que não existo sem ele.

Em choque com sua franqueza - ou fraqueza -, as mulheres deixam de olhá-la. Nem mesmo as outras esperavam tanta verdade. Mas essa é Linda. Quando faz algo, faz com tudo.

— Linda, você poderia repetir o que disse? — Bárbara pede.

— Repetir? Alguém não ouviu ou entendeu o que falei? — ela se inflama, mas Bárbara não recua. — Eu disse que não existo sem Eduardo.

A sobrelha de Bárbara se ergue discretamente. Sem julgamentos, apenas uma constatação de que sabe que Linda não se sente à vontade com o que disse.

O silêncio, agora, Linda mal percebe. Por um tempo ela deixa a sala, refletindo sobre a frase, sobre parte da frase — eu não existo —, sobre Eduardo, sobre o que restou do casamento. Linda interrompe o fluxo de vozes dentro da cabeça e entra em um estado de mudez auto-induzida, meditativo e concentrado.

Lembra do concurso, e a mão vai para a testa, um último gesto, um reflexo, como se seu corpo dissesse: *não desça essas escadas*. Mas Linda desce. Vai parar lá nos idos dos anos 80, quando as amigas do condomínio, um bando de garotas arrumadinhas que costumavam brincar juntas no playground, decidem fazer um concurso de beleza.

Quem é a mais bonita? Ela ainda ouve o eco esganiçado de uma das meninas, embora já não se lembre mais quem foi. Linda se arrepia à medida em que os segundos passam, os roedores atravessam o teto, as mulheres do Clube aguardam, as meninas vão pegando os primeiros lugares:

— Vivian é a mais bonita, e ganha o primeiro lugar —, alguém julga, e Vivian sorri, lisonjeada. — E o segundo lugar sai para Karen, o terceiro para Aline, o quarto para Juliana, o quinto para Débora. — Só então lembram que Linda estava no campeonato, e aquele silêncio — aquele mísero segundo sem voz perdura como se fosse feito de eternidade.

Ela é o último lugar.

Linda suspira, e quando retorna ao presente desconfia que não é a mesma que disse a frase emblemática: em parte sente vergonha por ter dito que não existe, em parte entende por que disse aquilo.

O corpo ainda se recusa, pelo modo como as vísceras se contraem, a aceitar a verdade. A cabeça também parece disposta a lutar mais um pouco antes de capitular.

— Você precisava se ouvir — Bárbara diz mostrando saber o que se passa com a mulher machucada. Sim, Linda precisava, assim como as outras que acompanharam um pouco da sua história. Algo dentro dela lentamente se abre, como um botão rebentando nas primeiras horas da manhã. A sala parece menos escura, a mente menos anuviada. Ela passou dias com a percepção incapacitada, sentindo-se a mulher mais machucada do mundo, a mais feia e mal-amada. Ela sabe o que mudou.

Continua mal-amada, mas apenas quando resumiu sua existência a *nada* pode enxergar o problema. Quem diria, a visão do fundo do poço é ótima para dar perspectiva. *Não existir* sem Eduardo é uma mentira. Na melhor das hipóteses, um subterfúgio. Ela existe, e sua raiva mostra que a mente vai mal, mas o corpo estala, ligado.

Linda tamborila os dedos na calça, um hábito de quando está mergulhada em pensamentos. Olha para Bárbara. Bárbara sabe que ela chegou a alguma conclusão, e espera que Linda compartilhe sua percepção com o grupo. *Diga*, seu olhar a encoraja.

— Eu disse que não existo sem ele.

As regras do clube começam a fazer sentido. Linda não quer mais corrigir a frase, nem justificá-la com 'mas eu existo'. Nem mesmo precisa entender porque ela disse que *não existia*. Ela já sabe. O momento é de assumir que disse aquilo, e aceitar que quando somos abandonadas, sentimos que um pedaço de nós foi roubado.

Bárbara entende, Ísis entende, Janine entende: o problema não é a traição.

Ela aconteceu, e Linda descobriu. O novo problema não é mais esse; o novo problema está em Linda.

— Você trabalha com o tipo mais prejudicial de mulheres — Ísis comenta.

Bárbara concorda, esboçando um sorriso:

— Somos bombardeados diariamente por ideais de beleza e moldes de sucesso arbitrários. Forçadas a nos encaixar a qualquer preço nos modelos que o mundo considera desejável. Isso tem sido um golpe na sua auto-estima, não tem, Linda? Ser traída por uma garota jovem e bonita foi o tiro de misericórdia no seu amor próprio. Sempre é, para todas nós.

Linda faz que sim. Quem diria, seu castigo veio a cavalo, fechando um círculo vicioso. Ela criou um concurso ao estilo do que perdeu, e isso trouxe velhos fantasmas à tona. Cada ação sua, nos últimos meses, teve a intenção de reforçar que só o belo é digno de amor. Que só o que é disputado vale a pena.

E então, a regente do show é preterida pela beleza que vende. Se isso não é uma ironia, Linda não sabe mais o que ironia é.

A revelação traz lágrimas, como toda boa revelação. Bárbara finalmente estende a ela uma caixa de lenços de papel.

— Eu me sinto um zero — ela soluça. Entende que orbitava ao lado de quem achava ser o único no planeta capaz de amá-la, e exclusivamente por isso, o queria ao redor. Quão doente estava por não ter visto isso? Por ter permanecido anos ao lado de alguém por achar que ninguém mais iria querê-la?

— É do zero que partimos, querida. Você acha que não existe sem Eduardo porque não tem mais o seu olhar. Deixar de ser amada é sempre devastador, é como se seu valor tivesse ido embora juntamente com o amor dele. Como se, com sua partida, ele tivesse levado embora o que te dá contorno.

Linda confirma. Sua deserção do pacto de casamento explicaria a sensação de não ter mais linha que a segure em uma peça só.

— Como chegamos a esse ponto? — ela sussurra. — Como podemos ser delineadas por alguém que não nos ama mais, e ainda assim, querer esse olhar delineador de volta?

Bárbara não tem essa resposta, embora tenha ouvido aquilo muita outras vezes, em um coro de muitas outras vozes:

— Você quer de volta aquele fio que demarca sua existência, quer a vidinha de antes, o conforto de ter alguém esperando por você em casa. Você quer a zona de conforto. Você acredita que não tem mais idade para ficar sozinha, nem paciência para o processo exaustivo que é se apaixonar novamente. Sem Eduardo, você voltaria ao terrível mundo dos solteiros, o lugar mais amedrontador do mundo.

— O lugar mais amedrontador do mundo para mulheres sem atrativos como

eu —, Linda a corrige.

— Não se iluda, Linda. Beldades são preteridas também — a senhora diz. Em seguida, ela suspira cruzando as mãos sobre a saia: — Poderíamos ajudá-la a trazer Eduardo de volta, ao invés de oferecer vingança. A pergunta é: agora que sabe a verdade, reatar com ele bastaria? Seria difícil mas não impossível fazê-lo amar você outra vez, mas um pouco mais duradouro seria ensiná-la a amar a si mesma. Pelo que optaria, se pudesse escolher?

Linda seca os olhos com as costas das mãos.

— Amar a mim mesma.

— Então o seu maior desafio, a partir de hoje, será descobrir quem você é. O segundo, gostar verdadeiramente do que vier a descobrir. Assim que se encontrar, terá para o resto da vida a melhor companhia que poderia sonhar.

Bárbara pousa a mão envelhecida sobre a perna da mulher, e Linda sabe a resposta: a melhor companhia com que pode sonhar é ela mesma.

Linda enxuga a última lágrima, consciente da batalha que a espera, mas Bárbara tem uma última mensagem:

— Grandes transformações começam dentro de nós, elas são a centelha que disparam os desejos do mundo. Essa é a lição que Elise de Sá queria deixar. Ser mulher e verdadeiramente se amar não é apenas um ato revolucionário, é a maior de todas as revoluções.

As mãos cansadas da idosa encontram as de Linda:

— Não se espante se, ao final, tiver despertado não apenas seu amor próprio, mas outros amores também. O amor e a auto-estima são contagiosos.

7. PRECISAMOS FALAR SOBRE CÉSAR



À medida que frequento o clube, vamos nos conhecendo melhor. Bárbara pergunta um dia qual é a minha história. Em parte elas sabem o que me leva ali, mas não através de mim. Aceito a pergunta sem medo, perguntando aquilo a mim mesma: Qual é a sua história, Ana?

Conto sobre a minha origem humilde. Sobre a gravidez indesejada de minha mãe, e como foi viver em uma cidade pequena sem pai. Sobre a infância difícil na fazenda onde minha mãe trabalhava, e os primeiros anos de escola. As palavras saem hesitantes, mas verdadeiras. Falo sobre a faculdade de pedagogia na cidade vizinha e o encontro com os poderosos Diniz. A partir daí, a verdade se mescla à necessidade. A uma realidade ideal, que é conveniente passar.

Olho para um ponto neutro na sala, sorrindo ao me lembrar como conheci Guilherme. Como o achei bonito, naquela noite cheia de cores. Como foi chegar em casa, depois daquele encontro no parque, e abrir a gaveta da escrivaninha descascada, e folhear a revista atrás da foto dele sobre uma lancha. Em como suspirei ao pensar que aquele homem longilíneo e musculoso de sunga clara, de pé sobre o iate reluzente em contraste com o mar azul cobalto, me beijou naquela noite.

Em como me senti com *sorte*. Mas isso o clube não sabe.

Conto, no entanto, como era estranho viver entre o que ele chamava orgulhosamente de “*os um por cento*”. Sobre as dificuldades de separar o homem do milionário, e comparar a vida de hoje com a simples e cheia de batalhas de antes. Um pouco de sinceridade a esse respeito é recomendável: seria hipocrisia não mencionar o seu dinheiro.

Ísis e Linda balançam a cabeça, elas entendem.

— E então eu o flagrei com outra — digo com os olhos secos. — E vocês me acharam.

Abaixo o rosto para mexer em um fiapo de linha que desfia da bolsa cara, um presente dos Diniz pelo meu vigésimo sexto aniversário.

— Aos poucos a dor da traição vai achando cantos e quinas. Ficando menos aguda. Sei que soa egoísta, mas é mais fácil aceitar minha traição sabendo que outras são traídas também.

A própria Linda, dias atrás, confessou sem qualquer constrangimento que apaziguava sua alma saber que eu era traída quase diariamente. Segundo ela, se mulheres bonitas são traídas, é porque aparência não equivale a fidelidade. Não sei por que ela achou que equivalesse.

— E é isso — encerro a exposição sobre minha vida e meus problemas. — Quero me vingar de Guilherme, e estou feliz que me acharam — forço um sorriso.

As meninas agradecem, mas Bárbara se silencia. Pelo resto da noite eu também me calo como se não tivesse língua.

E enquanto Ísis conta sua história, penso na impressão que causei em minhas companheiras do clube. Por mais que tenha tentado disfarçar, dei a impressão de estar magoada, mas não demais. Raivosa, mas não de verdade.

Faria sentido se elas se perguntassem se é dinheiro o que me segura naquele relacionamento. Eu jamais teria aceito o convite do clube se estivesse de olho no dinheiro dos Diniz, certo? Por que colocaria o casamento iminente em perigo?

O dinheiro dos Diniz é um extra no pacote, isso é verdade. É aquela velha história de que sofrer em Paris é melhor do que sofrer na miséria, e basta olhar para minha sogra para saber que vender a alma pode trazer conforto e sentido à vida.

Mas talvez o que me mova seja amor, por que não? Amo Guilherme, ele é gentil, atencioso e bonito. Para a menina simples do interior, ele é perfeito. Mas se realmente o amasse, não deveria mostrar mais raiva? Mais paixão?

Também não é amor o que me une a Guilherme, e Bárbara *sabe*. Ela sabe com aquela certeza de quem reconhece o embuste na voz do outro.

Naquela noite volto para casa exausta. Sento na cama com os braços mortos sobre as pernas, pensando que meus braços não são as únicas coisas mortas que carrego.

Afasto as roupas de cima da cama e tombo entre os lençóis. Enquanto olho para o teto, volto no tempo. Penso na mulher que vi no apartamento de Guilherme; na cabeleira falsa, na sensação de já tê-la visto antes. Penso também em Bárbara, e nas intenções ocultas do clube. Que elas existem eu sei, mas assim como Bárbara não vislumbra as minhas intenções, eu não vislumbro as dela.

Tateio ao lado da cama, e alcanço a caixa de madeira. Puxo-a trazendo-a ao colo, tirando dali o um envelope pardo. Desdobro a carta furada por traças

sentindo o cheiro da naftalina. A voz da minha mãe chega como um eco distante, macia e desbotada:

Meu amado,

Pergunto-me todos os dias onde você está. Sinto sua falta na curva do rio, falta dos beijos ternos e dos seus braços fortes. Volto ao rio todos os dias na esperança de vê-lo, de senti-lo mais uma vez. Mas disseram-me na fazenda que você nunca mais voltará, e meu coração sangra só de pensar. Estou com medo, C. Escrevo essa carta por amor, mas também desespero. Meu ventre cresce a cada dia e não consigo mais escondê-lo. Espero uma criança sua e aguardo seu retorno. Ajude-me, por favor.

Com amor,

Marília

Estalo o pescoço, sentindo dor. Lembro da noite na beira do rio, quando minha mãe, já no último estágio de câncer, me entregou a carta. Em como mal conseguia andar, careca pela quimioterapia, tão fraca que precisei carregá-la no colo entre as pedras até chegar ao local marcado. Foi ali que ela me contou toda a verdade. Sem lágrimas nos olhos, só uma mulher e sua história, e a filha que a partir daí poderia ou não contá-la adiante. Mais tarde, ainda naquela semana, ela me sussurrou as últimas palavras: *não confie neles*.

O bzz—bzz do telefone me desperta e o nome 'amor' brilha na tela. Atendo, e a voz de Guilherme, rouca e modulada, surge do outro lado da linha:

— Aninha?

Sento na cama com o coração acelerado:

—Oi — respondo como se tivesse sido pega fazendo algo errado.

— Estou aqui embaixo, abre o portão.

— Claro — solto com a mais estridente do que gostaria.

Dobro a carta e enfio-a de volta no envelope da conhecida firma de advocacia, estranhando a presença de Guilherme ali, à noite. Empurro a caixa sob a cama e olho ao redor, checando se há algo mais fora de lugar. Não há. Abro a porta sacudindo os ombros e ajeitando a roupa. Ele surge do elevador bonito como sempre: cabelo negro azulado revoltado sobre a cabeça, camisa desabotoada até o segundo botão. Ele sempre aparentou ser essa alma leve, o tipo de espírito que vem ao mundo a passeio. Fala mansa, educação à moda antiga. Ele é o cara que segura portas para pessoas entrarem na sua frente. Que

dá passagem para outros no trânsito e puxa cadeiras para senhoras se sentarem. Eu sempre o achei um charme, até o dia que descobri que ele agia assim com tudo que acreditava possuir. Ele possui o mundo, e brinca de ser generoso e indulgente com ele.

— Oi meu amor — sua mão enlaça minha cintura e seus lábios colam nos meus. Uma de suas pernas se enfia no meio das minhas antes que eu feche a porta, me empurrando contra a parede do hall. Ele está com saudades, e eu sei o que ele quer.

O calor sobe à face. Um calor que poderia bem ser confundido com ardor.

— O que está fazendo aqui? — pergunto espalmando seu peito para que se afaste.

— Liguei duas vezes e você não atendeu. Fiquei com saudades — diz olhando ao redor, escaneando o ambiente.

Você queria conferir onde estou, essa é a verdade. É estranho que eu pense nisso mas não diga nada, ainda que em tom de brincadeira. Não tenho mais a liberdade de brincar sobre traição — e nem desejo mais. A leveza que tínhamos para brincadeiras sobre o assunto sumiu. Traição, hoje, para mim, é coisa séria.

Guilherme entra no meu apartamento como se procurasse provas. Evidências, resquícios de alguma coisa que possa me comprometer. É curioso como traiçoeiros são parceiros receosos: eles sabem que tudo pode ser ocultado, se necessário ou desejado.

Ao constatar que estou sozinha ele se vira. Seus olhos reluzem na penumbra, cheios de desejo. Dá um passo em minha direção, e a próxima coisa que sinto é sua língua invadindo quente minha boca. Seus braços me apertam, e seus lábios abocanham os meus. Enquanto ele me beija com vontade — e bem — estremeço pelo próximo passo: o sexo.

Ando temendo esses momentos. O estômago arde toda vez que penso nisso. Até poucos dias atrás, achava que não conseguiria, que colapsaria ao seu toque. Pensei em bater na sua cara e xingá-lo por ser tão perverso e infiel. Pensei em matá-lo por ter me proposto o impensável, mas principalmente, porque aceitei por ele o impensável.

Não confie neles, foram as últimas palavras de minha mãe, mas deveriam ter sido outras: *Não se aproxime deles*.

Por isso — por que esperava o pior de mim — me surpreendo retribuindo o beijo. Enlaço seu pescoço como se ele fosse um homem íntegro, agarro seus cachos entre os dedos e acomodo o rosto ao seu como se o amasse como amava no começo. Fecho os olhos e o beijo, e a passos largos o beijo escala para o sexo.

Ele segura a barra da minha camisa e a ergue, e eu interrompo o beijo para deixar a camisa passar, olhando-o nos olhos. Olhos contra olhos. A mente

vagueia, lembra das palavras de Linda há duas reuniões atrás: eu não existo sem meu marido. *Eu existo sem você, Guilherme.*

Embora por dias tenha achado que fosse uma sombra, um espectro de opacidade mínima dirigindo pelas ruas e dando aulas, aquele estado passou. Quem diria que uma força desconhecida fosse crescer em mim tão rápido, como a semente mágica daquela história dos feijões. Uma semente plantada no passado pela mãe abandonada por alguém que você conheceu bem. Uma semente plantada por uma mãe de rosto engelhado e de morte prematura.

— Eu estou aqui — murmuro.

Se Guilherme me ouve, não para os beijos que me dá no pescoço. Ele me pressiona contra a parede, uma perna cruzada ao redor de sua cintura, o volume de sua virilha procurando espaço entre as minhas pernas.

A trilha de beijos deixa o pescoço em direção a áreas mais íntimas.

— Saudades de você, minha noivinha.

— Eu também — a frase salta da boca com enorme naturalidade, como se houvesse dentro de mim uma segunda mulher, uma que não pensasse, no silêncio do quarto, em maneiras de acabar com ele.

— Estou feliz que esteja tudo bem entre a gente.

O monstro rancoroso que se esconde dentro de mim, não. Ele olha para Guilherme com os olhos vermelhos. Ele me blinda e me guarda. *Ele o detesta.*

Guilherme desabotoa minha calça e eu me remexo para deixá-la escorregar.

Meu noivo pode ser um cavalheiro aos olhos de todos, mas é um furacão de escala 5 na cama. Ele é insaciável, impetuoso, ardente. Ele me joga sobre a cama e se livra de sua roupa. Seus olhos estão nos meus, pesados. Minha respiração continua controlada enquanto olho para o peito bronzeado de mamilos pequenos e escuros. As batidas do coração continuam firmes, mesmo quando admiro os músculos do seu braço. *Não deixe o bastardo alterar você.*

Ele investe contra mim e eu cedo.

Não quero ser injusta, tive bons momentos ao lado desse homem. Conheci países, pessoas, frequentei lugares. Confiei a ele minha segurança, e achei que poderia mudar o destino, que ele poderia ser diferente e eu não precisasse vencê-lo. Mas naquele dia, ao vê-lo com outra, entendi que Guilherme é um Diniz. Ele fez um bom movimento me forçando a assinar um contrato que o protege, mas o jogo nem de longe está ganho.

Ele segura meus tornozelos e me puxa até a beirada da cama. A posição requer elasticidade. Domínio e entrega, contato visual.

Uma, duas, três – eu conto suas arremetidas. Me surpreendo como não preciso de amor para achar a sensação boa. A sensação é o que é, independente do sentimento. Dezesete, dezoito, dezenove.

Penso na mulher com quem eu o peguei em sua casa, naquela tarde. Em como era bonita. Em como usava uma peruca longa e prateada, e como gostou de me ver chegar.

O movimento continua. Guilherme crava os dedos na batata das minhas pernas. Fecha os olhos, abre a boca. Noto seu abdômen marcado, a cor adquirida nas férias eternas. O cabelo de playboy italiano — comprido, que quando não está puxado para trás cai displicentemente sobre os olhos — balança à medida que se chacoalha.

Ele esfrega o resquício de barba em minha perna, um gesto de carinho no meio do sexo. Sua mãos abandonam minhas pernas e sobem pela curva da cintura. Ele raspa a palma de maneira automática sobre um dos seios, então se lembra que gosto de carícias e se esforça para me satisfazer.

Se ele continuasse, apenas mais um pouquinho, eu chegaria lá. Algo grande acumula-se em mim, pedindo uma via de escape. Deixe-me escapar e eu explodirei em mil, o corpo avisa, mas a linha de chegada não vem. Guilherme desacelera no número 42 e então para. Seu corpo convulsiona e tomba, desfalecido, contra minha pele. O que crescia em mim regride como maré baixa.

Deitamos ao lado do outro olhando para o teto. Ele beija meu ombro e eu faço um carinho em seu cabelo, algo como 'bom menino'. Ele não sabe que aquilo foi uma provocação.

A cabeça está no ventilador que gira manso no teto. O pensamento voa sem destino.

— Foi bom para você, Ana? — ele pergunta.

— Claro — minto. Inacreditavelmente, ele acredita.

Mais alguns segundos se passam. — Guilherme?

— Oi — ele responde deitando a cabeça sobre minha barriga.

— Você chamou toda a sua família para o casamento?

— Você acha que minha mãe permitiria a ausência de alguém? — ele ri sobre meu estômago e sinto a risada ressoar dentro de mim.

Forço uma risada.

— Isso quer dizer que o irmão do seu pai também vem?

Sua barriga retesa ao me ouvir mencionar o nome de César Diniz, irmão de Castro. Por três anos o nome do seu tio foi evitado em rodas de conversa e jantares, e portas foram fechadas à sua simples menção. Guilherme se levanta e senta na cama. Passa as mãos sobre o peitoral liso e olha para a parede, respondendo sem vontade:

— Não.

Meu coração começa a dar coices no peito. Deito de lado, apoiando o cotovelo na cama e a cabeça na mão. É a primeira vez que não recebo uma

resposta evasiva, e isso é algo grande.

— Vocês não tem mais nenhum contato com ele?

Ele não responde. Sua língua, pela ondulação na face, apalpa a parte interna da bochecha. É sempre assim quando César é mencionado: só silêncio e roldanas girando na cabeça.

— Por que está perguntando sobre meu tio? — ele se vira para me olhar.

— Curiosidade — abaixo os olhos, tampando o peito com o travesseiro para que ele não note o alvoroço interno.

— Não há motivo para curiosidade. Nós não o vemos há quase vinte e cinco anos.

Vinte e seis, eu o corrijo em pensamento. *Você consegue, Ana.*

— É que... É só uma história antiga que ouvi...

Os olhos de Guilherme faíscam.

— História? Sobre o quê?

— Sobre um rombo que ele deu no banco que gerenciava. Era isso que ele fazia, certo? Era banqueiro?

Um vinco surge entre suas sobrancelhas. Ele estuda minha reação, questiona se sei mais do que pareço saber, ou algo que ele não sabe.

— Sim. Achamos que ele fugiu com o dinheiro.

Eu adoro esse eufemismo, *‘achamos que ele fugiu com o dinheiro’*. Como se o roubo, investigado até pela Interpol, não fosse realmente um crime.

— E ele nunca mais entrou em contato com vocês? — pergunto de maneira inocente, fazendo carinho em seu braço. *Olhe-o nos olhos. Respire tranquilamente, você consegue.*

— Não.

Guilherme está visivelmente incomodado com a conversa. Coça o peito, se remexe sobre a cama.

— Acha que ele fugiu com uma mulher? — digo divertida. Sempre o distraio quando pareço frívola.

— Ana, esqueça esse assunto. Por anos tivemos que lidar com a sujeira que César deixou para trás. Não sabemos de seu paradeiro e é melhor assim. César roubou um banco, merda. Presta atenção nisso: ele roubou uma merda de um banco! Só por isso, não deveríamos nunca mais falar nele.

Continuo os carinhos, sem demonstrar meu nojo pelo pequeno discurso. Ele afasta minha mão e se levanta, andando até o banheiro. Continuo deitada na cama, brincando com os cachos do cabelo enquanto o ouço ligar o chuveiro.

— Achei que vocês soubessem onde ele está — tento uma última vez. Aguço o ouvido, e como esperava, ele diminui o fluxo da ducha.

— Não fazemos ideia de onde ele foi parar.

Sorrio sozinha no quarto. *Você sabe muito bem quem eu sou, não sabe, Guilherme? Sabe quem foi minha mãe, e o que seu tio fez a ela. Não foi por isso que você se aproximou de mim na pequena cidade do interior? Para descobrir se os boatos que rondavam o assunto eram verdade, se César tinha tido realmente uma filha com uma qualquer, em Minas?*

Balanço a cabeça sozinha no quarto. Todo aquele papo sobre estratégias de xadrez, e fazer movimentos rápidos para ganhar o jogo... era tudo balela, não era, meu amado? Tudo parte do plano para me conquistar?

Viro na cama, deitando de barriga para baixo. É curioso, quase divertido que ele saiba menos que eu. A vantagem é minha, e há dias penso no movimento seguinte.

O som do banho continua, ao fundo. Um leve tremor na cabeceira me faz atentar para seu celular. Olho para a porta do banheiro ouvindo a água cair. Olho de volta para o celular, que acende pela segunda vez.

— Não podemos falar sobre César agora — ele grita do banho. — Agora que meu pai está tentando a reeleição, o assunto precisa ser mantido abafado.

— Claro — grito de volta. Sento na cama e pego o celular. Na tela principal aparece uma mensagem no Whatsapp.

Jose Llosa

Castelo de cartas?

— Você tem toda razão, — respondo enquanto deslizo o dedo pela tela. O celular pede a senha para mostrar o resto da mensagem.

Exalo, olhando para a porta. *Jose Llosa*. De onde reconheço esse nome?

Jose Llos... *Jose Llosa*? O peito começa a pulsar, o coração batendo como se alguém implorasse para que ele abrisse a porta: *José Llosa*?

Digito freneticamente o dia do aniversário de Guilherme: nada. Duas tentativas restantes. Digito o ano de seu aniversário: nada. O suor cobre a testa e o arrepio toma braços e pernas.

— Não seria recomendável ver o senador ser lembrado como irmão do golpista que desapareceu do país com vinte milhões de dólares na bagagem. Aconteceu antes, nós abafamos. Mas isso pode vazar novamente.

A água é desligada.

— Claro! — modulo a voz, que sai mesmo assim tremida. Digito o mês e os dois últimos dígitos do ano de seu nascimento.

Senha aceita.

— Ele era a ovelha negra da família — Guilherme diz abrindo a porta do box. Acesso o aplicativo e corro os olhos pela conversa entre Guilherme e Jose

Llosa, o fazendeiro para quem minha mãe trabalhava de doméstica na época em que conheceu César.

Um canalha que se apresentou para a empregadinha bonita como um qualquer, omitindo ser quem era – o poderoso César Diniz, criador de cavalos nas horas vagas e presidente de um banco de investimentos. A pele comicha do suor que brota em cima dos lábios.

Guilherme

Sábado, 23:00. Castelo de Cartas, mapa anexo.

José Llosa

Castelo de cartas?

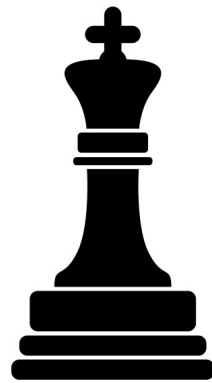
Fecho o celular e lanço-o sobre a cama. O celular some entre os lençóis no momento em que Guilherme surge na porta.

— Não quero mais falar sobre ele — diz secando o cabelo e olhando a minha posição, a mesma em que me deixou: recostada nas almofadas, brincando com os cachos. —...e não quero mais ouvir você falando dele.

— Tá bom — dou de ombros. — Quero saber sobre o nosso final de semana. Alguma sugestão?

Guilherme entreabre a boca e a fecha, pensativo. Volta para o banheiro e de lá, responde: — Esse final de semana precisarei viajar.

Não respondo, sequer presto atenção em sua resposta. Apenas repito em silêncio o nome *Castelo de Cartas*.



"Podemos nos defender de um ataque, mas somos indefesos a um elogio."
Sigmund Freud

"Vaidade: definitivamente, meu pecado favorito!"
Al Pacino, em *O Advogado do Diabo*

8. FOGUEIRA DAS VAIDADES



ÍSIS

DOIS MESES ATRÁS

Estudar para quê, coelhinha?

Os dedos de Adriano deslizam pela pele da esposa, afastando o cabelo para o lado; o cabelo atrapalha a visão. Ele não gosta que Ísis vista nada, e cabelo na frente dos seios faz parte da regra. À noite gosta de vê-la nua, de tocá-la de maneira íntima enquanto conversam. Essa mania do marido a derrete e excita; é a constante afirmação de que ele a deseja e admira, ano após ano, mesmo após seis anos de casamento.

— Porque quero crescer, amor. Não quero ser copeira para sempre.

— Qual o problema em ser copeira?

— Não me dá satisfação — Ísis diz afastando suas mãos. — Diz pra mim: se pudesse ser qualquer coisa na vida, escolheria ser garçom?

— Sou feliz com o que tenho, Ísis.

Pronto. Quando ele diz *Ísis*, ela sabe que a conversa acabou.

— Eu sempre quis fazer faculdade — a jovem de vinte e quatro insiste, já que o clima se foi. — Estudar alguma coisa. — Ela se coloca de joelhos sobre a cama com os olhos reluzindo de excitação: — Dri, eu sago mais que os estagiários do escritório sobre um monte de assunto, acredite. Eu posso ser uma fodida na vida, mas meu cérebro funciona. — Ela bate com a palma da mão do lado da cabeça.

Adriano abaixa os olhos, remexendo a boca como se mastigasse algo:

— Não sei qual besteira foi maior: achar que entende mais que os caras que estudam ou dizer que sua vida é fodida.

— Amor, pensa no futuro. Em alguns anos, dinheiro deixaria de ser problema! — Os olhos de Ísis correm insistentes pelos do marido, procurando neles algum crédito ou empolgação. — É isso que o diploma traz, amor!

Ele se deita com o peito para cima, alisando as pálpebra:

— Por que quer tanto provar que consegue estudar, Ísis?

Ela olha ao redor, para o quarto entulhado de coisas, para a óbvia falta de espaço.

— Você nunca reclamou da vida que eu te dei antes — ele diz.

— Não estou reclamando da vida que me deu — ela responde subindo em cima dele, uma perna em cada lado do corpo. — Eu quero uma carreira, Adriano.

Ísis se deita sensualmente sobre ele:

— Quero um diploma — ela beija suavemente seus lábios. — Significaria tanto para os meus pais...

— Seus pais nunca te cobraram nada — ele a derruba para o lado. — Não minta dizendo que é por eles que quer estudar!

Ísis exala, exausta das conversas que acabam sempre da mesma maneira:

— Cara, você dificulta tudo. — Ela se levanta da cama, dando a entender que as brincadeiras da noite acabaram.

— Ísis, estudar pra que? — ele se deita de lado. — Para vir cheia de ideias para casa, falado difícil e me corrigindo?

— Eu nunca faria isso.

Ela para na porta do banheiro quando ele completa:

— Faculdade não é pra qualquer um, acorda.

Eu não sou qualquer um, ela pensa batendo a porta. Bolinhas minúsculas, resquícios dos cupins que comem aos poucos a casa, espalham-se pelo azulejo encardido. A discussão continua com a porta fechada:

— Coelhinha, não faz isso.

Ísis fecha os olhos, preparada para o baque:

— Já fiz — ela diz, e o corpo retesa. — Eu me inscrevi no vestibular da Federal. Vou tentar para Direito.

Silêncio do outro lado. Ela estranha a calmaria, sente a tensão crescer no ar. Estudar significa trabalhar menos por cinco anos. Menos dinheiro, menos tempo. Ela sabe o que está fazendo, mas fácil, sabe que não vai ser. *São só cinco anos*.

O "bam" a faz saltar no lugar. Não é o barulho de porta batendo, é o de um móvel tombando. Em seguida acontece tudo muito rápido, uma sucessão de

baques surdos que a fazem contrair de agonia: um lençol sendo rasgado, o chute na cadeira seguido do palavrão, o estalo do armário atingindo o chão.

Ela ouve encolhida no banheiro o quarto ser destruído. É a primeira vez que ele faz isso. Lágrimas encharcam seu rosto quando a violência cessa e o som final é o da porta batendo, indicando que Adriano deixou o quarto.

Naquela noite ele não volta para casa, e nem no dia seguinte. O terceiro dia vem e vai, e Adriano não aparece. Sua família aparece para importunar: a sogra solta um *'eu sempre soube que você não era para o meu menino'*. Menino, segundo ela, perfeito: trabalhador, esforçado. *'O único problema dele era você.'*

No quarto dia Ísis não tem mais forças para trabalhar, mas vai assim mesmo. Exaurida de tanto chorar, sem saber o que fazer, trabalha de olhos inchados. No quinto dia, sem esperanças de que ele voltará, ela capitula. Desaba no meio fio na frente do restaurante onde Adriano trabalhava e chora. O dono ameaça dizendo que se Adriano não aparecer, sua vaga será preenchida por outro.

Adriano não aparece.

A garota se encolhe na calçada e soluça. Não queria ter estourado aquela guerra, fez o que fez por egoísmo. Sua vontade de ser alguém a fez perder o amor da sua vida. Valeu a pena? Não valeu.

Não demora para que ela se convença de que a culpa foi sua. Que não deu valor à vida que tinha, que não soube enxergar o esforço do marido. Ela o perdeu porque sonhou em se aventurar por um mundo que não faz questão — e muito provavelmente não tem espaço — para ela. *Acorda*, ela ouve a voz de Adriano e sente sua falta.

Ísis enxuga a última lágrima quanto vê um lenço estendido na frente do rosto. Aceita o lenço, olhando para o dono da mão.

É Juninho, o dono da oficina mecânica ao lado. Já ouviu falar dele no bairro, tem certeza que Adriano comentou algo sobre ele.

— Adriano ainda não voltou? — ele pergunta. Ísis balança a cabeça que não.

Juninho se senta ao seu lado.

— Você deve estar arrasada.

Ela volta a chorar.

— Ei...ei... — ele abaixa o tom. — Ele vai voltar, você vai ver. Já aconteceu comigo. Certa vez uma namorada e eu brigamos e ela simplesmente desapareceu. Quase enlouqueci. Não sei por que pessoas fazem isso, mas posso te dizer com certeza: elas sempre voltam.

— Eu não entendo! — ela choraminga. — Por que ele faria isso?

— Bem, se descobrir me avise — ele ri.

Ela olha para ele. Não se lembra dele, mas acha que frequentaram a mesma escola no primeiro grau, anos atrás. O homem sentado ao seu lado tem aquele bronzeado de praia de quem aproveita todo minuto livre para pegar sol. Cabelo escuro e bem aparado, barba crescida que deixa o aspecto do rosto áspero. *Bonito ou não bonito?* Ísis pensa sem querer. *Sem hesitar, bonito.*

— Ela voltou para você? — Isis pergunta.

— Quem?

— Sua namorada.

Uma carreira de dentes brancos ilumina seu rosto:

— Claro.

A maneira como diz aquilo acalma seu coração. Ninguém duvidaria, pelo seu tom, que Adriano vai voltar. É questão de tempo. Ela volta a olhar para as sandálias sujas de tanto rodar o bairro.

— E vocês se entenderam?

Ele faz que sim.

Ísis sente os olhos incharem novamente.

— Me desculpe, é que há dias só choro, eu estou tão... — não sabe sequer que palavra dar aos meus sentimentos. *Vulnerável? Decepcionada?*

Juninho mexe displicentemente no rasgo do jeans que deixa parte do seu joelho à mostra:

— Minha ex queria que eu largasse a oficina e entrasse no curso de engenharia, veja só. Dizia que eu tinha intelecto, sei lá. Eu disse a ela que o curso de engenharia era pra playboy, que eu precisava ganhar dinheiro.

A garota arregala os olhos:

— É sobre isso minha briga com Adriano!

Ela imediatamente olha para sua oficina, em seguida para ele.

— Não quero tomar seu tempo, mas ...você e ela...

Ele ri, descontraído:

— Meu tempo? Você já viu como as quartas-feiras são lotadas para os mecânicos?

Ísis olha para a oficina às moscas.

— Parece que carros só quebram de quinta em diante — ele brinca. — Você deu sorte, hoje tenho tempo.

Ela sorri.

— Quer entrar? — ele pergunta franzindo o rosto por causa do sol. — Tem ar condicionado lá dentro, e de lá dá para ver todo mundo que chega e sai do restaurante.

Ela constata que sim, dali dá para ver Adriano, caso ele resolva aparecer.

— Você chegou a considerar o que sua ex falou? — ela pergunta batendo a

poeira da saia, seguindo-o oficina adentro. — Sobre voltar a estudar?

Ele entra na sala e mexe em alguns botões do ar condicionado antigo e barulhento, e em pouco tempo o ar frio chega como alento para a pele suada.

— Não é fácil o que eu vou dizer — ele diz se sentando em uma cadeira giratória atrás da mesa entulhada de papeis. Ísis escolhe um lugar no sofá descascado e se encolhe entre as almofadas.

— Sei que sou bom em números, sempre fui, mas com o trabalho, o sonho da faculdade ficou para trás. Você conhece o drama: o cursinho interfere no trabalho, o valor da apostila que não dá para pagar... quando você se dá conta, seu sonho está longe, acenando para você.

— Você nem acena de volta, de tanto cansaço — ela murmura sabendo exatamente o que ele quer dizer.

— Você deixa ele ir. O que é uma pena, porque o dom que você não usa, atrofia. Às vezes pego alguns exercícios de matemática e treino um pouco, para ver se o cérebro ainda está afiado, mas nunca mais é a mesma coisa. Toda a energia que antes ia para o intelecto acaba achando vazão por outros lugares. Músculos, por exemplo.

Ele mexe com o braço, mostrando que seu cérebro andou enviando bastante energia para aquela parte de sua anatomia. Ele ri da brincadeira, e ela acaba rindo também.

— A gente brinca para não chorar — Juninho diz mexendo nos fiapos da calça. — No seu caso, é você quem quer estudar, certo? — ele apoia o cotovelo na mesa e o queixo na mão. — Não acho que seja Adriano o cérebro da relação.

Ela ri: — Não. Adriano é maravilhoso em todos os outros sentidos, mas escola não é para ele.

— E é para você?

Ela suspira:

— Não é mais.

— Entendo. Não é para qualquer um mesmo.

Mais uma vez, Ísis sente a vermelhidão inundar as bochechas. É esse *qualquer um* que mexe com ela. Se Juninho soubesse o quanto odeia ser comparada a qualquer um, jamais teria dito aquilo. *Ela não quer ser qualquer um.*

É estranho que, por vaidade, as pessoas façam as coisas mais malucas. Entram em briga e até mesmo em guerras; dizem besteiras das quais se arrependem mais tarde, agem de maneira contrária ao verdadeiro caráter. Por vaidade as pessoas destroem coisas queridas e caras.

Nos próximos minutos Ísis abre o coração para aquele estranho. Fala sobre a briga, conta entre lágrimas que tudo que queria era ser alguém. Ela sabe que

Juninho a entende. Ela sente, simplesmente sabe.

Quando a tarde cai e a penumbra toma a oficina, ela decide que é hora de voltar. Adriano ainda não deve ter voltado, mas ela está mais leve. Mais preparada para encarar o quarto destruído e vazio.

— Ísis, sinto muito que esteja passando por isso — diz seu novo amigo. — Eu, ao menos, já me conformei que não posso, enquanto tiver que me sustentar, perseguir sonhos. Mas você? — ele a olha, e a maneira como a olha arranca dela um arrepio. — Você tem o mundo pela frente. Adriano não pode ser tão irresponsável, ele não tinha o direito de pedir contas.

— Ele não pediu — ela prensa a boca. — Eles o mandaram embora.

— Essa foi uma boa maneira de acabar com seus planos.

Ísis morde os lábios de maneira tão forte que o parte. Sente o gosto de sangue e a dor da pele rachada. Olha para o restaurante estancando o líquido ferruginoso, crispando a testa. *Adriano não apareceu no emprego por que queria ser mandado embora?*

Meu Deus, é claro que sim. Ele quebrou a casa inteira, e ela terá que repor tudo com seu salário. Ele a afastou de seu sonho. As lágrimas retornam, para o desespero de Juninho.

— Sabe do que você precisa, Ísis? — ele diz claramente querendo consertar o estrago que causou: — De uma cerveja gelada.

Ele sobe até o seu apartamento, em cima da oficina, e volta com duas garrafas.

— Não quero atrapalhar você — ela diz aceitando a garrafa suada.

— Tarde demais, estou totalmente envolvido na história. Ela pode ser a minha, amanhã.

Ísis pousa a garrafa na frente dos lábios, resfriando o corte. Em seguida leva o gargalo à boca.

— Ísis, eu sei que você não me pediu conselho, mas posso dizer uma coisa? Ela faz que sim, e Juninho se senta novamente atrás da mesa.

— Você sempre foi a garota mais inteligente do colégio. Sempre com um livro debaixo do braço, falando em ser médica. Você se lembra?

Ela se lembra, mas como é que *ele* se lembra disso?

— Sempre achei que você seria a primeira a deixar esse bairro para trás — ele diz dando um gole na cerveja. Seus olhos a queimam por trás do gargalo.

Ísis se encolhe no sofá, deixando-se lisonjear por ele. É estranho como essa sua parte precisa de afago. Por mais que Adriano a ame, seu intelecto não lhe interessa.

— Ei, ei — Juninho tira os pés da mesa e se inclina quando ela abaixa os olhos. — Desculpe, eu não queria te aborrecer.

— Não está me aborrecendo. É que, falando assim, parece que a vida que eu tive não foi boa. Ela foi. Ela é.

Ela só queria que ela fosse melhor.

— Você precisa voltar a estudar, moça — o olhar do rapaz é terno e compreensivo. — Preste atenção nessa palavrinha, Ísis. Você *precisa*. Por favor, não envelheça aqui nessa mesma rua, na mesma casa. Viaje, conheça o mundo. Não vou aguentar ver você daqui a alguns anos presa ao mesmo lugar, como eu.

Ísis não consegue explicar o que acontece com ela: aquelas palavras embalam e acalentam, tocam no ponto exato de sua dor. O peito finalmente se abre e a respiração flui depois de dias. Ela precisava ouvir aquilo, precisava dessa palavra simples: ela *precisa* estudar. Não é só um capricho, não é só um querer. Ela precisa.

— Converse com Adriano — ele finaliza.

Juninho anda até o arquivo de metal e abre a última gaveta. No fundo, atrás de manuais de diferentes tipos de carros, estão três apostilas. Seu sonho engavetado, uma visão triste e emblemática do rumo que sua vida tomou. Ísis olha fascinada quando ele pega as apostilas escolares e as coloca sobre seu colo.

— As aulas são à noite, e estão cheias de gente como nós.

Ela o olha, comovida. O que sente no momento é impulsivo e terno, uma sensação de enorme carinho por ele e pelo que ele está fazendo.

Juninho inspira, segurando o peito para que não se expanda demais e denuncie que alguma coisa nela mexe com ele:

— Eu costumava estudar durante tardes como esta. Nem sempre dava, claro. Às vezes chegava um cliente e eu tinha que esquecer toda essa história.

— Juninho, eu... eu não posso. — Ísis recusa a oferta. — Adriano não tem mais emprego e eu terei que cobrir as contas do mês. Não dá.

Seu próximo gesto a desconcerta. Ele se senta ao seu lado, e por um tempo a olha, preocupado. Em seguida — e sem que ela espere — ele a envolve em seus braços. Ele é quente e cheiroso, ela nota sem querer notar.

A voz de Juninho chega morna perto do seu ouvido:

— Moça, você é o rosto que me vem à cabeça quando penso em desperdício.

Ísis fecha os olhos. Uma parte dela — uma grande parte — ressentia-se horivelmente de seu marido. Quer que ele suma de vez, e pare de puxá-la para trás. Por que ele não pode superar suas dúvidas e dar-lhe crédito? Por que precisa ser tão turrão e inseguro?

— Você brilharia na faculdade. O mundo inteiro batalha pra aprender as coisas, e você veio com esse Q.I de gênio.

— Não tenho Q.I de gênio — ela diz encostada à camiseta perfumada.

— Não era isso que Tia Lurdes costumava dizer.

Ela se afasta do abraço. Os olhos do homem estão atentos nos dela, e sua boca rosada está à uma distância insegura. Tia Lurdes era sua professora da sexta série, totalmente convencida de que Ísis era genial.

— Tia Lurdinha sabia das coisas — ele brinca.

— Você a conhecia?

— Oras, eu era da sua sala! Eu já te falei, eu prestava atenção em você.

Ela ri, confusa, sem forças para se afastar. Suas mãos continuam nele, e as dele em volta dela, envolvendo-a protetora e perigosamente.

— Você tem um admirador — ele diz soltando-a quando a proximidade entre eles esquentava a sala. Ela se ajeita, balançando a cabeça para se recompor. É difícil parar de sorrir quando se ouve elogios antigos, aqueles preciosos que a fizeram sonhar com o impossível. Com o impossível que poderia ser possível, se ela quisesse.

— Está resolvido. Você vai levar as apostilas e estudar. Faça cópias e me traga as originais hoje à noite, que tal? Até eu fiquei com vontade de estudar, agora.

Ela aceita na hora.

— E quando você voltar, Ísis, já terei conversado com Seu Aníbal, do restaurante. Você só pode estudar se Adriano mantiver o emprego, não é? Pode deixar comigo, convencer seu Aníbal a segurar Adriano no emprego é fácil — ele pisca, charmoso. — O difícil é passar no vestibular.

Ísis deixa a oficina sentindo colibris revoarem no estômago. Deve ser isso que chamam de esperança, coisa que não conhece porque nunca sentiu. Corre até a papelaria mais próxima e pendura na conta três cópias encadernadas.

Não é possível que seu casamento seja tão frágil que não resista a essa decisão, pondera. Passa rápido em casa e confirma suas suspeitas: Adriano não voltou, e por segundos ela teme que nunca mais volte.

Por um segundo, ela teme que ele volte.

Ela retorna à casa de Juninho para devolver as originais com o peito cheio de coisas para falar. Para ele, para Adriano, para si mesma. A noite chegou, as ruas estão cheias de gente voltando do trabalho. Ela toca a campainha e ele a chama para subir.

Enquanto sobe as escadas, Ísis pensa em como já gosta dele. Bate à porta e ele abre, sem camisa.

— Venha cá — ele a chama até o computador.

Ele mostra para ela, na tela, o site de um programa do governo que oferece bolsas de estudo a alunos que precisam estudar mas não têm dinheiro. Ela senta ao seu lado, tocada.

— Juninho, isso é... — ela se distrai lendo a informação na tela, sem saber o que dizer. Em seguida olha-o agradecida, sem desviar o olhar. Seus olhos são duros e penetrantes, e estão cheios de desejos não falados. Ísis se arrepia, e no seu estômago sente um rebuliço geral.

Juninho se levanta, alterado pela proximidade. Some por um tempo, enquanto ela se recompõe. Quando ele volta, traz duas taças de vinho e uma garrafa. Ísis aceita a taça e o vinho.

— A gente deveria ter se conhecido antes — ela diz.

Ísis sabe que frase é dúbia. A frase não diz apenas sobre conselhos vindos tarde demais, e sim encontros que poderiam ter dado mais certo que outros. A quem ela quer enganar? Ela sabe que Adriano a puxa para baixo.

A expressão de Juninho, no entanto, é de quem entendeu a frase ao seu modo.

— Se você fosse minha, eu teria investido em você. Que pena que às vezes escolhemos pessoas que nos querem pequenos.

Ela para de respirar, porque Juninho acertou mais uma vez. *Adriano a quer pequena*. Ela olha novamente para o homem bonito que balança seu mundo de maneira perigosa. Tenta se lembrar o que Adriano mencionou sobre ele, mas não consegue.

Ela pousa o copo na mesa, dizendo sincera:

— Juninho, você foi a melhor coisa que me aconteceu hoje.

Ele sorri. Volta a olhar para o computador, os olhos azulando pela claridade.

— Eu falei a mesma coisa sobre você, anos atrás.

— Como?

— Todos os dias durante o ano em que estudamos juntos, eu olhava você chegar na sala e pensava: ela vai ser a melhor coisa do meu dia.

A frase a sobressalta. Mais do que isso: a frase a comove.

— Você nunca percebeu — ele alisa a taça e ri baixo.

Os braços de Ísis formigam pelo vinho. Seu corpo e sua mente desejam o elogio. Desejam tantas coisas que ela precisa se esconder atrás da borda do copo para perguntar:

—O que quer dizer?

Ele se vira:

— Quer dizer que eu a achava linda. Um passarinho, de tão magrinha, com esses olhos que derrubariam um exército. Eu era perdidamente apaixonado por você.

Ísis dá um gole maior do que deveria na bebida, e Juninho volta a olhar constrangido para a tela. Ele mexe no mouse, troca de página. Seus olhos clareiam ainda mais quando aparece a tela branca do formulário de inscrição.

Ela está tonta pela revelação. Quente, sentindo-se andar sobre uma corda bamba sem colchão.

Ele acaricia com o dedo do meio a superfície abaulada do *mouse*, delongando-se ali como se acariciasse a parte sensível de um corpo. Solta o mouse, pousa os dedos compridos sobre o teclado:

— Vamos lá, moça. Vamos colocar você aqui. Espero que se lembre de todos os dados do ENEM, ou terá que fazer isso sozinha, mais tarde.

— Por quanto tempo? — Ísis sussurra.

— Por quanto tempo o quê? — ele a olha.

Não faz mal eu querer saber, faz? ela pensa.

— Por quanto tempo gostou de mim?

— A vida inteira, oras.

— Ninguém é tão bom em guardar segredos assim, — fala baixo, segurando o peito para não ondular.

— Alguns são melhores que outros.

O olhar que trocam a arrepia. Ela olha para o peito liso e forte, vendo que ele está arrepiado também. *Nem pense nisso, Ísis.*

Juninho exala.

— Ísis, não quero que pense que ofereci ajuda por que quero beijar você — diz descendo os olhos até sua boca. — Mesmo que eu queira muito. Você é uma das memórias mais caras que tenho da infância. Você é maior que um beijo.

— Sou? — ela praticamente mia.

Mas que droga. Ísis sabe, já leu sobre isso tempos atrás: podemos nos defender de acusações e sermos imunes a grosserias, mas jamais resistiremos a elogios.

— Foi por sua causa que eu me interessei pela escola — ele continua, circulando o dedo sobre as letras. Ela pode jurar que seus dedos tocam as teclas *s, e, x, o*. — Posso não ter ido longe na vida, mas por sua causa cheguei até aqui. Foi você.

Ísis não nota em que momento levanta a mão e toca seu braço. Em que momento vê seus dedos acariciarem os pelos dourados da pele de Juninho desejando dar-lhe algo. Conforto? Afeição? Ela não sabe mais.

Ele sorri, ela acha. O gesto é tão minúsculo. Em seguida, ele se inclina e seus lábios encostam nos dela.

9. ABRA OS OLHOS



Ísis toma um susto, mas não o que imaginava tomar. Lábios carnudos envolvem quentes os seus, e uma língua afoita invade sua boca. *Eu mudei a vida desse homem, é o pensamento doce que pensa. Eu o fiz andar mais longe. Eu sou o rosto que vem à sua cabeça quando ele pensa em amor.*

Ela e sua vaidade tombam ali.

Não, Juninho não colocou nada na bebida. Não a atacou, nem forçou a nada. Foi pior que isso: ela foi seduzida.

Resista às palavras, se puder.

O corpo empurra para o lado o coração e a razão. Abandona o juízo jogando a cabeça para trás, sentindo, arrebatado, seus beijos seguirem do queixo ao pescoço. Uma onda de nervos a toma, um calafrio que a aterroriza e excita. Um calor indescritível cresce entre as pernas. Desejo, ela sabe o que é isso.

O peito musculoso do homem amassa o corpo frágil da garota contra a cadeira, e as mãos cheirando a graxa invadem seu cabelo. Ela sabe o que está fazendo, ela só não *deveria* fazer. Ísis suprime um suspiro quando ele mordisca seu queixo e corre as mãos pelos seus braços, ericando a pele. Ele gosta de causar aquilo nela. Ele a ergue por trás dos joelhos e a carrega até a cama.

Ísis não é jogada sobre ela, é deitada sobre o colchão com delicadeza. Olhos nos olhos, em uma intimidade estranha e sensual. Assim que ela acorda das sensações e o enxerga — *aquele não é Adriano* — Juninho imediatamente dispara, emocionado:

— Você é linda. — Ele se deita sobre ela e seu cheiro é inebriante, seus beijos uma carícia, um afago. — Eu cobriria o chão de flores para você passar, Ísis.

Ísis não sabe como responder àquilo. Não sabe porque cada gesto dele a distancia mais da imagem de Adriano. Ele se livra de sua calça e anda até a

cômoda. Mexe no relógio pousado sobre a madeira, ao lado de porta-retratos vazios, e o ajeita de modo que ela enxergue as horas.

— Você está vendo as horas? — pergunta com os olhos pesados de desejo. Ísis faz que sim. — Ela marca o momento que esperei a vida inteira para ter.

Ele se deita ao seu lado e volta a beijá-la. Explora deliciosamente cada recanto da boca, morde a fenda dos seus lábios. As pernas dele são macias e musculosas, e se embrenham entre as delas. Uma centelha de juízo ameaça emergir.

— O que estamos fazendo, Juninho?

Ele se afasta com os olhos úmidos, os polegares afagando carinhosamente seu rosto:

— Estou fazendo o que preciso fazer para não morrer — diz, rouco. Um lampejo se acende em seus olhos. Brilham, como se inflamados.

Frente àquelas palavras, tudo que Ísis faz é ceder. Capitular frente às investidas. Aquela é sua maneira de mostrar gratidão. Gratidão pelo seu amor.

A mão de Juninho corre pela sua barriga levando com ela a camiseta. Não é um toque, é uma necessidade.

— Depois de você, nenhuma outra terá importância — ele sussurra dentro da sua boca enquanto invade com um dedo a pele sob o sutiã.

Ela não responde, não consegue dizer nada entre as arfadas. Olha por entre a curva do seu pescoço para o teto espelhado, e vê seu corpo se contorcer.

A boca ávida desce pelo pescoço delicado até encontrar a camiseta suspensa. Ele termina de puxá-la para cima com os dentes. Ísis arqueja, auxiliando a retirada. Não pensa mais no marido, sua consciência foi eclipsada pelo desejo, está presa, encapsulada dentro de um corpo incandescente. Os beijos se intensificam quando as mãos de Juninho, afoitas, encontram as de Ísis sobre a cabeça e entrelaçam-se.

Ele a ganha ali, naquele gesto. Seu nariz roça no dela. Ísis morde o lábio machucado, ouvindo a respiração entrar e sair ruidosa, as mãos presas sob às dele entre os lençóis. Não existe maneira de domar o corpo uma vez que ele entra nesse estágio cru e carnal. Não há amor ou consideração que poderiam conter a locomotiva que desce, a todo vapor e sem freios, colina abaixo.

— Estou tão louco por você, Ísis — Juninho diz, procurando algo em seus olhos. Reciprocidade, ela teme. — Sei que não vamos nos ver mais depois dessa noite, mas hoje, só *hoje*, quero mostrar o quanto amo você.

Ela paralisa ao ouvir as palavras. Os olhos de Juninho se acalmam, e seu sussurro desliza pelo ouvido:

— Esse será nosso segredinho.

Deixar que ele a ame aquela noite é o modo de retribuir a veneração que

não sente merecer. *Nosso segredo.*

E a noite cheia de segredos enche-se também de pequenos rosnados. De dedos e saliva, de erotismo e virilidade. Ela desperta minutos depois banhada de suor, encharcada dele, em contato com sua pele fervente. Fazem, em segredo, loucuras. Permitem que apenas as sensações direcionem que caminho tomar.

Ísis mal consegue andar quando deixa seu apartamento, uma hora depois.

— Esse foi o sexo mais louco da minha vida — é a última coisa que ele diz antes de se levantar, virar o relógio para a parede e indicar a ela o caminho da porta.

Ísis chega em casa dolorida e atordoada. Entra e fecha a porta encostando a testa na parede, sem acreditar que cruzou *aquela* linha. Gira a chave na fechadura, acende as luzes e joga a bolsa sobre a mesa, notando a corrente de ar.

A sensação de luxúria a abandona, e o corpo enrijece. Ela fechou as janelas antes de sair.

— Adriano?

Ísis não sente mais as batidas do coração. Anda com as pernas bambas até o quarto, onde a luz está acesa. Ela não respira mais, parte por que ele voltou, parte por que transou como uma cadela no cio com o seu amigo. Ela o encontra de costas, olhando para a cama sem lençol; o cabide continua no chão, a cadeira em pedaços, o armário fora do lugar. Nem mesmo o lençol ela recolocou na cama depois que ele se foi. Tem dormido ali sem se importar com o cheiro de suor, com a sujeira que as lágrimas deixam no tecido encardido.

O coração sangra ao ver o contorno conhecido de suas costas, cujo traçado conhece de cor. Ela tapa a boca pra não gritar de arrependimento. Como pode ter feito o que fez?

— Amor?

Adriano não se vira. Ela sente — ela cheira no ar — que há algo errado. Ele respira com dificuldade, cada músculo seu retesando cada vez que inspira.

Ísis encosta os dedos em seu braço. O suor corre frio pelas costas, a sola dos pés encharca. Não é possível que ele saiba.

Naquela fração de segundo ela pensa em tudo. Faz uma promessa a Deus. Promete renovação de votos. Diz a si mesma que nunca mais repetirá aquilo. Ela faria naquele minuto qualquer coisa para voltar no tempo.

Adriano enrijece onde ela encosta. Em um instinto primitivo de fuga, ela dá um passo para trás. Ele nunca bateu nela, mas quando se vira, os olhos injetados

de vermelhos e a linha dura do maxilar travado, sabe que hoje pode ser a primeira vez.

— O...o que foi?

Ele exala o ar entre os dentes. Ela dá uma passo para trás. Em meio ao cenário de catástrofe, tem certeza de que não escapará do mesmo destino que a cama, a cadeira ou o cabide. Isis continua a andar de ré, até alcançar o corredor escuro. Adriano vem atrás, bufando com os punhos enrijecidos ao lado do corpo.

— O que vai fazer? — ela grita levando a mão à frente do rosto. *Não ultrapasse essa linha*, ela pensa entre pensamentos acelerados. *Não me faça denunciar você*. Ela toleraria qualquer coisa, menos uma surra.

Ele rosna, e um som gutural escapa de sua boca. O lamento de um bicho machucado.

Seu corpo colide contra o dela com a força de uma pancada, lançando-a contra a parede. Ela bate no reboco, sendo imediatamente amassada pelo corpo que sempre a tocou com amor. Adriano treme, duro e desafiante, fechando as mãos como grilhões ao redor de seus pulsos.

— Sua vadia!!

O berro entre dentes trincados dói mais que a pressão das mãos. Ísis tenta se livrar dele mas não consegue. Quanto mais se chacoalha, mais ele comprime a barriga contra a dela. De perto ela vê as lágrimas do marido entrarem pela boca aberta, onde os dentes estão fundidos aos outros. *Ele sabe*.

— Sua piranha, sua cadela!!!

Ísis não sabe como, mas ele sabe da traição.

— Amor — implora sem saber pelo que implorar. Ela quer confessar. Quer dizer que errou, quer morrer. Abaixa a cabeça e faz a única coisa que pode fazer: lamentar-se.

Os dedos de Adriano apertam desesperados sua pele. Ela sabe que ele procura dentro de si autocontrole, porque a vontade é dilacerá-la. Seus olhos vermelhos doem nela até os ossos. Ele larga o pulso e crava as unhas em seus braços. Sacode-a na parede uma, duas vezes. Ela se deixa sacudir, e as sacudidas se misturam aos soluços, tantos os seus quanto os dele. Ísis já não olha mais para ele, apenas fecha os olhos e deixa que as costas estalem contra o cimento tantas vezes ele queira chocá-la contra ela. Ela bate com tanta força da última vez que machuca a cabeça. Dói, mas ela não reclama. Sua dor o assusta e ele a solta. Ela chora convulsivamente, todo corpo espasmando de arrependimento.

Ísis desce arrastando as costas pela parede quando as pernas não sustentam mais seu peso. Vê Adriano de relance na penumbra, um vulto curvado e embaçado, longe de seu alcance.

— Por que? — Ele pergunta, mas ela não sabe o que responder.

Ela o traiu por vaidade, por circunstância. Porque não resistiu às palavras certas, ditas no momento errado. Porque aquele estranho parecia ter um roteiro de como chegar à sua alma.

— Por que, minha bonequinha? — ele geme, os punhos tapando os olhos. A frase é um punhal cravado em seu peito. Ela afunda o rosto nos braços e encolhe as pernas, envergonhada até os ossos. — Minha coelhinha — ele soluça.

Ela engatinho até ele, agarrando-se à barra de sua calça:

— Me perdoa, pelo amor de Deus. Não sei o que deu em mim, eu estava tão perdida sem você.

— Cinco dias, Ísis — ele diz entre soluços altos, sem acreditar que o fim tenha vindo em um espaço tão curto de tempo. Cinco dias foi o tempo que ele esteve fora. Volta a chorar, sem afastar a perna do abraço dela. Ela se enrosca nelas, incapaz de se envergonhar de seu desespero. Em momento algum pensou em terminar com Adriano. Ela ama aquele homem com todas as suas forças. Ela daria a vida por ele — e ela de certa forma, deu — mas naquele momento ela quis as palavras, o incentivo, o esforço do outro em entendê-la. Ísis não quer nem pode justificar a traição, apenas queria voltar no tempo e evitá-la. Não pode mudar essa realidade também: ela fez o que fez porque uma parte sua — uma parte importante da sua vida, ela descobriu aquela noite — foi banida por tempo demais.

E quando sufocamos gigantes, eles revidam.

— Você me matou, Ísis — ela ouve a voz vir de cima. Agarra suas pernas ainda mais forte, com ainda mais força. — Eu morri quando vi vocês dois juntos.

Oh, meu Deus, ele me viu.

Durante todo o tempo ele sabia o que estava acontecendo na casa de Juninho? A dor de Ísis expande e explode.

Ela ergue o rosto banhado em lágrimas, implorando por misericórdia:

— Me perdoa, meu amor, me perdoa, não sei o que ficou sabendo, mas tenho tanta coisa para dizer para você. Por favor, me ouça, eu imploro!

— Nunca mais quero olhar na sua cara, Ísis. Você acabou comigo. Eu pensei mil vezes em parar aquilo e matar vocês! — O rosto de Adriano está franzido e molhado. Ele mal tem coragem de olhá-la. — Eu colocaria minha mão no fogo por você, bonequinha. Por nós.

— Não faz isso comigo, Adriano, me deixa explicar!

Ele aperta as sobrancelhas, sem compreender:

— Justo com Geraldo, Ísis? Você é o quê, uma idiota?

Geraldo?

— Geraldo? — ela repete aspirando de volta a umidade que sai pelo nariz. Lembra-se que ele me falou uma vez sobre Geraldo. Um biscate que gostava

de...

..de filmar... mulheres...

Adriano sacode as pernas e Ísis cai como um inseto no chão. Os pontos vão sendo ligados. A situação vai fazendo sentido. Geraldo, o biscate que filma mulheres.

— Você fez o que eu jamais pensei que uma mulher pudesse fazer — ele olha para ela com nojo. — Você acabou com nosso casamento por causa de um cara que não vale nada.

Ísis enxuga as lágrimas enquanto as palavras de Adriano vão lentamente achando espaço e sua cabeça. *Geraldo Júnior.*

Ísis ergue os olhos, sem ver Adriano no cômodo:

— Mas... ele me deu força para estudar, ele...

Adriano bufa no outro quarto. Pega a mala debaixo da cama, soca as roupas dentro dela. Ísis quer se lançar sobre ele, impedi-lo de ir, mas está em choque. Seus braços e pernas formigam, quentes e letárgicos, como se já estivessem mortos. Em algum momento o desespero suplanta o choque.

— Não faça isso comigo! — ela volta a gritar, histérica. Não sabe mais o que a chacoalha, se são os soluços ou é uma convulsão. — Não me puna, Adriano, apenas me ouça!

— Punir você? — ele para na porta. Passa as mãos pelo cabelo revoltado, desarrumando-o ainda mais. O jeito como ele a olha a confunde: ele sente naquela fração de segundos mais pena dela do que raiva. — Você não faz ideia de como foi usada, faz?

Adriano volta dois passos. Seu Adriano, aquele por quem se apaixonou à primeira vista no corredor da escola, com quem imaginou passar o resto dos seus dias está indo embora. Mas antes de partir ele tem uma mensagem.

— O seu celular – ele pede.

Ela tira o celular do bolso e o entrega, trêmula. Ele digita alguns comandos, e ela acha forças para se levantar.

— Não vai achar nada aí, meu amor, foi uma noite só.

Ele devolve o celular com expressão de dor renovada. Na tela, um vídeo de um canal de sexo online começa a passar. A voz de Ísis no fundo, copo de vinho nas mãos; Geraldo/Juninho roubando um beijo dela.

A memória vem, punitiva.

Quem é Geraldo? Ela perguntou meses atrás, desinteressada pela história que o marido contava. *É um cara que tem uma horda de seguidores na rede, sempre no aguardo das transmissões on-line.*

A câmera mostra quando ele a ergue no colo e a deita na cama. Ali a cena muda, e Ísis está sendo filmada em cores e som por outra câmera. Uma que só

poderia estar posicionada sobre sua cômoda.

Está vendo as horas? Ela marca o momento que esperei a vida inteira, o calhorda diz.

Em seguida ele deita sobre ela.

O asco arrebenta o peito, a pele quer descolar dos ossos como se não desejasse mais fazer parte dela.

Adriano vai embora, mas no momento Ísis não tem condições de tirar os olhos do aparelho. A cena que se desenrola é novelesca, nojenta e trágica no sentido mais sádico da palavra. Ela de olhos fechados, entregue, enquanto Juninho se vira para a câmera, sorri com malícia e pisca o olho.

10. CONSIDERE A DÍVIDA PAGA



ANA LAURA

O clube não tem pressa. Segue como se o mundo ainda girasse em 1901, o que é um problema para Linda, que vive ligada nos 220. Linda reclama do ritmo, mas Bárbara defende-se dizendo que *'o caminho do autoconhecimento segue o ritmo das antigas manadas: em uma estação caminha, na outra para.'*

— Autoconhecimento, sei. Desde quando vingança mudou de nome?

Ísis e Ana riem, mas Bárbara não. Ela está falando sério.

A parada só não é mais morosa por que o grupo se interessa por Janine, e embora Bárbara não tivesse em mente deixar sua guarda-costas falar, abre uma exceção para Janine contar sua história. Assim que ela abre a boca, o clube entende que a moça silenciosa, embora não tenha sido traída nem traído ninguém, sofre como se fosse uma profissional do sentimento. Toda aquela perfeição em sofrer exigiu prática: sofrer em silêncio é o que ela fez a vida inteira.

Se Linda tinha qualquer dúvida quanto ao caráter moral do grupo (para constar, Linda se considera suficientemente amoral para não ligar para seu caráter), já não tem mais. O clube a apresentou aos pactos e exigiu que suas alianças passassem a ser, a partir de agora, com ela mesma. O grupo também acolheu Janine, e só por isso a executiva conclui que o clube é bem melhor que ela mesma.

A história de Janine é simples: digamos que Bárbara não lida apenas com reuniões onde bolinhos enfeitados com raspas de limão rodam entre mulheres amarguradas. Bárbara lida com vingança, e quem mexe com esse tipo de monstro precisa de um guarda costas.

Foi depois da noite em que ouviu Janine contar sua história que Linda

começou a refletir sobre assuntos que nunca refletiu antes. Sobre sua condição como mulher no mundo, por exemplo. O que ela, como produtora, causa às mulheres e o que deixa que outros façam com elas. Foi depois que Janine falou que Linda também passou a questionar o que é ser mulher.

Porque, ao contrário das outras presentes, Janine não nasceu mulher. Ela se tornou, — sob artilharia pesada —, uma.

Linda dá mais um gole no café enquanto os olhos vazam as cinco telas que mostram de diferente ângulos o interior da mansão. Em nenhuma delas ela vê as meninas, e se não estivesse tão mergulhada em pensamentos teria se dado conta que não ver alguém é mau sinal.

O burburinho da casa nunca cessa. Embora tenham no momento apenas 13 meninas, os ânimos ali são sempre o de *Godzilla versus Nova York*. As últimas eliminações levaram todas ao limite, o príncipe anda visivelmente impaciente com o calor do Brasil (e com a ladainha infundável das jovens), e grupinhos se formam e se desfazem com a velocidade de flechas cortando o ar.

Ela termina o café quando ouve a notícia que trabalhadores do show business empurrariam virgens para o sacrifício para ouvir:

— Linda: briga!

O grito vem pelo rádio. É Robson, o *cameraman*. A reação é como ouvir “fogo!” na floresta, ou “tudo por 1,99” no shopping.

Penas. Penas voam dentro do galinheiro. Linda ama penas.

— Robson, cadê você?

Robson não responde. Ela pega sua pasta, o celular, enfia o microfone extra que sempre traz de reserva no bolso e dispara estúdio afora. É briga. É sangue. Notas nas revistas de fofoca, matéria especial na primeira capa. Briga é sinônimo de sucesso em sua área: se tanto na guerra quanto no amor vale tudo, imaginem na mistura entre os dois.

Assim que sai pela porta dá de cara — na verdade, de peito — com Henrique.

Henrique.

Linda consegue ouvir *Mon amour, J'etaime* ao som de violinos no fundo. Em câmera lenta, os cabelos encaracolados de Henrique caem revoltos sobre os olhos claros. Seu odor escapa da pele morena como se fosse fumo de testosterona. Linda finge confusão pela trombada — qualquer outro ouviria dela palavrões de baixo calão. Olha sem palavras a camisa apertada contra os músculos, implorando para ser rasgada. Ela rasga. Rasga tudo, com os dentes, em pensamento. Tira os olhos dos mamilos arrepiados que pulam sob a blusa e mira seus olhos. Deus, ele parece tão perdido.

Literalmente perdido.

— Linda, o babado é forte. A *mulerada* tá querendo se matar no poleiro.

O disco arranha, a musica romântica vira guinchos estridentes. Linda pode chamar a casa de poleiro, mas não ele. Principalmente se o rádio estiver ligado, como está agora.

— Cadê o Robson?

— Não sei!

Linda arrasta as mãos no rosto, impaciente. 'Não sei' é a resposta errada, ela não aceita 'não sei.' A mulherada está brigando justamente no corredor de cima. Ela sabia que tinham um ponto cego ali, e elas sempre resolvem brigar ali.

— Você tem que saber! — ela grita com o garoto. — Estamos pagando uma fortuna para o *cameraman* extra por causa daquele maldito ponto-cego!

Henrique dispara atarantado estúdio afora, à procura de Robson. Linda vocifera alguns palavrões sobre seu intelecto, andando de um lado para o outro. Henrique deixa o lugar mais bonito, mas não ajuda muito mais que isso.

Segundos depois ele volta correndo, sem encontrar Robson. Em seguida, pelo rádio, Robson grita que está dentro da casa e que está com medo. Linda checa para ver se está tudo lá; precisa salvar o homem. Em vez de se preparar para partir com ela, Henrique barra sua passagem:

— Linda, você está bem?

Seus olhos encontram os dela. A consciência do relampejo interessado chega um segundo atrasada. Antes que consiga se conter, seus dedos rodopiam para o céu, e sua voz sai alterada:

— Você me parou para perguntar se eu estou bem? Você ouviu o anúncio de briga?

Ela o contorna, sem esperar pela resposta. Uma briga entre concorrentes e ele quer saber como ela está?

Mas à medida que anda, vai se sentindo estranha. Henrique frequenta seus sonhos, é matéria de devaneios e delírios, não da realidade crua que vive. Jamais esperaria dele qualquer investida, *afinal aquilo não foi uma investida, foi?*

Ela olha ressabiada para trás. *Neh.*

Mas aquele olhar parecia ser de interesse.

Neh, ele só queria saber como estou.

Linda e Henrique acham Robson mais adiante, nervoso. Ele conta que duas meninas se pegaram. Que tentou apartar a briga, mas levou um chute e a câmera foi derrubada por Margô. *Urgh, sempre Margô.* Linda tenta se concentrar na explicação de Robson, mas volta para as nuances da frase e do olhar de Henrique. Para a boca perto demais do seu rosto. Aquele 'você está bem?' é mais analisado nos próximos minutos que o mercado pela bolsa de valores. *Será que ele estava apenas puxando assunto comigo?* Só de pensar na possibilidade do

que isso pode significar, suas axilas encharcam. Ela começa a chacoalhar a blusa para secar a pizza que se forma debaixo dos braços, pressionando as sobrelanceias e fingindo interesse. *Você acabou de ser grossa com o menino!*

Linda inspira, procurando forças no ar. Ela precisa apagar (ou jogar gasolina) em um incêndio e só consegue pensar no calor que aquele homem lhe causa. O cara poderia ser o próximo namorado da Madonna, poderia até mesmo estampar a capa da G Magazine e, só por isso, mereceria mais paciência de sua parte.

— E foi isso — Robson finaliza. Linda faz que entende, sem ter entendido nada. A porta da mansão está aberta e os gritos ecoam pelos cômodos, agudos. Assim que os três ameaçam entrar na casa, um sapato voa a centímetros do rosto de Linda. Henrique e Robson colam as costas na parede externa da mansão; Henrique puxa Linda, e ela esbarra em seu corpo.

— Cuidado — ele diz perto de seu ouvido. — Se um sapato desses voar em você, seria um *pobrema*.

Robson espia pela fresta e confirma que os seguranças entraram na casa. Linda se esquece da confusão, sequer se interessa por ela no momento. Olha para os céus, pensando desanimada em todas as pesquisas que atestam que homens de vinte e quatro, a idade de Henrique, são touros na cama, independente se chacinam a ortografia ou cometem atrocidades contra a gramática. A gritaria dentro da casa reinicia assim que os seguranças contêm as meninas. Quanto a Linda? Linda fantasia a noite: Henrique gritando *pobrema* em seu ouvido, ela cavalcando nele como se ele fosse um touro.

A gritaria para. Robson olha para a diretora, o mundo volta a girar e ela acorda. Linda dá bandeira verde para a filmagem e Robson entra com tudo.

—Filma tudo! — ela grita, deparando-se com um cenário de pós-guerra.

A sensação inebriante de estar ao vivo a invade. A adrenalina se compara a chegar em um concerto de rock, ou se deparar com uma festa surpresa de aniversário. Aquilo é mais do que ela poderia sonhar para o final de tarde. *Aquilo é barraco!*

Penas voam para todos os lados. Não penas metafóricas; penas de verdade. Ela estende a palma e vê uma pluma pousar sobre ela.

— Alguém rasgou um *edredon* — Henrique sussurra em seu ouvido.

Linda bate no braço do *câmera* para se posicionar; ela quer tudo. Vai ficar lindo na tela, esse monte de pena.

Por todo o andar garotas repartem-se entre pró- e contra-alguém. Linda não sabe ainda quem está metida na confusão, mas sabe que vasos de porcelana da dinastia Ming viraram farelo no chão, cortinas despencam dos bastões e há comida espalhada por todo lugar.

— O que é aquilo, sangue? — ela aponta excitada para uma poça vermelha.

— Acho que é suco — diz Henrique.

— Que pena! — Linda solta o trocadilho, mas Henrique não entende.

As meninas estão fugindo da câmera porque sabem que vai ter zoom na cara borrada, e cabelos desgrenhados. Robson aparece no alto da escada, câmera sobre os ombros, e gira o dedo para mostrar que está gravando. Linda sobe os degraus acotovelando quem está na frente. O show é dela.

— O que está acontecendo? — pergunta baixo para um dos seguranças para que sua voz não saia na gravação. O segurança gesticula indicando o quarto. Duas garotas, ele indica com o indicador e o pai-de-todos. Briga de puxar o cabelo, ele puxa seu próprio cabelo.

— Pelo que?

— Pelo príncipe, oras! — Robson solta de saco cheio.

Henrique encosta ao lado de Linda no corredor, e a beirada da sua calça roça em sua cintura. Seu cheiro é indecente, de tão bom.

Margô, uma das criaturas do panteão dos monstros da casa, sai do quarto soltando fogo pelas ventas. Ela aponta ameaçadoramente para alguém lá dentro e berra:

— Você é uma vadia, e vai se ver comigo!

Mirella, aspirante a monstro, segue Margô tentando consolá-la:

— Não fique assim, a direção vai cortar a briga, não vão colocar nada no ar.

Linda rola os olhos. *Até parece.*

Ela não vê quem está no quarto. Coisas ainda voam porta afora, e ela não quer ser alvejada por nada. A voz grossa de Ramona faz o grupo recuar. Ramona é uma das participantes que mais traz polêmica ao show por sua postura masculinizada; além de bruta é territorialista, coisa que Margô, uma das preferidas do príncipe, também é. Ramona coloca o rosto na porta, gritando para as duas que acabaram de sair:

— Vadias são vocês, que jogam baixo para aparecer! Da próxima vez vou dar na cara das duas!

Ela não se importa que exista uma tropa filmando a confusão; com o tempo, participantes de *realities shows* passam a ignorar as câmeras. Linda checa a câmera de Robson. Luz piscando, ótimo. *Continuem gritando, meninas.*

— Ela destruiu o meu vestido! — alguém choramanga dentro do quarto. — Destruiu tudo! E as regras são claras, não tenho direito a outro! O que vou usar no baile de gala? Me diz, Ramona, o quê?

Silêncio. Pelas frases, dá pra montar a confusão. Uma rasgou o vestido da outra. Henrique olha para Linda, e ela acha por um segundo que ele também captou o que aconteceu. Ele enfia a mão no bolso, tira um chiclete e sussurra:

— Entendi foi nada.

Mas ninguém é tão bonito quanto ele, ela pensa tentando manter o otimismo.

Ela dá um passo em direção a porta, indicando para Robson que continue filmando. Todos lá embaixo aguardam em suspenso, todos – com exceção de Henrique – entendem a situação. A menina não tem vestido, apenas a roupa do corpo e o pijama. Em três horas, elas se apresentarão para o príncipe em um baile de gala. Isso vai dar ibope.

Linda enfia o rosto no vão da porta. Assim que vê quem é a menina chorosa, para no lugar. Robson tromba nela, Henrique colide com Robson.

A garota chorosa é Priscila. Uma coisinha miúda, franzina como um bichinho com fome. A mesma garota que semanas atrás entregou a Linda o cartão do Clube.

De súbito, é como se Linda visse uma irmã chorando no quarto.

Ela volta para o corredor. Priscila a viu, e um mundo de coisas foi trocado no olhar. Linda precisa pensar rápido, mas principalmente, pensar *direito*.

A menina não tem vestido porque a outra o rasgou. Não consta nada no regulamento sobre punir a sabotadora, mas o regulamento é claro sobre não ter a roupa pronta, na hora, para o evento: a participante que não for ao evento é automaticamente desclassificada. Resta a Priscila duas opções essa noite: 1) ser expulsa e voltar para casa; 2) ser feita de chacota nacional por ir ao baile de pijama.

Linda respira fundo, sem hesitar. Coloca as mãos no alambrado que corre por todo o corredor, o único ponto cego da casa. A multidão a olha atenta do primeiro andar. Seguranças, equipe técnica, redatores, assistentes de produção: todos celebram o derramamento de sangue, e estão todos como Linda estava um minuto atrás.

Linda limpa a garganta:

— Atenção. Sabotagem é inadmissível no meu show. Sei que drama vende, mas não vou tolerar isso. Henrique — ela se vira para o assistente. — Arranje uma duplicata do vestido que enviamos para a candidata Priscila e coloque em seus aposentos. Quanto a Margô, vamos estudar as filmagens. Se ficar claro que foi sabotagem, ela terá no próximo jantar vinte minutos a menos com o príncipe. Estamos entendidos?

A multidão entende, mas não reage. Onde está o sangue? Sangue é ibope, o resto é homeostase.

— Vamos, circulando. Temos um show para editar.

Antes de partir, Linda dá uma última olhada para o quarto. Priscila a olha sem palavras, como se a agradecesse e ao mesmo tempo, duvidasse que aquilo

acabou de acontecer.

— Considere minha dívida paga — Linda murmura para a menina.

Ao se virar, a diretora paralisa frente à visão inusitada: da porta principal, atraído pela confusão, está o príncipe.

A confusão ultrapassou os muros da mansão e chegou aos seus aposentos, na mansão ao lado. Claro que frente ao bafafá ele quis saber o que estava acontecendo.

Seu porte é, na falta de outra palavra, real. Alto, bonito, com aquele bronzeado que apenas os europeus do Mediterrâneo têm. Ele observa a tudo muito sério, com aqueles seus olhos cor de turquesa. Camisa polo, mãos nos bolsos da calça de corte impecável. No que pensa Linda não sabe, mas se corre inteligência pelo seu sangue azul, sabe que ela acabou de matar, com seu gesto, muitos pontos da audiência.

11. CASTELO DE CARTAS



Bárbara, você tem um segundo? — pergunto ao final de nosso quinto encontro.

Bárbara interrompe a busca da chave na bolsa e levanta a cabeça.

— Claro, querida. Como posso te ajudar?

Pego ar e umedeço os lábios, abordando o tema com cautela:

— De onde conhece os Diniz?

Bárbara para de procurar a chave, ganhando tempo.

— A família Diniz é uma velha conhecida.

— Se os conhece a tanto tempo, imagino que conheça também o membro desaparecido.

Ela não se dá ao trabalho de subir as vistas, continua a fingir que mexe na bolsa:

— Cesar Diniz, eu suponho?

O calafrio desce pela coluna à mínima menção do nome. Há anos tenho essa reação quando o nome de César é mencionado. Uma sensação ominosa, que esfria o peito e me enche de algo sem forma, que chamo hoje apenas de medo e rancor. O rancor é herdado, não cheguei a conhecer meu pai. Mas sinto como se o conhecesse, como se cada célula do corpo soubesse quem ele é.

— Ele mesmo.

— Sim, eu o conheci.

A saliva desce grossa. O que mais Bárbara saberia a respeito de seu paradeiro, já que esta é a mulher que me achou em choque na sala de advocacia, vendendo em sigilo a minha alma?

— O que sabe sobre ele?

— O que quer *saber* sobre ele? — ela me devolve.

— Quero saber onde ele está.

Primeiro Bárbara pausa, em seguida ela solta uma risada discreta:

— Não sei onde ele está. Sei o que todos sabem: que ele deu o golpe em um banco e desapareceu com o dinheiro. Acredite, Ana: se houvesse algo para saber sobre ele, eu saberia.

Sua resposta deveria me emudecer, mas não emudece.

— Qual é o seu interesse nesse homem? — ela questiona.

Observo Janine acender o cigarro encostada no Mercedes, vendo o interesse de Bárbara crescer na periferia da visão. Tento soar casual, mas não demais — apenas o suficiente para *parecer* que quero soar casual:

— Guilherme e seu pai perdem o chão toda vez que pergunto sobre ele. Quero saber por que, e se podemos usar César contra Guilherme.

Bárbara investiga meu rosto, sem acreditar em mim.

— Acha que ele está escondido na Itália, como a mídia às vezes veicula? — pergunto unido as mãos e estalando propositalmente dois dedos.

— Não sei — ela responde olhando para minhas mãos.

— Eu gostaria de saber como ele era.

Bárbara sorri.

— Isso eu posso te dizer. Ele era bonito e envolvente. Um elegante sedutor, como todo bom sociopata.

Sorrio também.

— Quanto bem o conhecia?

— Eu o vi algumas vezes — ela olha ao redor, e sei que está mentindo.

— E?

— Bem, eu diria que desde jovem havia algo de errado nele.

— Errado como?

Ela volta a me olhar. Acerta os óculos sobre o nariz e ergue um ombro:

— Aquele homem não tinha uma célula boa em seu corpo. Na verdade, suas células não poderiam ser mais *Dinizianas*. — Ela brinca, repetindo a pergunta: — Gostaria de entender melhor seu interesse por ele, Ana.

Faço um gesto de desmerecimento com as mãos:

— Oh, não é nada. Curiosidade, só isso. Qualquer informação sobre os Diniz pode ser útil para o Clube. Especialmente uma como essa, com o poder que tem para manchar a reputação deles.

Bárbara aperta os olhos:

— Ana, o que está aprontando?

— Eu? Nada!

A idosa estuda a minha reação. Por fim, exala calmamente, como se buscasse paciência para dizer a frase seguinte:

— Ana, preste bem atenção. Não posso ajudar você se não souber tudo que está acontecendo. Você está mentindo e eu sei.

— Não estou mentindo — minto.

— Se quiser vingança, terá que seguir o meu roteiro.

— Eu seguirei.

— Não posso garantir a sua segurança e a do Clube se desrespeitar essa ordem, entendeu?

Abaixo a cabeça e faço que sim. Eu entendo.

— Ótimo. — Ela se vira para partir, mas seguro seu braço. Ao ver que toco em Bárbara, Janine se aproxima.

— Tenho outra pergunta.

Bárbara indica a Janine que está tudo certo.

— Sim?

— O que é o Castelo de Cartas?

Bárbara arqueia as sobrancelhas:

— De onde tirou esse nome?

— Li uma mensagem no celular de Guilherme. Ele irá ao ‘Castelo’ esse fim de semana, e tenho a impressão que se encontrará com alguém. Achei que se soubesse do que se trata, poderia usar o que conseguisse contra ele.

Bárbara exala, pensativa.

— O Castelo de Cartas é um clube privativo.

— Um clube? — Acho graça que Guilherme também faça parte de um. — Clube do quê?

— De sexo.

Franzo as sobrancelhas.

— O Castelo de Cartas é um clube para cavalheiros. Alto nível, seletivo. Homens da elite costumam se encontrar lá para fechar negócios e discutir o futuro do país.

— Eu nunca ouvi falar sobre isso.

— Você realmente vai ver coisas inimagináveis ao lado de Guilherme.

— E é aberto a mulheres, também?

— Só as que estão lá para fazer sexo.

Arregalo os olhos. Não por puritanismo, mas por nojo. *Em que momento da vida Guilherme não está com outras mulheres?*

— Isso é tão nojento.

— Isso é o mundo que aguarda você. — Bárbara se aproxima. — É isso que quer para a sua vida? Ser uma mulher decorativa como sua sogra, sem abrir a boca ou questionar o que eles fazem?

A menção a Sarah me desperta.

— Você conhece a minha sogra?

— Não é esse o ponto — Bárbara desconversa. — A questão é como os

Diniz encaram o casamento. Para eles, suas mulheres são um modo de manter suas fortuna, e tenho pena das que caem em suas teias. É aquela velha história: mulheres avulsas tendem a procriar, e crias significam distribuição de espólio. Por isso casam-se – e apenas por isso. Você merece coisa melhor.

— Eu sei — respondo. — E sei como isso é nojento.

— Bem vinda à indignação de nossa fundadora.

Sorrio, alisando sua mão:

— Obrigada por responder às minhas perguntas.

Aceno para Janine e ando até o carro. Abro a porta, mas antes que me sente atrás do volante, Bárbara me chama:

— Ana?

Viro-me para olhá-la.

— Não sei porque gostaria de vê-lo com outras, mas providenciarei convites para o Castelo de Cartas, no sábado.

Sorrio agradecida. *Eu sabia que você providenciaria, Bárbara.*

— Como sabe que ele estará lá no sábado? — pergunto brincando com o molho de chaves.

Bárbara sorri, mas não me conta.



A mensagem de Bárbara, no sábado, diz apenas:

Fique pronta às oito. Vista algo indecente.

Escolho um vestido decotado que deixa curva dos seios e as pernas à mostra, e quando Janine estaciona o carro de Bárbara na frente do prédio eu já as aguardo. Bárbara está no banco de trás, vestida inteiramente de preto, e tem uma máscara e um convite entre os dedos.

Estendo a mão para pegar o convite, mas ela o tira de meu alcance:

— A entrega do convite está condicionada a alguns acordos.

— Quais?

— Você deve entrar às nove no castelo e sair exatamente às dez. Não interessa o que veja ou deixe de ver, se eu não encontrá-la às dez no estacionamento, partirei sem você. De hora em hora os seguranças fazem uma varredura nos carros estacionados, e não quero chamar atenção. Não arriscarei meus planos por causa dos seus, estamos entendidas?

Faço que sim e estico a mão até o convite, mas ela ainda não me entrega:

— Não deveríamos estar ali, e não pretendo ser pega.

— Não seremos pegas.

— Tome a máscara — ela me entrega a máscara de couro preta. — Não a tire em momento algum, independente do motivo. Há câmeras por toda a parte, e na menor das suspeitas, alguém poderá pedir as filmagens e reconhecer você.

— Não tirarei, eu prometo.

— E Ana — ela diz apontando para um adorno cravejado de cristais escuros: — Acoplada à máscara está uma micro câmera. Procure Guilherme e filme-o o tempo inteiro, qualquer coisa pode vir a ser útil no futuro. Uma última coisa: você pode se chocar com o que verá. Não demonstre choque; aja com naturalidade.

Dirigimos por uma hora até o Recreio, onde deixamos o prédio e construções para trás e adentramos um pequeno bosque afastado da movimentação das grandes avenidas. Não conversamos durante o trajeto. Aproveito a escuridão para soltar o cabelo e ajeitar um aplique ruivo que ela me estende. Coloco a máscara, e Janine me maquia na lateral de uma longa estrada de terra. Batom escuro, sombra negra. Eu mesma não me reconheço quando me olho no retrovisor.

— Preste atenção, Ana. — Bárbara diz com a mesma tranquilidade com que nos serve chá no clube. — Se Guilherme reconhecer você, não mencione o clube, nem meu nome. Aja como uma amante abandonada, alegue ciúmes. Apenas aguarde, e tão logo consiga, pensarei em um modo de tirar você da enrascada.

As vísceras se contorcem ao imaginar o cenário.

— Você fala como se soubesse que algo vai acontecer.

— Não, querida. Eu ajo como se algo *pudesse* acontecer. Repetindo: culpe o ciúmes. Diga que viu a mensagem e pesquisou sobre o Castelo de Cartas, que quis segui-lo.

— Não vai acontecer nada — pouso a mão a maçaneta. Minha mão treme ao abri-la.

— Saberemos às dez.

Saio do carro apertando o convite entre os dedos. Atravesso o caminho iluminado por lanternas ao lado de mulheres ricamente vestidas e casais mascarados, até os limites da mansão. Por toda a parte, seguranças armados. Os motoristas aguardam dentro dos carros estacionados sob as árvores, na mais completa escuridão; ninguém desconfiaria que dentro da SUV escura está Bárbara e Janine, a menos que fossem escolhidas para uma revista.

Olho ao redor. Por todo lado, só enxergo o recorte negro das árvores contra o céu azul escuro. O salto cola na sola dos pés, e o coração bate tão

violentamente que temo ser perceptível a olho nu.

Repasso mentalmente o plano. Achar Guilherme, aparentar tranquilidade, encostar em algum lugar para ouvir a conversa entre ele e o antigo patrão de minha mãe. *Será que Bárbara sabe sobre ele?*

O que José Llosa está fazendo aqui, e por que sinto que isso diz respeito a mim?

Apalpo o vídeo da máscara, sabendo que Bárbara vê o que eu vejo. Ela grava tudo, e sei que quer saber o que Guilherme está aprontando aqui tanto quanto eu.

Acho o delicado botão escondido sobre um cristal e desligo o vídeo.

Na entrada da mansão, um homem de dois metros de altura, vestido de terno e gravata, recolhe em silêncio os convites. Estendo-lhe o meu, um cartão retangular onde cartas de baralho espalham-se pintadas à mão pelo *couché* de espessura generosa. As mãos tremem e o segurança percebe, mas não diz nada. Entro no casarão.

O *hall* iluminado mostra flores em vasos e enormes espelhos que batem no teto. Toda a parede está coberta por um rico e rebuscado papel em tons de vermelho. Duas escadarias levam ao segundo andar, e no centro do hall, a muitos metros de altura, um candelabro dourado ilumina a entrada. Sigo o casal que entra logo depois de mim, como se os acompanhasse. Eles entram em um cômodo escuro, e vou atrás.

O silêncio do bosque dá lugar ao ruído alto e abafado. Uma música rítmica mistura gemidos e batidas e o cheiro é de ar condicionado e fumaça. A primeira impressão é que estou entrando em uma boate. Quando a visão se acostuma à penumbra, a cena me rouba o ar.

Enormes divãs e sofás *lounge* se espalham pelo salão, onde, por toda parte, enroscam-se corpos nus. Mãos, pernas, braços, bundas, cabeças em beijos alucinados, carícias explícitas, sexo às vistas de todos. Cada homem e mulher naquele lugar se conecta a outros por pelos menos dois outros orifícios, e ao perceber isso algo doce e acre, um pouco dos dois, sobe em direção à garganta. O emaranhado de corpos exala a lascívia, desejo carnal, tesão. O som que vem da sala, por baixo da música hipnótica, é um gemido comprido, uma conjunção de vozes roucas e contínua. A orgia cheira a esperma e suor.

O casal que chega na minha frente para. Entrega a homens encasacados os seus pertences. Ela desce as alças do vestido e revela o corpo nu; ele abaixa as calças e as cuecas, desabotoa a camisa e a estende ao cavalheiro discreto que evita olhá-lo. Sem qualquer peça de roupa, eles dão as mãos e andam procurando espaço para os pés entre o ninho de corpos, como banhistas em uma praia de

nudismo experimentando a temperatura do mar. Ela acha uma brecha e é puxada por braços; ele tomba sobre uma mulher de pernas abertas e desaparece camuflando-se na multidão. A horda faminta de prazer os engole.

O ar some ao redor. O encasacado me estende a mão, e olho dez vezes para ele e sua mão, sem aceitar que é minha vez de entregar a roupa. Dou meia volta ofegando, sentindo o coração enviar sinais de que vai falhar. *Fuja*, ouço vir dos ossos. *Vá embora daqui*. Mas eu continuo a entrar, movida por uma vontade maior de saber mais, saber que movimentos Guilherme está planejando, saber por que trouxe um fazendeiro do interior para cá.

No salão seguinte, enormes cortinas escuras e pesadas isolam o interior da curiosidade *voyerista* do exterior, mas o que acontece ali, na penumbra, deve ser ainda pior porque não consigo ver quase nada. Vultos se remexem entre aquele som estranho, aquele gemido lastimoso e a mesmo tempo, sensual. Ao lado das cortinas, garrafas e taças altas oferecem bebida gratuita e farta.

Escondo parcialmente o corpo atrás do tecido grosso da cortina até que os olhos percam o aspecto de assustados e as mãos parem de tremer. Olho ao redor, tentando em vão reconhecer Guilherme entre cabeças escuras, mas só vejo mascarados.

O peito é uma confusão de sentimento e sensações. A cabeça tenta organizar as ideias, mas elas estão soltas e espalhadas. O nariz continua franzido de nojo, de imaginar que tantas vezes fui trocada por... *aquilo*. A saliva não consegue descer porque a glote fechou. Sinto-me pequena e recolhida. Barata. Tento esconder o nariz da roupa para me livrar do cheiro de sêmen que empestia o ar. *Preciso sair daqui*.

Observo um caminho livre na lateral do salão que leva a outro ambiente, aparentemente livre de corpos. O caminho, descubro logo, é reservado para alguns observarem a orgia sem participar. Alguns homens e duas ou três mulheres observam de pé no local reservado; um deles tem as mãos dentro da calça, e elas se movem. Outros escondem-se perto de mim, até mesmo atrás das cortinas, como eu. Mas o mais chocante é que em alguns lugares do salão há espelhos cobrindo as paredes, como aqueles vidros vistos em delegacias para proteger a identidade do observador. Quem se encontra por trás daqueles vidros, só Deus sabe.

Escondo parcialmente o rosto entre o aplique ruivo e atravesso decidida o salão. Ao passar por um grupo que se esfrega ao outro no chão, sinto uma mão no meu tornozelo. Olho para baixo. Uma mulher de longos cabelos espalhados pelo chão me olha lânguida. Ela tem um dos seios na boca de um homem, o outro na boca de uma mulher enquanto é, em um vai-e-vem rítmico e brutal, devorada por outro que a penetra sem piedade. Quero gritar ao sentir o apertão,

quero dar uma sapatada em seu rosto e pedir que me largue, mas respiro fundo, olho para ela forçando um sorriso e balanço a cabeça que não. Ela me solta, volta a fechar os olhos e se perder em um labirinto de sensações.

Deixo-o para trás com as vísceras enroscando-se na barriga. *O que farei se vir Guilherme no chão, tomado por mãos? Se o vir sobre alguém, ou debaixo de outro?* O arrepio toma o corpo inteiro de imaginá-lo aqui. Quero vomitar só de pensar que em breve terei uma aliança com seu nome em meu dedo.

Deixo o salão, que mais se assemelha a um ninho de cobras, e entro em um local completamente diferente. Este tem paredes claras, os espelhos são modernos e as luminárias, contemporâneas. Garçons musculosos circulam apenas de shorts e garçonetes, saídas das mansões da Playboy, servem bebidas com os seios de fora.

No centro do salão há mesas onde homens e mulheres conversam, animados. Está muito claro, por isso atravesso o salão fingindo ajeitar o vestido e subo. Não há muita opção para onde ir, ou eu subia as escadarias, ou retornava para a primeira orgia. Acho um banheiro ao fim do corredor, mas ao segurar a porta para entrar, olho para o lado.

A mão permanece parada na maçaneta. Abro e fecho os olhos para confirmar a visão. No salão adiante, tudo é diferente: as luzes estão acesas e as mulheres, vestidas. Solto a porta do banheiro e me aproximo, cautelosa. Mesas de jogos de todos os tipos disputam espaço com máquinas caça-níqueis. É um mini-cassino.

É ali que vejo Guilherme. Ele está vestido, sentado ao redor de uma mesa de pôquer, com uma garrafa de whisky e copos com gelo ao lado. Ele segura uma mão de cartas, e parece concentrado no jogo. Ao seu lado — *por que não me surpreendo?* — estão seu pai, Castro, e seu assessor para assuntos ilícitos, Matheus Rossman. Estremeço, enojada. Claro que eles estariam ali.

Como se sentisse minha presença, Guilherme olha por cima das cartas. Passa os olhos pela porta, como se me farejasse no ar, e por uma fração de segundo nossos olhos se encontram. Ele pisca, aparentemente bêbado, e eu acelero para o banheiro. Meu rosto avermelha e aquece, os membros parecem injetados pelo líquido quente da adrenalina. Uma camada fina de suor toma a testa, debaixo dos braços, entre as pernas. *Ele me viu.* Olho para as janelas do banheiro, perdendo o ar ao ver que são falsas: atrás delas não existe nada, só paredes. O coração ameaça falhar. Se ele resolver vir até aqui, não tenho para onde correr.

Penso em ligar o vídeo e pedir ajuda à Bárbara, mas não posso desistir ainda. Tiro a máscara: talvez seja melhor me livrar dela.

Por segundos intermináveis eu aguardo, trancada ali dentro.

Aguardo Guilherme chegar irado, gritando ‘como foi que você entrou aqui?’ Aguardo ele me chacoalhar, tentando arrancar de mim o que foi que vi.

Mas não vi nada, respondo tentando me acalmar. O que vi foi meu noivo, *que amo mais que a vida*, em um lugar de índole duvidosa. *Como pode fazer isso comigo, Guilherme?* Eu treino.

Com o tempo que passa, vai-se também o desespero. As mãos destravam, os olhos perdem o aspecto de pânico. Desencosto da porta do banheiro considerando que talvez Guilherme não tenha me visto, ou estivesse bêbado demais para me reconhecer. No mais, estou com uma máscara, ruiva e vestida de maneira completamente estranha.

Recoloco a máscara e me olho no espelho. Eu mesma teria dificuldade em saber quem sou. Saio pela porta do banheiro sem olhá-lo, fingindo flertar com dois homens que se encaminham para o mesmo lado do salão. Gente circula entre as mesas, obstruindo a visão completa de onde ele está, me escondendo de suas vistas.

Na posição certa eu o vejo. Guilherme continua bebendo, trocando ideias com seu pai e Rossman. Dois outros homens unem-se a eles, e os cinco jogam cartas. Circulo a mesa, escondida pelas costas de frequentadores interessados no jogo, atenta ao senhor de cabelos brancos e camisa abotoada até o pescoço que não reconheço de imediato.

Ora, ora, me surpreendo ao ver atrás da pele engelhada e do cabelo amarelado o antigo patrão de minha mãe. O que pedia para que eu sentasse em seu colo nas noites quentes da fazenda, e alisava a minha bunda até que sua esposa chegasse ameaçando bater nele com uma vara.

Paro atrás de Guilherme, nem tão perto que ele possa me sentir, nem tão longe que não possa ouvi-lo. Aceito a bebida oferecida por um garoto musculoso e beberico o champanhe, fingindo ser mais uma entre o grupo interessado na partida.

Os homens cortam o baralho e distribuem as cartas. Guilherme e José Llosa recusam a participação na primeira rodada; Castro e Rossman checam a sorte espalhando suas cartas na mão.

Afio o ouvido, captando a voz nojenta de Llosa:

— A gente não faz ideia que uma coisa dessas exista.

— Mas existe, Seu Llosa... — ele diz. Apoiando as costas na cadeira e cruzando os braços, pergunta: — Tem muita coisa na cidade que o interior não conhece, e muita coisa no interior que a gente não entende também.

A ironia é óbvia e o fazendeiro ajeita o cinto, encarando-o.

— Como, por exemplo, o passado de Marília.

Ao ouvir o nome de minha mãe, paraliso. *Você tem perguntas sobre a*

minha mãe?

— O senhor já me fez perguntas sobre ela.

— Tenho motivos para acreditar que não ouvi todas as respostas.

— Contei tudo que sabia.

— O senhor contou que Marília Dias vivia na sua fazenda, e trabalhava para o senhor. Eu quero saber mais.

— Saber o quê? Como a família vivia?

— Eu quero saber qualquer coisa que se lembre sobre ela. Como ela era, e como tratava a filha. Eram só as duas, certo?

— Era a mulher e a menina dela, e só. O pai ninguém sabia quem era.

— Nem desconfiavam? — Guilherme pergunta, e Castro ergue os olhos das cartas para ouvir a resposta de Llosa.

— Tinha uns rumores aí... — O fazendeiro ajeita o blazer antiquado.

Guilherme se ajeita na cadeira. São esses rumores que o interessam:

- Que rumores?

— Que a moça tinha se envolvido com gente grande da cidade e acabou engravidando... Ela nunca contou quem era o pai, e nunca deixou ninguém chegar perto, nem dela nem da menina. Mulherada arisca, a daquela família.

Guilherme passa as mãos pelo cabelo, impaciente.

— Mas como foi que aconteceu? De onde surgiram os boatos que o pai da criança era da cidade? Alguém o viu, chegaram a vê-los juntos? Ainda existe na fazenda alguém da época com quem poderíamos conversar?

— Tem mais ninguém, não senhor, só a gente mesmo... Depois que engravidou, a mulher passou a ir muito pra capital. Chegamos a suspeitar que o pai era de lá, mas a moça sempre voltava pra trabalhar na segunda, então ninguém se metia.

— O que ela ia fazer em Belo Horizonte?

— Ela nunca disse nada a ninguém.

— Na época o senhor vendia cavalos, certo? — Guilherme tenta conseguir algo por outra via. — Acha que o homem que a engravidou pode ter sido alguém que visitou o haras?

O homem coça a cabeça.

— Chegamos a nos perguntar isso na época, eu e minha patroa. A gente recebia muita gente de fora, fica difícil saber quem pode ter tido contato com a moça.

Castro balança discretamente a cabeça de um lado e para o outro, repreendendo Guilherme.

— Quanto tempo elas moraram na fazenda? — Guilherme continua.

— Ah, uns bons dez anos. Quando a menina precisou de escola elas se

mudaram para a vila e eu perdi o contato.

Enquanto organiza as cartas no leque formado nas mãos, Castro se intromete:

— E o senhor saberia dizer como elas se sustentavam na época em que mudaram-se para a vila?

Guilherme olha para o pai, em seguida para o fazendeiro.

— A mãe costurava pra fora, eu acho. Não sei.

— E então a mãe faleceu, certo? — Guilherme insiste, fingindo prestar atenção às cartas.

— É, a mãe morreu há alguns anos.

— Morreu mesmo?

A pergunta sem sentido de Guilherme me faz engasgar. Tento conter o engasgo virando-me de costas, sentindo a garganta agonizar por querer soltar o que ficou preso nela. Travo os punhos, mas não deixo escapar um pio.

— Vixi — Llosa mexe na cabeleira grisalha. — Morreu sim, minha senhora foi ao enterro. A menina tinha o quê? Vinte poucos anos? Fazia anos que a mãe não trabalhava mais pra gente, mas Doralice achou por bem dar as caras. Marília estava morta, sem sombra de dúvidas. E no mais, a mulher cuidava da filha igual soldado, jamais a abandonaria.

— E o senhor sabe do paradeiro da filha? — Castro pergunta trocando olhares com Guilherme.

— Sei não senhor. Dizem lá em Passos que ela se juntou com um rapaz rico da cidade. Era muito bonita. As duas eram. Muito espertas, também.

Guilherme se ajeita na cadeira, como se formigas marchassem dentro da roupa. Ele não parece ter mais nada para perguntar, embora as respostas de Llosa não levassem a lugar algum. Ele olha de relance para o pai, que continua segurando as cartas na mão.

— O que é que o senhor tá querendo saber? — o fazendeiro pergunta recostando na cadeira. — O senhor me fez o convite e me pagou passagem. Deve ter investigado tudo dessa mulher, por que não é o primeiro a me fazer pergunta sobre ela, e acho que quem me fez as perguntas, antes, veio a mando seu. A moça não era ninguém. Emprenhou de um homem da cidade, mas nunca disse quem. Viveu sozinha até morrer, e foi isso. Diz o que exatamente o senhor quer saber e talvez possa ajudar.

Guilherme se inclina sobre a mesa. Sua voz é séria e infelizmente baixa, por isso perco quase metade do que fala:

— Quero saber se elas tinham dinheiro. Se viviam com mais do que Marília recebia, se pareciam esconder alguma coisa.

Fica quase impossível entendê-los agora que falam tão baixo, mas ouço a

resposta de Llosa:

— Não. Eram gente simples, e simples continuaram.

Quase sucumbo de agonia por não pegar, nos próximos minutos, nenhuma palavra da conversa. José Llosa nega saber sobre qualquer coisa relevante, e acredito que não saiba mesmo de nada. Mais alguns drinques e o velho se levanta. Agradece Guilherme, olha satisfeito à volta e deixa a mesa, partindo em direção ao primeiro andar.

Termino a bebida e deposito o copo vazio sobre uma bandeja que passa. Estou para partir quando ouço a voz de Castro:

— Por que está fazendo isso, Guilherme? — meu futuro sogro diz naquele tom de quem não tem mais paciência para questionar algo já tão questionado. — Você sabe que elas não sabem de nada.

— Ana *sabe*. Eu sinto que ela sabe.

Um fio de eletricidade desce gelado pela minha coluna.

Castro perde a paciência:

— Sabe o quê? Quem era o pai dela? Um biscate, um ladrão safado que deu um golpe milionário onde trabalhava e fugiu? Que usava nome falso nas cidadezinhas do interior por onde passava para se deitar com garotas desavisadas?

— Você ouviu o Hanley. Ele jura que havia uma carta da mãe dela nos arquivos do escritório contando sobre a gravidez. Que ele mesmo, na época, respondeu Marília ameaçando-a de calúnia. Marília descobriu quem César era, e o procurou.

Castro abaixa as cartas, indicando aos outros jogadores que continuem a rodada sem ele. Envergando-se em direção ao filho, diz com a calma familiar:

— Hanley é um velho bêbado, um advogado canastrão que já não consegue mais discernir o que é verdade, de tanto que mentiu na vida. Ele afirma que existe uma carta, mas ninguém achou o documento até hoje. Não há maneira de Marília saber quem era César. Ou não acha que ela teria tentado nos extorquir se soubesse quem somos?

O modo como Castro fala de minha mãe me causa náuseas.

— Ana tem curiosidade em saber sobre César, pai. Vez ou outra me pergunta sobre ele.

— O Brasil inteiro tem curiosidade de saber mais sobre ele — Castro encerra o assunto.

O que Castro diz é verdade. César fugiu do país depois do golpe e nunca mais foi visto. Vez ou outra seu nome ressurgue, e a família é procurada por repórteres interessados em seu paradeiro. Mas nem César, nem o dinheiro roubado jamais foram achados, e seu paradeiro continua um enigma.

— Para todos os efeitos, Marília nunca descobriu a identidade do homem que a engravidou — César volta a jogar. — *Se* foi mesmo César quem fez essa besteira. Já pedi que fizesse o teste na moça, não sei por que se nega.

Meu noivo solta uma risada cretina.

— E estragar a fantasia de que trepo com minha própria prima? Sem chances.

Preciso sair dali ou vou vomitar. E enquanto caminho até a saída, ouço Castro encerrar o assunto. Há discrição no clube, mas toda discrição tem seu limite.

12. GENTE DA SUA LAIA



A cabeça deveria estar na sala de aula, nas crianças que colorem as vogais, mas não está. Está no Castelo de Cartas. Em Guilherme. Na vida dupla, em César e Castro.

Eu teria de alguma forma lucrado em gravar Guilherme e Castro em um cassino clandestino, local de orgias? Teria conseguido algo que os incriminasse, ou mesmo os envergonhasse? Duvido, e nem Bárbara pareceu desapontada quando disse que fiquei nervosa e parei de gravar. Eu teria o suficiente para manchar sua reputação, mas isso traria pouco retorno.

Suspiro pensando no texto que recebi de Guilherme naquela manhã. Ele quis saber como havia sido meu fim de semana, disse que estava com saudades e que trabalhou muito. Respondo com emojis. Não tenho estômago para respondê-lo.

Quanto tempo mais podemos jogar esse jogo, Guilherme? Eu finjo que não ligo e você finge que está tudo bem. Finjo não saber sua intenção ao me procurar em Passos, você finge acreditar que aquele encontro foi obra do acaso. O calor toma o pescoço ao me lembrar do encontro três anos atrás, e a surpresa ao descobrir quem ele era.

Bem que você disse que um dia eles apareceriam, mamãe.

No entanto, a tara de Guilherme em seduzir a própria prima nunca explicou sua ida até Minas. Os Diniz gostam de dinheiro e poder, e eu não trazia nem uma coisa nem outra. As peças não se encaixavam, até que uma informação nova esclareceu o que faltava: Guilherme queria saber se tínhamos dinheiro. Se César mandava dinheiro para a filha, ou se tínhamos contato com ele.

Eu? Eu fui a prima bonitinha que ele achou irônico trazer para casa. O brinquedo que vem de brinde dentro do pacote.

Um aluno levanta o desenho que acabou de colorir. Ajoelho ao seu lado,

beijando-o no rosto:

— Está lindo.

As crianças andam estranhando meu silêncio, mas a cabeça está longe. Peças coletadas durante três anos de conversas aqui e ali acham aos poucos o seu lugar. *Não é que eu não desconfiasse: eu desconfiava.* Mas eu não conhecia o tamanho do desespero dos Diniz em solucionar o enigma.

César, golpe, milhões de dólares.

Eu, a filha bastarda do fugitivo.

As reuniões infundáveis com Rossman, o homem que tenta capitalizar a campanha eleitoral do *rei do aço*. Um rei cujas finanças já não são nem de longe o que foram um dia. Problemas que os vinte milhões de dólares roubados poderiam sanar.

Guilherme suspeita que sabemos do paradeiro de César. Pior: ele suspeita que *sabemos onde está César e a pasta*.

— O que foi, tia? — o menino pergunta quando me vê longe demais.

— Nada — digo alisando sua cabeça. — Muito obrigada pelo desenho.

Assim que acaricio a cabecinha do menino ouço a voz rouca de Luzia chegar da porta:

— Ana? — A diretora me chama. — Precisamos agrupar o G4 e o G5 na sala de Clara. O Secretário de Educação chegou.

Faço que sim, voltando à Terra. Peço aos grupos que coloquem o material no lugar e juntem seus trabalhos. Hoje é dia de confronto.

Desde a saída do antigo Secretário — que só não roubou os grampeadores da Secretaria porque estavam amarrados às mesas — há rumores de que o estado pretende interditar a escola em pleno mês de aula. Geralmente a secretaria estadual não teria nada a ver com as escolas primárias, mas devido a um acordo com a prefeitura, estamos sob sua administração.

A situação da escola está um caos. Os roubos do antigo Secretário trouxeram as câmeras de TV, o povo viu a escola caindo aos pedaços, a opinião pública pediu pescoços — e se desse, o sangue de alguém. O Secretário está aqui para oferecer uma solução.

Recolho os trabalhos e entrego as crianças em fila para a professora do Grupo quatro. Penduro a bolsa no ombro e empilho os oito livros a serem entregues na biblioteca, carregando-os cambaleante pelo corredor. *Laia de gente imprestável que não liga de interromper um dia letivo.* Se há coisa que detesto mais do que canalhas que traem as noivas é a classe política como um todo. Deve haver um inferno particular só para esses dois tipos de gente.

Faço uma parada rápida no auditório, escorando a pilha de livros no batente da porta:

— Dinah, o Secretário já chegou?

— Não. Deve estar atrasado.

— Babaca. Vou devolver os livros na biblioteca e já volto. Guarde meu lugar.

Caminho pelos corredores abraçada à pilha, irritada com a situação, a Secretaria e a vida. A luz da biblioteca está apagada, sinal de que Neide já foi para a reunião. A luz que entra pelos janelões é apenas suficiente para que eu ache sua mesa, mas não para que veja que há alguém ali.

O vulto masculino surge detrás de uma estante e tromba comigo. Os livros saltam no ar como se eu os tivesse lançado — na verdade, com o susto, eu os lancei — e a maioria se espatifa, aberta, ao redor.

— Está doido, me assustar assim! — grito com as mãos sem saber se seguram o coração para que não saia pela boca ou resgatam os livros do chão.

— Me desculpe — pede a voz grave. O dono da voz se ajoelha ao meu lado.

Cato, agachada, os livrinhos coloridos que comprei com meu próprio salário e doei para a escola.

— Desculpe se assustei você – o homem diz.

— Por que não acendeu a droga da luz? — rosno puxando um livro de perto de suas mãos.

— Não achei o interruptor.

Olho para ele. Preciso ver quem é o idiota que não achou um interruptor na parede, nem me viu carregada de livros. Mas ao subir os olhos, a saliva desce grossa. O vulto é um homem grande, de no mínimo 1,90 de altura, e ombros largos. Ele é *bonito* se eu tentar ser modesta; *exuberante*, se sincera.

Mas o coração está acelerado demais, e esse idiota não merece adjetivos, e sim um sermão. Afasto-me, irritada por ter perdido um segundo da vida atentando para as feições retangulares e masculinas. Conheço tipos como ele — na verdade, cansei de tipos como ele. Tipos que trazem o cérebro entre as pernas.

— O quê? — pergunto irritada, quando noto que ele me observa.

— Nada — ele me entrega os livros que tem na mão e se levanta. Para minha irritação, estende o braço, cavalheiresco, oferecendo suporte para que me levante também. Prefiro trajar um alvo vermelho no meio de uma tourada que dar minha mão a ele.

— Você trabalha aqui? — ele pergunta.

— Não — rosno pousando os livros na mesa bagunçada da bibliotecária.

— Não trabalha aqui na escola?

Ele bate cadenciadamente o último livro que achou nas mãos. Mãos, eu noto, imensas.

— Não te interessa onde trabalho.

— Engano seu, a informação me interessa. Posso perguntar seu nome?

Solto uma bufada:

— Não acredito que acabou de perguntar o meu nome.

— Sim. Quer saber o meu?

Abro a boca, sem acreditar no despautério.

— Não! Por que iria querer saber seu nome? — deixo-o para trás e ando até a saída. Ele me segue.

— Porque não?

Viro em sua direção e repito sua pergunta com uma quantidade cavalgar de cinismo:

— Você quer saber por que não quero dar meu nome para um estranho que estava *escondido* dentro de uma biblioteca escura e vazia? Sinta-se com sorte por eu não chamar o segurança!

Agora, perto da porta, vejo seus traços com maior clareza. Seu corte de cabelo é de gente desajuizada, e as sobrelanceiras fartas deixam seus olhos inconvenientemente penetrantes. O pescoço grosso (daqueles que você imagina despontando de um torso musculoso) fazem alguma coisa com o meu cérebro. Algo ruim e caótico, porque o cérebro parece ter virado mingau.

Ele responde com um jeitão de cafajeste, quase divertido:

— A escola não tem segurança.

Minha sanha de sangue — sanha que aumenta a cada dia — atinge seu ápice. Coloco o dedo rente à sua cara e praticamente cuspo as palavras, sem me importar que deva estar, realmente, cuspendo nele:

— Olha aqui, você está me assustando. Na verdade, está me dando sérios motivos para chamar a polícia. Por favor retire-se ou não precisarei nem de segurança nem de polícia para tirar você daqui.

Ele fica sério por três segundos, depois volta a me olhar divertido. Ele, o exemplar da espécie problemática, destruidora de corações, ceifadeira de sonhos, acha graça na minha revolta. Sua espécie não tem mais vez comigo.

Cruzando os enormes braços na frente do peito ele pergunta:

— E como me expulsaria daqui?

O decote de sua camisa branca, desabotoada um botão a mais do que o socialmente aceitável para aquela hora do dia, mostra um peito liso e largo. Olho para seu colete marrom, para as calças de couro e botas de motoqueiro e faço uma careta.

Não gosto que esteja divertindo-o. Aliás, se tenho no momento um ponto fraco, é este. Fui feita de idiota pelo meu noivo e hoje me faço de idiota sozinha, e sem a ajuda de ninguém.

— Não ria de mim.
— Não sei por que ficou tão brava, eu só perguntei seu nome.
— Ah, claro. Essa é mais velha que o rascunho da Bíblia. Vocês investem contra nós, e quando não queremos nada, alegam que foi coisa de nossa cabeça. Conte outra.

— Eu só perguntei seu nome, eu não *investi* contra você.
— Conheço a sua laia. Primeiro você vai querer saber meu nome, depois se sou casada. Antes que eu conte até três você vai perguntar se não quero sair para tomar um *chopp* depois do expediente, — continuo a verborragia nervosa sem parar nem mesmo para respirar. — Caso eu diga sim, você vai olhar a noite inteira para o meu decote, e no final da noite, sem se importar, ou ao menos *prestar atenção* ao que falei, vai sugerir que estiquemos o encontro em algum motel barato.

As sobrelancelhas do estranho vão parar no meio da testa.

— Uau, eu me perdi na “minha laia.” Minha *laia*? — Seus braços se ajeitam à frente do peito de remador.

— Sim, sua *laia*... — olho-o de cima embaixo — ...*Han Solo*.

Não sei de onde tirei aquilo. Acho que da indumentária ridícula que ele veste, ou do mais recente filme da série. Pelo jeito, minha tentativa de diminuí-lo o diverte. Ele olha para a sua roupa e dá uma gargalhada.

Molho os lábios, nervosa. Por algum motivo continuo a falar, quando já deveria ter calado a boca e partido:

— Conheço seu tipo. Cheio de charme e confiança, jogando lábia para qualquer coisa que se mova ou tenha pulso. Que tal ver se a mascote do G4, um porquinho da Índia chamada Tininha, dá trela para você?

— Uau— o homem exclama, fascinado com tudo aquilo. — Moça, o que fizeram com você?

— Caí na lábia de gente como você.

O estranho não parece comovido, convencido ou consternado com o vômito verbal:

— Olha, sei que perguntar o nome assim, de supetão, foi um pouco infeliz, mas você, *uau*, você pulou rápido demais para conclusões ao meu respeito.

— Dá licença que estou atrasada para uma reunião. Por que não vai gastar seu charme com a Tininha?

Girando nos calcanhares, deixo-o para trás.

É simplesmente um absurdo que não estejamos livres de cantadas nem mesmo no ambiente escolar. Por que não tentou fazer gracinhas na frente do meu noivo psicopata? Por que ele não chegou e sorriu polidamente, me ajudou a recolher a bagunça que causou e me deixou percebê-lo antes de me atacar?

Foi um ataque, afinal, não foi? Gente não pode sair perguntando o nome de outros assim.

Sento aborrecida ao lado de Dinah. *Que bicho me mordeu?* Jamais falei assim com alguém antes. Jamais categorizei um grupo inteiro com base nos erros de poucos. Coro só de pensar que o chamei de Han Solo. Devo ter passado a impressão de que tenho algum problema, ou sofro de retardo cognitivo.

Volto a comer as unhas, coisa que há anos não fazia.

Ouçõ a voz distante da diretora chegar como se estivesse encapsulada dentro de uma redoma:

— Obrigada a todos por estarem aqui. Como sabem, hoje temos a visita do novo Secretário da Educação, Sr. Rodrigo Delmaestro, que veio falar sobre a questão da reforma...

E isso, agora — estalo a língua de raiva, a unha antes perfeitamente pintada agora pendurada por meio milímetro de pele. Minutos de vida perdidos ouvindo o que um político idiota tem a falar. Quero ver ele nos encarar e dizer, olhando nos nossos olhos, que vai fechar a escola.

— Obrigada por aceitar nosso convite, Sr. Delmaestro.

Ninguém bate palmas, porque combinamos que políticos não merecem palmas.

— Bom dia a todos e todas.

Olho para o Secretário, tentando voltar aos poucos para a reunião. Ao ver quem está ali, a boca vai ao chão. O coração, antes acelerado, some no peito.

O sem vergonha da biblioteca é o novo Secretário de Educação?

Ele sorri ao ver minha surpresa.

Uma professora — que poderia ser minha avó — sussurra no ouvido de Dinah, abanando-se com um caderno:

— Nada mau, hein?

Remexo desconfortavelmente na cadeira.

— Ouvi dizer que desta vez escolheram alguém sério — a anciã continua. — Parece que ele é formado em gestão da educação lá fora, em uma dessas universidades chiquérrimas.

Enquanto a diretora explica ao Sr. Rodrigo os problemas que a antiga firma de reparos deixou para trás e como é responsabilidade do governo dar conta daquele problema, uma terceira professora se inclina atrás de mim para alcançar os ouvidos das futriqueiras ao meu lado:

— Ele é ex-seminarista. Largou a batina por amor à educação, olha que lindo. Foi líder estudantil, voluntário em um abrigo para animais no Vietnam. Foi até presidente daquela ONG maravilhosa que eu esqueci o nome!

— E deixe-me apostar — me meto na conversa, virando para trás. — Ele é

solteiro e está à procura de sua alma-gêmea.

As três voltam a se sentar retas, olhando para mim com expressão aborrecida. *Mas que droga.* Será que essas tontas não vêem que é assim que as coisas degradingolam para o lado feminino? Idealizamos os homens como se eles detivessem todas as qualidades do mundo, depois nos ressentimos quando eles, lá do pedestal, não nos olham mais como iguais. *Só faltou dizer que o cara é budista e ganhou o Nobel da paz.*

Ao redor, faz-se silêncio.

Não apenas os colegas sentados ao meu lado estão mudos, mas a diretora também. Muda e parálitica, ela segura o microfone na frente da boca:

— Ana Laura, você quer... dizer alguma coisa? — a diretora pergunta, embaraçada.

A cor que toma minhas bochechas ainda não tem nome.

O Secretário aproveita a oportunidade para fazer o seu melhor — destilar charme — e levar a plateia composta por 90% de mulheres para o seu lado. Ele me pergunta com expressão ingênua:

— Posso responder à sua dúvida, se quiser.

Sei que minha tonalidade tende para o roxo, mas não abaixo a cabeça. Sem esperar minha resposta, ele dispara:

— Sou solteiro, Srta. Ana Laura, e sim, ando à procura da minha alma gêmea.

Suspiros explodem ao redor.

Voltando-se para a diretora, ele continua a explicação sobre o que herdou do cargo recentemente assumido, como planeja resolver a questão, o que a empresa hoje inexistente diz sobre a reforma. Ouço, mas estou mortificada demais para olhá-lo.

Fica decidido que a escola, por questões de segurança, precisa fechar. Uma criança pode ser atingida por uma parte do teto, e até que o reformemos, as aulas estão suspensas. A diretora só falta chorar.

— Mas Secretário, o que podemos fazer para que a escola continue viva? Que os pais dessas crianças tenham onde deixar seus filhos? O fechamento de uma escola é uma tragédia para a comunidade!

O Secretário não é mais o engraçadinho da biblioteca, nem o charmoso do início da reunião. Pausadamente, e de maneira articulada, ele explica:

— A firma que meu antecessor contratou por meio de licitação irregular fechou logo após a reforma. Não conseguiríamos levantar a papelada para acionarmos judicialmente e em tempo hábil os responsáveis. Tudo que podemos fazer, a partir de agora, é tentar resolver o pepino com nossas próprias mãos. Sei que pagamos impostos pesados e que o que falarei é antipopular, mas à essas

alturas, o orçamento do ano já foi fechado e até o ano que vem estamos compromissados com outras escolas. Sugiro — e quando digo sugiro, me coloco à disposição para estar aqui, com vocês — que a comunidade se una em mutirões. Minha proposta é que façamos algo — vocês com o pessoal, eu com influência política, a comunidade com seu tempo e talento — e tentemos, sozinhos, fazer a reforma. Estou com vocês nessa.

Suas mãos estão em cada lado da mesa, em uma postura de quem está realmente pronto para a luta.

Atrás de mim alguém exclama:

— Nossa, ele não merece palmas, merece o Tocantins inteiro!

Reviro os olhos. Não tenho mais coragem, no entanto, de pensar tão mal ao seu respeito. Ainda não confio em sua laia — e estou definitivamente em guerra contra o seu sexo — mas essa batalha quem ganhou foi ele.

A escola e as crianças são importantes para nós. Decidimos captar recursos e fazer mutirões. Organizaremos gincanas, rifas, concursos. Em silêncio, penso no que posso fazer, em tudo que posso arrancar de Guilherme.

Rodrigo desce do pequeno palco apertando mãos, mais parecido com um forasteiro de uma terra distante que um homem do governo. Antes de sair assessorado por dois ou três colegas de trabalho, olha para trás e sorri para mim.

13. FORASTEIRO DAS GALÁXIAS



O assunto mais discutido na sala dos professores sempre foi traição; seja traindo, sendo traído ou pensando nisso. Não acho que tenha notado a recorrência do tópico apenas por causa do Clube, ou por que fui traída. Pensando em retrospecto, aquele é, de longe, o assunto mais conversado ao pé do ouvido no mundo. Este é um mundo feito de pactos, e pactos, bem sabemos, são bibelôs extremamente frágeis. Vivem sendo quebrados

O assunto da sala dos professores naquela semana, no entanto, é outro.

"Menina, quem era aquele homem? Ouvi dizer que ele quer reformar a secretaria inteira!" ; "Me falaram que ele é conhecido lá fora por seu trabalho em gestão da educação" ; " E que charme é aquele? Meu arrepio não passou até hoje."

Meu telefone toca justamente quando saio da sala porque cansei de ouvir sobre os atributos do novo Secretário. Não preciso ouvir mais nada sobre ele, não preciso de nada que alimente meus devaneios diurnos ou sonhos noturnos (estranhamente, todos com ele). Olho para a tela, vendo o número desconhecido.

— Alô?

— Ana Laura? — a voz grossa me faz parar no lugar.

— Sim?

Não tenho ideia de quem pode ser. Guilherme partiu há pouco para seu *retiro mensal* nas montanhas (um eufemismo para 'orgia-com-garotas-que-eventualmente-passarão-para-você,-por-tabela,-gonorréia), e não aguardo telefonema de ninguém.

— Aqui é o Han Solo.

Imediatamente minhas mãos começam a suar. O telefone ameaça deslizar e preciso segurá-lo com a outra mão.

— Q-Quem?

— Rodrigo. O da laia que você conhece.

Uma coisa estranha começa a acontecer no meu corpo. Uma mistura de explosão de fogos de artifício e combustão interna, que tanto me acendem quanto aquecem.

Preciso admitir: seu rosto é o que surge na memória quando fecho os olhos e tem sido assim desde o dia em que o vi. Não sei que raio de impressão ele deixou em mim, mas não me lembro de ter sentido tamanha atração por outro homem até hoje. É como se Rodrigo tivesse um campo magnético, e me puxasse naturalmente em sua direção.

— Ah, agora sim — respondo, moderando a voz. — Como posso te ajudar, Rodrigo?

Tremor. Tremor por todo o corpo.

— Andei pensando na maneira como nos encontramos na biblioteca e na péssima cantada que dei aquele dia. Pensei que podíamos sair para que eu pudesse mostrar como sei dar cantadas melhores.

— Ah, então *foi* uma cantada.

— Foi — ele finge embaraço.

Saio em direção ao corredor, fugindo dos olhares das outras professoras:

— Bem, claro que não aceito.

— Ah, vai. Sou legal. Estava pensando em pegar você para almoçar.

— Não acho uma boa ideia. — Minha intenção é soar levemente ultrajada pela insistência, mas a entonação sai ridiculamente animada.

— Um almoço inofensivo.

— Não.

— Foi por que sugeri o almoço ou por que não quer ouvir uma cantada melhor?

— Nem um, nem outro. Aliás, como conseguiu meu número?

Ele me ignora:

— Notei que há um *self-service* na esquina da escola. Poderíamos no encontrar ali.

— Oh, meu Deus — tapo as vistas, tentando fazer a voz soar séria. — Você está me chamando para comer no “*seufserv*” do Seu Querubim?

Sorrio ao ouvir sua risada. Como me lembrava, uma senhora risada.

— Seu Querubim? — ele repete, divertido. — Sabia que o nome do restaurante remetia ao amor, cupido e tal. Como pode recusar um convite para levar uma cantada no “*seufserv* do Seu Querubim”?

— Realmente — olho para minhas mãos, que tremem.

— Quero prestigiar o restaurante do Seu Querubim hoje, e você é minha convidada.

Coço a cabeça, bagunçando os cachos. Em um ato reflexo, penso em Guilherme. Talvez seja uma norma mundial, pensar no noivo quando levamos uma cantada. É o socialmente aceito, ou o que moças de família, prisioneiras de suas próprias mentes, fazem. Engana-se, no entanto, quem acha que o que motiva meu pensamento é algum tipo de flagelo de consciência. Não é. Estou em rota de colisão com Guilherme, e campo magnético algum irá me desviar dessa rota.

— Rodrigo, não acho que seja uma boa ideia envolver-se comigo.

— Você está brincando? Esta é a melhor ideia que tive em dias. Só não te liguei antes porque a secretária da sua escola é muito, *muito* chata para dar telefones de professoras a estranhos. Tive que apelar para o jeitinho brasileiro.

A essas alturas estou com a testa encostada na parede, rindo como uma idiota para o reboco:

— Você deu uma carteirada na secretária?

— Não. Voltei à escola e usei todo o meu charme. Enfim, daí para chegar ao seu telefone foi um pulo.

Tapo a boca para que ninguém veja que estou sorrindo abertamente. Penso em comentar que entendo agora porque a secretária deu meu telefone (você é realmente um charme, Secretário) mas antes que minha opinião fique óbvia, aceito o convite. Melhor não piorar as coisas.

— Está bem, Secretário. Almoço com você, mas sem cantadas.

— Tem certeza? A cantada que eu tenho é muito, muito boa.

— Sem cantadas. A que horas nos encontramos lá? — pergunto olhando para o relógio. Até que ele saia da Secretaria, atravessasse a cidade e chegue aqui, serão quase duas horas da tarde. Até lá terei morrido de fome.

— Já estou aqui.

Descolo da parede, olhando ao redor.

— Na escola?

— Acabei de estacionar a *Millenium Falcon* na frente do portão. Pronta?

— Não! — praticamente berro. Não quero ser vista com ele, não quero que comentem que fui almoçar com o Secretário. Não sei que tipo de reação Guilherme teria. Ele pode surrar esse homem, pode... pode fazer algo contra mim. *E no mais, preciso passar uma água no rosto, pentear o cabelo!*

— Encontro você do lado de fora, — digo aflita.

Finalizo a ligação com o coração aos saltos, incapaz de tirar os olhos do telefone. *No que estou me metendo?* Olho para o corredor vazio e respiro fundo. Ainda não sei se conto ou me calo sobre o casamento marcado para daqui a duas semanas. Preciso saber se Rodrigo tem o poder de atrapalhar ou ajudar no meu projeto.

Penteio os cachos compridos com os dedos e seco o rosto com um papel que arranha a pele. Coloco o anel de diamante, presente de noivado, no bolso. Ajeito a blusa de botão e aliso a calça jeans. Ao sair da escola, dou de cara com ele. Rodrigo está montado em uma motocicleta estilosa, e o rosto bonito está enfeitado por óculos Ray-Ban espelhados. Sem dúvidas, um espécime singular.

— Você se parece com tudo, menos com um político — comento sentindo o corpo responder de maneira enlouquecida à sua imagem.

— Isso foi um elogio?

Sorrio. *Sim, foi.*

Seu gesto indica para que eu suba na garupa. Olho para a moto, em seguida para ele. *Deus me ajude*, mas, *diabos*, por que não? Subo na moto e pouso as mãos em sua cintura. Seu cheiro é de couro, de colônia pós barba na pele morna.

— Já que estamos trocando elogios, preciso dizer que você também é mais apresentável que o Chewbacca.

Bato em seu ombro, e ele liga a moto, rindo. Aquela é a viagem mais curta da *Millenium*. Damos gargalhadas quando, uma quadra depois, ele estaciona na frente do restaurante de aspecto maltratado cuja qualidade duvidosa pode nos garantir algum tipo de distúrbio gastrointestinal. A placa mostra que não estava mentindo; nela está escrito “Seufserv do Seu Querubim.”

Entramos no restaurante vazio, ele primeiro, eu atrás. Ao olhar para o buffet atrás de um mosquito, Rodrigo sussurra ao pé do meu ouvido:

— Charmoso.

Ele está mascando chiclete de hortelã, e minha pele arrepia inteira ao sentir o cheiro.

— Muito — murmuro, pegando ar. Ambos checamos o aspecto da superfície dos pratos. Limpo? Sujo? Por via das dúvidas fico na batata frita e no arroz. Ao ver que ele se inclina sobre a salada atrás do mosquito, eu o alerto:

— Jamais pegue salada em restaurantes. Eles não lavam saladas.

— O que seria de mim se tivesse que almoçar aqui sozinho? Obrigado.

— Você não atravessaria a cidade para comer aqui.

— Se você tivesse dito não, teria convidado minha nova amiga, a senhorinha simpática que piscou para mim no dia da reunião.

Eu rio, balançando cabeça.

— Você é um sedutor, não é mesmo?

— Sou? — ele pergunta divertido, analisando uma rodela de tomate.

Sim, definitivamente é, penso perto o suficiente para sentir seu hálito contra minha pele. *O que fazer quando a pele acha o homem ao lado irresistível?*

Ele nota meu arrepio.

— Ouvi que você foi seminarista, é verdade? — pergunto tirando sua

atenção do meu arrepio.

— Fui. Dos dezoito aos vinte e um.

— Por quê?

— Acho que queria fazer o bem.

— Vê-se que mudou para o lado negro da força — pisco.

Assim que meus olhos trombam com os dele, acontece comigo o que ocorre em toda boa trombada. Eu perco o eixo. A essas alturas deveria saber que não tenho chances de flertar com ele e sair ilesa.

Viro para o buffet, enchendo o prato de batata palha. Pego uma laranja e ando a passos largos para a mesa. Tenho certeza que minha confusão interna foi perfeitamente entendida: ele me afeta, e meu rubor não me deixa negar.

— Você não vê o Império com bons olhos, adivinhei? — ele pergunta atrás de mim.

—Você está abusando das referências cinematográficas. Não vi toda a saga para entender a frase.

O prato de Rodrigo, ao contrário do meu, tem de tudo. Arroz, feijão, salada — que ele pega à revelia de meus alertas — verduras, três ovos fritos.

— Você é um homem muito corajoso, Secretário.

Ele sorri, agradecido pelo que acha ter sido um elogio.

— Morei dois anos no interior da Nigéria — diz enchendo o garfo com a salada mal-lavada. — E um no Vietnam. Acredite, a comida está bem apresentável.

— Uau. O que foi fazer lá?

— Cruz Vermelha — responde com a boca cheia, enfiando para dentro os cabinhos de agrião que saltam para fora.

Largo os talheres sobre o prato. Seminarista, voluntariado, Cruz Vermelha? Ele só pode estar fazendo hora com a minha cara. Ele saiu de alguma cartilha sobre gente bondosa? O que mais faltaria dizer? Que cuida de velhinhos nas férias, que é vegetariano, que tem um pinto de ouro?

Aquilo me irrita em proporções épicas. Não quero — não posso — acreditar que existam homens no mundo como ele. Preferiria desconfiar que ele sofre de alucinações, que tem delírios de grandiosidade e que é um capitalista inescrupuloso que odeia gatos e sexo, mas mente dizendo que é gente de bem.

Estava para largar o seminário na época — ele continua. — Você sabe, essa coisa de celibato não funcionou. Acabei me inscrevendo nesse programa que aceitava voluntários para ajudar na reconstrução do país após o fim da guerra civil e fui.

— Basta, Secretário. Você vai dizer que viu tanta gente com fome que nunca mais olhou para comida da mesma maneira.

Seus olhos são pura surpresa: — Como adivinhou?

Balanço a cabeça, sem acreditar naquilo.

— Morei um ano em uma vila de idosos na África. Vi tanta coisa horrível que decidi virar vegetariano.

Agora só falta o pinto de ouro.

— Olha só, Rodrigo —digo pausadamente. — Não sei por que está aqui. Não sei em que cantada pensou em me dar, nem quero saber. O fato é que estou fechada para relacionamentos. Se não era essa sua intenção, me desculpe, mas se era, tire por favor seu cavalo da chuva. Não acredito em homem algum, e você me parece bom demais para ser verdade – o que minha história de vida mostrou, não pode ser boa coisa.

Volto a comer, sentindo seus olhos em mim. Enquanto mastigo meu arroz com batata palha, presto atenção em sua barba e seu bigode, coisa que jamais imaginei que acharia sexy em um homem. Não chega a ser uma barba cerrada, mas um resquício de barba, um contorno castanho no rosto quadrado. Imagino por um instante o toque de seus lábios nos meus. Se sentiria a barba pinicar o rosto.

A imagem atrapalha o respirar e o engolir. Um único e maldito grão de arroz desce errado pela garganta e eu começo a tossir.

Rodrigo se levanta para bater nas minhas costas, Seu Querubim aparece com uma jarra de limonada para me socorrer. Estou vermelha como um pimentão, os olhos esbugalhados e lacrimejantes. Demoro alguns bons minutos para me recuperar.

— Está melhor? — Rodrigo pergunta, me olhando preocupado.

A tosse traz de volta a cabeça ao lugar. Volto a me blindar até os dentes com minha velha armadura emocional, imune ao seu charme e protegida por espinhos:

— Bem melhor.

— Posso voltar ao que estávamos conversando?

Não tenho fôlego para discordar.

— Você disse que está fechada para relacionamentos. O que isso quer dizer?

— O que diz, oras — falo tentando livrar a garganta do ardor.

— Mas isso não diz nada. Não diz, por exemplo, se você tem um namorado.

— Isso não interessa, já que não estou interessada em namorados, não é mesmo?

— Na verdade, interessa. Você disse há pouco, antes de quase morrer engasgada, que eu parecia bom demais para ser verdade.

— Não disse isso, e não estava morrendo engasgada.

— Disse sim.

— Ok, eu disse, mas retiro o que falei. Você não parece bom demais.

— Por que achou que eu fosse?

O engasgo não me mataria, mas o sorriso que ele lança, sim.

— Não interessa.

— Acredite, Ana, interessa.

Seus olhos, fixos nos meus, são a coisa mais bonita que já vi.

— Por quê? — largo os talheres sobre a mesa e cruza os braços, tentando me proteger de seu charme. — Por que minha opinião interessaria você?

Ele se aproxima um centímetro, mas a sensação é de que se aproximou dez. Sua voz sai baixa e rouca:

— Porque eu também acho que você parece boa demais para ser verdade. E quando alguém bom demais aceita seu convite para almoçar no boteco da esquina, isso significa muito. Sua opinião no momento é tudo que interessa no mundo.

Meu coração é um canteiro de obras, batidas e marteladas para todos os lados. Gostaria de não imaginar tanto ao seu respeito; de não delirar sobre o aspecto bom de seus olhos, ou imaginar infantilmente como eles não escondem nada de mau.

— Você não me deu muitas chances de recusar o convite, Rodrigo.

— Você está colocando sobre mim a culpa do seu 'sim'? — ele ri, voltando a comer. Em seguida dá de ombros: — É o meu charme.

Pego ar. Eu não deveria meter Rodrigo na minha confusão, por mais excitante que seja imaginá-lo metido na confusão, ou em qualquer outro lugar.

— Rodrigo — pauso. — Ou você é o maior mentiroso da história ou...

— Ou?

— Ou você é um problema e tanto. E eu não posso ter problemas no momento.

Estou sendo sincera como há muito tempo não sou. Ele tenta não sorrir, mas vejo com o canto do olho que não consegue. Ele sabe que foi elogiado. Com a voz mais tranquila do mundo, inclina-se sobre a mesa e procura minhas mãos:

— Quem machucou você assim?

Seu dedo sobre minha pele causa coisas que preferiria não sentir. Largo novamente os talheres, como se eu não pudesse, por uma questão de segurança, falar sobre isso segurando dois pedaços de ferro afiados:

— Um homem que parecia bom demais para ser verdade.

— E você generalizou: se um é safado, todos os outros são.

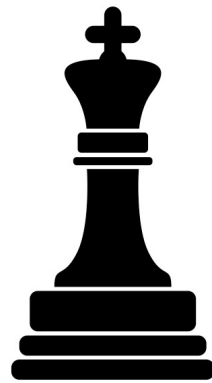
— É mais complicado do que isso. Mas sobre safadezas, você me deu uma cantada no minuto em que me conheceu e quer me convencer, agora, que os

homens não são safados?

— Eu realmente me encantei por você, Ana. Sou uma exceção, e se me deixar, provarei isso.

Sua voz é inabalável. Seu dedo alisa minha pele, acelerando minha respiração. É uma droga que, mesmo tão fechado, o coração arrume espaço para sentimentos assim.

Estranho, esse órgão que não se cansa de tomar a dianteira das decisões. De uma hora para outra ele resolve que não sou só ódio, e que em mim cabe uma atração incontrolável por um certo forasteiro que gosta de rodar pela galáxia. O que esse forasteiro não sabe é que não sou quem pareço ser. Sou uma fonte de raiva sem fim, e temo que seus olhos bons acabem enxergando a verdade e destruindo meu disfarce.



"Tudo é uma charada, e a solução para uma charada... é outra charada."
Ralph Waldo Emerson

14. MANIPULADORES E MANIPULADOS



LINDA MOREIRA

Preciso mesmo ir? — Eduardo pergunta a Linda, ajeitando a gravata na frente do espelho. Sua má vontade é tão visível que ela tem vontade de voar na sua jugular.

— Precisa — ela responde, seca. Como apareceria no baile mais importante do seu show sem o marido? *E no mais, preciso de você para fazer ciúmes em Henrique.*

Henrique. Só de falar nele as bochechas de Linda ganham cor. Ela ajeita os peitos dentro do decote para parecerem maiores. Mais horizontais, pelo menos. Desde o dia da confusão em que Margô sabotou o vestido de Priscila, Henrique a cerca. O que quer dela, Linda não sabe — mas pretende descobrir.

Linda confere a maquiagem ao lado de Eduardo no espelho. Por que Bárbara pediria no fim do último encontro que ela levasse o marido à festa? *Traições são morteiros que explodem para os dois lados* — ela explicou. *Seria um desperdício se Eduardo perdesse a chance de ver que você também é desejada.*

Linda ajeita a sobrancelha, olhando-se através do reflexo. O estranho? Ela nunca contou ao Clube que Henrique andava arrastando a asa para o seu lado.

Passando mais uma camada de rímel, ela conclui que isso realmente não importa. A melhorada no visual e as investidas de Henrique fizeram milagres à sua auto-estima. Nas últimas semanas ela assumiu seus cachos, hidratou as pontas, fez *peeling* na pele e não faltou à manicure nenhuma vez. Além de ter começado, claro, a dieta nº 453.736. Linda se sente outra mulher.

Ela sai do banheiro com a cabeça erguida. Parece que séculos se passaram desde que disse que não existia sem Eduardo. O assunto da traição já não pesa o

peito, e Linda consegue se visualizar — ainda que parcialmente inteira — sem ele. Uma única coisa a aborrece: Bárbara não quer que ela termine com Eduardo ainda. Na opinião de Linda, ela deveria chamá-lo para uma conversa franca e por fim àquele relacionamento. Deveria também arrumar um advogado que o deixasse sem nada, um presentinho pela traição com a estagiária. Mas Bárbara não quer que ela seja nem ponderada nem impulsiva; ela quer que Linda espere. Pelo quê, não sabe.

Eduardo a olha quando chega no quarto. Desce as vistas pelo vestido e, tão rápido a olha, volta a mexer na própria gravata. Linda pega a bolsa sobre a cama, certa de que está em um relacionamento moribundo.

Eles dirigem em silêncio até a mansão. É estranho como silêncios abundam em relacionamentos danificados. No início é um silêncio que come a alma, que soa alto; depois ele se transforma em outra coisa. O silêncio vira quase um instante de paz. De confirmação de que as coisas estão indo na direção certa.

Uma enorme tenda foi montada no quintal do palacete, e luzes enfeitam cada metro do jardim, seja em forma de tochas, fogueiras, lâmpadas ou lanternas. O jardim parece saído de um filme de fantasia, um cenário de fadas para o show que está levando o Brasil à loucura.

Tietes gritam enlouquecidas ao lado do portão. Clamam por mais aparições de Sebastián, que poderia, *realmente* — e o real aqui tem dois sentidos — aparecer mais. Infelizmente, Sebastián evita aparições desnecessárias. Uma pena, porque sua beleza é estonteante, quase uma retratação por gerações de nobres feios que a realeza européia presenteou ao mundo nas últimas décadas.

— Quantas candidatas ainda restam no programa? — Eduardo quebra o silêncio do carro.

— Sete.

— Deve ser um saco aturar tanta mulher — ele resmunga para ninguém em especial.

— Principalmente as dessa idade — Linda alfineta, esperando que ele entenda a indireta.

Eles entram na festa de braços dados. Com exceção dos braços, nenhuma outra parte de seus corpos se tocam. É curioso que na iminência da morte de um relacionamento todo e qualquer contato físico ganhe atenção — seja quando acontece, seja quando não. Linda nota cada não-toque. Cada não-olhar do marido-zumbi.

Aos poucos ela se desalinhava de Eduardo. A palavra é essa mesmo, desalinhar: o que a costurava a ele afrouxou. Nos últimos dois meses ela passou por todos os estágios do luto: ódio, barganha, carência, desprezo. Hoje não tem vontade de reconquistar seu amor, e ele não deu indícios de que faz

questão. Tudo que Linda quer é magoá-lo.

Ao lado de Saulo, o diretor assistente, está o garoto mais bonito daquela noite: Henrique. Seu assessor de pernas longas e cachos escuros, de olhos azuis como ela só conhecia de revistas femininas. Ao vê-lo, o coração de Linda acelera. A equipe se senta ao redor de uma mesa cercada de câmeras, tripés, equipamentos de som e vídeo. No salão o príncipe dança com Margô, a sabotadora, e a câmera está nos dois.

Eduardo toma o lugar à sua direita, Henrique à esquerda. As conversas giram em torno das apostas sobre quem fica e quem sai. Eduardo, nem um pouco interessado na conversa, beberica o vinho enquanto checa a cada cinco segundos o celular. Linda, nem um pouco interessada em Eduardo, flerta com Henrique.

— Linda — Henrique diz. Ela cruza as pernas em sua direção, e se curva um pouco mais do que de costume para que ele tenha uma boa visão do seu decote. Os olhos de Henrique estão mais afiados que nunca, e sua boca rosa parece pedir beijos. — Você está muito bonita.

Ela sorri educadamente, o calor do lado esquerdo do corpo a fazendo suar. Infelizmente, mal tem tempo de agradecer o elogio. Com o canto do olho vê que Eduardo para com o copo no ar. O corpo do marido retesa como uma corda esticada, tão tenso que parece prestes a romper. Seus olhos estão fixos em um das mesas à frente.

Linda olha para mesa que atrai sua atenção, e lá está ela.

Ela, a estagiária com quem ele está transando. Ela está ali, no *seu* show, na *sua* noite. Ela trinca os dentes e fecha as mãos. A sensação de calor sobe pelo pescoço e invade o rosto, e está prestes a agredir fisicamente Eduardo por ter trazido sua puta vagabunda para a festa quando ouve um *plim* chegar do celular.

Linda olha em um reflexo involuntário para o aparelho, trêmula. A mensagem do destinatário desconhecido rola na tela:

Não pense duas vezes.

Ela engole em seco. O garçom chega com o drink ao mesmo tempo em que Eduardo abaixa o copo. Linda vira exasperada o celular para baixo. Olha de um lado para o outro, sem saber quem mandou a frase, ou o que ela quer dizer. *Não pense duas vezes em quê?* Em dar uma garrafada na cabeça do filho da puta? Em sacudir a garota e perguntar se ela sabe com quem está mexendo?

Mas então a imagem da mãe vem, os olhares penalizados das amigas que deram a ela o prêmio de consolação. Lembra que é a mulher que nem mesmo o marido ama, e de súbito não precisa mais responder à pergunta ‘você sabe com quem está mexendo’. Está mexendo com pouca coisa.

Linda aceita o drink com mão trêmula. Quem teria dado a Eduardo um convite para a festa? Aqueles convites estavam sendo mais disputados que

ingresso em final de campeonato nacional! E Eduardo tentou de tudo para não vir ao baile. Além do mais, sua tensão ao ver a moça foi real, ele não fazia ideia que ela estaria ali.

A bebida desce queimando a garganta enquanto sinapses inflamam a mente.

— Mais — ela pede ao garçom antes que se vá. Não ousa olhar para Eduardo, não conseguiria ver seu interesse *Nabokoviano* sem vomitar.

Não pense duas vezes.

Simplesmente esmurre sua cara sem pensar, Linda chega à conclusão sobre o que significa a frase. Está para acotovelar o futuro ex-marido quando sente o toque quente na coxa esquerda. No início é apenas isso, um toque. Não de uma outra perna, mas um toque de dedos. Ela olha sobressaltada para Henrique.

— Shhh — ele faz com a boca pecaminosa. Olha brevemente para Eduardo para averiguar sua ausência, em seguida inclina-se perto de seu ouvido:

— Quer brincar?

Linda arregala os olhos. *Brincar?* Brincar de quê? Linda está inflamada demais para responder, músculos endurecidos e veias saltadas, inteiramente dragada pela situação que se desenrola no seu lado direito. *Nem pense nisso Henri—*

Não pense duas vezes.

Ela franze a testa. Não é possível, é? É possível que o Clube... *saiba o que está acontecendo aqui?* Não há outra explicação: foi o clube quem enviou a mensagem.

Linda olha ao redor, tentando ver quem tem um celular nas mãos. Não consegue terminar a observação; os dedos enormes de Henrique — seu assistente burro, seu saco de pancada que alenta (com participação especial do seu vibrador) suas noites solitárias — sobe lentamente pela sua coxa.

Linda leva os olhos à jato pra a direita, notando que Eduardo ainda não se recuperou do susto em ver a amante na festa. Dedos continuam a alisar sua coxa, ternos e suaves enquanto o pulso de Linda acelera. Suas partes íntimas acordam, nem um pouco interessadas em drama, e sim em...dedos. Sua boca seca quando ela exala o ar. O *rush* da adrenalina a esquenta, e ela começa a ver o próprio peito ondular. Sem escapatória, canaliza a raiva para outras partes; esquece Eduardo, esquece a manipulação do clube — há manipulações mais urgentes acontecendo entre suas pernas.

Linda sente algo subir pela panturrilha. Olha discretamente para baixo, vendo que Henrique esfrega o pé em sua perna. Suas mãos entram sob a toalha e tocam a pele quente. Apertam sua coxa como se mal conseguissem conter o desejo de agarrá-la ali, à vista de todos.

O clube pode ter pago Henrique para fazer isso, Linda considera, zozza. A escuridão do baile parece difusa e enevoada como seus pensamentos. Mas não conseguiria fazê-lo sentir esse tesão, conseguiria?

O garçom retorna. Coloca o segundo copo na mesa e Linda agradece com um engasgo, ajeitando a toalha sobre o colo a fim de esconder a movimentação que acontece ali embaixo. Os dedos de Henrique continuam a sondar os arredores e se insinuar por onde não devem.

— Chegue mais para frente — ele diz baixo.

A cabeça de Linda está em desordem. A potência da raiva anterior vira um arrepio intenso, uma latência em todas as partes sensíveis do corpo. Ela chega para frente, tentando tapar o que está acontecendo; apoia o queixo nas mãos, estremecendo quando Henrique ergue sua saia e arranha a pele com a unha.

— Tire a calcinha.

Não faça isso, Linda, ele trabalha para você. Linda ofega e sua frio, sem saber de onde tirar coragem para afastar os dedos sob a renda. Pela primeira vez em dias sente a excitação de que algo está acontecendo em sua vida. Pela primeira vez em anos, dedos a enlouquecem.

Esse é o problema de quem vive no 220 e controla a vida como se esta fosse uma ilha de edição: nada é excitante demais. Na edição você é Deus: você acelera eventos, corta as partes feias para dar um formato melhor à realidade, elimina o monótono. Na edição, a vida é ágil, colorida, excitante. A vida fica um pouco lenta em comparação, e a vida de Linda estava em ponto morto.

Mas aquilo é diferente.

Eduardo desperta do estupor, e Linda trava as pernas com os dedos de Henrique entre elas. O marido saca o celular do bolso e checa com o canto de olho se Linda presta atenção nele. *Vá em frente, Eduardo, finja que não estou aqui.* Ele se põe a digitar ferozmente. Na mesa da frente, o telefone da garota acende.

Foi esse o gatilho?

A peça que fez disparar em Linda a sensação de vingança? Ver, com os próprios olhos, outra mulher reavivar o marido que considerava morto?

A penumbra enevoada dá lugar à lucidez ensolarada. À percepção perfeita dos arredores, de cheiros, cores, sons. Linda desconfia que agora sabe a resposta. Olha de maneira lasciva para Henrique, em seguida abre, decididamente, as pernas.

Ele toca com a ponta dos dedos. Sorri, mordendo os lábios. Por um tempo ele a bolina, à vista de todos, e ninguém nota. Quando a respiração dela está tão alterada que ambos desconfiam que alguém vai perceber, ele tira o dedo de dentro dela e o leva à boca.

— Trabalho — Eduardo se justifica ao telefone, sem olhá-la.

Linda não se dá ao trabalho de perder a cena de Henrique com o dedo entre os lábios carnudos.

— Imagino — ela responde.

Ela finge que acerta a calcinha. Puxa uma lateral para baixo, faz o mesmo do outro lado. Ajeita o vestido e o pedaço de pano se embola entre as coxas. Henrique leva a mão até suas pernas e desce o pedaço minúsculo de renda até o chão. A calcinha some debaixo da mesa.

— Banheiro dos fundos? — ele pergunta em seu ouvido.

Céus, sim, sim. Mas infelizmente, agora não. Ela iria correndo se pudesse, mas não pode. Linda balança a cabeça que não, bebericando seu drink. Henrique recosta na cadeira. Ela nota que ele balança a perna e recolhe as mãos. *Não, não pare.* Ela mantém as pernas abertas, esperançosa de que seus dedos voltem.

Como ela imaginava, Henrique tem vinte e cinco anos e fogo demais para desapontá-la. Ele cruza a perna esquerda sobre a direita; seu pé embrenha-se sob seu vestido e acha caminho entre suas coxas.

Seu pé.

Linda poderia soltar fumaça pelos poros. Ela vira discretamente para o lado, ajeita a toalha para tampar o colo e aproveita a sensação.

O dedão de Henrique insinua-se pela parte sensível das coxas, pressionando a junção delas. Linda desiste de lutar contra o que o corpo quer; tenta se concentrar em qualquer coisa — no celular que pisca na mesa da frente, onde a jovem amante do marido ignora a mensagem —; no marido, angustiado ao lado; nos colegas de trabalho. Tudo em vão. Morde os lábios, sorrindo, quando seu jovem assistente mergulha onde ela jamais esperaria ter um dia um dedo do pé. Tenta controlar a respiração e segurar os gemidos, mas um ou outro escapa. Saber que a estagiária ignorou Eduardo é quase tão bom quanto sentir aquele dedão entre as pernas

— Linda, preciso atender uma ligação — Eduardo diz, evitando olhá-la.

Ela responde um 'claro' gemido. Eduardo está tão desorientado com o desprezo da amante que nem a nota. Dispara em direção a algum lugar que não interessa, e Linda aproveita para agarrar o pé de Henrique.

— Banheiro, agora.

Ela não precisa de três segundos para chegar ao banheiro externo do estúdio, escondido e distante de tudo e todos. A penumbra é tanta que ela mal enxerga o vulto que se choca contra ela e a lança contra a parede de azulejos encardidos.

Uma boca deliciosa cola à sua. O peito largo do assistente a amassa contra a porta, enquanto a lambe, beija e morde. As mãos de Henrique prendem as suas

no alto da cabeça, e ela fecha os olhos sentindo o hálito perfumado de sua boca envolvê-la, chegando profundo e pesado. Jamais pensaria que a abordagem real, em carne e osso, pudesse superar a imaginária, mas aqui está o homem de seus devaneios provando-a o contrário.

Ele levanta seu vestido e prende suas pernas em torno de sua cintura. Suspende-a sem esforço, embora Linda não é mulher que possa ser chamada de leve. Ele se lança agarrado a ela banheiro adentro, enquanto mãos arrancam vestidos e descem cuecas. Quando Linda percebe está consumando um sonho com o homem certo, menos bem dotado que imaginou, mas que proporciona milhões de vezes mais prazer.

Ela geme, pede mais; ele diz sacanagens chulas ao pé de seu ouvido. Diz que fica excitado quando ela dá esporro nele. Que ela é gostosa e que ele tem vontade de bater na sua bunda.

E ele bate. Ela atinge o ápice.

Eles quase perdem a hora da eliminação. Linda volta à mesa tentando conter os ânimos. Mas como controlar a pele, em chamas, ou o ardor que sobe das partes íntimas e se espalha pelo corpo? Ela bem que tenta parecer menos feliz, menos corada ou mais digna, mas é impossível.

O príncipe aguarda o retorno das filmagens, e assim, parado ao lado de três ou quatro candidatas, parece um às de paus. A roupa que ele veste é comemorativa, algum traje oficial para celebrações em seu país. A casaca preta, comprida, sobrepõe-se à camisa branca e ao colete cinza. Insígnias e brasões enfeitam seu peito, reluzindo dourados contra a luz dos holofotes. Ele aguarda duro e calado, como se estivesse ali para bater seu ponto e ir embora. Linda esquece por um segundo o ardido entre as pernas e acena para ele, preocupada com sua rigidez. Ele manea a cabeça de volta.

Eduardo retorna desculpando-se pela ligação:

— Problemas no escritório — mente sentando-se em seu lugar. Volta a aparentar tanto ou mais enfado que antes.

— Sei como é — Linda responde ajeitando o vestido, seguindo o diretor assistente que solicita sua presença. Ao passar pela mesa da estagiária, vê que a menina está emburrada, mãos cruzadas na frente do peito e olhos cheios de lágrimas. *Oh, não foi bom para vocês?*

Linda para ao lado do diretor assistente, contendo o sorriso maldoso. O príncipe a procura com os olhos e Linda acena, tranquilizando-o.

Coitado daquele homem, ela pensa. Como não sentir pena? Ele sempre a lembra da emblemática imagem do cachorro que caiu do caminhão da mudança e agora gira zozinho pelo bairro atrás dos donos.

— Em seus lugares — Saulo avisa as concorrentes. Elas se acotovelam para

disputar o lugar ao lado da estrela do show. Quando Margô empurra uma das garotas, a menina olha para a diretora. *Faça algo*, ela pede com os olhos.

— Margô — Linda abre as mãos, questionando a atitude da competidora. A resposta de Margô é presenteá-la com o dedo do meio.

Sem dar trela para a grosseria, Linda se vira para a equipe de filmagem. Hora do príncipe escolher quem fica e quem vai. À sua frente encontram-se cinco rosas vermelhas e uma chave. As rosas serão dadas às que ficam e a chave, a quem está de partida.

— Acha que Margô vai ser desclassificada? — Henrique pergunta ao pé do ouvido de Linda. Ela responde com um olhar cheio de más-intenções, notando que sua boca ainda está inchada dos seus beijos e mordidas. Ela se arrepia só de sentir seu hálito.

— Ela é uma desclassificada.

Henrique encosta o ombro no dela, e ela troca com ele um sorriso cúmplice. Por que estão se portando assim à vista de todos nem mesmo ela sabe. A verdade? Ela não liga. A mão de Henrique se insinua em sua cintura; desce ladeando a polpa da bunda da chefe e aperta uma banda de leve. Linda segura uma risada. Quando volta a olhar para o palco, Sebastián está olhando para eles. Mais precisamente, para ela. Ele certamente notou o clima entre os amantes, mas não reage, apenas volta a aparentar realeza e discrição. No que pensa Linda não sabe, mas certamente sabe que entre sua bunda e a mão de Henrique está acontecendo alguma coisa.

As badaladas anunciam o momento da eliminação, e o solteiro mais cobiçado do mundo limpa a garganta. Uma a uma, as mulheres vão recebendo rosas e uma pequena declaração feita em português impecável.

A primeira rosa vai para a fofa-burra-como-uma-porta, cuja votação aberta sempre garante sua permanência na casa. Segundo uma enquête popular, o povo nas ruas acha que a menina *abrasileiraria* Luxemburgo. Linda rola os olhos sempre que lê tais comentários nas pesquisas.

As rosas vão se esgotando rápido. Quando chega nas duas últimas candidatas — Priscila e Margô — o príncipe pega a chave na mão. A câmera foca em Priscila, capta o rosto plácido da loira educada e em seguida abre em Margô. Como sempre seus olhos cintilam, perigosos. O silêncio é total; nada se mexe, além da mão de Henrique na bunda de Linda.

Linda tenta entender como o Clube colocou Priscila ali. Por que uma coisa ela sabe: Priscila foi colocada ali. Por seu pai, através de Eduardo?

Por sua causa?

A pergunta é: por que Linda é importante para o clube a ponto de infiltrarem um de seus membros no concurso? O que ela teria a ganhar – e

principalmente, a oferecer – tendo Priscila no show?

— Margô — o príncipe diz olhando para a chave.

Pode-se ouvir a saliva descendo pelas gargantas ao redor. Saulo fecha no rosto dos dois, e Linda sorri. *Entregue logo a chave para essa sabotadora.*

O príncipe olha de relance para Linda. Ela pode jurar que ele silenciosamente pede desculpas pelo que fará. Volta a olhar para Margô e solta:

—Você foi escolhida para ficar com a última rosa — e estende a chave da eliminação a Priscila.

Henrique solta minha bunda. A câmera fecha no rosto de Priscila, e meu queixo bate no chão. Ouve-se um “*ahn?*” geral.

Priscila dá um passo à frente, plácida como uma pintura renascentista cujo sorriso ninguém consegue decifrar. Sorri agradecida para o príncipe, e Sebastián sorri de volta como se trocassem segredos.

Linda franze a testa. Margô cheira sua rosa, lançando a Linda um sorriso debochado de vitória, mas Linda não percebe. Ela observa Priscila deixar o centro do salão, sob os olhares arregalados da plateia.

Ao passar por ela, a garota sorri.

15. NÃO ABRA A PORTA



Guilherme avisa que a reunião com investidores europeus está chata e que talvez desça a serra ainda aquela noite. Diz que tem um presente para mim, um que combinará com meus olhos. Avisa que vai tentar aparecer aqui mais tarde.

Olho o celular sem interesse, desejando que não venha. Que morra de tanto se divertir com seus amigos de nomes grandiosos e índoles miúdas.

A cabeça continua em Rodrigo. No seu pedido inusitado — o número de meu telefone — e minha óbvia recusa. Eu queria poder esquecê-lo. *Queria*, um desejo tão paradoxal quanto o futuro do pretérito que o verbo exprime. Mas é impossível esquecê-lo. Rodrigo chama minha atenção justamente pelos motivos que não deveria.

Não sei como chamar o que ele causa em mim. Corro os dedos pelo cabelo, andando de um lado para o outro do apartamento, tentando achar a definição do que essa *coisa* é. Ele é o tipo de cara que eu não olharia duas vezes: roupa desleixada, barba por fazer, olhos grandes e informativos demais. Ele é baderneiro; cheira a problema, burla censores, invade sem piedade a pele. Ele estardalhaça tudo em mim. Preciso tirá-lo da cabeça, não tenho o luxo de por tudo a perder.

Ando de cômodo em cômodo sem vontade de empacotar mais nada. Os presentes foram despachados para a mansão no Recreio, e finalmente consigo me mover dentro de casa. Sobre a mesa está espalhada a papelada da criação do fundo para ajudar as escolas — um projeto que Guilherme, embora ainda não saiba, custeará — e que está pronto para ser encaminhado à sua assessoria jurídica. Eu me caso com ele, ele conserta escolas: esse é o acordo.

Ao lado da papelada, meu antigo jogo de xadrez. Um tabuleiro de madeira gasta e peças roídas que escondo sempre que Guilherme me visita, e recoloco sobre a mesa quando ele se vai. Há meses repito o jogo de esconde-esconde. Há

meses penso nos movimentos que derrubarão o rei adversário.

Nesse jogo em particular, jogo contra mim mesma. Esse é sempre o jogo mais desafiador e simbólico, o mais difícil e recompensador. Preciso pensar como duas, e ser implacável comigo mesma. As peças já estão avançadas, peões e bispos caídos de cada lado, não vai demorar muito agora.

O cheiro me chama à cozinha. A sopa de cebola borbulha na panela, e desligo o fogo. Lanço queijo ralado no fundo de uma tigela, coloco duas conchas de sopa dentro e a cubro com pão, tempero verde e mais queijo. Enquanto a tigela vai ao forno, levo a garrafa de vinho para a varanda. Me espremo entre os móveis e sento na cadeira de ferro, olhando a Barata Ribeiro. Faróis cruzam a avenida, boêmios cantam canções desafinadas nos bares próximos.

O vinho frio refresca o corpo melado; mesmo de regata e shorts a pele parece pegajosa após o banho. A noite barulhenta acalma a solidão. Penso no que pode ter decepcionado Guilherme nas montanhas, se o harém não foi de seu agrado, ou as meninas se recusaram a fazer o que ele queria. Ergo a taça e brindo a ele, parte dos 1% que pode se dar ao luxo de viver como quer.

— Saúde e longevidade — eu o desejo, levando o vinho à boca. *Farei de tudo para estar com você quando as duas coisas ruírem.*

Um *plim* no celular ao lado chama minha atenção. Trago-o às vistas. Vejo uma mensagem de Bárbara e estranho, não me lembro e ter salvo seu nome na agenda. Na mensagem, uma única frase:

Não abra a porta.

Franzo a testa. Não abra a porta para quem?

Recoloco o celular sobre a mesa, pensando nos últimos movimentos do jogo. Bárbara sabe que o que tenho com Guilherme está além do amor e do ódio. Sabe que César é meu pai, e que tenho planos para os Diniz. Mas por que ela ainda não me confrontou sobre isso? O que está aguardando?

Um barulho aborrecedor, um *'totototo'* chato interrompe os pensamentos. Levanto da cadeira e me debruço sobre o parapeito, pronta para pedir silêncio ao barulhento quando vejo uma moto. Claro, um barulho desses só pode vir de uma moto.

Pernas fortes estabilizam a moto no chão, e o condutor tira o capacete. O copo de vinho, apoiado no parapeito, se desestabiliza na minha mão. *Rodrigo?*

É ele. Sentado na moto, cabeça baixa checando o celular. Meu coração é um estouro de boiada, fazendo tanto barulho quanto a *Harley*. Ele ergue o rosto, confere o nome do prédio. Em seguida olha para cima e me vê.

E simples assim, enquanto atrapalha metade do bairro com aquele ruído infernal, abre o sorriso mais charmoso da galáxia. Pernas, mãos, coração, temperatura basal — tudo pifa.

— Oi — ele acena.

Dou um passo para trás, com medo do que ele me causa.

— Abra a porta — ele grita com o queixo para cima.

Confiro as mãos: sim, elas tremem. Pouso a taça sobre a mesa e volto ao beiral:

— O que está fazendo aqui?

Ele desliga a moto e Copacabana fica subitamente silenciosa.

— Achei seu endereço nos arquivos da Secretaria!

—E? Não pode aparecer na casa dos outros à noite! — grito de volta vendo que cabeças se insinuem através de janelas vizinhas. — Isso é assédio, sabia?

— Se eu fosse feio e estranho, talvez — diz, sorrindo. — Vai, me deixe subir que te conto o que vim fazer aqui.

Rodrigo, no que está se metendo? No que está me metendo? As mãos seguram a grade do parapeito, incertas. *Não estrague sua vida, saia de perto de mim.* Lembro da mensagem de Guilherme dizendo que poderia aparecer mais tarde. Penso no que ele faria se soubesse que há um homem no meu apartamento.

— Trouxe algo para você — ele insiste. Abrindo um bortal, mostra uma garrafa de vinho.

Xingo três ou quatro palavrões sem espaço entre eles. O que vira um enorme palavrão, algo absurdamente comprido e atípico para mim.

— Vá embora, Rodrigo. — *Não faça isso comigo; eu quero tanto isso.*

— Mas tenho uma coisa importante para falar para você!

— Falamos disso durante a semana, na escola.

— Eu pesquisei o sábado inteiro!

— Céus, sobre o quê? — grito plenamente consciente da presença das cinco ou seis vizinhas de rolinhos na cabeça que não escondem a curiosidade em acompanhar a gritaria.

— Sobre traição! — ele grita, e eu me contraio como se alguém tivesse arranhado o fundo de uma panela com um garfo. Faço um sinal para que espere e ando até a porta. Assim que aperto o botão e a porta se abre, lembro da mensagem de Bárbara.

Não abra a porta.

Ops.

No curto espaço de tempo entre o *bzzz* e a batida discreta na madeira, arrumo o cabelo em um rabo de cavalo e guardo o anel de noivado no bolso. Abro a porta com o coração a mil, como se tivesse corrido uma maratona. *Tarde demais, Bárbara.*

Penso, ao vê-lo, em leite condensado. Eu sei, é idiota, pensar em leite

condensado quando vejo seu rosto. Não chega a ser realmente um pensamento, apenas uma breve menção honrosa à delícia das delícias. Embora seja uma conexão estapafúrdia, entendo perfeitamente sua relação com Rodrigo. Toda vez que abro uma lata de leite condensado e lambo a tampa, me surpreendo como o doce é melhor do que pensava. Com Rodrigo acontece o mesmo. Ele é sempre melhor do que o cérebro consegue se lembrar.

— Oi — ele diz com a voz rouca.

Rodrigo está vestido como das últimas vezes. Camisa amarrotada, calças de couro, jaqueta de motociclista. A barba continua por fazer, e o cabelo parece amotinado sobre a cabeça.

— Não sei nem o que dizer — coço a cabeça. Sete milhões de nervos em um corpo humano, e o indivíduo abala todos.

— Diga oi.

Sorrio.

— Oi.

— Diga: 'quer entrar?'

Eu me desmancho à sua presença.

— Quer entrar?

Ele entra. Não faz questão de se espremer na parede para passar, mas faz questão de se esfregar em mim. A jaqueta de couro roça meu corpo; não uma esfregação vulgar, só uma provocação. Abaixo as vistas.

— Você sabia que eu abriria a porta — digo ao ver o vinho em sua mão.

— Você não resistiria a *esse* vinho — ele ergue a garrafa. — É um vinho irresistível.

Olho-o, tão lindo que dói.

— Tenho certeza que ele é — respondo, em paz.

Ele tira a jaqueta e a joga sobre o sofá, olhando ao redor.

— Está de mudança?

O frio na barriga retorna.

— Estou.

— Vai para onde?

Viro para o outro lado, fugindo de seu escrutínio:

— Recreio.

— Recreio — ele repete, lento. Vira-se para mim, e imediatamente desconfio que ele sabe. Que sou noiva, que estou de casamento marcado, talvez tenha me reconhecido ao lado de Guilherme em alguma revista. O mundo para, na expectativa. Aperto as mãos, me movendo cautelosamente atrás dele enquanto ele observa a sala.

— Vai estar mais perto de mim — ele diz me olhando por cima dos ombros.

— Moro na Barra.

Sorrio, como se aquilo fosse uma ótima notícia. *Merda.*

Ele me estende o vinho no momento em que o cheiro o chama para a cozinha. De nariz em pé ele segue o aroma, e eu vou atrás. Seria este o motivo para Bárbara pedir que não abrisse a porta? Porque ela sabia que eu agiria como uma idiota? Não sei, me parece um bom motivo. Coço a cabeça, pensando nisso. Ou Bárbara está me vigiando, ou está me protegendo. Não estou no momento em pleno domínio de suas faculdades mentais para discernir isso, mas prefiro acreditar que ela esteja só me protegendo.

Rodrigo se vira de supetão.

— Você está fazendo meu prato preferido?

— Se seu prato preferido for sopa de cebolas à francesa, sim.

— Viu? Mais um sinal de que estava certo em vir aqui. Como não amar uma mulher que faz sopa de cebolas com queijo?

Avermelho, abrindo a gaveta e estendendo-lhe o abridor. *Como não amar uma mulher* lateja na mente como um machucado. Fecho a gaveta com a bunda, virando de frente para ele.

— O que veio fazer aqui, Rodrigo?

Ele gira o saca-rolha. Observo os braços fortes que complementam o peitoral largo, a concentração medida com que me ouve mas não me responde logo. Sobe os olhos, disparando um frio na minha coluna que percorre a espinha se aloja na linha do cabelo.

— Queria ver você novamente.

Pop. A rolha salta. Levo as taças até a varanda, sentindo seus olhos em mim.

— Quero que você me explique uma coisa, — ele pede. — Por que a mulher mais bonita da cidade estava bebendo sozinha no sábado à noite?

— *Estava*, no passado. Você resolveu esse problema.

— Sou bom em resolver problemas.

Deixo que ele me sirva o líquido vermelho. Aproveito sua compenetração para olhá-lo de perto. De perfil seu nariz é imponente, e seu queixo quadrado combina com a estrutura massiva. A varanda fica menor com sua presença, mas definitivamente mais charmosa.

— Estava comemorando algo?

— Me despedindo, eu acho — olho ao redor. — Dizendo adeus ao apartamento.

— Não deixe de atualizar o endereço na secretaria.

Minha gargalhada sai solta.

— Deixe-me adivinhar: você aparecerá no meu novo endereço.

— Todo dia, se você deixar. Duas vezes nos fins de semana.

Balanço a cabeça, recriminando suas intenções e meus sentimentos. *Porque não te encontrei antes, Rodrigo?* Antes de tudo, quando ainda tinha escolhas? Mas então acordo: *eu nunca tive escolha.*

A varanda está iluminada por uma única vela que deixa o ar com cheiro de tangerina. A luz vem da avenida abaixo e das estrelas que brilham fracas no céu limitado por prédios altos. Rodrigo se senta olhando para a mesa onde o jogo não terminado aguarda.

— Você joga xadrez?

Com a sua chegada súbita, esqueci de guardar o tabuleiro.

— Jogo.

— Joga bem?

— Muito bem.

Ele não dá ao fato a atenção que deveria. Volta a me olhar como se eu fosse algo imperdível, uma sobremesa rebuscada.

— Por que está dando tão descaradamente em cima de mim? — eu rasgo o verbo. Não temos tempo para joguinhos, Guilherme pode aparecer ali.

— Já te disseram que você pula rápido demais a conclusões?

— Meus parceiros de jogo discordariam.

— Seus parceiros de jogo não conhecem você.

— Não há parceiros de xadrez que não se conheçam.

Ele ergue as sobrancelhas, admirado.

— Uau. Você é uma jogadora.

Dou um gole no vinho, balançando a cabeça que sim.

— Quanto à sua pergunta, meus porquês estão óbvios, não estão? — ele responde à minha pergunta.

— Não estou aberta para romances, já falei.

— Seus porquês não me convencem.

— Ainda assim continuo fechada.

— Pense da seguinte maneira: quando você traçou e meta de zero-romances, ainda não me conhecia.

Sorrio, mas não esmoreço. A hora é de resguardar a rainha e manter o bispo afastado.

— Mas não se apresse — ele diz enchendo sua taça. — Tenho a noite toda para te convencer que sou o cara para você.

— Não fique decepcionado se ao final da noite você for embora com a mesma resposta, Rodrigo.

Ele estende o copo para que brindemos, desafiador. É uma aposta, então.

— O que trouxe para discutir comigo? — mudo de assunto, levando o copo

até o dele. As taças se encontram, soltando um *plim* delicado. Não quero romance, mas quero sua companhia. Só mais um pouco.

Ele enfia as mãos no bolso e pega um papel amassado.

— Desculpe, sou meio caótico com papéis — justifica-se ao trazer a folha amarfanhada às vistas. Olho para o papel que jogaria no lixo se encontrasse pela casa.

— Meu Deus, a Secretaria de Educação está em suas mãos.

— Você não tem ideia da bagunça que estou fazendo nela.

— Afinal, bagunça é tudo que ela precisa.

Ele abaixa o papel sorrindo, e vejo que ele segura a impressão de uma página da web com rabiscos feitos a lápis nas margens.

— Sabe, desde ontem estou fixado em você — ele diz tentando alisar as pregas da folha. Abaixo a cabeça para esconder o sorriso. *Então somos dois.*

— E como você é a única coisa em que meu cérebro parece interessado no momento, vareei a noite estudando o assunto que me impede de ter uma chance.

— Assunto que... te *impede* de ter uma chance? — Estou confusa.

— Você foi traída, não foi?

— Brilhante dedução, Sherlock. Sim, eu fui.

— Por alguém em quem confiava.

Você não tem ideia do tamanho do estrago que traições fizeram em mim.

Ele morde o interior das bochechas enquanto me analisa com aqueles olhos imensos de cor indefinida. Nem claros nem escuros, uma falta de acordo entre duas cores.

— E acha, por isso, que todos os outros homens são safados traidores.

— Pleonasticamente falando, os homens *são* todos safados traidores. Alguns mais cedo no relacionamento, outros mais tarde.

Dou um enorme gole no vinho, me arrependendo imediatamente de finalizar a bebida tão rápido. O vinho se vingará de mim.

Rodrigo se endireita.

— Como exemplar da espécie atacada, preciso informar à senhorita que traição não é tudo igual, assim como os homens também não são. A prova disso é esse profundo estudo que fiz sobre traição humana.

Ele coloca seu *estudo* — o pedaço de papel rabiscado e amassado — na minha frente.

— Não acredito que pesquisou a noite inteira sobre traição!

— Claro que sim, a noite toda.

Olho-o, enternecida.

— Sei que você deve ter esmurrado o cara que te traiu, e se esmurrou, muito bem. No entanto, fechar-se para o mundo não vai te ajudar em nada. Não

vai *me* ajudar, pelo menos, em nada.

Quero sorrir, mas a direção da conversa me incomoda.

— Sei que traição dói, mas não pode deixar que ela te mude. Já pensou no que aconteceria se todos os humanos traídos resolvessem deixar de se relacionar? Entraríamos em extinção em duas gerações.

Sem esperar minha resposta, Rodrigo saca o pedaço de papel de cima da mesa e começa a ler o que garranchou ali:

— “A traição é um fenômeno multifacetado, mais complexo que imaginamos.”

— Você está defendendo a traição?

Ele sobe os olhos.

— Imagine, claro que não. Só estou dizendo que a traição não significa o fim. Não precisa ser o evento destruidor de esperanças, de um casamento, nem mesmo ser considerado o pior pecado entre o céu e o inferno.

— Quando for traído mudará de ideia — digo com o copo na boca.

— Você acha que a ausência de traição significa vida feliz? Ela é só uma das muitas lombadas de um relacionamento.

— Você não foi traído no passado, tenho certeza.

— Quem não foi traído, querida Ana? — ele sorri, complacente.

Largo o copo sobre a mesa e enfio as mãos sob os joelhos dobrados. Por que alguns perdoam e outros partem em uma cruzada contra o que passam a considerar o inimigo? Penso em minha mãe, e no que uma traição representou para ela. Em Guilherme, que elevou traição a um novo patamar (ou levou a traição ao patamar dos Diniz). Essas duas pessoas me enterraram em um escuridão de onde, por identificação, não faço mais questão de sair.

— Traidores tem entre si diferenças consideráveis — Rodrigo diz voltando a beber. — Eles podem ser de mil tipos diferentes. Como classificou seu ex?

Fico surpresa ao ouvir a palavra *ex*. Sinto-me mal em não corrigi-lo, mas não o corrijo.

— Ele é o traidor-que-não-consegue-manter-o-pinto-dentro-da-calça.

— Hummm, um clássico. Mas, de acordo com a minha pesquisa — ele chacoalha o papel — Existe o... deixa eu ver... aqui está. O *traidor-acidental*, por exemplo.

Franzo as sobrancelhas.

— Como assim, *acidental*?

— Aquele que acordou sem saber que trairia.

— Não sei se quero ouvir essa besteira.

— Mas vai. Foram horas de pesquisa na internet, tenha piedade. Vamos às crônicas de um evento infeliz — Rodrigo filosofa, balançando na cadeira. — O

super marido tem o azar de acordar mal naquele dia com a mulher. A mulher está chata; ele, desinteressado. Sai para trabalhar e sem querer tropeça em uma garota que, no quesito romance, anda catando papel na ventania. Tá me acompanhando?

Balanço a cabeça que sim.

— A menina está disposta, ele nem sabia que estava também. Por um lapso do destino, os dois conversam, encontram afinidades, tombam sobre alguma cama. Aconteceu. Foi um caso único, em um momento propício. Ninguém tinha a intenção, mas não conseguiram breçar o carro desgovernado, sabe? Bam! traição consumada.

— Safado — eu resumo.

— Não! O que dizer do alinhamentos de estrelas, da confluência dos astros que dançam sobre nossas cabeças, da conspiração da galáxia? — ele ergue as mãos para o céu. — O chifre estava destinado a acontecer! O cara se arrependeu, chorou, prometeu que não faria isso de novo. Ele não é um canalha completo.

— Não acredito, Rodrigo! Você está insinuando que traição pode ser um tropeço do destino?

— Sim, senhora.

Rolo os olhos, imaginando meu noivo nessa fortuita e improvável constelação de fatores. Nasceu bilionário, bonito, inteligente. Achou que a prima casta do interior era uma piada interna, uma que poderia lhe render filhos bonitos e saudáveis. O mundo age a favor desse homem. O planeta praticamente tomba para o seu lado, lançando, com o desnível, mulheres em sua direção. Sim, talvez pudesse acreditar que o universo conspira para os chifres sobre minha cabeça, mas Guilherme não se encaixa na categoria do traidor accidental. Ele se encaixa na do traidor *serial*.

— Qual outro tipo você tem aí? — pergunto indicando com o queixo o papel.

— O traidor-Romeu.

Passo a me balançar na cadeira também. Como foi que nunca percebi que a cadeira balançava?

— Fale-me sobre o traidor-Romeu.

— Nosso Romântico infiel é o maluco que se apaixona pela gangorra do playground onde supostamente só deveria brincar. Na minha opinião, esse iludido se apaixonaria por qualquer coisa, calhou de ser outro ser humano.

— Ele quer se apaixonar?

— Sim... ele está procurando na verdade um modo de escapar de sua vida enfadonha. Ele tem urgência em se apaixonar. É isso ou o suicídio.

— Você está fazendo a coisa parecer nobre. Se ele não trair, morrerá.

— Mas ele morrerá — Rodrigo o defende. — De tédio ou de tristeza, mas a morte é certa. O cara aceitaria qualquer coisa para escapar da vida chata. Quando surge alguém, ele projeta toda a paixão que precisa na pessoa. Paixão é paixão, você sabe.

Aperto os olhos, observando sua diversão. Tenho certeza que Rodrigo não está falando sério, mas por outro lado, acho que está.

— Nosso traidor-Romeu sacou que o tempo passou e tem medo de que aquilo que está vivendo seja tudo que conseguiu da vida. Não é fácil descobrir que temos data para expirar.

— Você está realmente filosófico sobre os canalhas.

— Traição pode ser parte da crise, sim. Ninguém consegue finalmente entender sua própria finitude e aceitar que passará o resto da vida com quem não te incendeia.

— Uau. Isso foi profundo.

— Desculpe, mas viemos à terra equipados com essa angústia de morte — Rodrigo faz um gesto reverencioso de quem está citando alguém. — Se essa verdade está difícil de engolir, mande uma carta reclamando para o criador.

— Acho o endereço dele na secretaria também? — pisco, sorrindo.

— Talvez, embora eu não bateria na porta da casa de Deus procurando alguém. Tenho assuntos mal resolvidos com Ele, Ele não me deixaria entrar.

— Uau, e o que fez de tão grave para não merecer o céu?

Ele sobe os olhos até os meus.

— Se a noite terminar como quero que termine, você vai entender.

Eu me ajeito sobre a cadeira, sem acreditar que uma única frase dele me incendeie. Mas não é só a frase, é tudo; é o olhar, o sorriso torto, a mente que se adianta à noite e me faz ter vontade de baixar a guarda.

— Sabe o que é mais interessante? — ele volta a olhar o papel, sem entender o que fez comigo. Faço que não, perdida.

— É justamente quando a vida se estabiliza que o traidor-Romeu pensa em desistir dela. Quando ele se dá conta que a vida andou e ele precisará crescer.

Abaixo os olhos, pensando se é isso que move Guilherme. Seria esse o seu problema? Acho que não. Guilherme nasceu no topo; trair lhe traz algum senso de aquisição, de desafio que, no dia-a-dia, lhe falta. Gosto dessa categoria, mas me deparei com um único problema: Guilherme é incapaz de sentir amor.

— Continue — peço, dessa vez interessada.

— Temos em seguida o traidor-consensual.

— Aquele que trai com o consentimento do outro?

Ele balança a cabeça que sim.

Levo as mãos para debaixo da mesa, mexendo nos anéis. Não acho que

Guilherme se encaixe na categoria, mas algo nela mexe comigo e Rodrigo nota.

— Acha que o seu ex cabe nela?

— Talvez — murmuro. — Embora não tenha sido exatamente consensual.

— Tem gente que acha um meio de fazer esse tipo de acordo funcionar. E se ele funciona, como chamar o outro de safado?

Ele me questiona de maneira graciosa, e aguarda de mim uma resposta.

— Não concordo com esse tipo também.

Penso no casamento de meus sogros, o mesmo tipo de casamento que me aguarda. Algo dentro de mim não concorda com aquilo. Talvez seja a alma monogâmica, ou a crença de que momentos ruins não justificam escapadelas. *Amor na crise e fora dela*, é nisso que quero acreditar.

— Acho que traição consensual é covarde.

— Por que?

— Acertar com o cônjuge algumas escapadas é não lidar de maneira direta com o que te desagrada. Se seu casamento não satisfaz sexualmente ou emocionalmente, o casal deveria procurar alguém. Conversar, melhorar. Mas procurar outra ou outro, mesmo que consensualmente, é escolher o desvio.

— Mas o que fazer se surge em um dos cônjuges sentir atração por outra pessoa? E se o parceiro não ligar que você aja sobre esses impulsos?

— Como meu parceiro reagiria se me visse suspirando pelos cantos por causa daquela escapadela? — questiono, e Rodrigo imagina o cenário. Sim, é possível que o traidor consensual, na verdade, fosse fiel com outra pessoa.

— Podemos aceitar a aventura sexual, mas não o amor, não é?

Rodrigo não consegue responder àquele argumento. *Touché*.

— Temos um próximo? — questiono, na dianteira.

— Bem, temos o traidor-por-que-não?

— E como é esse?

— Gente que compartimentaliza amor e sexo. Que aceita que casamentos são imperfeitos, e que se o outro não souber, a traição não tem importância. Existem casais vivendo assim há décadas; gente que de alguma maneira vive junto, mas eventualmente trai. Sem regras nem dramas.

— Você teria um casamento assim? — pergunto.

— Eu? Não. — Sem me dar mais atenção, retorna á lista:.

— Tenho um outro tipo, também. O retardado emocional.

Rio, corrigindo-o: — O *emocionalmente deficiente*.

— Sim, o *emocionalmente deficiente* é aquele que termina com você pelo *Whatsapp*, que reclama da sua comida porque ela não se parece com a comida da mamãe, que entra no relacionamento para que você tome conta dele, e acha que traição é um direito.

Faço uma careta de nojo.

— Como ignoram as emoções e vivem de joguinhos, não tem ideia de como lidar com a pressão de um relacionamento adulto. Traição, para ele, é uma maneira de escapar das responsabilidades que ele não quer e nem consegue assumir. Seu ex se encaixa nessa categoria?

— Bem, ele sofre um pouco desse retardo, mas também do mal da traição-acidental, da traição-consensual, e da categoria geral os-homens-são-todos-iguais. Mas sabe qual é o verdadeiro problema do meu ex?

Ele faz que não.

— Ele acha que está acima de nós. Que trair é um direito adquirido.

A essas alturas o vinho já subiu à cabeça, e a língua solta mais do que deveria.

— Sou para ele um objeto com uma finalidade. Ele não gosta realmente de mim, por que não gosta de gente, em geral. Não quer uma relação de igualdade, algo que ele considera apenas uma invenção moderna. E ele não gosta de inteligência, também.

Aponto para o tabuleiro de xadrez, onde há semanas duelo comigo mesma:

— Ele nem mesmo sabe que jogo essa droga. Para ele, quanto mais inteligente eu fosse, mais veria o que ele esconde.

Uma leve sensação de tremor toma os dedos e cresce em direção aos braços. Sei que estou falando demais.

— Somado a isso, ele gosta da novidade. Quer ver outro rosto na cama, sentir outro corpo. A variedade está na sua constituição, sei que é isso que pensa. A monogamia é uma prisão.

— Uau — Rodrigo termina seu vinho. — Seu ex deve ser uma figura e tanto.

Oh, ele é.

— Você entende o que eu estava tentando fazer aqui, não entende? — ele pergunta, erguendo o papel.

— Você queria que eu perdoasse o meu ex. Porque só perdoadando e entendendo seus erros eu poderia me sentir pronta para errar outra vez.

Rodrigo a abre a boca para rebater a última frase, mas eu o calo com outra pergunta.

— E você, Rodrigo? Que tipo de traidor é?

— Não sou um traidor, Ana.

— Balela, você é.

Sem dizer mais nada, Rodrigo se levanta. Seus olhos brilham sobre mim, desafiadores, enquanto as mãos firmam em cada lado da mesa e a tiram do chão. Ele a ergue como se não pesasse nada, e pousa-a na porta da varanda, fechando a

saída. Sem a mesa entre nós, o caminho está livre.

— Vou mostrar para você que tipo de homem sou. E se ao final quiser me dispensar, aceitarei sua decisão.

E curvando-se sobre mim, mostra o tipo de homem que é.

16. UMA TRAIIDORA ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA



Ele coloca uma mão em cada braço da cadeira. Seus olhos me perguntam, de maneira íntima, se quero a aproximação. Não me mexo, e recebo por isso um beijo em resposta. Um beijo terno e molhado, só estalos e ruídos de línguas que se contorcem.

Rodrigo silenciou o mundo com um beijo.

Enquanto ele se ajoelha entre minhas pernas e desliza as mãos sobre a minha coxa, penso que uma única foto tirada de uma dessas janelas poderia acabar com meus planos. O que um vídeo, feito por um adolescente entediado, faria com meu noivado? Toco no ombro de Rodrigo para afastá-lo, mas como se acionada pelo calor da pele, a mão paralisa. Sua carne é quente e dura, e seu cheiro ativa botões adormecidos. Como resistir a um homem que cheira a problema? Desencosto da cadeira para me acomodar em seus braços, na doce ilusão de que se eu chegar mais perto, ganharei coragem para afastá-lo. Ajeito a face à sua, e sua barba me pinica. Sorrio, lânguida, certa de que chegar mais perto é uma estratégia tola. Sugo sua língua com gosto de Cabernet, plena e totalmente ciente de que estou incrivelmente perdida.

Ele apalpa minha pele, me segura firme para que eu não me afaste um milímetro, e eu me entrego. A verdade é que o desejo de todas as maneiras que um homem pode ser desejado desde o minuto em que o vi. Desfaço encaixada em seus braços, indefesa à tudo que esse homem é.

Com as mãos no meu traseiro, ele me suspende. Estamos no espaço onde antes estava a mesa, ele de pé, eu com as pernas em torno de seu quadril. A mesa trava o caminho pra o quarto, e tudo acontece rápido e de modo natural: ele se senta no chão, eu deito sobre ele.

Seus dedos correm delicadamente pelo meu cabelo e soltam meu rabo de

cavalo. O cabelo cai em cascata sobre meus ombros, e interrompo o beijo para olhá-lo. Onde está a coragem para dizer que precisamos nos afastar? Sei a essas alturas que não vamos parar; sei exatamente *onde* vamos parar, mas dizer que *devemos parar* faz parte de mim.

Seus olhos honestos estão nos meus, não aflitos como o coração que bate em meu peito, mas serenos. Seguro a lateral de sua face com as mãos e digo seu nome, e ele responde com o meu. Passo o polegar por sua boca, aceitando seu desejo. A testa franze de raiva por ser quem sou, e não poder ser o que gostaria de ser. A feição relaxa quando ele sorri, e eu percebo que amo secretamente ser a causa daquilo. Amo ter aquele segundo em que esqueço meu destino e fantasio outro.

Ele me puxa de volta. Sua braguilha se avoluma, e eu me encaixo sobre ela. Bem devagarinho, pressiono-a. Ele sente minha pulsação, e pulsa no mesmo ritmo que eu.

— Se você não quer que as coisas terminem na sua cama, precisa me dizer agora — ele arfa em meu ouvido. — Temos todo o tempo do mundo para continuar de onde pararmos. Não precisamos passar desse ponto.

— Está mesmo disposto a parar por aqui?

— Ainda existe gente decente no mundo, Ana.

Sento sobre suas coxas, alisando seu peito.

— Não há gente decente no mundo, Rodrigo.

Ele acaricia meu cabelo, e sei que se pergunta o que foi que vivi para dizer uma coisa daquelas.

— Gente decente existe, e você está sentada em cima de uma. Por exemplo, troco sexo por aquela sopa que vi na cozinha.

Só ele, com esse charme filho da puta poderia se safar de uma frase assim.

— Troca, é?

Ele entorta a cara, segurando meus pulsos.

— Não, estava brincando. Mas se você quiser ir devagar, eu aceito. Diga o que você quer, seu desejo é uma ordem.

Agarro seus braços e coloco-os ao meu redor. Deito sobre ele, sem respostas. Eu deveria ir devagar? E meus desejos, são mesmo ordens? Caso fôssemos devagar, onde chegaríamos? Ao contrário do que ele acredita, não temos todo o tempo do mundo.

Suas mãos voltam a me acariciar, quentes e macias. Elas alisam toda parte decente de mim; da cintura às coxas, enquanto seus dentes mordiscam meus lábios. Anseio cada toque. Anseio cada dedo atrevido, cada mão audaciosa. Ardo em desejo e pensamento, corpo e mente trabalhando juntos, coisa rara. Alguém por trás de uma dessas janelas pode ter uma câmera. Se fosse flagrada, teria

finalmente minha redenção?

Rodrigo volta a beijar meu pescoço, e eu fecho os olhos.

Afaste-se, Ana Laura. Você não pode mudar sua história. Seria impossível apagar o que foi escrito para você, rasurar nomes que existem, embora não queira admitir, passar uma borracha nos capítulos que estão por vir. Nada disso é possível. Rodrigo abraça meu rosto entre as mãos, e pouso as minhas sobre as dele.

Querer não é poder. Quem afirma que para conseguir algo basta querer, está mentindo. Essa é a fala dos que engarrafam esperança e a vendem com a promessa do ‘basta insistir’. Não há retorno para gente como eu, que cresceu para terminar o que a mãe começou. Por anos tentei afugentar os fantasmas, mas tudo que consegui foi me acostumar a eles. Entendê-los, sentir-me em casa na sua presença. Hoje sou uma morada que os merece.

Ele para de me beijar e me olha, tão perto que seus cílios roçam em mim. Seu cheiro é tão bom, tão primitivo. Ele acaricia minha pele com o polegar. Não sei o que vê em mim, talvez apenas sinta meu cheiro de incoerência, de charada. Às vezes esse cheiro é tudo que queremos.

— Não quero ir devagar, Rodrigo.

Existem fardos que precisamos simplesmente carregar, e os meus faço questão de levar sozinha. Sem ajuda, alívio ou atalhos. Que Rodrigo só faria a minha carga pesar um pouco mais é fato, mas o que é, para quem já carrega tanto, o peso de um homem especial?

Agarro sua camisa fechando as mãos em punhos.

— Acha que os vizinhos podem nos ver?

Ele pensa um segundo, em seguida faz o inesperado. Pega a barra da minha regata e puxa em sua direção. Sou puxada junto. Ele se enfia, com toda aquela massa e um metro e noventa de altura dentro dela. A camiseta faz milagres que a indústria têxtil não conseguiria explicar: ela cede, abrindo-se para ele. Olho pela abertura da gola — sinto mais do que vejo — cada toque da boca deliciosa sem acreditar que ele se escondeu dentro da minha roupa.

Em um segundo estamos sentados, ele dentro da minha camiseta, no outro estamos no chão, ele sobre mim. Não penso mais em vizinhos, em câmeras, em flagras, Guilherme ou vingança; relaxo os braços para trás e fecho os olhos, escondida na penumbra, uma traidora acima de qualquer suspeita sendo beijada dentro da camisa por um homem sem igual.

Sua língua me percorre inteira, e me contorço quando ele me morde perto do umbigo e deixa um rastro de umidade até o cós da calça. Ele enfia as mãos dentro da regata, e ela rasga na lateral. *Não rasgue*, sussurro lânguida, sem desejar que ele interrompa as carícias ou que eu perca o esconderijo de uma

eventual plateia. Sua boca se aproxima da barra do sutiã e eu levo as mãos às costas para abrir o fecho. Quatro mãos se livram do tecido, uma alça saindo por um braço, o resto pelo outro lado.

Fecho os olhos, perdendo os sentidos enquanto flutuo pelo espaço. Quero, assim como ele, mais pele, mais toques, menos roupa. Ele abandona a camisa com fogo no olhar. Se ele é fogo, sou gasolina. Posso incendiar o prédio com a intensidade do que queima em mim. Da paixão que cresce em mim. Ele cruza as mãos na frente da camiseta e a ergue, mostrando um corpo lindo. Alvo, com pelos escassos no meio do peito. E ele tem pintas. Sorrio ao ver suas pintas charmosas, passo os dedos por sua barriga lisa, paro-os ao encontrar o fecho da calça.

Cabelos escuros e crespos despontam da cueca quando desço-a alguns centímetros. Há quanto tempo não desejo tanto um homem? Há anos.

Em mim, só acho desejo. Nele, encontro a possibilidade de finalmente viver uma noite que só as grandes paixões permitem. Ele morde os lábios quando o encaro. *Nas mãos tenho o meu tesouro.*

— Quero te colocar em uma cama — ele diz, rouco.

Abro os braços, me oferecendo em resposta. *Faça qualquer coisa comigo, Rodrigo; deixe-me apenas inteira para viver amanhã.*

Ele me ergue. Levanta a mesa, tira-a do caminho, e antes que eu possa chegar na sala ele já está beijando a minha nuca enquanto uma mão se insinua dentro do short.

Tombo de barriga sobre a cama, ele sobre mim. Olho ao redor enquanto ele me morde no pescoço e no ombro, à procura de fotos em porta retratos. Não há mais nada ali, eu me livrei de todas, rasguei tudo. Eu bani Guilherme daquele apartamento. Eliminei seus resquícios, joguei-o fora dali. Rodrigo me traz de volta, puxa meu short para baixo, e o *tlim* me sobressalta. O anel de noivado cai do short.

— O que foi isso? — ele pergunta.

— Nada — eu me viro, e recomeçamos a nos beijar, desta vez ele sobre mim. *Apenas um diamante avaliado em cem mil reais que eu jogaria pela janela se colocasse essa noite em risco.*

— Do que gosta na cama, minha doce Ana? — ele pergunta em tom de brincadeira, traçando desenhos com os lábios em meu rosto.

— De você — solto, séria. Há tanta verdade nessa resposta que ele se espanta.

Rodrigo para de me beijar para sorrir.

— E o que quer que eu, a pessoa que você gosta, faça com você?

— Adivinhe se for capaz — eu me retraio com as mãos em volta de seu

pescoço.

— Como vou saber se está gostando? — ele morde meu lábio.

— Eu vou gemer.

— Quanto mais alto, melhor?

— Não – eu sussurro. – Quanto mais *baixo*, melhor.

Ele se afasta para me olhar. Sim, essa sou eu. Posso me comunicar como ninguém, defender meu ponto de vista e reclamar, mas não consigo dizer uma palavra sobre o que me é verdadeiramente caro. O que é caro pode ser roubado; pode ser saqueado sem piedade, sumir de um dia para o outro. Se eu gemer é bom, mas se eu ficar quieta, e moderar cada suspiro, então ali está meu segredo. Minha vulnerabilidade.

E eu acabei de dar essa informação para um homem.

— Escutarei cada gemido seu — ele promete rente à minha orelha enquanto acaricia minha face. – E notarei cada momento de silêncio.

Ele volta a me beijar, e eu apenas me encolho em seus braços, pedindo a um Deus em quem não acredito para voltar no tempo. *Faça-me acordar seis anos atrás. Permita-me mudar o meu destino.*

As carícias estendem-se pelo pescoço, pela axila, pela lateral dos seios. Ele desabotoa meu short, descendo-o devagarinho, gastando tempo ao me observar de luz acesa. Nem eu nem ele fazemos questão da penumbra. Quero vê-lo, ver o que ele faz, e Rodrigo também quer me ver. Quer saber meus pontos fracos e me domar com amor.

Deixo que me observe, e também que me toque. É tudo tão íntimo que me pergunto se já não o conheci antes, um amante distante, alguém do meu passado que por um lapso do destino eu reencontrei. Mas nessa vida eu não tive tanta sorte.

Ele me alisa, me afasta e se ajoelha. Aproxima-se de mim, e me cheira. Inteira. Toca meu mundo com a ponta da língua, e descubro muito sobre o mundo naquela noite. Sua gentileza provoca reações violentas; um contra-senso de beleza irreparável. Serpenteio sobre o algodão enquanto ele ondula – eu na horizontal, ele na vertical.

— Você é um pecado — ele geme no meu ouvido.

E você é a maçã que eu nunca deveria ter provado.

Suas investidas tornam-se mais profundas, dois corpos unidos, movendo-se juntos em direção a algum lugar perfeito.

O que estou fazendo? pergunto tantas vezes a mim mesma que perco o ar, e no fim exalo o último suspiro quando Rodrigo estremece e tomba ao meu lado. Ninguém vem ao meu socorro. Ninguém pode medir o significado do que eu acabei de fazer.

Deito ao seu lado, incapaz de entender a intensidade do que aconteceu. Tiro o cabelo suado do rosto, passo as mãos pelo corpo dolorido. Aquilo foi definitivamente um pecado.

Ele se levanta, sorrindo.

— Foi bom? — pergunta com a certeza de que direi sim, que foi um estouro.

Balanço a cabeça que sim, com um sorriso bobo nos lábios. Procuro ao redor algo que me tape para preparar a comida. Todo aquele exercício me deu fome.

— Onde pensa que vai? — ele pergunta, surpreso.

— Preparar a sopa. Não está com fome?

— Estou — ele responde com o olhar sereno. — Mas não estou satisfeito, ainda. Quero mais. Quero minha entrada.

Mordo os lábios, vendo-o se ajoelhar na minha frente com os olhos maliciosos nos meus. Subitamente, faz uma careta.

— Ai.

— O que foi?

Ele leva a mão ao chão.

— Ajoelhei sobre um anel – Ele traz o anel às vistas. — É seu? — pergunta com o diamante reluzindo entre os dedos.

—É — digo estudando sua reação. Mas Rodrigo não se delonga na jóia. Ele a estende ate meu dedo, ajoelhado aos meus pés. Acho que vê graça na cena. Se eu tivesse pudor ou vergonha, sentiria algo que não fosse alegria.

Endireitando-se como se estivéssemos na mais formal das posições, diz com toda a pompa.

— Posso colocar o anel em seu dedo?

— Por favor — estendo-lhe a mão esquerda, simulando a cena mais romântica do mundo. Ele nota.

— Você é uma moça casadoira, Srta. Dias? — ele me olha sob os cílios, empurrando o anel pela extensão do meu dedo. Sorrio sem olhar novamente para o anel.

— Onde estávamos? — trago suas mãos de volta a mim.

— *Antipasti*.

E com língua de gato, me dá um banho. Que eu, para constar, tomo quietinha.

Horas depois, quando estamos deitados lado a lado e saciados em todos os sentidos, ele faz a proposta que eu temia.

— Quando vamos nos ver de novo?

Deslizo sobre seu peito suado, agarro seu cabelo, beijo sua boca com paixão.

— Amanhã? — ele diz entre um beijo e outro, me apertando em seus braços. Colo o corpo ao seu, recostando a cabeça em seu peito. Dali balanço discretamente a cabeça que não.

— Segunda, então?

Fecho os olhos. *Doerá mais em mim que em você, Rodrigo, eu garanto.*

— A resposta nunca vai mudar, Rodrigo. Não vamos nos encontrar de novo. Nunca mais.

17. TUBARÕES DO AGUARDO



Nunca fumei. Nunca tive vontade de inspirar a fumaça e prendê-la nos pulmões para depois soltá-la e relaxar. Nunca, até aquela noite.

Dou o último trago no cigarro. Não tusso nem engasgo, como fazem amadores nos filmes. É um cigarro, não uma equação matemática. Jogo a guimba na calçada, e me arrependo imediatamente. Abaixo, pego a guimba, jogo-a na lixeira mais próxima. Não sei mais o que posso fazer para retardar a entrada no clube.

Faróis iluminam a rua e apagam-se na vaga ao lado. Linda sai do carro e bate a porta.

— O que está fazendo aqui fora? — diz guardando a chave na bolsa.

— Hora — respondo.

Linda olha para o clube, em seguida para mim.

— Aconteceu alguma coisa?

Não respondo. O bom de Linda é que ela é uma raposa, daquelas que cheiram tudo no ar. Ela não precisa de respostas para montar cenários.

— Se demorar demais para entrar, vai parecer que está escondendo alguma coisa — diz segurando em meu pulso. — Vamos. Entramos juntas e na pausa saímos para conversar.

Entro no restaurante atrás dela. Janine e Ísis nos aguardam ao lado de Bárbara. Bárbara não me olha de modo estranho nem comenta sobre a mensagem enviada no sábado, quando pediu que eu não abrisse a porta para Rodrigo. Tenho vontade de perguntar por que fez aquilo, ou como sabia que ele apareceria por lá. Claro que não digo nada, e espero de coração que ela não me recrimine na frente das outras. Na verdade, espero que ela não saiba que abri a porta, e que me apaixonei por quem entrou.

A noite, por sorte, gira em torno da situação de Ísis e Geraldo Junior, o

psicopata que filmou a trepada dos dois e a publicou na rede. Ísis está impaciente, agoniada com a falta de diligência do grupo. Ela reclama por um bom tempo sobre como seu ex-marido não quer saber dela, e Geraldo segue impune.

— Todos eles seguem impunes — Linda aproveita para alfinetar.

Bárbara tenta acalmar os ânimos.

— Sabemos que vocês querem agir, mas preciso me inteirar melhor sobre alguns assuntos. Há coisas acontecendo no momento com as quais não contava. Preciso repensar nossos planos.

Corro os olhos até Linda, que me olha de volta.

— Por que não nos conta o que tem em mente? — Ísis bate as mãos nas pernas, impaciente. — Poderíamos ajudá-la a elaborar a desforra!

— Calma, querida Ísis — Bárbara sorri, mas a garota não está calma. Ela arrasta as mãos no rosto e bufa:

— Calma, calma... Como podemos ter calma se Geraldo está solto e fazendo o mesmo com outras mulheres? Se Guilherme continua impune como há gerações tem acontecido na sua família? Se não agirmos rápido, é capaz do marido de Linda engravidar a garotinha do escritório, e ela ainda precise pagar pensão para ele!

Linda fecha a cara, incomodada com essa possibilidade.

A voz de Bárbara vem baixa e firme:

— Se quiserem agir por conta própria, sigam em frente. Peçam o divórcio, gastem rios de dinheiro com advogados, contratem *hackers* para retirar o filme pornô do ar. Mas se querem satisfazer sua sede de sangue e sair dessa impunes, sugiro que tenham paciência. Não vai demorar muito.

Seu olhar é tão gelado que ninguém tem coragem de contestá-la.

O silêncio que se segue é completo. Claro que não frequentamos o clube como se frequenta um psicólogo, o que nos traz aqui é a esperança de que juntas faremos algo. Algo grande, e, principalmente, ruim. Ninguém quer deixar o clube, nem mesmo arriscar agir por conta própria.

Bárbara parece se lembrar de algo. Levanta e anda até a sacola ecológica de pano, de onde retira um *tupperware* cheio de bolinhos de chuva. Ela coloca a vasilha sobre uma mesa e o cheiro de canela e açúcar se espalha ao redor.

— Amo bolinhos de chuva! Eles não são deliciosos? — pergunta colocando um a boca. O grupo concorda, desconfiado. Sim, eles são deliciosos. Só não são mais doces que vingança.

— Pelo menos agora sabemos que não vai mais demorar — Linda retorna ao tópico.

— Estamos muito perto — Bárbara confirma com voz doce, lambendo os

dedos cheios de açúcar.

— Você poderia ser mais clara sobre o que pretende — eu finalmente digo algo.

A idosa me olha, sorrindo o mais singelo dos sorrisos:

— A honestidade é uma via de mão dupla.

Encaramo-nos por um tempo. Eu, sentindo o suor descer frio pela nuca. Ela, enfiando outro bolinho na boca.

Bárbara limpa os dedos e cruza as mãos sobre a saia, dirigindo-se a Ísis.

— Querida, vamos começar por você. Você hoje terá dever de casa. Quero que descubra quais são os pontos fracos de Geraldo.

— Pontos fracos? — a garota arregala os olhos. — Acha que se eu não soubesse quais são, já não teria usado todos contra ele?

Bárbara não perde a paciência.

— Vou dizer de outra maneira, então: quero que descubra quais são os maiores *desejos e medos* de Geraldo.

— Por quê? — ela ergue os ombros, sem entender.

— Para adequar o produto ao cliente — Bárbara responde.

Ísis abre os braços, como se perguntasse aquilo para o mundo:

— E se o cara não tiver nenhum? Ele não tem mulher, não tem filhos, seu negócio é uma droga, tão medíocre que seria um favor ao bairro destruí-lo!

— Tenho certeza que ele tem medos.

— Não sei, Bárbara. — Ísis tomba a cabeça entre as mãos. — Por que precisamos saber seus medos e desejos?

— Essas são suas fraquezas, querida. Estamos em guerra, precisamos conhecê-las.

Ísis sobe o rosto para fitá-la.

— É cortando desejos e atacando medos que derrubamos inimigos — Bárbara diz, ganhando subitamente a *minha* atenção.

— Pensem em caras como Geraldo como inimigos. Sua traição não foi um lapso de julgamento, ou um momento de fraqueza como foi a sua traição, Isis querida. Esses casos tolos sequer são discutidos no clube, e as traidoras e traidores desse tipo, convidados para cá. Não estamos falando aqui de confusões de família; estamos falando de algo maior. Ele *planejou* dormir com você — ela olha maternal para Ísis. — Ele *seduziu* você.

— Se Geraldo tivesse apenas dormido com você — Bárbara continua — Você teria que arcar com suas ações e enfrentar eventualmente seu marido. Mas o erro de Geraldo foi justamente aquele que o Clube não aceita: o machismo. Ele te expôs como um troféu que podia erguer aos olhos do mundo, e fez isso porque era homem. Dentre os dois sexos, apenas um nasceu com o direito de se

vangloriar de uma boa foda, e sabemos que sexo é este.

É tanto inquietante quanto divertido ouvir a palavra *foda* sair da boca da Dona Benta.

— Os homens nos chamam de *feminazis* quando reclamamos de um preconceito que eles não vêem. Não entendem que para toda força existe uma contra força, e que o feminismo nasceu justamente da necessidade de combater privilégios seletivos. Geraldo saiu dessa situação como uma espécie de herói, e você, como a puta que merece ser execrada. Sua vergonha é a honra dele.

— Homens como Geraldo precisam de uma lição — Bárbara pega mais um bolinho. — E é essa lição que iremos proporcionar.

Para Ísis, as palavras de Bárbara iluminam a noite.

— Para atacá-lo de maneira certa, precisamos desenvolver um estado mental de guerrilha — Bárbara olha para o resto de nós. — E isso envolve deixar a vergonha pelo acontecido para trás. O que aconteceu não pode ser desfeito. Concentre-se a partir de agora em como pode puni-lo.

Ísis enxuga uma lágrima e faz que sim.

— Você também precisa se afastar do caos da batalha. Não entre em confronto direto com ele, é exatamente isso que ele quer, agora que o vídeo está no ar. Ele quer ver o estrago no campo do inimigo, quer o drama, quer que você e seu ex marido o confrontem. Pessoas como ele não entram nesse jogo para se arrepender. Ele sabe bem o que está fazendo, por isso *afaste-se dele*.

— Tipo mudar de rua ao voltar para casa para que ele não me veja?

— Sim. Ele quer saber onde você traçou sua linha de defesa para poder se aproximar e provocá-la. Se ele não souber onde você está, irá atrás de você e cometerá um erro, porque você estará preparada.

Ísis concorda, repetindo:

—Ele não saberá onde minhas defesas estão.

— Deixe-o imaginar —Bárbara diz, virando-se para nós. — Nossa mente é programada para ampliar os pensamentos do que pode vir a acontecer. A imaginação excessiva já perdeu muitas guerras. Enquanto isso, Ísis, concentre-se no que ele ama. Quando descobrir o que ele quer proteger, saberá onde precisa atacar. Isso vale para vocês também, meninas.

Por fim, dirigindo-se a todas, Bárbara completa:

— Confie em mim. E por favor — seu tom muda discretamente. — Evitem envolver outras pessoas nessa história. Quanto menos pessoas envolvidas no momento da vingança, menores serão os danos colaterais.

Sua mensagem teve destinatário: eu.

Depois que encerramos aquele assunto, fazemos uma breve pausa. Linda me

puxa para o pátio abandonado do antigo restaurante, onde ruídos vindos dos cantos malcuidados mostram a existência de ratos. Ela acende um cigarro e pergunta em voz baixa:

— Ela entrou em contato com você, não foi? Bárbara?

— Como sabe? — aceito um cigarro que ela me estende, espantada que fume também.

— Aconteceu comigo esse fim de semana. Imaginei pela sua reticência em entrar no clube que Bárbara também te contactou.

— Recebi uma mensagem —confirmo, baixo. — Sequer sabia que tinha seu número, gravado com o *seu nome* no meu telefone.

— Diretamente dela?

— Sim. Não é estranho? A impressão é de que ela sabia o que estava acontecendo na porta da minha casa. — Olho para trás, me certificando de que não estamos sendo vigiadas. — Acho que ela estava me observando. Disse para eu não *abrir a porta*. Ela sabia que alguém tocaria minha campainha antes mesmo que eu soubesse.

— Quem foi até sua casa? — Linda pergunta batendo as cinzas no chão coberto de mato. Abaixo a cabeça, sem saber quanto posso confiar nela.

— Ninguém. Só um cara que conheci — digo para o chão, como se o fato não fosse nada demais.

— E você obedeceu?

Balanço a cabeça que não.

— Por que outro motivo estaria com medo de encarar Bárbara?

Não só abri a porta como abri outras coisas também, penso.

— Isso fica cada vez mais estranho. — Linda dá outro trago. — No sábado tive o tal baile, lembra? O que comentei alguns dias atrás?

- Sim, lembro.

- Pois bem, adivinhe quem estava lá quando cheguei com Eduardo?

— Não sei. Quem?

— A maldita estagiária — ela solta uma baforada na minha cara, semicerrando os olhos ao ver minha reação por entre a fumaça. — A tal que Eduardo anda comendo.

Minha boca vai parar no chão.

— Como foi que ela parou lá?

— Estranho, não é mesmo? — Linda pergunta. — Mas isso não é tudo: Eduardo enlouqueceu quando viu a menina. Isso significa que ele *não sabia* que ela estaria lá, e não foi ele quem a levou. Não estava fazendo o menor sentido ela ali, todos os convites distribuídos passaram por mim, e não fui eu quem a convidei. No mais, por que colocar a menina ali, na festa? Alguém queria que eu

reagisse de certa maneira a um... *estímulo*.

— Não estou entendendo nada, Linda.

— O que estou dizendo é que alguém convidou a estagiária de Eduardo para a minha festa. Alguém intendia que eu me *alterasse*, e... e... — ela procura palavras — E *cedesse* a algo.

— Que algo? Diga logo, o que fez?

— Eu estava a ponto de causar uma cena quando recebi uma mensagem.

— De quem?

— Não sei. A minha foi anônima.

— E o que a mensagem dizia?

— "Não pense duas vezes."

- Não pense duas vezes em quê? Em enfiar a mão na cara de Eduardo?

Linda olha para algum lugar distante e segura uma risada:

—Pensei a mesma coisa. Mas você vai pirar quando eu contar o que aconteceu.

— Conte logo, mulher, não temos tempo.

— Quando recebi a mensagem eu quase enlouqueci. Estava a ponto de fazer uma cena, mas então — seu olhar aguça. — Meu assistente se inclinou no meu ouvido e perguntou se eu 'queria brincar.'

Tampo a boca com a mão.

— Você não pensou duas vezes, não é?

Linda gargalha alto, e eu acabo rindo também. Tentamos abafar o som alto pressionando a boca contra a manga da blusa, mas tenho certeza que as outras nos ouviram lá dentro.

— Você está falando sério? Na festa? — murmuro, perto dela.

— Na festa. Ele enfiou o dedão do pé dentro da minha calcinha, Ana! Com Eduardo ao lado, na mesa!

Arregalo os olhos, e Linda sorri.

— Juro — ela pausa para dar outro trago. — Nunca me senti tão vingada. Nunca me senti tão... *empoderada*. — Ela esvazia o pulmão, me olhando sobre a fumaça. — Seja lá o que Bárbara está fazendo, ela tem um plano.

— Essa é a sensação que eu tenho — concordo, abaixando os olhos.

— O que não entendo é: como o clube sabia que isso estava para acontecer? Como o clube sabia que a estagiária estaria lá, e Henrique reagiria daquela maneira?

A pergunta de Linda é retórica. O clube só poderia saber se estivesse manipulando a situação.

— Você também acha que foi o clube, não acha?

Balanço a cabeça que sim, voltando a olhá-la.

— Quem mais seria? — ela responde à própria pergunta. — Quem poderia ter colocado uma simples estagiária em um baile tão concorrido? E tem outra coisa que você não sabe, mas que, em retrospecto, é bastante suspeito. Qual o interesse – ou influência - de Bárbara na firma onde meu marido trabalha? Por que justamente eles indicariam uma garota do clube como candidata ao meu programa?

Minha atenção retorna à Linda.

— Como assim?

- É isso aí que você ouviu.

- Espere. Você acha que o clube *plantou* uma das candidatas no seu programa?

Linda joga o cigarro no chão e pisa em cima. Olha por cima do meu ombro para conferir que não estamos sendo ouvida e fala:

— Sim e não.

Aperto os olhos, sem entender.

— Eduardo chegou um dia com essa pasta nas mãos. Disse que o chefe, com quem nunca teve contato, o procurou. Contou uma história triste sobre como sua esposa, mãe das suas filhas havia morrido, e a mais nova estava enlouquecendo-o por causa dessa seleção de ‘princesas’. Que queria muito participar, e sabia que Eduardo era casado com alguém da emissora. Então Eduardo apareceu com esse pedido absurdo. Não quis aceitar a candidatura da garota, mas seu chefe não aceitou meu não. Eu fiquei naquela situação constrangedora de burlar uma regra e arriscar o emprego do meu marido – a quem, para título de informação, eu queria muito agradar na época. Quando olhei a ficha da menina, não havia o que rejeitar nela. Ela era perfeita para o programa, meiga, bonita, talentosa. Então eu a coloquei lá. Burlei as regras e a inscrevi no programa.

Linda não me encara, mas continua:

— A pergunta é: de que maneira a R&M Investimentos se relaciona ao clube? Por que ela precisava me contatar através de uma participante? Seria tão mais simples se...

Linda continua a pensar nisso, mas na cabeça um nome ficou congelado, e é nele que está minha atenção: *R&M Investimentos*.

A saliva escorre grossa pela garganta, descendo em um calombo que minha nova amiga não percebe. Não me movo um milímetro além do que pareceria normal, e na voz não se houve qualquer emoção.

— R&M?

— Rossman & Melville – ela responde. – A firma onde Eduardo trabalha.

Linda torce a cara como se a firma não significasse nada, mas ela está

enganada. A firma significa muito para mim.

— Foi o presidente, Rossman, quem procurou meu marido. Olha a saia justa – ela se justifica. – Como poderia dizer não? Hoje diria um sonoro não, só para ver Eduardo perder o emprego. – Ela traga o cigarro mas uma vez. – Por outro lado, se tivesse feito isso eu não estaria aqui, porque foi a candidata quem me entregou o cartão. Está tudo ligado, Ana. Estamos sendo manipuladas.

— Por Bárbara?

— Não sei ainda. O que sei é que as coisas estão acontecendo. Ela tem um plano para Eduardo, e no meio disso tudo, tem um plano para mim também.

— Acha que teve dedo de Bárbara na investida de Henrique?

Pelas sobranceiras franzidas, a resposta é ‘óbvio que sim.’

— Acha que eles o convenceram de alguma forma, ou... — Não tenho coragem de terminar a frase. Sei quanto é ofensivo creditar os avanços do garoto a algum plano bolado pelo clube.

— Não sei. Não sei se o garoto estava realmente a fim de mim ou foi 'levado' a ficar. Mas quer saber? — Uma risada sincera borbulha de dentro dela. — Foi a foda mais espetacular da minha vida. Se ele foi pago – torturado, que seja – a dar em cima de mim, fez tudo com muito gosto.

— E você se sentiu vingada — falo na mesma proporção animada e preocupada.

Linda abre um sorriso.

— Foi como jogar sangue na água. Causou frenesi, e agora eu quero mais.

— Mais Henrique ou mais vingança?

— Mais dos dois.

Sua resposta gera uma série de risadas, mas também desperta uma sensação nova em mim. Uma sensação de aceleração, uma vontade agonizante de agir sobre meus planos para sentir aquele furor agonizante. No entanto, Bárbara costura um plano elaborado, que passa por mim, por Guilherme, e agora eu sei, por Linda e Eduardo, Rossman e Castro também. *Sim, Castro*. Afinal, por que outro motivo ela colocaria a filha de seu assessor financeiro e braço direito no show de Linda?

O nome do meu sogro lateja por um bom tempo na minha cabeça.

Talvez não esteja dando a Bárbara o crédito que merece, penso apagando o cigarro. Ela está se mostrando uma aliada bem mais inteligente e preparada do que imaginei.

E enquanto sigo Linda entre corredores contornados por paredes descascadas, penso em mim, na minha estratégia e em como Bárbara conduz a sua. Desde o momento em que reconheci Guilherme, três anos atrás, jogo na dianteira. Estou sempre duas jogadas à frente, nada é exatamente uma surpresa.

Sei de seus encontros secretos e de suas traições muito antes de tê-lo flagrado com outra — o que, mesmo assim, não poupou meu estupor. Mas nunca achei que as jogas de Bárbara estivesse, à frente das minhas.

A filha de Rossman é um movimento que não vi acontecer.

E se Bárbara não deixa pontas soltas, não vai demorar para descobrir que estou jogando também, e isso a levará a se perguntar: quais são os meus piores medos, e os meus mais secretos desejos?

18. O MUNDO É DAS ESPERTAS



É com desprazer que Linda fecha a câmera em Margô enquanto ela cheira a flor que recebeu do príncipe. É com *enorme* desprazer que vê os créditos rolaem sobre a imagem dos dois, andando de braços dados em direção à mansão em direção ao seu felizes para sempre, enquanto Priscila — sua Priscila, aquela por quem arriscou perder pontos na audiência e talvez o emprego, caso descobrissem que a colocou ali ilicitamente — desce as escadas com a mala na mão e deixa a casa. Linda acompanha em silêncio os repórteres-abutres fuzilarem a menina com perguntas indiscretas: 'como se sente tendo sido desprezada?', 'como se sente voltando cedo para casa'. Em outras palavras, como se sente *não tendo sido boa o suficiente para o candidato?*

"Muito mal," a loira diz com os olhos secos.

Linda observa uma mulher ruiva, mais velha que Priscila, recebê-la na porta do estúdio e as duas somem, fugindo dos repórteres. Linda pega o microfone e, como de praxe, anuncia às candidatas que agora são apenas elas na disputa. As restantes celebram, e logo inicia-se a monótona discussão entre grupos sobre quem tem chance, o que a moça que saiu fez para merecer a chave. As teorias só não são mais estúpidas por falta de espaço.

Linda observa a frieza de Margô enquanto mastiga a ponta da caneta. Em determinado momento, a candidata comenta: "Lugar de mulher boba é em casa, o mundo é das espertas." A mulherada ri, erguendo taças em um brinde maldoso. Triste de filmar.

Durante toda a manhã aquela frase mexe com ela. *O mundo é realmente das espertas?* Das que sabotam, minam, competem com ferocidade não importa os meios com o intuito de vencer?

Como chegamos a esse ponto, Linda se pergunta? Considerar que o mundo pertence às malvadas e que ser esperto é se dar bem em cima do próximo? Até

que ponto ela mesma, até bem pouco tempo atrás, não era uma esperta?

Talvez eu tenha evoluído e me tornado boba, pensa enquanto desenha traços imaginários no painel de controle. O lance não é onde a boba ou a esperta merecem estar, se em casa ou na arena. O ponto é que em algum momento da vida todas são uma ou outra, e no resto do tempo as duas coisas.

Linda também pensa na garota franzina que há alguns meses lhe estendeu a mão — e entre os dedos, um cartão. Ela sai do show sob fofocas maliciosas ditas em cadeia nacional. Se cumpriu sua função para o clube ela não sabe, e talvez nunca venha a saber. O que ela sabe é que saiu sob o rótulo de boba porque não agradou suficientemente a um homem, enquanto Margô, a sabotadora, continua na corrida. *Por que isso lhe parece hoje tão errado?*

Henrique dá uma batida na porta, insinuando o rosto pela fresta. Claro que eles se viram depois do sexo maluco na festa, mas não tiveram ainda a chance de conversar a respeito nem de repetir o feito.

Ele olha ao redor, constatando que Linda está sozinha. Entra e fecha a porta atrás de si.

— Oi Linda.

— Você está me cumprimentando ou me fazendo um elogio? — ela brinca pegando o papel que ele lhe estende.

— Os dois — o garoto responde com olhos relampejantes.

— Como está sendo sua semana? — Linda sorri para o pedaço idiota de papel.

— Tem ficado cada dia melhor — ele devolve. Enfia os dedos compridos dentro do bolso e saca lá de dentro um fiapo de renda. É a calcinha que Linda perdeu no chão da festa.

Linda arregala os olhos.

— Onde a achou? — Ela estica a mão.

Ele puxa a calcinha para longe.

— Agora ela é minha.

Linda é fisicamente incapaz de frear um sorriso. Ela traz o papel à frente do rosto para disfarçar seu próprio derretimento:

— E o que é isso que me entregou? — pergunta fingindo notar os números.

Ele se senta na bancada, ao seu lado.

— Nossos índices de aprovação. Segundo o relatório, a maioria dos *telspectadores* aprovou a escolha de Sebastián.

— *Telespectadores* — ela o corrige, balançando a cabeça de tristeza ao ver os dados. — Argh — ela mostra a língua para o papel. — Margô se transformou na candidata “que batalha pelo que quer e faz as coisas acontecerem,” segundo um entrevistado.

Linda abaixa desanimadamente o papel.

— Não dizem que no amor e na guerra vale tudo? — Henrique comenta, olhando para as telas emparelhadas sobre a mesa de som.

— Vale? — Linda olha para as mesmas imagens. Nelas, trabalhadores puxam fios, ajeitam câmeras e ajustam detalhes para a gravação. Em sua hoje humilde opinião, frases como essa só servem para legitimar atrocidades de guerras e sujeiras do amor.

Vale se envolver com garotas de dezenove por que a sua, de quarenta, já não te satisfaz mais? Vale rasgar o vestido da outra e dizer, sem qualquer pudor, que fez aquilo porque no amor vale tudo? Ela olha com o rabo de olho para Henrique. Vale trepar com o colega que foi convencido por alguém a trepar com você?

— Henrique — ela solta seu nome de vez, antes que mude de ideia. Mexe na caneta, olha o relatório. Ela não se importa que ele tenha sido contratado pelo clube para mostrar interesse nela, ela se convence de que só precisa saber se foi isso que aconteceu. Faria um bem danado à sua auto-estima se estivesse enganada, claro, mas não alimenta as ilusões. — Desde quando pensava em me ...chamar para ... — *coragem, Linda* — ...brincar?

Henrique se aproxima. Ele ouve muito bem a pergunta, mas não responde. Seu joelho se insinua entre as pernas dela, e ela esquece tudo sobre suas dúvidas, o clube ou amores e guerras. Linda joga o índice sobre a mesa sem cuidado, desejando boa sorte ao príncipe ou qualquer outro que levar a biscate da Margô para casa. Talvez seja essa a punição que recebemos ao preferir pessoas de índole duvidosa: no amor vale tudo, vale inclusive ter que conviver com a pessoa que cometeu todo tipo de sujeira para laçar você.

— Já faz um tempo — ele responde, rouco.

Linda sorri genuinamente para ele, se perguntando se ele foi induzido a responder aquilo também. Mas Linda é uma otimista crônica: ela dá chances à dúvida. O clube pode ter mexido seus pauzinhos para aproximá-los, mas o prazer que tirou daquele pauzinho que em breve se mexerá nela foi bem real.

Ele se coloca entre as suas pernas. Apoia as mãos em seus joelhos e se inclina para beijá-la. O sorriso de Henrique é uma coisa linda, uma carreira de pérolas lustrosas, e seus olhos são de um verde cristalino capaz de atordoar qualquer um. Linda recebe dele um beijo molhado, barulhento e cheio de língua. O gosto que invade sua boca é de café, de pastilha chupada mais cedo, de boca. Uma mordiscada e um chupão no pescoço depois, ele se afasta.

— Hoje no final do expediente, no banheiro? — ele pergunta. Ela não responde, não tem tempo. Uma batida de leve na porta indica que eles precisam se afastar.

Linda se vira para a ilha de edição e grita: —Pode entrar.

Henrique se posiciona ao seu lado, segurando sem muita firmeza o relatório na altura da genitália. O assistente do Príncipe Sebástian, um português chamado Manoel entra na sala: —Linda? O Príncipe gostaria de falar com a senhora.

"Príncipe" é uma palavra que, por não ser esperada, não acha lugar na cabeça para se acomodar.

— Príncipe? — Linda pergunta tentando descolar a camisa do sutiã, que infelizmente deixa à mostra, de maneiras pontudas e inconvenientes, seu grau de excitação.

Manoel franze a sobrancelha farta. Linda imagina que em sua mente ele pense: ‘mas essa porcaria inteira não gira em torno de um *príncipe* que está escolhendo futuras *princesas* para morar no seu *principado*?’ Perguntar ‘que príncipe’ beira o ridículo, e é assim que ela se sente, ridícula. —Claro, desculpe, estava com a cabeça em outro lugar. *Mais precisamente na genitália de Henrique*. —Sabe o que ele quer falar comigo?

— Não sei, Senhora.

Linda tira o blazer pendurado no encosto da cadeira e segue Manoel. Ao passar por Henrique, recebe um beliscão na bunda, e quase grita. Henrique suprime um sorriso, afastando-se.

Linda sai do estúdio tapando as vistas pelo sol que os cega. Ela e Manoel atravessam o gramado que une as duas mansões, dando oi para as competidoras que madrugaram — são onze da manhã — e jogam vôlei sem muita vontade no gramado.

— Sebástian nunca pediu para falar comigo. Você imagina do que se trata?

O homem balança a cabeça que não sabe.

Linda suspira desanimada ao pensar em Sebástian. Aquele homem é, sem tentativas de melhorar a descrição, o cara mais parado que o show business já viu. Talvez seja essa coisa de nobreza Européia, não sabe, mas ele não curte festas, não se empolga com os possíveis romances que poderia ter na casa e se colocou radicalmente contra qualquer alusão a sexo no programa — coisa que Linda sugeriu no início, claro. Na verdade ele não aceita nada polêmico— candidatas nadando de topless na piscina, câmeras nos banheiros e banheiras de hidromassagem. Linda e sua equipe sugeriram a ideia por acharem a coisa toda *super-voyeur*, mas ele achou vulgar. Pediu, inclusive, que a produção parasse de sugerir coisas do tipo. Eles pararam, e hoje Linda fica feliz por ele não ter topado aquilo. Ela não é mais a mesma Linda que começou o programa, hoje jamais teria sugerido tal coisa.

Ela solta uma risada ao pensar nisso. Por que delira que a mudança causada

pela chegada do clube a fez melhor, e não pior? Ela afinal traiu o marido, uniu-se a um grupo de lunáticas vingadoras e trepou com seu assistente. Achar que evoluiu chega a ser engraçado.

— E aí, — ela puxa assunto com o homem taciturno que vai na frente. — Gostou do resultado de sábado?

— Não entendo mais esse mundo — ele diz tocando a campainha da mansão. Os seguranças que guardam cada lado da porta olham para eles sem interesse. — A impressão é que o público odeia gente correta.

— Foi escolha do príncipe mandar a moça correta para casa, — Linda rebate. — A decisão foi de Sebástian.

O homem bufa, aborrecido com o príncipe.

— Acha que essa escolha pode passar a ideia de que ele prefere as malvadas? — Linda questiona pensando nessa possibilidade, a cabeça borbulhando de ideias. *E se transformássemos Sebástian em um tipo cafajeste, um modelo romântico muito em voga no momento?*

Então ela cai novamente na real. Já não basta promover a imagem da mulher que faz tudo para conquistar um homem, também tem que desvirtuar a imagem do cara pacato para que fique como esses boçais que não dão valor às mulheres? *Linda, você merece o inferno.*

O mordomo trazido do *staff* europeu de Sebástian pede que eles aguardem no hall. Linda olha para Manoel, dos sapatos caros e engraxados até a blusa de manga comprida abotoada em torno do pescoço. Àquelas alturas já deveria estar acostumada à formalidade da monarquia — e aos chás servidos em determinado horário, e aos pronomes de tratamento — mas sempre estranha quando percebe como a tradição rege a monarquia mais que a monarquia rege qualquer coisa. Manoel, se nota seu olhar, não comenta nada, apenas aguarda por educação ao seu lado.

O príncipe desce a enorme escadaria e Linda suspira, admirada. Ela sempre sente isso, essa admiração profissional por ele, um misto de arrebatamento pela sua beleza e orgulho auto-indulgente por tê-lo descoberto. Sebástian surge no alto de seus 1,90 metros. Imponente, nariz em ângulo de 90 graus em relação aos ombros, legitimamente régio. Linda imagina a câmera ali, fazendo a tomada perfeita do momento em que ele surge no alto da escada e desce tranquilo, degrau por degrau. Ele está de jeans —coisa que jamais o viu trajar—e uma camisa de botão azul da cor de seus olhos. Sem dúvidas, uma tomada e tanto.

— Manoel, Linda — ele os cumprimenta com mesura, parando a uma distância que um brasileiro jamais pensaria em parar. Se ambos esticassem os braços, mal se tocariam.

— Quer falar comigo? — Linda pergunta.

Ele pede que ela o acompanhe, e Linda se despede de Manoel. Eles passam por equipe de criados e Sebástian cumprimenta cada um pelo nome. Linda vai atrás dele repetindo mentalmente *Bon Jour, Diana. Bon Jour, Ana Amélia*, perguntando-se porque largou as aulas de francês.

Ele entra em um imenso escritório de portas francesas e a convida para entrar com uma medida de mãos. O ambiente equipado com uma enorme coleção de livros brasileiros —solicitação sua— é aconchegante e nada suntuoso como o resto da casa. Ele se coloca atrás da mesa e aponta a cadeira à frente, sentando-se apenas depois que ela se senta. Linda ajeita o blazer notando a educação refinada, repuxando a manga na altura dos braços para que descole do sovaco. Nenhuma roupa parece entender a necessidade de suas axilas serem livres.

— Bem, Linda, chamei a senhora para falar sobre a eliminação.

— Senhora está no céu.

Ele não entende, e ela faz um gesto de ‘deixa para lá’. —Estou aqui.

Ele cruza os dedos sobre a mesa de mogno, e Linda nota o relógio caro que enfeita o pulso coberto por fios sedosos. —O que achou da noite? — a pergunta vem quase sem sotaque. Seu português está cada vez melhor.

— A noite do baile? Deu tudo certo, não?

A noite tinha tudo para ser deprimente, mas foi um arraso. Linda trepou como uma tarada com seu assistente, e ao invés de chorar as mágoas por estar perdendo um marido, voltou para casa com um amante. *E sei que você sacou, seu danadinho*. Sebástian viu Henrique alisando sua bunda na escuridão do baile.

— Sim, acho que deu.

Suas mãos se apertam, tensas. Seus dedos longos batem uns nos outros, cadenciados.—Linda, pedi para falar com você por causa da minha escolha.

— Sou toda ouvidos.

— Você viu que acabei escolhendo Margô, — ele a olha como se tentasse se explicar.

— O Brasil inteiro notou.

— Mas devo a você uma explicação do porquê mandei Priscila para casa.

— Por que deveria, Voss...Sua...Majestade? — ela se embanana com o tratamento. —Enfim, por que deveria me explicar qualquer coisa? É sua futura esposa, o *senhor* é livre para escolher quem quiser.

Como ela esqueceu que pronome de tratamento usar, vai *senhor* mesmo.

— Claro — Sebástian responde. Seu sorriso sem vontade não combina com o 'claro.' —Mas tem uma coisa que você talvez não saiba. Lembra que na noite anterior ao baile eu jantei com Priscila?

— Sim, claro. Não pudemos gravar a conversa, mas as cenas foram ao ar.

— Eu e Priscila nos entendemos muito bem. Trocamos confidências, fomos realmente sinceros um com o outro.

Por que a mandou para casa então, seu idiota?

O príncipe olha para os dedos, em seguida pousa o olhar azul em Linda: — O problema é que naquela noite Priscila me confidenciou algo, e o que ela disse poderia colocar você em apuros.

— Me colocar em apuros? — ela leva as mãos ao peito.

— Sim. Por isso achei melhor eliminá-la. Para proteger você.

— Mas o que Priscila poderia saber sobre mim que poderia me prejudicar?

Assim que lanço a pergunta, penso no Clube. Um calafrio percorre a espinha, alojando-se no estômago. *Não falamos do Clube.*

— Como diretora e idealizadora do programa, tendo, inclusive, ajudado a aprovar as candidatas, você poderia ter um enorme problema se isso viesse à tona, — o príncipe continua a explicação. — Eu vejo as manifestações na porta do estúdio. O show reacendeu discussões sobre estereótipos masculinos como a escolha da mulher entre o harém, a romantização da passividade fem...

— Por favor, podemos pular essa parte? — Linda o interrompe, esfregando o rosto com as mãos. — Por que ela pode me prejudicar?

É claro que ela contou que foi colocada ali por indicação, e só de pensar nisso as costas de Linda encharcam de suor. Sua credibilidade está comprometida. A credibilidade do show inteiro será questionada por causa do seu erro.

O príncipe observa por um minuto a palidez da diretora. Linda se sente mal por ter sido rude com ele segundos atrás, mas é que ela às vezes se esquece que ele não é seu marido ou mesmo Henrique, e mostra o seu pior.

— Priscila tem dezessete anos.

Se antes Linda tinha a sensação de que tateava no escuro temendo um buraco, agora sabe que um buraco seria uma dádiva perto dessa informação. Linda acabou de cair de um penhasco e se esborrachar no chão. Ela abre a boca mas não sai nada. Recosta na cadeira sentindo os ombros tombarem, pensa no pai que colocou uma garota menor de idade em um concurso daqueles, e no processo milionário que terá que arcar se aquilo vier à tona. *Meu Deus*, ela tampa a boca. E se Priscila tivesse nadado de topless na piscina, ou feito sexo no programa?

Mas então ela se lembra de algo. Seus olhos franzem, e memórias do período de seleção retornam. Linda conferiu todos os documentos de Priscila. Ela propositalmente procurou falhas no processo seletivo da menina. — Priscila não tem dezessete anos, — Linda solta. — Não sei por que ela sabotaria suas

próprias chances no concurso, mas de uma coisa eu sei: ela não tem dezessete anos.

— Talvez ela tenha forjado o documento.

As mãos de Linda voltam à boca. *Sim, talvez.* Mas isso não responde porque ela admitiria o erro tão perto do fim do programa.

Agora é Sebastián quem parece confuso: — Mas por que ela mentiria sobre sua idade para entrar no programa e então, confessaria tudo para *sair* do programa?

— Não sei — ela diz olhando para ele.

A história sobre Priscila fica cada vez mais estranha. Linda não faz ideia do porquê ela quis entrar no concurso, por que mentiria para o príncipe, como poderia ter um cartão do Clube ou como sabia o momento exato de mandar a mensagem ‘não pense duas vezes’ no dia da festa.

A menos que seu papel no concurso tenha sido cumprido, Linda cogita, *e Bárbara a tenha chamado.*

Linda olha para Sebastián. Há algo mais nessa história. Ela entende que Sebastián desclassificaria uma concorrente que mentiu sobre a própria idade, mas por que ele diria que fez isso para *protegê-la*?

— Obrigada por proteger o *programa*, — Linda enfatiza a palavra programa.

— Não é o programa que me preocupa. Para ser sincero, eu me preocupo com você.

Linda paralisa no lugar, e nem mesmo a vontade de correr até os arquivos das candidatas e procurar os documentos de Priscila para decifrar o mistério que ela se tornou são suficientes para movê-la dali.

Sebastián sorri: — Podemos pensar nisso juntos, sobre os porquês de Priscila. Tem tempo para me acompanhar em uma xícara de café?

19. O CASAMENTO



O sábado entardece como os capítulos iniciais de um conto de fadas: pássaros gorjeiam no enorme jardim da mansão dos Diniz, o sol desce manso e o vento balança árvores centenárias. Cortinas de organza dançam em frente à janelas francesas e inundam o local de luz. A tarde é mágica.

Um enorme espelho de três portas paira no meio do salão. Minha imagem se compara à de uma rainha; o vestido, que nem em sonho poderia ter imaginado, custou uma pequena fortuna. Passo os dedos pelo tecido incrustado de cristais sem conseguir sorrir. Ali, onde aguardo sobre um pequeno pedestal, festas entraram para a história.

Também eu entrarei para a história.

As portas duplas se abrem e a costureira entra segurando uma caixa de madeira nas mãos: —Estavam no carro, — ela diz com a boca cheia de agulhas entre os lábios. —Achei que tivesse deixado em casa.

Ela se ajoelha aos meus pés e passa a pregar cristais nas partes faltantes, alheia ao fato de que absolutamente ninguém notaria a falta de um centímetro de cristal.

— Você está belíssima —ela diz sem olhar para mim.

— Obrigada, Januária.

— Nervosa?

Passo as mãos pelos cristais, sentindo-os pinicarem sob a palma. — Como não ficar?

Tudo dentro da barriga está em rebuliço. Parte porque, de fato, o casamento de uma mulher é um grande dia. A outra parte é porque, no meu caso, é uma grande mentira dentro de um grande dia.

Mas o que acaba com meus nervos é a imagem de Rodrigo. É saber que amanhã, quando as fotos estamparem capas de revistas, ele saberá que casei.

— Vocês formam um casal lindo, —Januária diz costurando o cristal na barra da saia

Fecho os olhos e lembro de Rodrigo entre os lençóis. Na pele quente, nos beijos molhados na nuca, na língua atrevida entre as pernas.

— Eu sei — murmuro.

— Leio tudo sobre vocês, sabe? Você merece tudo que ganhou da vida, Dona Ana Laura. Sei que fundou recentemente o *Iniciativa Legal*, a ONG que ajuda escolas. Você fez tudo certo; entra com o coração, o Diniz com o investimento. Lindo de se ver.

— Obrigada.

Guilherme não adorou como Januária a iniciativa, mas ele não diria não para a noiva-quase-esposa-traída às vésperas de subir no altar.

— E agora, esse casamento dos sonhos, — Januária olha para cima. — A gente nota quando é amor.

Sorrio para ela, em seguida para minha imagem: —Ninguém se engana quando é amor, não é?

Inalo tentando não expandir demais o peito. Lembro da aula em que ouvi pela primeira vez sobre a origem mitológica do amor. Segundo a mitologia grega, Poros, o astuto, adormeceu uma noite no jardim de Zeus depois de um banquete. Eis que surge Pênia, a personificação da pobreza e da carência, vindo se refastelar de restos. Ao ver Poros adormecido deita-se com ele, concebendo naquela noite um filho: Eros. É assim que a astúcia e a mendicância concebem o amor.

Lembro que achei frio e narcisista pensar assim de um sentimento tão belo; hoje acho a explicação brutalmente real. Não há maneira mais completa para explicar o que é esse sentimento que procuramos no outro. O amor é isso: o resultado da união entre a eterna falta e da esperteza para conseguir o que não se tem. Falta e astúcia = amor.

Eu sou a prova de que os gregos tinham razão.

Giro na frente do espelho, olhando para a noiva que me olha de volta. Astúcia e mendicância. Pobreza e perspicácia.

Enquanto Januária tece elogios à festa, ao vestido e ao meu noivo, volto aos tempos de adversidade. Da casa simples, mas do colchão firme e cheiroso. Da porta que rangia ao abrir e nunca fechava completamente, mas que escondia comida feita com carinho, cheirosa, por uma mãe que investia tudo em mim. Lembro do seu eterno olhar alquebrado, de quem espera que eu cresça para compartilhar comigo os seus segredos.

Eu fui bem mais que uma filha para a minha mãe. Fui sua perdição e mais tarde, sua salvação. Orgulho e desforra. Um plano a ser colocado em prática na

prosperidade.

Ela teria uma surpresa se me visse hoje. Ainda não sei se seria uma surpresa boa ou ruim, mas seria definitivamente uma surpresa. *Você acharia graça em me ver aqui hoje, não é, mãe? Ou diria que anteviu o jogo, e este é o xeque-mate?*

Aliso a cintura marcada do vestido, vendo pouco de mim sob o rosto maquiado.

A maquiadora e a cabeleireira se preparam para partir. Da porta, acenam adeus e me desejam boa sorte. Aceno de volta, vendo seus olhos marejados. Elas realmente acreditam que há amor, e de certa forma, há. Eu mesma me pergunto quanto do ódio que minha mãe nutria por César foi amor, e quanto do seu amor era ódio? É um jogo de espelhos: quem ama o amor do outro, ama em dobro; quem é amado pelo amor do outro, recebe amor ao quadrado.

A organizadora da festa, a mulher que me enlouqueceu no último mês com telefonemas e constantes provas de vestidos e quitutes aparece na porta. Veste um taylor justo, *bluetooth* no ouvido, prancheta na mão. Ela é ainda mais clichê do que todo o resto, a competente organizadora de casamentos dos sonhos: — Ana, vamos?

Sabe aquelas pessoas que gritam por que você não gozou quando experimentou um suspiro? Ou fingiu desmaio quando provou um bem-casado? Essa é Maura. Obedeço sua chamada. Arrasto a longa cauda do vestido branco pelo piso de madeira lustroso e paro à sua frente; ela sorri, orgulhosa de seu próprio trabalho: — Você está linda.

O comentário parece sincero, embora eu tenha sido sua maior decepção. Fui a noiva que ela nunca mais quer na vida, a que tinha orçamento ilimitado, mas enorme limitação para escolher coisas caras ou exuberantes. Foi preciso minha sogra se intrometer e escolher por mim, já que segundo ela "não estaríamos casando em um puxadinho sobre a laje".

— Vamos, você precisa estar na porta principal às dezesseis e quarenta. O sol está chegando naquele ângulo perfeito, e seus cristais vão cegar a população do hemisfério Sul.

— Seria bom demais para ser verdade, — comento ajeitando a saia e respirando fundo.

Maura pega o buquê das mãos de sua assistente e me entrega: um véu de orquídeas cai até o chão. Em seguida, faz a única coisa que não espero dela: ela começa a chorar.

— Lindo buquê — ela tenta se justificar mas não convence. O apelido daquela mulher é Maura-furacão. Ela já casou mais gente que um padre, não existem lágrimas de emoção na sua profissão.

— Aconteceu alguma coisa, Maura?

Ela enxuga rapidamente os olhos e se põe novamente ereta: — Noivas me emocionam.

Não; noivas te aborrecem, elas nunca te emocionam.

Ela passa por mim enxugando o rosto. — Vamos, Ana. Seus convidados te esperam.

Sigo-a em direção ao jardim, olhando seus dedos. Não sei porque olho diretamente para eles, mas não me surpreendo quando não vejo a enorme aliança que ela costumava ostentar. — Onde está sua aliança?

Maura esconde os dedos e finge não me entender.

Exalo, incomodada em me importar. Incomodada principalmente por conhecer o seu tormento, e saber que uma vez trincado, esse cristal delicado que é a confiança nunca mais será o mesmo. — Foi traição?

As portas se abrem nesse exato instante, mas Maura não se move. Pelo segundo que ela precisa para se recompor, sei que fui certa: — C-como você sabe?

Olho para o jardim que se abre à minha esquerda, para a multidão que se levanta para a entrada da noiva. Sinto raiva, mas também sinto outra coisa. Pena? É, pode ser pena. Mas também é conforto. É triste que seja reconfortante saber que não estamos sozinhas. Um tipo de alívio egoísta e mesquinho, mas ainda assim um consolo.

— Não deixe o bastardo quebrar você — digo sob o som da marcha nupcial. — Entrarei em contato mais tarde.

Entro sozinha, rejeitando a oferta de entrar com o pai de Guilherme. Dou passos pequenos sobre o tapete vermelho salpicado de pétalas. Não olho para Guilherme como o combinado; não faço questão de vê-lo à frente. Vou olhando nos olhos de quem vou deixando para trás. É horrível que não encontre olhos, e sim câmeras apontadas para mim. Parte do show.

Enterneço ao ver Ísis. Ao seu lado está Linda e seu marido estúpido, que digita algo no celular e perde minha passagem. Linda tem lágrimas nos olhos, e eu franzo discretamente as sobrancelhas. *Linda, chorando? Eu* deveria sacar um celular e registrar esse momento. Deixo-as para trás, pensando no que Bárbara disse quando entreguei a ela o convite: *Não vou ao seu casamento, Ana; não sou bem vinda na sociedade do Rio.*

O que andou aprontando nos últimos anos, Bárbara? Penso sorrindo.

Encontro rostos conhecidos e outros nem tantos. Tias, tios. Crianças e adolescentes que vibram com a chegada da noiva. *Uma princesa*, sussurra uma garotinha com o dedinho apontado para mim.

E políticos, claro. O prefeito.

Senadores amigos do poderoso Senador Diniz.

Secretários do estado.

E então, o rosto que invade dia e noite meus sonhos. O que me fez ver o mundo um pouco mais colorido desde que entrou na minha vida. O frio rasga as entranhas, dilacera a alma. A sensação ruim transborda, esparrama o que já não cabe mais em mim ao redor. Pernas falham, e tropeço discretamente.

De todas as coisas que fiz na vida e de tudo que passei — o susto inicial de ser abordada em Passos pelo meu nêmesis, a raiva ao pegar Guilherme na cama com a outra, o engasgo que parecia nunca escapar no peito, a pedra no coração — nada me preparou para aquele momento. Nada no futuro que me espera tem o poder de me quebrar inteira.

Ele está à minha esquerda.

Pálido como se tivesse acabado de ver um fantasma.

20. UMA PROMESSA FEITA E CUMPRIDA



É Rodrigo quem está ali. Lívido, com os olhos arregalados. Lindo em um terno escuro e gravata prateada. Suas feições mostram tudo: todo o despreparo em me ver caminhando em direção ao altar. Toda a vergonha por mim: do meu interesse, da minha covardia, do meu encantamento pelo luxo daquela vida, e do fato que eu não consegui dizer a verdade por não conseguir encará-lo. As perguntas piscam em neon em sua face, um vermelho profundo pela dor de ter me conhecido: *como não me disse nada? Como pude ter me enganado tanto*, por que o deixei acreditar que estava sozinha, e não de casamento marcado?

Seus olhos descem até o anel de diamantes que ele mesmo colocou em meu dedo. Ao contrário do movimento de ombros que me acompanham, os dele permanecem no mesmo lugar quando todos se viram para a frente. Não se vira nem quando chego ao fim da caminhada.

Ergo o queixo sentindo uma pedra trincar onde supostamente um coração deveria bater. Sou um bloco de gelo tomado por uma paz perversa, por um alívio acre. Sabe Deus como deveria reagir a um imprevisto dessa magnitude, mas reajo como fiz em todos os grandes choques da vida: erguendo o queixo e lacrando as fendas para não deixar entrar, sair ou aparecer qualquer sentimento. A vingança é um tônico, daqueles energizantes e antianêmicos. Me fez crescer dura, como se o espírito tivesse sido fortificado à base de biotônicos e óleo de fígado de bacalhau. Minha mãe às vezes brincava com isso: *Ana, tudo que ensino vai te servir melhor que esses remédios de lacres tradicionais*.

Endireito o pescoço rígido e olho finalmente para meu futuro marido, mas só vejo seu vulto. Uma mão que pega a minha e me encaminha ao seu lado. Não estou em condições de enxergar por causa das lágrimas.

— Você está belíssima, querida Ana — ele diz.

Como poderei algum dia na vida esquecer sua feição ao me ver? Como

beijarei Guilherme quando o padre disser que é hora ?

O rastro quente que desce de minha bochecha confirma o que eu sei. Vou beijá-lo como fiz as coisas até hoje: sofrendo. Fiz uma promessa no leito de morte de minha mãe e não sei quebrá-la. Estar aqui, hoje, é uma escolha feita muito antes de mim.

Ao nosso lado, a mãe de Guilherme leva um lenço aos olhos. Ela nunca poderia ficar para trás, imagine, ver o único filho se casar e não chorar. O pai de Guilherme, o todo poderoso Castro Diniz, nos olha como se não aguentasse mais participar de ritos como aquele. Nós somos enfadonhos, é o que sua sobrancelha caída mostra. Ele já ouviu tantas vezes aquela piada de amor eterno que sequer sorri.

O padre me saúda, Guilherme me embala, eu permaneço determinada no lugar, rígida como as pilastras que seguram os véus do gazebo montado no jardim. Os pensamentos, ao contrário, ondulam como a organza branca ao redor. Guilherme está dizendo seus votos. O homem que me disse que certo e errado não importam está falando sobre apoio, companheirismo e amor eterno.

Ele para, e então é a minha vez. Recupero a voz, ergo o queixo e repito as frases treinadas:

“Meu querido, prometo te fazer feliz e te respeitar todos os dias da minha vida ...”

Eu vou te machucar por ter ido atrás de mim.

“...pois o amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera e tudo suporta.”

E estou cada vez mais perto da sua queda, só preciso de mais tempo

“Por isso dá-me tua mão e não me importarei com percalços do caminho.

Não vai tardar o dia em que descobrir que se casou com uma igual

“...seguiremos juntos até onde existir vida.”

E nesse dia usarei meu sangue ruim para te aniquilar.

“Por isso, meu amor, muito obrigada... Pela vida que eu nunca imaginei ter um dia, pelo sentimento que eu nunca imaginei ser capaz de sentir.”

E quando você virar nada,

“Fomos feitos um para o outro. Nunca houve dois corações mais similares, ou sentimentos mais iguais.”

...saberá que a dívida foi paga.

O pacto é selado com um beijo sob aplausos.

Deixo o altar de cabeça erguida. Acabo carregada por um séquito de mulheres até a pista de dança, onde cumprimento estranhos e olho por sobre seus ombros. Rodrigo desapareceu, e pelo resto da noite eu o procuro entre as cabeças.

Rodopio em danças que me permitem olhar ao redor, com o coração em pedaços. A sensação é que ao mínimo estalo de dedos começarei a chorar. Estou oficialmente selada à sujeira daquela família. Uma família que não carrego só nos genes, mas agora também no nome. A impressão é que seus tentáculos escuros já começaram a crescer por mim, e já não sinto que sou mais eu.

Em determinado momento, sem esperar, eu o vejo. O coração reanima como aquelas linhas da vida, que começam a saltar. Rodrigo está parado na porta da mansão ao longe, copo de bebida na mão. Ele não me olha, ele me devora com os olhos. Pedacinho por pedacinho, até que não reste mais nada de mim.

Guilherme fala alguma coisa e eu acaloro, desejando suas mãos. Não as dele, a do outro. Anseio seu toque. Suas mãos deslizando pelas minhas pernas. Me chamando de *antipasti* toda vez que eu parava de sorrir, só para me ver sorrir de novo. Saudades das pernas quentes entrelaçadas durante aquela noite única, da rara e vaga sensação de paz.

Não sei o que é essa força que me puxa dos escombros e que me faz pensar em levantar e andar até ele. Só sei que esse sentimento é tão potente quanto o ódio e o desejo de vingança.

Eu teria dado a ele todo o meu coração se não o tivesse vendido antes. A minha alma estava no negócio, o coração fazia parte do pacote, mas ele precisa saber que os minutos preciosos que passei ao seu lado, repartidos em três míseros encontros, valeram por uma vida de espera.

— Querida?

A voz melodiosa da minha sogra me acorda.

— Beba algum vinho, ele dará alguma cor ao seu rosto, — diz me estendendo uma taça. — Tome. Vai parecer menos apática.

Olho-a no fundo dos olhos sem brilho. Por uma fração de segundos me pergunto se caberia a ela alguma vingança também, mas logo retomo o foco: — Estou bem, obrigada. Não quero beber.

— Conheço um olhar desanimado de longe, — ela diz olhando ao redor, levando sem vontade uma taça de champanhe aos lábios. — Ao menos finja que está se divertindo — diz com um sopro.

Ao me olhar novamente, os olhos sem brilho agora solta faíscas.

O coração antes gelado volta a bater, mas desta vez de raiva. Onde estava essa mulher que não ensinou o filho a respeitar o próximo? Sendo fútil, egoísta e mesquinha, ensinando a Guilherme que amor não existe, que traição é aceita, que todos temos um preço. Onde estava o orgulho dessa mulher quando assinou o contrato que a prendia em um casamento falso? Onde estava ela, e muitas outras antes dela que não ensinaram ou exigiram respeito aos homens que criaram, cuidaram, amaram?

Ela não se demora ao meu lado. Volta para o lado do marido, e eu me sento ao lado de Guilherme.

— O que minha mãe queria? — Guilherme pergunta pegando um novo copo de *whisky* da bandeja que passa atrás de nós.

— Informar que estou pálida e preciso encher a cara.

Guilherme ri. Apoio o cotovelo na mesa e o rosto na mão, lançando outro olhar para a casa distante: — Não sabia que tinha tantos amigos na política.

Um garçom chega trazendo a entrada, e libero a mesa para receber a comida. Um enorme prato vem enfeitado com fatias transparentes de algum animal, mergulhada em um molho da cor de sangue.

— Coisas do meu pai — ele responde.

— Reconheci o Secretário de Educação — digo fingindo avaliar o prato.

— Rodrigo — Guilherme sorri ao ver o prato que colocam à sua frente. — Mas esse não está aqui por causa do meu pai.

— Ah é? — estendo o guardanapo sobre o vestido, sem coragem de subir os olhos.

— Ele estudou comigo na Escola Britânica, — diz. — Um idiota.

Meu garfo treme durante todo o caminho até a boca. — Por que idiota?

— Sempre houve essa competição entre nós — Guilherme se põe a comer, mantendo a voz naquele tom tranquilo de quem não desconfia das intenções do outro. — Mas um dia ele entrou para o seminário, se meteu em causas sociais. Quem vê graça em competir com um perdedor?

Deixo o talher cair. A carne coberta de molho salta do garfo e pousa sobre o vestido, manchando-o de vermelho. Do outro lado da mesa, minha sogra infla as narinas como se prestes a lançar fogo pelas ventas. Talvez esteja enfartando, não sei. Duvido que ela me daria esse presente.

— Droga — reclamo da carne agarrada aos cristais. Guilherme olha para o estrago mas não liga. Puxa conversa com o homem sentado ao seu lado, a quem não se deu o trabalho de me apresentar.

— Preciso lavar isso — digo me levantando sob o escrutínio de Sarah. Retiro o guardanapo imundo e pouso-o sobre a mesa, andando apressada em direção à mansão com uma hemorragia no meio da barriga, aliviada por não ter que ouvir mais sobre ações oscilantes e os esplendores de se ter uma ilha em Angra.

Passo por Ísis, que rodopia com pessoas que não conheço pelo salão. Passo também pela mesa de Linda e Eduardo, ambos com aparência miserável, debruçados sobre seus celulares. Saio do alcance das luzes suspensas e das lamparinas delicadas que iluminam o gramado. Longe dos holofotes que salpicam a pista de dança de cores, do burburinho alegre de todos, os ombros

relaxam e sinto um vislumbre de paz. Ando até a entrada lateral da mansão. Ela está iluminada, mas vazia; estão todos no jardim.

Subo as escadarias de pedra pensando nos banheiros do primeiro andar, e em qual deles poderia tirar o vestido e lavá-lo. Atravesso salas, salões. Em todos eles encontro um ou outro convidado observando a decoração, ou simplesmente saturado da festa como eu. Cruzo a biblioteca, um quarto de hóspedes, uma saleta íntima e chego à sala de jogos, o ponto mais distante da festa. Nenhum banheiro do primeiro andar me daria a reclusão necessário que a alma implora.

Chamo o elevador privativo da casa. O segundo andar, antiga ala ocupada por Guilherme quando solteiro, está vazio. O terceiro andar está fora dos meus limites, meus sogros nunca me permitiram acessar sua ala. Enquanto a mente vagueia ao som dos rangidos estranhos do elevador antigo — "um clássico", insiste meu sogro — sinto uma presença atrás de mim.

Viro e dou de cara com Rodrigo.

Majestoso, bebericando uma bebida dourada da mesma cor que seus olhos. Gravata frouxa e olhos cravados nos meus. Seus olhos estão diferentes, avaliativos. Já não parecem mais um livro escancarado, ou uma declaração de amor. São só estilhaços e pontos de interrogação. — Você poderia ter poupado o constrangimento.

Tudo rui quando ouço sua voz. Tudo que há de bom em mim colapsa.

Fecho os olhos, sentindo um estupor morno tomar pernas e mãos: — Me perdoe.

— Bem que você mencionou que tinha um compromisso no sábado — ele força uma risada, olhando ao redor da sala opulenta. — E eu achando que poderia convencer você a fazer um piquenique comigo.

Olho para o chão, como se o script do que tenho a dizer estivesse ali. — Me perdoe — eu repito.

Ele pousa o copo sobre o imenso piano de cauda. Dá um passo em minha direção, e as paredes se comprimem ao redor do cômodo.

— Eu teria impedido você, — fala com voz rouca e olhos em mim, tão perto que sinto seu calor.

— Eu não queria ser impedida.

Ele bufa um 'Inacreditável'. — Ana, eu achei que tínhamos nos dado bem.

Aperto os olhos. *Nos dado bem?*

— Você poderia ter dito aquela noite que estava de casamento marcado. Por que não disse tudo? — Sua voz está cada vez mais perto. — Como pode ter dito 'sim' a um homem e se entregado tão completamente a outro?

Subo os olhos para encontrar o seu: — Estava tão transparente assim? — pergunto. — Estava tão claro que eu me apaixonei por um homem em apenas

três encontros?

— Para o homem que se apaixonou de volta por você, sim.

Minhas forças vão embora. Foi um dia exaustivo, triste, solitário. O vestido é duro mas não é uma armadura, ele não me impede de sentir as punhaladas no peito. Cresce ao redor do coração o desejo de ser livre. De sumir.

O *plim* indica que o elevador chegou. A porta de ferro antiga se abre.

Não sei como pude baixar a guarda, mas quando abro os olhos, os lábios de Rodrigo se colam aos meus. Sua boca toma o que é seu, e já não consegue ser mais de ninguém. Suas mãos me enlaçam pela cintura, me empurram para dentro do elevador e a porta se fecha, isolando-nos do mundo.

Respondo ao beijo como respondi quando ele me beijou pela última vez. Como uma louca que se afoga e só ali pode conseguir de volta o ar.

— O elevador tem câmeras? — ele pergunta com a boca colada à minha.

— Não — respondo arfando entre seus lábios, enlaçando seu pescoço como se ele pudesse me salvar. A casa inteira é vigiada, mas por questões de privacidade os elevadores e as dependências íntimas, não.

Rodrigo me suspende do solo. Suas mãos me amparam em cada lado da bunda, e com sacrifício homérico consigo me encaixar nele mesmo vestindo aquele vestido. Ele me beija, mas sente raiva de mim; sua boca me castiga.

— Como pode fazer isso comigo, Ana? — diz mordendo forte meu lábio inferior. Tento segurar seu rosto, mas ele se debate comigo. Ele quer me machucar, mas cavalheiro que é, rende-se à minha entrega e me beija de volta. Seguro cada lado de seu rosto tão bonito e precioso. Corro as vistas pelos olhos que me fizeram cair de amores, que me roubaram de mim.

Beijo-o. Enfio a língua em sua boca, ele enfia a sua na minha. É preciso conhecer a força do que me move para entender a força do que me derruba. Eu não caio de amores, eu não me deixo abalar por nada no mundo. Nada, com exceção desse homem.

— Como pode fazer isso comigo? — ele repete, e eu volto a calá-lo com um beijo aflito. Suas mãos me prendem pelo pulso como grilhões. Retribuo seu beijo com toda a paixão que não cabe no teatro do casamento, nem no manual de como se portar em público. Ele aperta botões aleatórios do elevador e o bicho range como um velho cansado. Sentimos um solavanco e começamos a subir.

— Eu achei que fosse morrer quando te vi, — diz respirando rente ao meu nariz, testa na minha testa, traçando meu rosto com seu olhar dolorido. Seu cheiro é de whisky puro, um cheiro seco e inebriante. Cheiro de dor de cotovelo, de ressaca, de bicho ferido.

— Me perdoe, meu amor. Eu morri para entrar ali.

Ele afasta o rosto do meu. — Não quero saber seus porquês agora, — diz

entre os dentes, apertando o peito contra o meu. — Quero apenas que fuja comigo, — rosna, e eu só consigo suspirar dentro de sua boca. Lábios se colam novamente, línguas se contorcem ora dentro de mim, ora dentro dele, fazendo barulho de coisas molhadas se movendo. Sua respiração fica pesada e suas mãos procuram o zíper embutido do vestido.

— Preciso sentir você — ele tenta algumas vezes achar o fecho da roupa, até que para e olha irritado para o que eu visto. — De onde saiu tanta pedra?

O elevador subitamente para entre andares; não sobe nem desce, mas nem eu nem ele estamos preocupados com isso. Ajudo-o a descer o zíper. Sob o vestido visto uma lingerie branca rendada que não esconde nada. Ele exala ao me olhar, uma expressão de tristeza profunda: — Não acredito que você vai ser daquele cretino essa noite. E nas noites depois dessa.

— Essa noite eu vou ser sua primeiro — respondo afundando o rosto em seu pescoço cheiroso.

Ele desliza uma alça pelo braço, e o tecido fino sai por um pulso e depois outro. Ele me despe da cintura para cima, e eu me deixo despir. Seus olhos me olham com veneração enquanto os dedos circulam a pele do meu rosto. Ele beija suavemente meus lábios, olha como eu prendo sua mão na lateral do meu rosto, uma súplica calada para que ele não me deixe.

— O que estamos fazendo? — murmuro sentindo sua boca no encontro do rosto e do ombro.

— O certo.

Eu sei. O certo. Eu também acho. Suas mãos descem pelo meu pescoço, cada mão de um lado, delineiam meus ombros, lenta e protetoramente.

— Quero ficar com você, Ana.

Seus dedos descem pelos meus braços, amolecendo minhas defesas e arrepiando tudo no traçado. — Como fez com que eu me apaixonasse assim por você?

Sorrio, mas com tanta tristeza que nem pode ser chamado de sorriso. — Eu mesma não vi acontecer.

Ele balança a cabeça que sim, que sabe que foi rápido. Muito rápido. Fecho os olhos ao sentir seus dedos afastarem a alça do sutiã, e o outro dedo fazer o mesmo com a outra.

Me beije. Faça com que eu esqueça que estou na minha festa, que casei com um homem que odeio.

Ele se inclina e beija meu pescoço. Suas mãos acolhem meus seios, perfeitos para o tamanho de seus dedos. Sinto sua respiração na pele, primeiro o inspirar tranquilo de quem absorve cheiros, depois o exalar de prazer por que gosta do que inalou. Sua língua toca a pele morna. Suas mãos massageiam e

acariciam os mamilos enquanto sua virilha se aperta contra metros e metros de tecido.

— Fuja comigo —ele repete. — Vamos embora daqui.

— Não posso.

— Por causa da ONG?

A iniciativa que criei para ajudar a escola é um bom motivo, mas não é ela o que me prende ali. — Por muitas outras coisas.

Mais beijos, mais carícias. Uma língua atrevida me lambe do pescoço ao umbigo.

— Vamos viver alguma coisa juntos, Ana. Não quero me afastar de você.

Ouvimos uma batida discreta no primeiro andar. — Tem alguém no elevador? — uma voz idosa pergunta.

Sumido entre meus seios, Rodrigo ergue os olhos, tranquilo. — A noiva está no elevador — ele sussurra. Não respondemos, e eventualmente ouvimos passos se afastar.

Ele me segura pela cintura e se ajoelha. Acho que vai fazer uma coisa, mas faz outra. Ergue camada por camada do vestido e some ali embaixo. Só volto a senti-lo quando seu dedo puxa a calcinha para o lado e sua língua invade a fenda entre as minhas pernas. Ele me sorve primeiro devagar, em seguida com sofreguidão. Ergo a perna e apoio o salto sobre seu ombro enquanto ele chupa cada centímetro que encontra no caminho. Puxa a pele sensível entre os dentes ao ponto de arder, até que, na iminência de desfalecer eu bata com as palmas da mão nas paredes de ferro, implorando que pare. Os dedos encontram botões, e o elevador arranca uma andar acima.

Seus dentes me castigam novamente e eu salto para trás, batendo as costas na parede do elevador, torcendo as pernas. Rodrigo solta a carne mole, mas me dá uma mordida na coxa, seguida de um chupão, longo o suficiente para deixar marca. Não consigo mais sentir prazer, só temor de que sejamos descobertos. Preciso sair dali, não posso ser pega com Rodrigo. Tenho uma vingança para terminar.

O elevador para outra vez entre andares.

Ele ainda me toca por um tempo, mas eu enrijeço. Sai de dentro da minha saia com a boca molhada, me beija com loucura mais uma vez, e por fim, envolve meu rosto entre as mãos. — Anule esse casamento. Fique comigo.

Balanço a cabeça que não.

— Os Diniz não são boa gente — ele me alerta, a voz crescendo em agonia. Deixo que fale, mas não digo que já sei disso.

— Você está se deixando levar pela emoção, Rodrigo.

— Sempre sou levado por ela, oras! Quem leva você? — Seus olhos

encontram os meus, exigindo uma resposta.

Algo forte, poderoso e vingativo.

— Fale, Ana! — ele insiste, segurando meu pulso. — Por que está com ele?

O que poderia dizer que o convenceria? Que assumi um compromisso e quero levá-lo até o final? Que jamais deixaria Guilherme sair impune, agora que o preendi no matrimônio? Viro o rosto e encaro as paredes do elevador, desejando que não sentisse a bile subir à garganta só de pensar no que me aguarda pelos próximos meses.

Tiro o pulso dentre seus dedos: — Eu preciso ficar perto do inimigo.

Ele me larga, arregalando os olhos. Recoloco o vestido em silêncio. Rodrigo não diz nada, e duvido que tenha algo a dizer, dada a surpresa com que encara minha frase. Sim, Rodrigo, esse é o meu segredo. Eu odeio o meu marido.

Aperto várias vezes os botões, e elevador dá um solavanco para baixo. Olho-o pela última vez: — Tudo que você vê e sente em mim é verdade. Estou completamente apaixonada por você, — falo ajeitando a saia longa. — Mas não posso ficar com você. Você vai acabar se machucando.

Quem vai atrás de vingança cava duas covas, não é o que dizem? Às vezes cavamos mais de uma, e aqueles que amamos caem nelas antes de nós.

Bato em punho nos botões esperando que o elevador continue a andar. O elevador dá um solavanco —*céus, maldito elevador* — mas continua a subir até o terceiro andar, o apartamento dos pais de Guilherme. Assim que ele para, abro uma fresta da porta, me certifico de que não há alguém no corredor e saio.

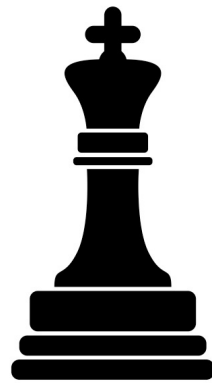
— Precisamos manter distância — digo olhando ao redor da ala escura enquanto retorno ao covil. — Não me procure mais.

— Você tinha razão — Rodrigo grita na escuridão, sua voz viva e magoada ressoando pelo corredor coberto por pinturas caras.

Viro para olhá-lo.

— Ele não é um daqueles traidores que descrevi para você naquela noite. Ele é realmente o safado que não consegue manter o pinto dentro da calça.

Saber que eu tinha razão não traz qualquer alívio: — Eu disse que ele era.



“Na vingança e no amor a mulher é mais bárbara do que o homem.”
Friedrich Nietzsche

21. É GUERRA



O vídeo do *youtube* passa na tela do computador. Os gemidos ecoam nas paredes vazias do antigo restaurante, miados inteligíveis, arfadas profundas, um ou outro palavreado de baixo calão. A cada uma delas Ísis se encolhe mais, ao ponto de lembrar ao final uma criança no útero da mãe.

É ela ali com as pernas abertas sob Geraldo. É ela gemendo enquanto tenta fechar os olhos e pensar em Adriano, tentando esquecer que está traindo o marido com um cara que a conquistou com palavras.

Palavras.

Será que alguém faz ideia do poder que elas têm? Elas constroem e destroem mundos, elas edificam e colapsam estruturas. Elas são a perdição do vaidoso.

— *Juninho....*

Ísis pressiona os olhos com os dedos ao ouvir sua própria voz. —Desligue, Bárbara, por favor. Bárbara aperta o *esc* e o silêncio volta ao salão.

— Foi você quem insistiu, Ísis.

— Eu sei — ela tampa o rosto.

Foi ela quem quis mostrar o tamanho do estrago. Talvez tente justificar a recusa do marido em querer ouvi-la, ou quer que o grupo fale o que seu coração já sabe: seu casamento acabou porque ela cometeu o imperdoável.

Ela exala esfregando uma mão na outra. Não tem coragem de olhar para o resto do grupo, que a olha de volta em silêncio. Não que ela se importe com o que o grupo pensa, o grupo não a julga. É só que a cada vez que percebe o que fez, mais fundo acredita ir. Mais entristecida e enojada fica. As lágrimas que Ana têm nos olhos e as que ameaçam saltar dos olhos de Linda confirmam o que ela sabe: Adriano viu aquela cena. Ele nunca mais irá perdoá-la. Talvez ela mesma nunca mais se perdoe.

É engraçado como a prática do não julgar faz bem. Ísis se pune constantemente pelo ato, mas não é punida por outros. O questionamento comum, “por que ela trepou com aquele cara se gostava tanto do marido” inexistente. Ísis traiu o marido por motivos válidos. Válidos no mesmo grau e intensidade que os argumentos fracos. Porque estava carente. Porque estava com raiva. Porque abriu mão de coisas caras para aceitar o que Adriano impôs. Porque se não tivesse traído Adriano, ela o teria largado.

Ou não. Talvez Ísis apenas abrisse mão de seu sonho e se recolheria à sua insignificância. Um cérebro feminino a menos no mundo. Uma mulher a menos no mercado de trabalho. Alguém notaria?

Ela não gosta de pensar nisso, dá a impressão de que sua presença no mercado de trabalho faria alguma diferença. Mas ela gosta de pensar que faria, que ela poderia mudar um pouquinho o mundo. Se não tivesse feito o impensável, ela jamais saberia.

O descanso de tela desce como uma cortina, e a sala fica escura. Alguém solta um suspiro. Bárbara mexe no mouse acordando o computador, Ísis funga.

Linda é a primeira a se recompor, e logo não parece mais tão impressionada. Ísis desconfia que sua carreira é tão suja e recheada de dramas que sua tolerância para traições como aquela é maior, como se ela tivesse desenvolvido uma casca grossa para erros humanos, ou algo do tipo. Linda observa Ísis deitada na cadeira, as mãos cruzadas na frente do corpo.

— O cachorro tinha o tempo todo isso em vista, — Linda diz olhando para Bárbara. Bárbara sabe.

— Palavra por palavra, cada frase dita foi planejada, — Ísis concorda olhando para o chão. — Ele conhecia todos os detalhes, parecia ter o mapa do labirinto até minha alma. Sabia que falar sobre o cursinho derrubariam metade das minhas defesas. Que eu o ouviria se soubesse que ele passou por coisas assim.

— Somos programados para sentir empatia por quem passou pelos mesmos tipos de problemas que passamos, — Bárbara fala. — Nos faz querer trocar experiências, abrir o coração para elas.

Ísis fala com olhar vítreo para o chão: — Eu o ouvi, realmente ouvi. Ele derrubou cada uma de minhas defesas.

— Mas como ele sabia tanto sobre você? — Ana pergunta.

Ísis sorri, triste e incrédula: — Adriano.

É irônico que tenha sido justamente seu marido a dar a Geraldo o mapa do labirinto. O mais interessante é que não foi ela quem descobriu isso, foi Bárbara. Foi ela quem contou a Ísis que seu marido alimentou os sonhos doentios de Geraldo Junior.

— Adriano e o outro garçom da lanchonete costumavam conversar durante as pausas, — Bárbara explica. — Descobri que Adriano constantemente mencionava Ísis nas conversas do lado de fora do restaurante, e que Juninho ouviu algumas dessas conversas. Foi Adriano quem falou sobre a vontade de Ísis de voltar a estudar, sobre a sua *obsessão* por escola. Ambos sabiam que Geraldo era um caçador de troféus e que coleciona histórias bizarras na internet, mas nunca imaginaram que ele usaria o que era dito para ludibriar a menina.

As lágrimas jorram em cascata pelo rosto de Ísis.

— O canal de Juninho é de vomitar. Os vídeos mostram sexo com mulheres casadas, solteiras, jovens. Ele não mostra exatamente o rosto delas para não ter que se ver com os namorados e maridos, mas à boca pequena ele passa os nomes. Aquelas que se reconhecem não tem coragem de confrontá-lo, e consideram-se sortudas se não forem reconhecidas pela família ou amigos.

— Mas ninguém denuncia? Ninguém o prende?

— Se o site cai, ele coloca outro no ar. E quem o levaria à justiça, se ninguém tem coragem de denuncia-lo? A mídia destruiria a mulher que estava com ele.

Os olhos de Ísis relampejam no escuro. Ela quer Adriano de volta, mas quer quase o mesmo tanto se vingar daquele bandido. Geraldo pode não ser o único responsável pelo fim de seu casamento, mas é culpado de ter humilhado Adriano e fodê-la, com todo o perdão do trocadilho que a frase merece. Se o casamento de Ísis ainda estaria de pé se não o tivesse traído ela não sabe. Adriano, afinal, estava no *mailing list* de Geraldo, e um programa de entretenimento só existe porque existe quem o assista.

Às vezes Ísis se pergunta se teria contado a Adriano a traição, caso Geraldo tivesse se calado. Ou se ela teria largado Adriano. Teria vivido infeliz e de consciência culpada? Ou teria esquecido tudo, e se sentido vingada por ter dado ao marido o que inconscientemente achava que merecia por atravancar sua vida?

Gente magoada fica malvada, é tudo que ela conclui.

— Eu descobri a fraqueza de Geraldo, — Ísis diz, e o silêncio vira uma confusão de risadas e palmas. Ísis agradece, sorrindo quase sem mexer os músculos da boca. — Um tempo atrás eu o queria morto. Ou em pedacinhos, não me lembro bem, mas durante essas semanas eu repensei minha estratégia e vi que para agir eu não precisava ser violenta. Ou violenta *demais*.

“Considerarei seriamente cortar a sua língua, já que caí na sua lábia. Achei legal essa coisa de acabar metaforicamente com sua capacidade de passar a lábia nas pessoas, sabe? — Ísis brinca, e Bárbara continua a partir dali:

— Mas chegamos à conclusão de que seria muito sangrento — Ela suspende as sobancelhas, olhando para Janine. — Ísis se sujaria, seria uma

meleca só. E no mais, é sabido que durante as guerras, qualquer ataque frontal e incisivo endurece a resistência. Eu sempre aconselho os membros do clube a atacarem lateralmente. Jogue fogo na floresta para espantar o bicho da toca, — Bárbara amacia a voz. — Exponha suas fraquezas, essas coisas.

— Então eu fiquei pensando nisso, — Ísis diz, animada. — Em como eu poderia me infiltrar no seu mundo para distraí-lo. Como poderia dar a ele a corda para se enfocar.

— Mas Geraldo não tem caráter, — Linda argumenta. — Expor sua falta da virtude não causará nada.

Bárbara balança a cabeça, com se decepcionada com Linda.

Ísis pede a palavra: — Fiz exatamente o que Bárbara falou naquele dia: dei-lhe silêncio. Geraldo estranhou, e passou a me vigiar. Ele sabia que eu estava planejando algo, eu *só podia* estar planejando algo. E porque ele tem certeza que em breve o atacarei, não espera ser atacado de lado.

Ana e Linda olham para Bárbara. Ainda não entenderam o plano. Bárbara alisa a saia comprida e em seguida entrelaça os dedos enrugados: — Por muito tempo pensei como colocaria todos os planos de vingança em prática. O de Eduardo, o de Guilherme e o de Geraldo. Mas não vinha a ideia perfeita, sabe? Então eu me perguntei: para onde vamos quando estamos sem ideias?

Ninguém sabe. Para onde?

— Para as aulas de história! — a senhorinha vibra. — Tudo já foi feito nesse mundo, toda sujeira foi aprendida com outra sujeira. Usemos os erros alheios! Tiremos ideias da política!

Ela inspira satisfeita o ar e sorri, como quem tem finalmente uma boa notícia para dar: — A intriga, por exemplo. Ela é um elemento requintadíssimo, extremamente fácil de fazer e traz resultados estupendos. Outra tática que adoro é cortar o acesso do inimigo à superfície. Isso não é maravilhoso? Cortar o ar do inimigo! — Bárbara sorri. — Vamos mexer com seus estímulos sensórios, com aquela parte instintiva do corpo não acessada pela razão. Vamos alimentar suas expectativas, manipular sua realidade. Medos e desejos, meninas! — ela bate palmas para nos incendiar. — Controle de ambiente e percepção da realidade é o segredo. Controlem isso, e vocês os controlarão!

O grupo pode jurar que dois chifres brotam do lado do seu coque grisalho.

Ísis, em particular, absorve cada palavra de Bárbara como se fosse porosa, praticamente acompanhando suas palavras com um movimento dos lábios. Sim, sua vingança vai ser entregue, e com ela, a satisfação de ter revidado. O revide a empodera, e Ísis precisava ser empoeirada.

Bárbara se torna ali, aos olhos de todas, sua guru. Sua mestra, e é então que Ana percebe a estratégia do Clube.

Tantos meses pensando a respeito, e ela finalmente recosta na cadeira, braços cruzados, olhando com espanto para o laço eterno que está sendo formado ali, à frente dos olhos. Ísis e Bárbara estarão eternamente ligadas pela corrente da gratidão. A mestra que ajudou a aprendiz tem agora a sua devoção. *Essa é a pegadinha do clube*, Ana finalmente sorri. Ela descobriu a estratégia de Bárbara.

— E então? — A senhorinha pergunta, abrindo um sorriso animado. — Preparadas para ouvir os planos e vingança?

Sim, elas balançam a cabeça.

Estão todas preparadas.

22. DESCANSE EM PAZ



A limusine estaciona na frente do portão de ferro trabalhado. O segurança reconhece o carro, e anda preguiçosamente até o portão. Destranca o cadeado, puxa-o causando um rangido metálico.

O carro acelera até o segurança. O vidro escuro desce, e uma mão estende a ele uma nota de cem reais. O homem tira o palito da boca, olha para a nota, em seguida abaixa para ver a senhora grisalha que sorri candidamente para ele. Ele sempre tem a mesma impressão, embora com os anos tenha se convencido que é coisa da sua cabeça, que enxerga nela algo ruim disfarçado de coisa boa. Ou uma coisa boa coberta de coisa ruim, ele não sabe. Se ele não soubesse de quem se trata, seria capaz de descrever sua face como maternal, de uma candura quase ingênua. Mas aquele sorriso? Aquele sorriso não estampa rosto de gente de bem.

O segurança pega a nota e dá um passo para trás sem dizer ou esboçar nada. A limusine segue deixando-o para trás.

O carro corta as pequenas vias de acesso dos carros funerários, aguardando que visitantes saiam da frente para ele passar. Bem no fundo do cemitério, quando os túmulos simples ficam para trás e tudo que se vê são árvores, a limusine para. Janine salta o carro e abre a porta, ajudando Bárbara a descer.

— Quer ajuda, Bárbara?

— Não precisa, querida. Aguarde aqui.

Bárbara salta do carro e ajeita o casaco de lã ao redor do corpo. Usa-o mais por causa das dores nas juntas que por frio, realmente. Naquela manhã de outubro, por exemplo, o vento já nem é mais frio. Mas as juntas reclamam, então ela se cobre.

A senhora caminha até o jazigo suntuoso no fim e uma estradinha de pedras. Abre a porta de cobre hoje esverdeada com uma chave que tira do bolso. Ali, atrás de colunas dóricas e na escuridão do mausoléu, coloca-se mais uma

vez na frente de Elise de Sá.

— Bom dia, madrinha.

Bárbara afasta as folhas secas sobre o túmulo, anotando mentalmente que precisa ligar para o cemitério e pedir que limpem o lugar melhor. Pousa a bolsa sobre o ataúde de Felipe de Albuquerque, sem dar qualquer atenção à sua presença. Senta aos pés do caixão de pedra de Elise, em um pequeno banco de mármore colocado ali como se especificamente para essas reuniões. Retira uma folha de papel da bolsa e o abre, deixando cair três tirinhas estreitas dentre as dobras. — Aqui estão os três novos nomes, — diz Bárbara para a ossada da mulher morta há mais de cinquenta anos. — Todas as três histórias foram resolvidas.

Bárbara pausa.

— A vingança começa essa semana, terça ou quarta. Mas infelizmente, ainda não foi desta vez que eles caíram.

Ela abre uma porta de vidro de um baú transparente e coloca as tiras sobre muitas outras, já amareladas pelo tempo. Fecha a cobertura de vidro e volta ao banco. — É uma pena que Ana não tenha se encantado pelo clube. Ela carregaria brilhantemente a chama adiante.

Por um tempo Bárbara pensa em Ana, em sua desconfiança. Ela solta uma risada ao pensar nisso, no quanto ela mesma relutou em se unir ao clube. — Acho que sua neta tinha razão quando me contatou em 1967. Ela me disse que as melhores de nós não confiariam a vingança à outro; fariam elas mesmas.

A senhora solta um suspiro, pensando brevemente nas centenas de mulheres que ajudou de lá para cá. Todas as vitórias, todos os sorrisos de agradecimento. Pensa, principalmente, naquelas que continuam o trabalho, espalhando-se por várias cidades do país, ajudando em silêncio o mundo a ser menos desigual.

Foi uma vida produtiva. Inteiramente voltada à vingança, sim, mas produtiva. Talvez a única pessoa que não tenha convencido a se unir ao clube fosse justamente aquela que mudaria tudo. Será que os Diniz já teriam caído, se *ela* tivesse dito sim? Bárbara às vezes pensa nisso, se a ‘mulher que disse não’ teria mesmo esse poder. Quem sabe? Não se pode acreditar que justo as que recusaram seriam as melhores estrategistas, seria injusto com as que tentaram. Bárbara repete a si mesma um mantra que ouviu da própria neta de Elise: “Quem recusa o chamado do clube o faz por amor. E quando há amor, o clube não pode agir. Quem ama não tem frieza necessária para a estratégia.”

Bárbara bate as mãos cansadas nas pernas: — Bem, não quero ficar aqui reclamando da vida. Voltei porque tenho mais um trabalho concluído, e você pediu, em seu leito de morte, que os nomes das mulheres a quem ajudou lhe fizessem companhia. Aqui estão mais três. A vingança está em curso, não há

como dar errado.

Bárbara se levanta, olhando para a tampa do ataúde. Trabalhado em mármore branquíssimo, repousa em pedra o corpo da mulher que mudou a sua vida. Sobre sua cabeça, entalhada em uma lápide, os dizeres finais que ela nunca se cansa de ler:

“Onde estávamos enquanto ensinavam aos homens a arte do combate? Onde estávamos enquanto generais elaboravam ataques e comemoravam vitórias? Criando filhos que nos abandonariam para lutar em batalhas? Sendo mortas e saqueadas como espólios de guerra?

Como deixaremos de ser vítimas se não aprendermos a lutar?

Temos sentimentos como os homens, sentimos dor como eles, sofremos das mesmas doenças. Por que então somos o espólio? Por que precisamos ser protegidas? Porque nos consideram mais fracas? Desde quando batalhas ainda são travadas com as mãos?

Dê-nos ensinamentos. Dê-nos escolas. Dê-nos livros, e também armas. Deixe-nos ter acesso às mesmas vantagens, e prometo que tomaremos melhor conta de nós mesmas do que vocês tomaram.

Se quiserem estar ao nosso lado, posicionem-se como iguais.

Não somos propriedade. Não somos costela, não somos úteros ambulantes. Atentem, é uma questão de século: não aceitaremos no futuro linhas de largada que não estiverem perfeitamente alinhadas.”

Elise de Sá, 1875 - 1957

Bárbara sorri para os dizeres incomuns e pega a bolsa sobre o igualmente belo ataúde de Felipe de Albuquerque. Lança um olhar para a silhueta do homem esculpido em mármore e sorri: — Sei que já disse isso, mas adoraria saber como foi que Elise encontrou você.

A senhora ri sozinha, dando dois tapinhas no esquite: — Pena que ela levou esse segredo para o túmulo.

Bárbara anda até a grade que protege o mausoléu e sai, trancando-o pelo lado de fora. Como Felipe acabou enterrado ao lado de Elise ela não sabe. O que sabe é que Elise tinha um humor estranho e exigiu que ele fosse enterrado ao seu lado.

Todos os seus pedaços.

— Até a próxima, Felipe. Descanse em partes.

23. VINGANÇA NÚMERO 1



O carro chega de maneira precária até a rua do pequeno subúrbio. O motor solta fumaça e soluça uma última vez antes de morrer. A mulher alta e morena desce do carro, estalando a língua de nervoso. Cabelos longos e sedosos balançam até o meio das costas enquanto ela abana a fumaça com o chapéu.

Um grupo de homens sentados na frente do restaurante se levanta, como hienas que avistam uma presa. Cercam-na pelos lados, trocando olhares; ora observam a mulher, ora a fumaça que escapa sob o capô do carro.

— Mas que droga! — a morena bate nas coxas, injuriada. — Justo agora! O que pode ser isso? — pergunta para as hienas, correndo os olhos de rosto em rosto.

— Parece que é alguma coisa no motor — diz um curioso com um palito enfiado entre os lábios.

— Motor? — a voz afina em desespero. — Mas esse não deveria ser o carro mais seguro do mundo?

Um dos homens anda até a frente do carro para checar a marca, um Volvo.

— É, deveria.

A mulher leva as mãos à cabeça, olhando ao redor: — E agora? Alguém sabe consertar carros?

— Olha, a senhora deu sorte — uma das hienas dá de ombros, sorrindo.

— Dei, é? Por quê?

— Porque do outro lado da rua tem um cara que sabe consertar essa máquina aí.

A moça olha para o lado errado da rua.

— Desse lado não, moça. Do outro.

Ela se vira, o cabelo acompanhando a virada dramática.

— Ali? — ela aponta para a oficina.

— Sim senhora. O nome do mecânico é Geraldo. A gente ajuda a empurrar o carro até lá.

A moça junta as mãos no centro do peito, piscando os cílios quilométricos:

— Vocês são uns amores.

Os homens colam as mãos na traseira do carro e o empurram em direção à oficina, enquanto Janine acompanha a turma mexendo o quadril estreito com seu melhor rebolado. Na porta da mecânica de paredes sujas, Geraldo os espera com um cigarro na mão. Ele observa quando alguém grita “agora freie,” e o carro para na sua frente.

Os olhos de Geraldo estão no carro, mas também na moça. Ele observa o modelo, o estado dos pneus, o motor. Quando a moça se aproxima, suas atenções migram do veículo para as pernas nuas da garota.

— Posso ajudar?

A mulher olha desanimada para o carro: — O senhor leu que sim pelo sinal de fumaça, né?

Geraldo ri, passando os olhos pela mulher alta e curvilínea, com pinta de modelo. Ela é exótica. Alta, diferente. Será herança moura ou italiana que lhe deu aquele nariz forte e anguloso?

— Sorte sua ter quebrado aqui perto, viu? A senhora não vai achar gente que mexe com esse carrão por essas bandas.

— Tá falando sério? — ela coloca as mãos de unhas longas sobre o peito farto, onde uma blusa justa marca a renda do sutiã. — Eu sempre digo: sou uma garota de sorte!

Os três homens que empurraram o carro observam a cena, como se tivessem algo a ver com aquilo. De certa maneira, têm, ou poderão ter. Depende como a noite vai acabar.

— Garota? — Geraldo lança a guimba acesa na calçada, que rola e vai parar no meio da rua. — De garota a senhora não tem nada. A senhora é um mulherão, né? — ele diz baixo, usando o charme cafajeste para fazer a moça rir. O tom é de puro elogio. De admiração.

Janine toca seu ombro, divertida:

— Já vi tudo. O senhor é daqueles, né? — ela pisca. — Ah, vai. Não precisa bajular, assim não dá nem para negociar preço com o senhor. Deus quis que meu carro quebrasse aqui, é com o senhor mesmo que tenho que tratar.

— Por que não se senta ali na sala? — Geraldo indica o cubículo feito de compensado. — Vou passar um cafezinho e depois dou uma olhada no carro.

Janine o acompanha com os olhos. Geraldo enxota as hienas dali, mas antes de se afastarem ele murmura: fiquem atentos ao link.

Janine entra na saleta e se senta no sofá, cruzando as pernas. Geraldo se

abaixa no arquivo de ferro e pega o manual do Volvo que guarda ali. Sai da sala sorrindo para a morena, que sorri de volta.

Minutos depois ele volta com uma xícara de café e o diagnóstico.

— O motor esquentou demais — diz limpando as mãos em um pano úmido que tem sobre uma bancada. — Por isso a fumaça.

— Uau — Janine diz em êxtase, ao testemunhar tanta sabedoria. — Como pode diagnosticar o problema tão rápido?

— Na verdade, desconfio que possa ser algo mais — ele cai no jogo. Ah, a vaidade. Ele pede licença. Anda até o carro, senta-se ao volante, mexe em botões com um sorriso discreto nos lábios. Janine se senta ao seu lado, pernas nuas cruzadas e decote cavado.

A situação inteira é uma constelação de fatores favoráveis, Geraldo sabe. A beldade está sozinha, agradecida pela ajuda, perdida em meio ao bairro que ele conhece e ela não. Vulnerável e aparentemente disposta. Admirada por sua competência.

Ele aponta para o painel eletrônico e mostra o nível da água, emenda um assunto no outro, conta dois ou três casos. Janine entende melhor Ísis: ele é realmente bom. Seu olhar é hipnótico, e chama quem se aproxima como um dedo sinuoso e tentador. Janine se lembra de um desenho que costumava assistir quando garoto, onde os olhos amarelos de uma serpente giravam em um redemoinho sem fim, atraindo para si qualquer coisa viva. Geraldo é aquela serpente.

Janine dobra as pernas musculosas e morde o lábio inferior, encantada pela conversa. Alisa a franja da saia, olha-o sob os cílios. Oh, e quantos casos ele tem para contar. Sobre mulheres que bateram na sua porta tarde da noite, desesperadas por não saberem como sair do subúrbio. Tão prestativo, ele; faz a coisa toda por amor. Não cobra como ‘o pessoal por aí’, porque não tem família nem ninguém, não precisa cravar a faca no peito de ninguém para crescer. E crescer para ir aonde, se tudo que ama está naquelas ruas? Nos amigos que frequentam sua laje nos feirados, na simplicidade da vida calma que achou ali.

Janine também sabe jogar conversa fora. Conta que mora sozinha, que o namorado ciumento não mora com ela, mas que gosta de mimá-la com brinquedinhos, — Como o Volvo — diz alisando o estofado de couro.

Geraldo vai entrando de mansinho na fantasia que enxerga nela. De sentença em sentença ele lhe dá forma, e visualiza o potencial daquele encontro. No decorrer da conversa Janine lhe confia, com certo embaraço e bochechas coradas, que o namorado é, na verdade, o amante. Derrama uma lágrima, diz que ele é casado.

— De que valem carros e apartamentos sem amor? — ela pergunta olhando

para baixo.

Como todo bom sociopata, Geraldo espelha os sentimentos que não tem. Amor passa a ser tudo que ele procura.

— Como pode ainda não estar casado, Geraldo? — ela pergunta sonhando acordada, olhando através do para-brisa do carro em direção ao infinito. — Você é lindo, decente, bom de papo. Vá viver seu conto de fadas. Alguma mulher lá fora está esperando você para fazê-la feliz.

Ele abaixa a cabeça. Sua reflexão é emocional, quase teatral. Quando ergue os olhos, eles estão úmidos. Sim, Geraldo tem lágrima nos olhos. Não chega a chorar, os olhos mostram apenas um brilho discreto. Ele responde com voz embargada:

— Tive uma namorada que foi muito importante para mim — ele prensa a boca, considerando se continua ou não.

— Ai Deus. Por favor, não me conte uma história triste — Janine abana as mãos na frente dos olhos. — Olhe para mim, estou quase chorando!

— Não chore — ele sorri. — É que você me lembra essa garota.

Janine pisca, delicadamente.

—Fala sério.

Ele ri de si mesmo. Volta a falar ‘dela’, a mulher que acabou de inventar. Toda vez que a menciona olha para frente, como se ela fosse um sonho distante, ou um ideal frustrado.

Aos poucos a penumbra toma a oficina. Janine deixa a alça da camiseta tombar. Cruza as pernas com menos pressão entre as coxas. Na hora de falar sobre seu amante, ela repete o gesto de olhar através do vidro do carro. Sabe se espelhar em homens, como sabe se espelhar em mulheres. É um pouco dos dois.

— Ele é um cara muito poderoso, sabe? — ela o descreve. — Daqueles que te tomam, te apadrinham e não te largam mais. Eu sou proibida — diz em tom de confidência, esperando que Geraldo entenda a frase.

E é claro, Geraldo a processa. Um longo silêncio toma o carro.

— O que está acontecendo aqui? — ela enxuga uma lágrima. — O que é que você tem, que me fez abrir assim o coração?

Geraldo passa as mãos pelo cabelo de Janine, ajeitando-o para trás. Janine continua, frágil e feminina:

— Simplesmente não acredito que vim parar aqui, nesse bairro. Eu tinha três horas para fugir, para esquecer da vida, e encontrei você...

Geraldo continua a acariciá-la. Respeitosamente, para não assustá-la.

—Fico feliz que tenha achado em mim um amigo. Sinto que você precisava desabafar.

— Você é um cara bom — Janine diz limpando os olhos com as costas das

mãos. — A gente não se engana olhando nos olhos da pessoa.

— É o que eu sempre digo.

Ele corre o dedo pelos ombros magros da mulher. Contorna a saliência do esterno, brinca com o lenço que esconde o pomo de Adão acentuado. Ela coloca a mão sobre a sua.

— Você é um homem diferente, não é, Geraldo?

Ele pousa a mão sobre a coxa dobrada de Janine. Suas mãos estão suadas, em contato com a pele dela.

— Sim, eu sou.

Os dedos dele percorrerem um centímetro em direção ao meio de suas pernas, e Janine sabe que esse é o momento.

Ela se inclina e roça os lábios nos dele. Ele retribui o beijo.

É um beijo curto, pontuado por um gemido de vergonha e um pedido de desculpas. Por uma mão no peito que bate acelerado, e dedos que se insinuam entre as coxas.

— Céus, o que você fez comigo? — ela pergunta.

Ele a envolve em um abraço apertado.

— Sei do que você precisa, princesa.

No próximo minuto, Geraldo fecha a porta da mecânica sob os olhares curiosos das hienas e sobe as escadas de mãos dadas com Janine. Janine reconhece o quarto do vídeo que assistiu, a cômoda, o relógio sobre a cômoda. Geraldo a agarra por trás, com toda a paixão do mundo. Entre beijos desesperados Janine pede que ele espere. Pergunta se ele tem proteção.

Ele tem, e Janine sorri.

Assim como Ísis descreveu, ele anda até a cômoda e, enquanto finge pegar a camisinha na gaveta, liga a câmera que fica acoplada ao velho relógio despertador. Ela tem certeza de que ele pisca e sorri.

Ele a abraça novamente de costas. Janine sente a sua excitação roçar contra suas curvas, encaixar-se entre suas pernas. Ela continuo de costas para a câmera, olhando para a parede contrária, como planejado.

Segundo a análise meticulosa que fizeram do vídeo de Ísis, a câmera centra o foco na cama, mais precisamente em seu meio. A cabeceira da cama, bem na pontinha esquerda, não aparece no vídeo. Janine se joga na cama e se arrasta até o ponto cego; Geraldo deita em cima dela.

— Espere, Geraldo — ela pede sorrindo, encostando a cabeça na cabeceira.

— Não quer se lavar antes que eu... — ela passa a língua nos lábios entreabertos, apontando o queixo para as partes íntimas dele. — Adoro um cheirinho de sabonete — ela pisca, dengosa.

Geraldo abre um sorriso e some banheiro adentro.

Nesse segundo, Janine se senta. Tira da bolsa um lenço e o clorofórmio, e antes que Geraldo abra a porta, embebe o tecido no líquido anestésico.

Geraldo volta, nu, pronto. Ele se aproxima com um sorriso cheio de tesão, ignorando o cheiro pungente que paira no ar.

— O que está escondendo aí, minha pantera? — pergunta ao vê-la com as mãos para trás, enquanto tenta puxá-la pela alça do sutiã para o ângulo da câmera.

— Tenho uma surpresinha pra você — Janine cantarola.

Ele sorri, mas só até a chave de braço espremê-lo contra a parede, e o lenço encharcado adormecê-lo até tombar.

Hora do show.

Janine o abraça e ambos caem sobre a cama. Geraldo de costas, desacordado, ela sobre ele. Nos próximos minutos, em um ângulo incompleto, só as pernas do casal aparecem na gravação.

As pernas se enroscam, se afastam. Vez ou outra a bunda de Janine aparece, para seu desagrado. Reclamou sobre isso com Bárbara, exigiu uma peruca que a disfarçasse melhor para jamais ser reconhecida. Ao final ela o gira, volta a deitá-lo de frente. Repuxa seu joelho, abre bem suas pernas e simula movimento. Em breve ele vai acordar.

Janine coloca-se de pé, estuda o exato ângulo da filmagem. Balança a cabeça satisfeita, a parte do sexo pareceu bem real. Hora do próximo passo.

Ela limpa a garganta, testa a voz que há anos deixou de usar e diz, com o tom grave das vozes masculinas:

— Geraldo, foi excepcional. Vou deixar meu telefone sobre a mesa, tá? — Ela se levanta. Abaixa os óculos escuros que prendiam o cabelo sobre a cabeça e cruza o quarto mostrando mais do que gostaria de mostrar. Ajeita o membro masculino de volta na calcinha, dizendo para um Geraldo desacordado: — Só não conte a ninguém nosso segredinho.

Ela coloca a bolsa sobre os ombros, veste a saia e se vira uma última vez para o homem apagado sobre a cama. Lança de longe um beijinho. Parte fechando a porta, deixando que ele acorde aos poucos. A pimenta lambuzada no orifício da região traseira lhe dará a sensação de que aconteceu bem mais do que realmente conseguirá se lembrar.

Janine desce as escadas assoviando. Só de pensar em como a comunidade que acompanha ao vivo as peripécias de Geraldo vibra no momento, seu dia se ilumina. No entanto, como diz a música, o show deve continuar. Janine abre a garagem com o controle que Geraldo deixou sobre o balcão. Respira fundo, relaxa os ombros. Saca o celular da bolsa e liga para a polícia. Pede para falar com o Borges, diz que tem informação sobre a milícia do bairro.

Em questão de segundos é atendida pelo policial Borges, em pessoa.

Já no carro e com o script na mão, Janine dá o nome de cada um dos milicianos do bairro para o policial corrupto que finge anotar as informações, mas não anota nada. Borges, o policial linha-dura de reputação duvidosa, comanda a própria milícia, e sabe que o homem que está fazendo a denúncia acabou de listar absolutamente todos os milicianos que conhece, com a exceção dele mesmo.

— Essas paradas que você tá falando são muito sérias — o policial alerta.

Janine diz com voz grave e rouca: — Eu sei.

— E seu nome, qual é? — o policial pergunta no final.

As palavras que diz em seguida equivalem a uma sentença de morte.

— Geraldo Júnior, chefia. O da oficina mecânica.

Janine desliga o telefone. Olha para a saída, para as luzes do poste que começam a acender. Tira a peruca castanha, chacoalha o cabelo preto e dá a partida no carro, desaparecendo rua afora para nunca mais voltar.

24. VINGANÇA NÚMERO 2



A moça chega ao escritório vestida com pouco - mini saia e mini blusa, sem calcinha – armas certas para ganhar a batalha naquele tipo de campo.

- Guilherme Diniz, por favor — ela fala.

A atendente sobe as vistas e para com o telefone no ar. O que fazer quando a garota de programa que chega para encontrar seu chefe é a mais nova eliminada do seu programa de TV favorito?

— P-Priscila Rossman? — a mulher balbucia seu nome, como se Priscila fosse um tipo de celebridade. O tipo relevante de celebridade. — É você?

Priscila vê as roldanas da cabeça da moça girarem. Se Guilherme ligou para o serviço de acompanhantes atrás de uma garota de programa, como faz toda sexta feira depois do expediente, quer dizer que... Sim, quer dizer isso mesmo. Priscila sorri.

— Sou eu.

A atendente anuncia a chegada à secretária pessoal do chefe. Coloca o fone novamente no gancho, olha de um lado para o outro e solta, sigilosamente:

— Ele é tão príncipe quanto parece?

— É.

— Não ficou triste por ter sido eliminada?

Priscila finge pensar.

— Na verdade, não. O programa me deixou conhecida, mas sair com executivos dá mais dinheiro.

Ela pisca para a atendente, que deixa o sorriso morrer.

Priscila tamborila os dedos no balcão à espera de ser chamada. A luzinha vermelha e silenciosa do telefone indica que a entrada está liberada.

— O Sr. Diniz aguarda a senhorita.

Priscila se afasta, rebolando.

A secretária particular de Guilherme Diniz, na sala seguinte, está acostumada com as solicitações das sextas e mal olha a moça. Trataria Priscila com respeito e discrição se não a tivesse reconhecido prontamente, assim que entrou na sala. Mais uma vez, a ex-candidata do reality precisa lidar com perda de vozes e reações. Mas dessa vez, Priscila não sabe se a mudez se deve à sua fama instantânea ou ao fato de que a secretária a reconhece. Afinal, Priscila esteve algumas vezes ali, naquele escritório, acompanhando o pai Mathias Rossman.

A secretária se levanta da cadeira ao reconhecê-la.

— Priscila? Mas o que..? — A mulher olha para ela, em seguida para a porta de Guilherme.

— Acho que Guilherme está me esperando.

Gotas de suor se acumulam sobre os lábios finos da secretária, que não sabe se impede a moça de entrar, invade a sala de Guilherme para esbofeteá-lo ou recolhe-se à sua insignificância. Quantos anos Priscila tem? Dezesesseis, dezessete anos?

— Ele sabe que é você quem está aqui? — a secretária murmura.

— Ele pagou especificamente por mim.

— Mas seu pai...

Priscila pousa o indicador na frente dos lábios e faz shhh. As portas se abrem, e um paredão de vidro a recebe com luz. A menina deixa a secretária emudecida para trás.

A sala de Guilherme é ampla e fria, com aço escovado e vidro revestindo toda e qualquer superfície. A cadeira gira, e os olhos de Guilherme Diniz encontram as coxas da garota. Enquanto ele fala ao celular, bate cadenciadamente a caneta sobre o papel. Seus olhos correm pelas pernas compridas e param nos seios empinados. Sua mão desliza até a calça, sem fazer questão de esconder o desejo visível. É tão difícil resistir a elas.

— Claro, falarei com a diretoria. Não se preocupe, aproveite Brasília.

Seus olhos encontram os dela, e o rosto da menina decide o fim do telefonema. Guilherme paralisa em uma expressão sombria:

— Voltamos a nos falar mais tarde, pai — e antes que o pai se despeça ele já não ouve mais nada. Um ou dois segundos se passam antes que ele recupere a voz.

Priscila continua de pé, segurando a bolsinha que não cabe nada além do Iphone, uma camisinha e de algumas notas de cem.

— Olá, Guilherme.

Guilherme pousa o celular sobre a mesa. Sua testa mostra sulcos paralelos, e as sobrancelhas estão apertadas sobre os olhos escuros.

— O que está fazendo aqui? — ele pergunta.

Priscila olha ao redor. O cabelo liso está jogado sobre o decote da blusa azul que tem a exata cor dos olhos. Olhos que, sob a iluminação natural, saltam como um cristal ao sol.

— Você me chamou.

Ele não chamou Priscila, ele chamou uma garota. A garota poderia ser loira? Poderia. Magra, delicada, bonita? Claro. Não há muito segredo no esquema: ele abre a página do site e escolhe quem ele quer, mas tem certeza que não era Priscila na foto.

— Não chamei você.

Priscila dá um passo à frente. Apoia as palmas na mesa e ergue delicadamente o queixo, repetindo a legenda sobre a foto fake do site:

—“Recém saída de reality show televisivo. Modelo, novinha. Pacote Premium. Visita em horário comercial no local do negócio, sigilo absoluto, testes em dia.”

— Ah — ela completa. — “Tem piercings”.

A menina volta a ficar reta, estufando a barriga magrinha para mostrar a jóia delicada. Guilherme exala recostado na cadeira. Não sabe dizer o que é maior, se é sua surpresa, a atração física pela menina ou a sensação de perigo. Aquela ali na sua frente é a filha do sócio de seu pai. Nunca conversaram, jamais trocaram uma palavra, mas Guilherme sabe quem ela é. Não se lembra da irmã mais velha, mas se lembra de Priscila.

Ele lembra de ter ouvido Rossman mencionar que uma de suas filhas estava em um show estranho na TV. Parece que ela insistiu, fez chantagem, “e até hoje ele não sabia como pode ter sido escolhida, dada a sua idade.” E agora essa menina está ali, como acompanhante de luxo para executivos, ofertada como novidade no site que mudou a sua vida.

Veja bem: antes de conhecer o serviço dessa empresa, Guilherme quase perdeu Ana. Da última vez que chamou uma garota para o seu apartamento, agindo por impulso, acabou magoando a noiva. Ele nunca escondeu que as regras de seus relacionamentos seguiam parâmetros únicos, mas ainda assim viu Ana sofrer, e não gostou daquilo. Não quer que Ana sofra. Ele ama sua esposa.

E então um dia, como solução para suas necessidades, essa firma surgiu na sua vida como um milagre. Uma moça jovem, vinte ou vinte e cinco anos, montou uma rede de garotas que não gostavam de ser intituladas garotas de programa, mas queriam ganhar o dinheiro fácil que as outras ganhavam. Veio com um portfólio de garotas fenomenais que ele, nos últimos dez meses, fez questão de conhecer, uma a uma. Seu serviço também era diferenciado: sigilo completo, zero papelada. Não havia rastro. Ninguém poderia provar que ele

pagou à qualquer uma das garotas que esteve ali. Os pagamentos eram sempre feitos em dinheiro, na hora.

Aquela foi a melhor coisa que lhe aconteceu. A proposta da firma é absurdamente simples: ela provê mulheres exuberantes e especiais — como a garota à frente, candidata eliminada de um reality show — com descrição impressionante. Cobra a cada vez o valor de um fígado no mercado negro, mas vale a pena. Ele já trepou com atrizes, modelos, com outras participantes de realities desconhecidos. A seleção da firma extrapola tudo que ele já viu por aí. Como fazia antes para colocar as mãos em carnes nobres como aquela? Precisava ir à festas, conversar, arriscar ser repreendido pelos pais que sempre temeram os escândalos, principalmente depois que a política entrou em suas vidas.

E toda a burocracia que transar envolvia? Tudo agora é simplificado. A firma não aceita referências e seu cadastro foi feito em uma reunião discreta. Sem papelada, sem provas do que aconteceu entre as quatro paredes. Basta dizer que tipo ele quer e a que horas, e a garota se materializa na sua frente. O serviço perfeito para quem não tem tempo a perder, muito a meter e tudo a ganhar.

Mas ali, à frente, está alguém que ele receia tocar. Não por que ela não lhe agrada — ela agrada — mas ela é próxima. Não íntima, apenas próxima. A pergunta é: ela saberia manter sigilo?

Priscila continua no aguardo. Pousa a bolsinha sobre a mesa ampla, ajeitando a saia preta que em outra ocasião foi um bustiê.

— Seu pai sabe que você faz programa?

— Minha nossa, claro que não — ela larga a saia e estoura um chiclete. — Ele me mataria.

— Não sei — Guilherme ajeita a gravata, olhando para o janelão que mostra um crepúsculo rosado entre os prédios altos. — Seu pai nunca poderia saber, nós...

Priscila dá a volta na mesa correndo o indicador por toda sua superfície, olhos azuis-céu nos do homem indeciso. Ele estala o pescoço pela aproximação, sentindo o calor conhecido transbordar entre as pernas.

— Que você é uma coisinha linda, não há dúvidas — ele diz, sentindo o suor molhar as costas.

Priscila se senta sobre a mesa e cruza as pernas. Um centímetro, e seus dedos cravados na alça da cadeira tocariam seu joelho.

— Sou, é? Diga isso para o príncipe.

— Esse príncipe tem cara de idiota.

— Foi a minha opinião.

O tesão vence a razão. Guilherme pousa a mão na cintura fina da menina e

desce os dedos pelas curvas discretas, experimentado a sensação de impedimento, de veto, de suspensão. Era como fumar no banheiro da escola, e saber que não podia ser tocado. Era como trocar mensagens com a mãe de amigos durante a faculdade. Ele gosta daquilo, é a mesma sensação que teve ao conhecer Ana. De que está fazendo algo proibido, e que vai sair ileso da situação.

Os dedos grossos continuam descendo pelas ancas da garota, seguindo em direção às coxas delicadas. Seus olhos acompanham as mãos, saboreando o momento. Seu momento.

— Você mencionou um piercing — ele diz, rouco, olhando para o umbigo decorado.

— Um? Tenho vários. Quer ver?

— Quero, mas ainda não.

Guilherme ainda considera os riscos. Sim, porque há riscos em estar ali com ela, como havia riscos em fumar na escola, e trocar mensagens com as mães vagabundas dos amigos. Se ele for pego com uma prostituta ou uma modelo, não implodiria nada. No máximo, e apenas se escolhesse mal as palavras, ele precisaria voltar ao tema da traição com a esposa. Mas aquilo não é traição. Seu sentimento por Ana é sincero, fica bem encapsulado dentro de um local seguro. Se não há sentimento, não é traição.

O risco é ter que confrontar Rossman. Ele é o assessor financeiro de seu pai, e não quer problemas com o velho.

Enquanto alisa as curvas delicadas da moça, Guilherme pensa de que maneira tem responsabilidade sobre as escolhas daquela mulher. Ele não tem culpa se ela escolheu fazer programa, ele não tem nada com isso. Se um dia fosse confrontado com aquilo, ele poderia afirmar que não a reconheceu, oras. Que faz anos que a viu pela última vez. Não, espere: essa desculpa não dá para usar, qualquer um sabe que Priscila estava no tal programa da TV, seu rosto está em todos os lugares. Mas como seu pai viria a ser? Essa é a pergunta a fazer.

— O que aconteceria se o seu pai descobrisse isso aqui? — ele pergunta insinuando a mão entre suas pernas.

A menina, embora nova, não se abala com o toque. Os olhos azuis continuam avaliativos e astutos, como o de uma raposa observando um coelho. Com a diferença que o coelho, por mais estranho que pareça, é Guilherme.

— Ele me mataria.

Guilherme exala o ar pelo nariz e sorri, não necessariamente divertido. Ah, vá, Guilherme. Foda-se Rossman. Rossman é o pior cara que já conheceu. Ele mesmo sabe de dezenas de podres sobre o homem. E ele é também um idiota, praticamente saliva toda vez que vê Ana, sequer se importa com sua presença. O

cara é tão ordinário que sua esposa preferiu o suicídio a enfrentar que o marido dava em cima da filha mais velha.

Guilherme olha para a princesinha à frente, e se alguém imagina que algo decente cruza sua cabeça, se engana. Essa é só uma maneira conveniente de saciar um vício bom, ele dá de ombros.

— Vem cá — ele sussurra observando o umbigo da loira, furado em dois lugares por um piercing colorido. — Quero ver o que você tem aí — diz mordendo de leve a pele de sua barriga.

Os pelos da barriga da menina se erguem. Ela apoia as palmas das mãos na mesa, empinando o corpo para ser beijada.

— Você é uma coisinha linda — ele segue os beijos por baixo do elástico da saia. Sua pele é macia como veludo, bem cuidada. Mesmo tendo sido específico de que não gosta de perfume, aquela tem um cheiro próprio, só dela.

Sua mão se embrenha por baixo da saia e apalpa a curva onde a bunda encontra a perna. Corre o dedo dentro da fissura enlouquecedora entre as nádegas e a menina se arqueia, pressionando uma perna contra a outra. Ele para com a mão ali e procura seus olhos. Ela continua serena e confiante, um sinal de que suas preocupações são desnecessárias. Ela é uma profissional, nada pode dar errado.

Só uma coisa o aborrece. Ele chegou a comentar com a firma que tem um fetiche por piercings? Não se lembra de ter dito aquilo.

Guilherme olha para a porta e checa as horas no relógio. A essas alturas, para seguir o cronograma apertado de chegar em casa às seis e meia jantar ao lado da esposa, já deveria estar trepando com a menina. Mas ele quer mais. Quer tanto que chega a sentir calor. Que outros piercings ela esconde? É uma argola? Uma flecha? Ele prefere argolas. Ninguém sabe o tanto que fica louco quando se depara com argolas em locais escondidos e mamilos furados.

Priscila explode outro chiclete.

Guilherme olha para o tampo de mesa. Remexe na cadeira, conhece as poltronas duras e de recosto pouco inclinado do conjunto de sofás ao lado. Não, ele não quer aqui. Essa menina proibida merece uma disponibilidade maior de tempo, um local mais apropriado.

— Tem certeza que quer fazer isso aqui? — Priscila pergunta olhando para o tapete com cara de pisado. Aproxima-se dele com os lábios bem formados em um biquinho, massageando seu peito sobre a camisa. — É que estou até amanhã nesse super hotel, cortesia do programa. É logo ali, na Barra. Recluso, com elevador privativo.

— Tentador... mas talvez eu devesse comer você aqui.

Ela se encolhe como um coelhinho.

— Que peninha. Achei que gostasse de brincar com piercings. Tenho outros dois, se quiser ver.

O formigamento nas partes de baixo atinge níveis intoleráveis. Ele ainda não atacou a moça por que teme que, uma vez desencatilhado, o que vem é tiro. Ele consegue sentir na língua o metal do acessório, quase sentir a sensação gelada que combina maravilhosamente bem com a umidade da saliva.

E é claro, ele quer mais. Assim como ela também, que não está propondo aquilo por altruísmo ou interesse. Ela quer mais horas, quer que ele pague mais. Quanto mais horas ao seu lado, mais cara sua noite vai ficar. Ele segura em cada lado de sua cintura, afastando-a:

— Você quer mais horas comigo, é isso?

Ela faz que sim.

Guilherme passa os olhos na agenda aberta. É apenas um jantar com Ana, convence-se, nada demais. Ele se levanta, uma torre se músculos contra o corpo frágil da menina. Ajeita o paletó e desliza um papel sobre a mesa em sua direção sem tirar os olhos dela:

— Escreva o endereço e o número do quarto.

Priscila se abaixa para escrever, e pelo decote ele consegue ver bem mais do que ela pretendia mostrar. Após rabiscar o endereço ela estende ao homem ofegante a caneta e o papel.

— Vá, pegue o taxi. — ele ordena. — Chegarei logo atrás de você.

Guilherme cruza a cidade em velocidade normal. Deixa o elevado da Perimetral, segue pela linha amarela, estaciona em frente ao luxuoso hotel próximo à Avenida das Américas. Seus pensamentos não vão muito longe, eles nunca vão quando está assim, excitado. Ele pensa que daqui até em casa é um pulo, e talvez nem se atrase demais. Demora mais tempo pensando no que vai fazer com Priscila, com o todo e com as partes. Decide-se que quer ficar com sua calcinha de lembrança. A mente debochada vai além: pensa em como será o próximo encontro com Rossman, depois que tiver trepado com sua filha. Como será no dia em que encontrá-la, casta e obediente, ao lado do pai.

Ele conclui que Rossman merece o desgosto.

Guilherme acessa o elevador. Sobe os onze andares massageando a virilha, um equivalente humano a aquecer as turbinas. A porta de número 1108 está entreaberta, ele nota quando tenta dar uma batida discreta. O quarto, convidativo mas não luxuoso, está na penumbra. Janelas e cortinas estão fechadas, ar condicionado ligado. Na tela do computador, fotos de Priscila dançam no descanso de tela.

— Priscila?

— Entre! — a loira cantarola, simpática. Ele entra e fecha a porta. Quando se vira, dá de cara com ela. Olhos de raposa nos dele, vestindo um baby-doll cor-de-rosa.

Loiras ficam lindas de cor de rosa, Guilherme exala, afrouxando a gravata.

Próximo passo? Chegar mais perto. Priscila dá um passo para trás e se desequilibra. Senta na cama, arfando como se sentisse medo.

— Você ...você é melhor que encomenda — ela diz olhando para o volume acentuado sob a calça masculina.

— Quem é minha encomenda é você.

— Sim, eu sou — ela brinca levando as mãos ao lacinho que segura o baby-doll no lugar.

— Venha cá — ele pede, chegando até ela. Agarra o cabelo de trás da cabeça da menina e a puxa em direção à sua calça. Ela hesita, as mãos trêmulas no fecho tentando desabotoá-lo. Dedos correm o zíper para baixo, e a calça desencana da cintura.

— Lindo — ela diz abaixando suas calças. Nem ele espera essa afobação, mas quem seria ele se reclamasse?

Ele prende a cabeça de Priscila ali, contra o corpo, e ela começa a se debater. Guilherme trava os dentes e a aperta ainda mais, segurando sua cabeça no lugar enquanto ela faz que não. O que está acontecendo com essa garota? Ele a solta, e ela o olha, assustada.

— É bom ir se acostumando, é assim que quem paga gosta — ele diz impaciente. Priscila faz que sim, cordata; sua expressão continua assustada.

— Vá, continue — ele demanda.

Ela ergue um dedo.

— Espere. Eu...eu nunca fiz isso.

— Até parece — ele diz sem paciência, segurando novamente sua cabeça.

— É sério — ela escapa das suas mãos. Guilherme pode jurar que a voz está mais infantil do que antes: — Quantos anos acha que eu tenho, Guilherme?

— Sei lá — ele grunhe, tentando força-la até suas partes.

— Tenho só dezessete anos.

As mãos de Guilherme param de puxá-la. Seu coração acelera a uma velocidade incomum:

— Como assim, dezessete?

Priscila coloca o indicador na frente da boca e faz shhh.

— Se você não contar para ninguém, também não conto. A agência sabe, mas não liga muito.

Antes que Guilherme consiga pará-la — sim, agora ele quer pará-la — ela mergulha sobre ele. A sensação de calor e umidade o faz fechar os olhos e jogar

a cabeça para trás, mas a idade da menina fica piscando no fundo da cabeça como um neon luminoso. Uma menina de dezessete anos dentro de um quarto sozinha com um adulto? Isso pode metê-lo em problemas. Mas a empresária da agência garantiu que eram todas maiores de idade. Não que ele tenha perguntado, mas lembra-se que ela falou. E no mais, essa garota não participou de um reality para adultos?

Priscila continua a fazer coisas estranhas com ele, obviamente ignorante quanto a fellatios. Que culpa tem se mandaram uma menina? E no mais, aquilo é sexo consensual, certo? Dezessete não é doze. Não está com uma criança dentro do quarto, está com uma mulher que parece saber muito bem o que quer. Não parece saber bem o que faz, mas isso é outra conversa.

— Seu safadinho — ela diz limpando a boca com o antebraço. — Safadinho, é o que todos vocês são.

— Cale a boca — Guilherme diz, irritado. É claro que estar no quarto com uma menor de dezoito anos é errado. Escândalo. Eleições. Manchetes nos jornais. Tudo vem à cabeça, e de vez.

— Tarados — Priscila continua, agora em tom de reclamação. As mãos de Guilherme escorregam pelo cabelo fino e pousam em seus ombros. Meninas de dezessete não deveriam estar ali, deveriam estar na escola. E que tom foi aquele? Ele a empurra.

— Como pode ter participado do reality se tem só dezessete anos?

— O dono da agência de acompanhantes burlou meus documentos.

— Dono? Não é a dona?

— Oh, não, a mulher que você conheceu só gerencia a agência. O dono é outro — Ela abaixa o tom. — Ele trabalha para o meu pai, o nome dele é Eduardo. Como pedi com jeito, ele me deu uma forcinha.

Guilherme demora a entender no que está metido. Mas quando entende, empurra Priscila, que cai sentada no chão. Há tanta malícia em sua voz, tanta inteligência em seu rosto que ele tem certeza que ela está planejando alguma coisa.

— Quem é Eduardo? E como assim, ele trabalha para o seu pai?

As palavras rodopiam ao redor do quarto escuro ressoando nos ouvidos. Vazias e murmuradas, repetindo-se outra e outra vez em busca de sentido: Eduardo. O dono da empresa. Trabalha para o seu pai.

E então o frio na barriga vira gelo. Ele paralisa no lugar, olhando a expressão vil no rosto de Priscilla. Ele não tem tempo de nada. A garota salta como uma gazela para longe dele e se tranca no banheiro. O clic do trinco se confunde ao bam da porta batendo na parede.

O nome do dono da agência foi o sinal.

Da porta escancarada chega uma luz absurdamente clara e ofuscante. Ele não sabe se leva as mãos aos olhos ou se coloca as calças; se esmurra a porta do banheiro implorando para que Priscila abra ou se pula da janela.

Não são vozes o que Guilherme ouve, são berros. Sons ininteligíveis, gritos, ordens, ecos. Tudo zune quando uma mão o segura pela nuca e o empurra em direção à cama. O rosto quica uma, duas vezes no colchão mole, para então ser firmado por um antebraço.

Guilherme Diniz, a voz retumba pelo quarto, entrando como algo distante nos ouvidos do homem pego literalmente com as calças arriadas. Ele tenta puxar as calças, tenta tapar a bunda, mas o policial encara isso como um ataque, e aplica nele uma chave de braço. Você está preso por corrupção e aliciamento de menores, ouve. Abuso de incapaz e contratação de serviços de prostituição. Guilherme consegue entre o choro desesperado subir as calças. Está em choque, porque só vê luzes piscando ao redor, a dor de barriga contraindo-se pela explosão de adrenalina, os olhos correndo pelos homens uniformizados que circulam caóticos ao redor, pelo quarto girando. Onde está Priscila? Cadê ela, e porque batem tanto na porta?

Ela fugiu, uma policial fala depois de derrubar a porta do banheiro. Deve haver cinco ou seis homens de colete à prova de balas ao seu redor, três dentro do banheiro investigando a balsa.

— Você realmente solicitou uma menor do serviço de acompanhantes, Sr. Diniz? — uma voz o questiona, e ele só balança a cabeça em desespero que não. Quero meus advogados, ele fala, mas a confusão é muita e ninguém o ouve. O rosto redondo de uma policial encontra o seu, espremido contra a colcha barata:

— Sorte nossa que foi tudo gravado.

Guilherme corre os olhos amedrontados pela bancada, onde está o computador de Priscila. Sobre a tela uma luzinha pisca, intermitente.

— E que azar o seu.

A câmera capta o suor que escorre do rosto dele. A expressão contorcida, as calças arriadas, o resto da roupa desajustada no corpo. Bárbara retira o fone de ouvidos com um sorriso. A cena continua a se desenrolar no quarto, os policiais anotando a ocorrência, perguntando-se onde a menor de idade pode ter ido. A porta da van abre, e Priscila entra. Cabelo preso em um coque, vestido largo e comprido escondendo a camisola. Sapatilhas nos pés e bolsa no braço, como se fosse uma garota retornando de uma tarde no shopping.

Bárbara beija seu rosto.

— Você está bem?

— Claro — a garota explode outro chiclete.

Ana não cumprimenta nem olha para Priscila, tampouco vibra com a cena. Sua cabeça voltou a ser um enorme branco, um vácuo de sentido. De súbito acorda e leva a mão até a garota que acabou de entrar na van. Pousa a mão sobre a sua e aperta os dedos gelados da menina.

— Obrigada – diz sem encará-la.

Volta a olhar a cena, que já não interessa mais nem a Bárbara, nem Priscila.

Não gosta que Priscila tenha levado o sexo ao ponto que levou, mas Bárbara e a própria garota acharam que se não fizesse aquilo, o plano poderia dar errado. Ana cruza os braços em silêncio, mastigando a pele já áspera das bochechas.

— Exijo meus advogados! — ouve pelo fone a voz desesperada de Guilherme. Todas ali sabem que “exijo meu advogado”, em um país como o Brasil, significa eles resolverão esse problema para mim.

É claro que todas ali sabem o que ‘quero um advogado’ significa. No entanto, tudo o que aconteceu – e ainda acontece – naquele quarto está sendo colocado no ar. Cada segundo da cena, embora o rosto de Priscila nunca chegue realmente a aparecer no vídeo, está online. O dele, no entanto, aparece. Em toda a sua imundice e sordidez, assim como a entrada fenomenal da Polícia Federal.

Operação Lolita, eles chamaram.

Ana tira o fone de ouvido, cansada do choro do marido. A mão de Bárbara massageia seu pescoço duro, e ela fecha brevemente os olhos.

— Qual nota dá à tarde, querida?

— Oito — Ana responde de modo espontâneo.

Bárbara solta uma risada, e Priscila quase engasga enquanto toma o café para tirar o gosto ruim da boca.

— O que faltou para um dez? — Priscila pergunta. Para ela, foi tudo perfeito. A encenação, o quase sexo, o prejuízo à imagem dos Diniz. Não só Guilherme, mas também o seu pai será afetado pela confusão.

Mathias Rossman saberá que é a filha no vídeo, e aquilo não poderia ganhar outra nota para Priscila que não um sonoro dez. Priscila, afinal, também tem uma agenda de vinganças. Uma por sua mãe, outra por sua irmã e, finalmente, também por ela.

Mas Ana não consegue dar o dez. O dez precisa extrair dela um sorriso de vitória ou aquietar seus demônios, e a cena não lhe causa nem uma coisa, nem outra. A vingança para ser doce precisa ser impossível de ser anulada, e ela sente que aquela batida policial acabará em pizza. Talvez pela falta da testemunha, ou pelo poder de Guilherme. O fato é que o flagra não o deixará abatido por muito tempo.

Ana quer um tipo diferente de vingança. Quer a do tipo existencial. Guilherme destruído, ela satisfeita.

— Faltou o para sempre — Ana explica. — Só o para sempre será um dez.

25. VINGANÇA NÚMERO 3



Linda para na frente da secretária de Eduardo. Carmem deve ter o quê, cinquenta, cinquenta e cinco anos? Branca-marfim e magra como uma folha, Linda sempre tem a impressão de que ela é transparente. Não transparente no modo de ser, transparente como só esqueletos de folhas são. Translúcidos.

A secretária sobe os olhos, ajeitando os óculos de armadura dourada sobre o nariz. Ao ver Linda, sorri; em seguida enrijece. Carmem sempre olhou para Linda com admiração, o exemplo da mulher negra e bem sucedida. O enrijecimento, no caso, fica por conta do relacionamento entre o marido de Linda, seu chefe, e a estagiária. Um relacionamento que ela ajuda a acobertar.

Linda não a cumprimenta, não pergunta como vai a família, não troca amenidades. Os músculos da sua boca se erguem, mas o que ela lança à Carmem não é um sorriso.

— Eduardo pediu para me chamar.

Linda está azeda. Preciso largar seu programa, na reta final, para ir ao escritório do salafrário no centro da cidade. Não está com humor nem muito menos paciência para conversas fiada, nem quer bater papo com a secretária que marca os jantares românticos de Eduardo e a menina. Que mente para ela ao telefone, dizendo que Eduardo está em reunião.

— Como vai, Linda? — Carmem pergunta. Ela se levanta também, limpando com a língua a camada fina de suor que brota em cima dos lábios. — Mal vejo a hora do Príncipe se casar com a Margô. Você também torce por ela, não? — a mulher sai detrás da mesa, sem saber se a anuncia ou a agrada.

A sensação fria que se enrosca no estômago de Linda desde o telefonema de Eduardo cessa momentaneamente. Sabe que faz uma careta ao ouvir o comentário de Carmem sobre o príncipe e Margô, mas o comentário que a secretária faz nada mais é que um elogio pessoal. Por meses Linda explorou a

balela de que por amor vale tudo. Bem, aí está. A torcida é pela megera que sabota as outras. Bom trabalho, Linda. Agora por favor não cobre da mulher à frente que tenha consideração por você.

— Eduardo, por favor — Linda repete.

Carmem perde o script do que dizer, então não diz mais nada. Gira atarantada por um segundo e acha o rumo, o da sala do chefe.

Linda anda atrás de Carmem até a porta, estranhando que após uma vida inteira trilhada juntos, ela e Eduardo não tenham mais nenhum centímetro de estrada. O que Eduardo poderia querer falar com ela, que não pode esperar até chegar em casa? O que a espera é a conversa derradeira. A que ela queria ter tido, mas foi desaconselhada pelo clube a ter. Ela está preparada, mas não significa que está feliz. Queria ter sido a parte a pedir o divórcio primeiro. Não gosta da postura de vítima, prefere dar a receber. Sempre.

Linda é anunciada. Ela entra na sala e o babaca está debruçado sobre papeis, preenchendo lacunas com seu nome, assinando o rabisco feio que é sua assinatura. Linda pode dizer que ama aquele homem de reentrâncias na testa, que usa os óculos na ponta do nariz, que costuma assoar o nariz e parecer uma trombeta desafinada?

É certo que não o ama mais, mas continua não conseguindo imaginar a vida sem ele. Nesse ponto, quando disse no Clube que não existia sem ele, estava dizendo a verdade. Ela não existe sem ele no sentido de que não consegue se ver sozinha, andando pelo apartamento vazio e sem saber onde ir no final de semana. Eduardo está mais para um lugar que para uma pessoa, ela conclui.

Linda se senta. Pendura a bolsa no braço da cadeira, cruza as coxas grossas. Eduardo nota sua chegada mas não a cumprimenta. Junta os papeis, ajeita-os batendo em uma pilha sobre a mesa e pousa-os de cabeça para baixo para que Linda não veja o contrato de divórcio que ele tenta esconder.

Mais uma vez Linda se pergunta o que vai fazer aos sábados. Onde irá aos domingos? Fará o quê? O mundo das solteiras é um lugar inóspito. Adicione a isso ‘ser negra’ e ‘de meia idade’, e ele vira uma incursão a um famigerado desconhecido.

Com quem tomarei café da manhã, ou como me sentirei ao dormir ao lado do vazio? Ela volta a se torturar, exalando alto. Com quem destilará o mal humor enquanto passa o café, ou reclamará da luz queimada, da máquina pifada, do óleo do motor que precisa trocar? Ela ajeita a camisa de botões, que insiste em estufar e mostrar parte da barriga entre um botão e outro.

E então, quando voltar para casa nas sextas feiras, precisará encarar 50 horas de solidão até voltar a ver alguém. Não adianta se enganar achando que a balada a espera, ou alguém aparecerá oferecendo amor. Linda tem mais bom

senso que boa aparência.

— Obrigado por ter vindo — Eduardo diz, polido.

— O que é tão importante que não pode esperar até a noite? — ela pergunta com os olhos fixos nos papéis sobre seus dedos cruzados. Eduardo chacoalha a cabeça de um lado para o outro.

— Como se conversássemos á noite.

— Está aí uma verdade.

Os olhos de Eduardo envergam-se, como se prestes a escorregar pelo rosto.

— Não sei o que mudou, ou quando mudou. Fico muito triste de ter descoberto tudo assim.

Linda aperta os olhos, estranhando a súbita demonstração de ... pena? Eduardo está penalizado? Sente pena dela?

— Corta o teatro e vá direto ao ponto, Eduardo.

— Sei que estávamos afastado, mas isso? — Ele leva as mãos ao peito, vitimizado, e o frio na barriga de Linda vira outra coisa. Vira uma sensação de carregar em si uma pedra. Milhas afastados, você quer dizer?

— Mal acreditei quando soube — ele continua com os olhos perdidos em uma foto dos anos bons do casamento, sobre a mesa. Bem, dos anos médios de casamento. — Mas depois do que vi, não acho que conseguiremos ser quem éramos antes.

Linda recosta na cadeira e cruza os braços.

— E o que viu? — pergunta, interessada.

Eduardo saca o telefone e mostra três fotos tiradas em baixa resolução. Em uma, Linda está rindo ao lado de Henrique. Em outra, Henrique está com a mão em sua bunda. Na terceira Henrique está encoxando-a em um canto do estúdio. Todas as fotos foram tiradas de dia, durante o expediente. Linda coça a sobancelha com a unha comprida.

Nem sabe nomear o que se espalha por ela. Não sente vontade alguma de negar as fotos. Não sente a menor vontade de fazer um show como fez seis meses atrás, quando perguntou por que Eduardo e ela estavam distantes e ele não soube responder. Os dois são próximos demais para perder as meta-mensagens dos poucos diálogos. Os silêncios impostos, a maneira sutil de abordar um assunto para evitar outro. Linda conhece cada balançada recriminatória de cabeça, cada bufada impaciente, cada revirada de olhos de quem está ao seu lado. Os trejeitos de Eduardo? Deus, ela conhece todos como a palma da própria mão. E eles a entediam.

— Entendi — ela diz, apoiando as mãos nos braços da cadeira.

Eduardo escolheu a via mais covarde para sair do casamento: culpá-la pelo fim. Ela entende, as fotos o levaram a isso, e certamente o acordo do divórcio é

mais generoso com o traído que com o traidor. Linda se sente quase tentada a achar que Eduardo conseguiu encontrar uma saída brilhante para a mais delicada das situações. De traidor para traído. O homem machucado pede o divórcio, arranca metade do que o casal conquistou, e vai viver a vida ao lado da estagiária que nem desconfia que seu Audi A5 foi comprado com o dinheiro dela.

Linda solta o ar retido no pulmão, quase um som de desabafo.

— Você é um gênio do mal.

— Você está sendo irônica, novamente. Nem aceitar que errou, você consegue.

Linda não responde.

— Com um garoto que tem a idade para ser seu filho — ele diz, enojado.

Linda é forçada a encará-lo. Como?

Aquilo é demais. Ela se levanta e arranca o porta-papeis de cima da mesa, uma pedra azul de mármore, e com um só golpe acerta a testa de Eduardo. O borrifo vermelho esguicha potente, suja a mesa, a tela do computador e o chão. Respinga por todos os lados, escorre da cabeça aberta e estatelada na mesa, fazendo uma sujeira só. Quem diria que uma bordoadada na cabeça causaria tanto estrago?

Ela matou Eduardo.

— Linda? — a voz nasalada de Eduardo a acorda do devaneio assassino. — Que Deus me puna se eu estiver errado, mas você parece estar pronta para me atacar — ele diz, inexpressivo.

Linda recupera a compostura, esquecendo o assassinato.

— Sei que se sente insegura, você sempre se sentiu — ele recosta na cadeira com um brilho maldoso nos olhos. Eduardo não apenas intende pedir o divórcio, ele não quer perder a chance de desprezá-la. — Imagino que por isso tenha escolhido um menino. Um subordinado — diz torcendo a cara, como se subordinados jovens não fizessem parte de seu próprio rol de preferências. — Eu me pergunto por quê o rapaz resolveu dormir com você. Você prometeu a ele alguma promoção?

Linda se recusa a se deixar ferir por suas palavras. Ela conhece Eduardo, em sua arrogância ele desconfiou de tudo, menos de uma traição. Trair sim, mas ser traído? Ser traído é demais para sua soberba.

— Poupe-me das ofensas — ela responde, segurando a verdade de quem o traiu primeiro foi ele. Mas toda vez que pensa em abrir a boca, as palavras de Bárbara vem a mente: Aceite o convite para conversar, mas não conte absolutamente nada. Saia exatamente às duas de seu escritório, não importa o que aconteça lá dentro.

— Tá bom, — Eduardo responde dando de ombros. Vira o maço de folhas

sobre a mesa e o estende para ela. —Quero o divórcio.

Linda olha os papéis assinados.

— O que pretende, Eduardo? Ficar com a estagiária?

Ela não aguentou, soltou a frase. Pelo repuxão de um músculo no rosto do marido, ele não desconfiava que ela já sabia de tudo.

Linda pega o papel e olha para o relógio. Quer assassinar esse imbecil e colocar fogo em seu corpo, quer espetar sua cabeça em um espeto e pular corda com suas vísceras, mas não dá mais tempo. São 13h59.

Ela pega a porcaria dos papéis e se levanta.

— Essa conversa não está acabada — diz com voz trêmula e coração dilacerado. Embora esperasse aquele papéis entre os dedos, não esperava a vantagem. Ele passou a perna dela. Chegou primeiro, adiantou-se à sua vingança.

Ela anda até a porta da sala deixando que as lágrimas molhem as bochechas. Dói ser dispensada, como dói ouvir as palavras duras do ex marido que a conhece como ninguém. Dói principalmente ouvir a verdade nua e crua, a de que Henrique só dormiria com ela se algo fosse prometido a ele. Ele jamais se interessaria por Linda em outra circunstância.

Assim que sai da sala, Linda corre os olhos vermelhos ao redor. Olha furiosa para Carmem – que sabe o que estava acontecendo ali – e grita:

— Onde está ela? Onde está a menina que trabalha aqui, e está dormindo com ele? — ela aponta para a porta de Eduardo, chamando a atenção das outras baias ao redor.

Carmem tampa a boca, horrorizada pelo grito que desvela o que até o momento só era mencionado em comentários sussurrados nas pausas. Eduardo abre a porta furioso, berrando para que ela vá ou se cale:

— Saia daqui, Linda. Não piore tudo!

— Como é o nome dela? — Linda o ignora. — Diga, Carmen, como é o nome da estagiária?

Antes que Carmem possa responder, as portas do escritório se abrem, e o mesmo grupo que viu no vídeo de Guilherme, a equipe da operação Lolita, entra no andar.

Armas apontadas para a cabeça de todos, um mandando de busca entregue à Carmem, Eduardo gritando o que é isso, que porra é essa. Uma policial jovem e de olhos flamejantes questiona:

— Estamos procurando Aline Alcântara e Eduardo Machado!

Eduardo ganha um tom mais pálido que a cor de lesma de Carmem.

Linda dá um passo atrás, entendendo subitamente tudo. Enquanto a equipe apreende computadores, revira pastas e encurrala Eduardo em seu escritório,

Linda tenta entender o que está acontecendo ali.

Pela conversa dos policiais, eles têm provas de que Eduardo e uma tal Aline Alcântara, jovem executiva do negócio de agenciamento de prostitutas, mantém um negócio paralelo dentro da não-tão-conhecida (mas já investigada) firma de assessoria jurídico-financeira Rossman & Melville.

E então, a epifania. Linda entende tudo. Subitamente entende que a operação achará ali documentos que Eduardo nem sonha possuir, e que Aline Alcântara, a jovem estagiária, não existe nem vai mais aparecer. Mas ela existiu por um tempo. Fodeu seu marido de diferentes maneiras e agora se foi. Linda subitamente olha para os papéis na sua mão. De lástima, eles passam a dádiva.

— A senhora trabalha aqui? — Uma das policiais a questiona vendo que Linda continua parada no canto do escritório.

— Não — Linda balança a cabeça, sentindo-se subitamente revigorada. — Vim buscar uns papéis que preciso levar ao advogado.

— Importa-se se eu der uma olhada no que está levando? — a policial pergunta fazendo o seu trabalho.

Linda estende os papéis. A policial vira uma folha, a outra, a próxima. Entrega-lhe sem expressão os papéis de volta e murmura:

— A senhora está liberada.

26. TOME SUA CANETA DE VOLTA



As cinco taças de champanhe se encontram no ar, respingando o líquido borbulhante ao redor.

— Ao Clube — Bárbara brinda.

— Ao clube — as outras repetem em uníssono, brindando às pequenas grandes vitórias. Em seguida elas levam, alegres, o copo à boca.

A alegria está ao redor, podemos senti-la no ar. Nas cadeiras onde não voltaremos a sentar, no pequeno estabelecimento com cara de fechado, nos rostos felizes de cinco mulheres tão diferentes quanto mulheres podem ser. Vínculo por traição, foi o que cresceu ali. O que celebramos naquela noite é algo que merece ser celebrado.

Ísis está matriculada na faculdade de direito. Ela contará com uma bolsa integral por cinco anos, todas as despesas pagas, e sua única tarefa é formar-se com louvor. Presente meu e de Guilherme.

Linda celebra o divórcio, do qual saiu incólume. Incólume, no entanto, sua auto-estima não saiu. Depois da prisão de Eduardo, Henrique se afastou — seu trabalho foi cumprido. O que ele ganhou de Bárbara, Linda não sabe. Bárbara desconversou quando ela perguntou, disse que os meios justificavam os fins. Sabe que a qualquer dia Eduardo será solto por insuficiência de provas, mas nesse meio tempo ele foi demitido, e está sendo processado por Mathias Rossman, que ouviu a própria filha dizer no vídeo que circula pela internet que teve sua identidade alterada por ele a fim de que pudesse participar do reality.

Se problemas fossem flores, a vida de Eduardo seria um jardim.

Quanto a mim, celebro a lenta decadência de Guilherme.

O vídeo em que ele aparece com Priscila está sendo retirado através de liminares dos canais de disseminação, mas a cada um que ele retira, dois são colocados no lugar. Seu pai, recém empossado senador, entra na política sob

escândalos de que o filho, — aquele que se casou recentemente, aquele mesmo que aparece no vídeo — costumava ser cliente assíduo da agência embargada pela operação Lolita, a mesma que colocou Eduardo atrás das grades. Não há canal de TV que não tenha projetado sua face de playboy nas telinhas de todo o país, ou grupos do whatsapp que não tenham compartilhado seu chororô com a bunda de fora. Guilherme virou da noite para o dia uma celebridade. A do tipo esculachada.

Minha vida? Virou um inferno colorido. Manchetes de jornais, jornalistas na porta de casa, investigação sobre cada uma das últimas ações de Guilherme, de suas idas ao Castelo de Cartas — fechado por operar um cassino ilegal — até a escavação do golpe bancário perpetrado por seu tio, César Diniz, décadas atrás.

O que não faltava eram assuntos a serem celebrados a cada semana no clube, mas assim que a última bomba estourou e Eduardo foi preso, Bárbara cancelou os encontros e pediu que suportássemos sozinhas o olho do furacão. Seu celular só voltou a funcionar quase um mês depois, quando a constatação era nítida e notória: Eduardo caiu, Geraldo caiu (ainda está bem caído no hospital), e o equilíbrio mental de Guilherme está por um fio.

— Ana, conte-nos: como está seu marido? — Linda pergunta, sorridente.

— Capengando. Gastando o que tem e o que não tem para se defender de tudo que está acontecendo.

— Ele vai cair — Ísis afirma, mas Ísis pouco sabe da sordidez do mercado onde um dia atuará.

— O importante é que ele sairá dessa baqueado — diz Bárbara. — Qualquer ação ilegal que ele cometer a partir de agora chamará a atenção da mídia e do público. Ele sempre será lembrado pelo vídeo, que, Deus — Bárbara rola os olhos, lembrando da cena — ...está na internet. Essa nova tecnologia não pode ser de Deus! Nada some dali, tudo pode ser reencontrado. E faremos questão de que o vídeo vez ou outro retorne.

Sorrio, achando graça. Você também não vem de Deus, Bárbara.

Como eu também não venho, penso ao lembrar do jogo que estou jogando com os Diniz. Espelhando-me em Sarah, minha sogra, conquistei nesses últimos dias a irrestrita confiança da família. Vamos sair dessa, eu disse para a mãe de Guilherme.

Quando ela me soltou do abraço apertado, sorrimos uma para a outra. Lá estávamos nós, unidas pelas intempéries, certas de que o tempo resolveria os problemas. Duas mulheres defendendo os homens que amam. Essa é a mulher que virei aos olhos de todos na família.

— Priscila não se importa que o vídeo circule por aí? — Ísis pergunta. — Ninguém sabe sua identidade, mas... é ela.

— Priscila queria vingança — Bárbara responde. — A felicidade em derrubar o pai, indiciado pelas sujeiras encontradas sem querer pela operação Lolita compensa a divulgação.

Soubemos, logo após o escândalo, que a mãe de Priscila se suicidou três anos antes, após descobrir algo sobre o marido. O que Rossman fez de tão grave a Priscila e sua irmã não sabemos, mas infelizmente, o Clube chegou à sua família tarde demais. Ou a tempo de salvar as duas, não sabemos.

Termino meu champanhe. Ouço Ísis contar a Linda que Adriano também pediu o divórcio. A garota dá de ombros e olha para longe, com os olhos envidraçados.

— Agora é me concentrar nos estudos.

Linda a abraça.

— O que Adriano viu não dá para ser esquecido — ela chora no ombro da amiga.

Parte o coração vê-la sofrer, assim como parte o coração ver Linda sofrer também. É difícil ver-se sozinha depois de anos de vida a dois. A menos que a pessoa tenha sido criada para satisfazer-se com sua própria companhia (ou no meu caso, contentar-se com a solidão), não vejo como possa ser algo superado. Talvez, com o tempo, as pessoas aprendam, não sei.

Olho para Bárbara, que finge não ouvir a frase da menina nem presenciar o choro silencioso de Linda. Bárbara me olha de volta, os olhinhos escuros quietos e soturnos.

Trocamos olhares, e lá está o momento.

O exato segundo em que ela sabe que eu sei o que ela fez, e como fez. O instante em que ela também sabe que eu estava jogando, e que meu silêncio e reticências sobre os Diniz mostra que, para mim, a vingança continua. Até aquele momento ela apenas desconfiava que eu tinha minha própria agenda, mas aquele olhar põe fim à dúvida.

Eu também descubro algumas coisas naquele instante.

Foi Bárbara quem enviou para Adriano o link do site de Geraldo. Ela montou a armadilha para Ísis, e foi a primeira a chegar em seu socorro.

Assim como fez com Linda e a traição de seu marido, e assim como teve um papel no flagra que dei em Guilherme em seu apartamento, muitos meses atrás. Porque uma coisa eu sei: eu hoje reconheço a mulher que estava sob ele, e tenho certeza que o clube manipulou a mensagem pedindo que eu aparecesse lá às quatro, e não às cinco, como ele disse aquela tarde.

Ergo a taça para ela. Ela ergue a taça de volta.

Enquanto as mulheres se preparam para partir, olho para o líquido dourado que borbulha no copo estreito. Entre as baixas que os nossos planos trouxeram,

estava Rodrigo.

Sinto tê-lo encontrado no meio de toda essa confusão, como também sinto sua falta. Desde o dia do casamento não o vejo, nem sei como ele está encarando toda a confusão midiática do momento. Mas verdadeiramente sinto por tê-lo feito sofrer. A minha dor eu dou conta, o que me move é poderoso e me acalma. Mas ele? Dói não poder ir atrás para saber.

Bárbara bate a unha na taça de champanhe, chamando nossa atenção:

— Minhas queridas, hora de partir.

Ísis passa a mão pela minha cintura e me puxa para perto. Linda se aproxima do ombro de Ísis, e juntas viramos um semicírculo.

— Nossa jornada termina aqui — Bárbara ergue a taça para cada uma de nós. — Foi uma aventura e tanto, a nossa. Eu me sinto imensamente feliz por ter conhecido vocês. Cada uma de vocês, eu espero, leva hoje um pouco de mim e deixa um pouco de si. O clube continua, e estará aqui se um dia precisarem dele, embora eu não acho que precisarão.

“Vocês estão armadas do que precisam para trilhar essa caminhada sozinhas. Se precisarem de uma palavra, um ombro amigo, procurem-se. Entrem em contato, apoiem-se. Apoiem o máximo de mulheres que encontrarem pelo caminho. Elas precisam de nós.

Damos um abraço conjunto, e Linda puxa Janine para participar. Ficamos em silêncio, nós cinco, nos despedindo por um momento. Soltamos os ombros e cinturas da outra enxugando algumas lágrimas e prometendo ligar. Seguimos em fila pelo corredor escuro onde meses atrás eu passei com o coração aos saltos, sem saber o que encontraria.

Bárbara fecha a porta do estabelecimento abandonado, gira a chave e se vira para nós. Tira da bolsa três envelopes e nos entrega, beijando em nossas faces.

— Algumas palavras para os períodos difíceis.

Sem grandes gestos, dá meia volta, entra no carro escuro e Janine a leva dali.

A carta eu só abro no silêncio do quarto, quando Guilherme dorme injustamente o sono dos justos. O papel é grosso, de papelaria, e as letras que os enfeitam, rebuscadas.

“Querida amiga, preste atenção a essas palavras.

Todos nascemos páginas em branco. Folhas delicadas e leves, no aguardo de sentido. É a vida que nos escreve. Elogios e sussurros transformam-se em letras bonitas e cheias de arestas. Censura e maldades viram rasuras mal-apagadas. Gritos escurecem nossas páginas, condolências a pesam. Com os anos o livro vai sendo completo. Escrevemos na frente, escrevemos nos versos. Viramos romances, sagas, dramas e comédias. Às vezes viramos tragédias.

Sempre estivemos imersos em narrativas e sempre estaremos. Seja lá quem nos colocou aqui, esse alguém é escritor. É também um leitor atento que precisa de nossa escrita. Sem ela, folhas não se sustentam já que as histórias são seus alicerces. Perguntem-se, minhas queridas, quem segura a caneta que registra nossas histórias? Quem decide o final do capítulo, quem o começa, quem te ajuda quando você se cansa?

Você possui sua história ou é personagem no conto do outro? É a mulher que se esqueceu de escrever? Que deixou que suas páginas fossem escrita por pais e mães, amigos e irmãos, amores e inimigos? Talvez a caneta tenha sido simplesmente tomada de você — cada um sabe o que lhe aconteceu.

Vi, em todos esses anos, muitas de vocês. Lembro de mulheres cujos fios de suas histórias estavam tão emaranhados, cujos traços no papel eram tão fracos que mal podiam ser lidas. Eram analfabetas em sua própria narrativa; versadas em letras, mas escritoras de textos criptografados.

A busca pela nossa história é a própria busca pela vida, e é isso que fazemos aqui, senhoras. Trazemos para o clube mulheres que se esqueceram como escrever. Que mergulharam na história do outro e acharam que sua vida não contava nada. Viraram traidoras de seu próprio enredo.

Tomemos nossas canetas de volta. Sejamos produtivas e criativas. Mudemos fins, desafiemos normas, confiemos uma nas outras. Nossa caminhada é um texto, mas também é um alinhavo, tão vasto e colorido quanto uma colcha de retalhos.

Encarem, a partir de hoje, a vida como uma composição. Uma colcha, uma obra de arte, um best-seller singular. Não importa que sua maneira de contar a história tenha frases simples. Que tenha visto pouco, que não seja vendável. Não importa que não foi amada o suficiente: parta, sempre, em busca de mais. Essa é a história mais bonita e mais real que já foi contada. Ela existe, ela é sua.

Dê a ela o melhor final.”

27. REAL OU NÃO REAL?



Linda guarda a carta de Bárbara de volta no envelope. Enxuga uma lágrima que insiste em rolar e tenta se concentrar no programa. É a final, e realmente, tudo ao redor parece estar no fim.

Homens enrolam fios que não serão mais usados, a mansão foi devolvida aos donos e agora as duas últimas candidatas perturbam o príncipe in loco, em um anexo em sua própria mansão. O estúdio aos poucos se esvazia, garotas se despedem, equipes encerram os trabalhos. Tanta coisa mudou de quatro meses para cá, e Linda mal viu as folhas do calendário voarem.

Seu marido, de quem jamais pensou em se separar, serviu-lhe os papeis de divórcio depois de trai-la com uma mulher que ela até hoje não sabe quem é. Uma mulher paga para atraí-lo, que o enredou e um esquema legítimo de prostituição. Henrique, seu assistente e braço direito, deixou-lhe sem grandes explicações depois de levá-la às alturas. A última notícia que ouviu foi que ele está embelezando os estúdios da concorrência.

Linda pousa as pernas sobre o balcão onde observa sem atenção as candidatas finais conversarem com o príncipe na piscina. Só abobrinhas, mal faz questão de ouvir a conversa. Olha no relógio, confere que está quase na hora de se arrumarem para o grand finale.

Profissionalmente, Linda não poderia estar melhor. Seus índices de audiência chegaram à constelação de Órion, e os manda-chuvas da emissora já solicitaram que ela dirija o próximo reality, cujo formato ainda está sendo discutido mas que apresentará uma solteira famosa à procura de candidatos.

É no seu interior, no entanto, que ocorreram as maiores mudanças. Ela foi escolhida por um clube secreto para armar uma vingança contra o marido, ajudou amigas, descobriu um submundo de traições do qual não fazia ideia. Seu casamento ruiu durante a confusão, seu marido virou criminoso, ela precisou

lidar com a péssima propaganda da antiga candidata que, para todos os efeitos, teve os documentos forjados por Eduardo. Com exceção da explicação que precisou dar aos acionistas da emissora de que ‘não, não houve irregularidades na admissão de Priscila’ (e onde uma carta extremamente bem escrita de Henrique sustentava sua afirmação), pode-se afirmar que saiu ilesa. É impressionante como não julgamos justamente os que nos servem de alguma maneira.

Mas enfim, hoje é um grande dia e o clube é passado. Eduardo é passado, Henrique é passado.

Linda manda pelo microfone a equipe se preparar para a entrada ao vivo:

— Vamos nos apressar, pessoal, temos um show para terminar! — ela bate no balcão, animada. Cenógrafos e maquiadores, câmeras e roteiristas batem palmas, excitados com o bom trabalho feito por todos. Ouve-se um u-huuuuuu! vindo do estúdio, que ecoa por todos os lados. Técnicos cruzam a tela agitados preparando-se para a próxima hora, o príncipe estala os dedos para lá e para cá nos bastidores, luzes são testadas no palco. As finalistas correm para seus quartos para aprontarem-se. Em breve estarão lindas em seus vestidos, rodopiando tontas ao redor do nobre disputado. Uma delas voltará para casa com uma coroa e um próspero romance de conto de fadas.

Linda olha no relógio. Uma hora para o show.

Ela cola o chiclete sob a mesa de frente para o palco e se vira para a nova assistente.

— Vou pegar um café.

A assistente a olha com enfado. De tudo que poderia parar no cargo deixado vago por Henrique, uma feminista era o que menos precisava. Está na cara pálida e magricela da jovem que ela se pergunta ‘em que momento de minha graduação eu errei?’

Linda sabe, sua atividade neuronal já colapsou frente àquilo também.

O espírito idealista da assistente grita toda vez que a vê: você treina princesas para ajoelharem na frente do príncipe! E sim, Linda sabe que é isso que faz. Hoje simpatiza com a causa da assistente, jura que simpatiza. Mas fazer o quê? Da sua parte ela promete objetificar menos as meninas e ser justa em suas próximas decisões, mas se tem algo que o clube deixou, — aquele gostinho residual — é que não podemos impor como válido um formato único e ideal às mulheres. Somos muitas espalhadas por aí, e é bonito que sejamos plurais. O que precisamos proteger é o direito de continuarmos a ser quem quisermos, não importa o estilo, seja ele princesa, heroína, santa, bruxa, mártir ou lutadora. A mulher que conquistar o mundo precisa apoiar toda e qualquer liberdade de escolha. Toda e qualquer opção que não prejudique o próximo.

Linda ajeita a camisa de botões, enfia-a displicentemente dentro da calça jeans apertada e entra na pequena copa do estúdio. A máquina de café acende quando ela aperta o on. Café amargo, selecionado. On novamente.

O cheiro de café coado preenche o ambiente. O ruído do moedor abafa o barulho da porta sendo aberta e em seguida, fechada. Alguém se move atrás dela, mas ela continua a olhar para o líquido que escorre e pensar nos próximos passos, no que vai fazer nas férias próximas.

— Café amargo? — o homem atrás dela pergunta com fala macia.

Linda toma um susto. Ao ver quem está ali, sorri:

— É assim que eu gosto.

— Li recentemente que associaram café amargo a psicopatia.

Sebastião não faz ideia quão pertinente sua frase é. Ela recolhe a xícara cheia e leva o café à boca. Sobre a borda encontra dois olhos azuis elétricos, emoldurados por um rosto quadrado coberto de penugem dourada. Linda olha o príncipe através do vapor:

— O estudo está provavelmente certo.

Ela esperava um sorriso distraído, um ‘dá licença, preciso pegar uma xícara também,’ mas ele continua a fitá-la. Os traços de Sebastião são de uma beleza fora de sua esfera cotidiana. Bem, dentro da sua esfera cotidiana, mas fora, entende? É aquele rosto que aparece na entrada do programa quando ele vai ao ar, logo depois do das muitas participantes. Há meses a vinheta passa na TV, há meses ela pensa a mesma coisa: que príncipe bonito ela arrumou.

Ele sorri de lado, dirigindo-se para a máquina:

— Então, a mulher que produz o show de onde sairá minha futura noiva poderia ser uma psicopata?

Linda oscila entre melhorar a impressão que passou — o que não combina com sua personalidade — ou deixá-lo imaginar sobre esta incorrigibilidade (este, sem dúvidas, um traço da psicopatia.). Decide calar-se.

— Para ter aturado tanto drama, você deva realmente ter algo fora do padrão mental normativo — ele diz de costas.

— Ora, ora, se não temos aqui um verdadeiro Príncipe Charme.

— Estou começando a duvidar de que consigo ser um.

Ele aperta o botão e a máquina se agita. Quando olha para ela do alto de seus 1,90, lança-lhe um sorriso miserável.

Linda recosta no armário da pequena cozinha, como se atingida por um tapa. O clima ao redor não poderia ser melhor. A equipe está eufórica, tudo ao redor exala boas vibrações, e o herói da noite, o príncipe que sairá noivo dali acabou de sorrir com tristeza para ela?

Aquele homem parece profundamente infeliz. Sebastião retira a xícara

cheia da máquina, encosta na parede da frente e não sobe as vistas. Continua olhando para o café, sem falar nada.

Atrapalhada, Linda olha para seus trajes. Ele ainda veste uma camisa de botão azul clara e jeans, longe de estar pronto para o show:

— Eu deveria alertá-lo que falta pouco para a final.

Ele faz que sabe.

— Está repensando a decisão de se casar com uma das competidoras? — Linda aperta os olhos. Ai meu Deus, só faltava essa.

— Quem está me perguntando isso? A diretora do show ou a mulher que acabou de testemunhar minha completa infelicidade?

Linda não sabe.

— Eu diria que é a psicopata manipuladora incapaz de sentimentos afetuosos pelo mundo da fantasia, eu acho.

Ela precisa reconhecer, até hoje não tinha se colocado no lugar de Sebastián, nem realmente se questionado por que ele parece tão pouco à vontade ao redor das meninas.

— A pergunta é comprometedor demais. Não posso responder.

Seu olhar se demora no dela. Linda não sabe o que ele pretende, mas sua cabeça definitivamente maquina alguma coisa. Há algum tempo nota que ele gosta de sua companhia, e que no isolamento da casa falta-lhe alguém com miolos para interagir. Manoel, o assistente, é o único com quem conversa. E eventualmente Linda, quando ela está disponível.

Linda se assusta com as batidas aceleradas do próprio coração. Que raro. Há alguns dias considerava o peito um apartamento vago, pronto para alugar. Ela termina o seu café, acelerando a partida:

— Temos que ir.

— Hora da minha escolha — ele suspira.

— Afinal é isso que estamos fazendo aqui — Linda diz engolindo rios de saliva, pousando a xícara dentro da pia. Sua proximidade a inquieta. Sua proximidade na verdade mexe com ela de um jeito que não deveria.

— Eu já escolhi.

— Não deixe a outra candidata saber — ela fala atrapalhada, querendo sair ali. — Guarde a surpresa para a hora certa.

Ele dá um passo para o lado e Linda se depara com seu peito, imponente como uma muralha:

— A hora é agora.

Os joelhos de Linda ameaçam falhar

— C-como? — Linda pergunta com um fiapo de voz. Sebastián está.... Não, não, não, ela ergue as mãos. Isso não pode estar acontecendo. — Espere. Você é o

astro de um programa que anda destruindo os nervos de garotas por todo o país.

Você não tem a permissão de chegar perto de mim assim.

Os olhos dele estão fixos nos dela. Sua voz sai agoniada, como se há tempos treinasse dizer aquilo mas nunca tivesse tido a chance.

— Eu quero uma mulher, não uma menina.

— Não quero saber quem é essa mulher — Linda rebate. Sou velha para você. Sou gorda. Meu peito olha para o chão quando eu tiro o sutiã.

Eu fui a última no concurso de beleza.

Dessa vez, os pensamentos negativos de Linda são interrompidos por lábios. Sebastián envolve seus ombros com as mãos bem cuidadas e a puxa para ele. O toque dos lábios vem acompanhado de cheiros. Cheiro de nobreza, de perfume estrangeiro, de guarda-roupa de madeira nobre. As mãos que a envolvem em um abraço a tocam primeiramente ternas, depois ficam afoitas. Mas que merda, ela pensa apertando-o de volta. A aflição do cara atíça seu vulcão interno, e sua pele lateja onde ele toca. Esse homem que em breve se casará com um bibelô quer uma mulher. Quer sexo. Mas comigo?

— Por que? — Linda descola a boca da dele. Sebastián sorri, mas não acha que precisa explicar. Por que ele não a quereria? Suas mãos apoiam-se na bancada do armário, uma de cada lado do corpo dela.

— Por que o quê? — ele pergunta só por perguntar.

Linda tenta escapar da corrente que ele virou, sem fazer ideia do porque escaparia. Mas Sebastián a laçou, e não ter vontade alguma de soltá-la. Cola a boca de novo na dela, enfia a língua na sua boca e desta vez Linda cede. Cede de verdade. Toda a ruminação negativa vira outra coisa.

Mãos ficam ávidas, apressadas, e não querem mais perder tempo em lugares não-erógenos. Elas vão direto para dentro da blusa, da calça, e percorrem com gana a pele do outro, e suspendem o sutiã e afastam o cós. Não há sinal do cavalheiro que Sebastián é o tempo todo: quem está aqui é o Sebastián que ela não viu em lugar algum.

Ele a empurra contra o armário, mãos acariciando seu corpo inteiro, a boca correndo o caminho ate o lóbulo macio da orelha.

— Como nunca notou que a cerco desde que cheguei ao Brasil?

Sua frase é a versão oral de uma carícia. Linda se arrepia inteira.

— Como? — ela arfa encostando a cabeça no armário, deixando que ele morda seu pescoço. Como não notou seu interesse? Como pode não ter visto o homem por trás do príncipe?

— Sonho com você dia e noite — ele murmura com hálito de café.

As mãos de Linda se tornam atrevidas. Seus dedos rodeiam o cós da calça que ele veste, alisando a pele macia de sua cintura.

— Mesmo quando está beijando as mãos de menininhas? — ela recupera o domínio sobre o seu prazer, aceitando que está sonhando, mas que não faz mal nenhum entrar na brincadeira. Se sonhava com Henrique, por que não sonharia com o príncipe?

— Principalmente quando estou beijando a mão delas — ele responde de olhos fechados, mordendo seu ombro. — Eu só aguentei esse circo por sua causa.

O príncipe a olha com olhos pesados. Suas mãos agarram seus braços e ele a puxa para um beijo apaixonado. Enrosca a língua na dela, arfando e gemendo enquanto a pressiona contra a porta do armário. Trêmulos, seus dedos desabotoam a blusa da mulher desejada. Há uma ansiedade contida nos gestos que Linda não entende. Não aceita, na verdade. Ele a olha com ternura, com aquele ar singelo de despedida. Por um minuto admira o corpo dela, em como ela tenta se tapar, incrédula sobre seus gestos. Ela não acredita que um homem daquela estirpe – daquele calibre – a admire. Talvez ele esteja arrependido, agora que a olhou de perto. Talvez seu beijo não tenha agradado. Mas então as mãos de Sebástian a acalmam. Elas deslizam macias e firmes por ela, percorrem seus ombros e a curva da clavícula, beija uma última vez de leve seus lábios, chupando delicadamente o lábio inferior, rosado pela fricção.

Ela tenta afastá-lo.

— Sebástian, você... – Linda quer questionar suas intenções. Aceita que ele quer sexo com a diretora mandona, mas não acredita que ele a admire como mulher. Mesmo que suas mãos não mostrem qualquer dúvida. Que seus beijos sejam certos, e que seu olhar esteja semicerrado de prazer. Sebástian não tem dúvidas, só Linda duvida. Ela e sua cabeça, mais uma vez, não aceitam o desejo. As mãos de Sebástian descem em direção ao resto do corpo, e a despem peça a peça. Ele infla o peito largo ao vê-la, nua, e deixa de respirar quando se dá conta que ela é dele, por agora.

O cavalheiro aos olhos do público desaparece. Transforma-se em fera, e há realmente algo selvagem e endiabrado em seu olhar.

Por longos minutos Sebastian mostra a Linda o que sabe fazer longe das câmeras. Ela não faz ideia onde ele aprendeu tantos truques sujos e deliciosos, mas uau, alguém vai se dar muito bem ao fim desse concurso.

— Quero você — ele sussurra. — Agora.

— Não temos tempo – diz a diretora do show, não a mulher que está na estratosfera.

- O que quero fazer com você duraria até amanhã — ele avisa.

— Amanhã não pode. Você tem exatos dez minutos — ela mostra a ele o relógio. — Depois tem que se aprontar para o show.

Ele retribui seu sorriso safado com outro.

Sebastião se afasta, deslizando os dedos ao redor da boca molhada. Segura na calça de Linda, olhos nos olhos, e arria a peça, ajudando-a a se ajeitar sobre o balcão.

— Quando eu subir naquele palco, quero estar com seu cheiro na boca. — ele diz.

— Que romântico — ela o vê se afastar. A cena seguinte é simplesmente inacreditável, e a acompanharia por muitos anos, muitos anos depois que já estivesse casada com ele, morando na Europa.

O príncipe se ajoelha aos seus pés, desce sua calcinha e abre suas pernas. O resto viraria uma das muitas histórias íntimas do casal, dessas que ela nunca pode contar para as revistas e especiais da TV.

Mas ali, na cozinha pré-final de seu show, Linda fecha os olhos e finalmente sente. Sente Sebastião, sente-se viva, e sente algo — uma imagem — aproximar-se no horizonte. É, a princípio, uma imagem distante, uma miragem longínqua, difusa pela névoa que cobre memórias. Sebastião em fotos de revistas européias ao lado de mulheres. Um namoro que durou anos com uma médica nigeriana, que mais tarde precisou optar entre ele e a Cruz Vermelha. Sebastião com a modelo Senegalesa, linda e negra, como todas as outras suas namoradas.

Linda se pergunta se ele não está aqui apenas porque ela é negra. Se interessou-se por ela porque gosta de um tipo específico. Mas esse pensamento é demais até para ela. Cale a boca, voz, ela demanda, e dessa vez a vozinha some.

— Tenho planos para você, Linda — ele interrompe a doce tortura para avisá-la.

— Tem? — sai dela em uma arfada.

— Faço parte de um clube na Europa. Uma coisa bem secreta, bem específica.

Linda desencosta a cabeça da parede para olhá-lo. Ele disse clube? Mas antes que pergunte de que clube ele faz parte, ele a olha e sussurra:

— Agora que sei que não acredita no romance que vende, quero te mostrar como fazemos sexo em meu país.

— Sonhos românticos nunca combinaram comigo — ela volta com a cabeça para a porta do armário, sorrindo pela filiação a novos clubes.

— Nem comigo — ela ouve chegar lá de baixo.

Sebastião tem exatos sete minutos, e durante sete minutos a leva às alturas. Ela sabe que foram sete minutos porque checa o relógio entre tremores e um clímax, agarrada à bancada para não cair. Sebastião usa os três minutos faltantes para dobrar as pernas de Linda em uma posição que lhe renderá mais tarde dores em dezenas de músculos e tendões.

— Não deixarei que me esqueça — diz comprimindo o peito contra o dela.

— Sebástian — ela acaricia o rosto bonito — Fui seu cupido por quatro meses. Nunca mais esquecerei você.

— Aquele não sou eu — ele beija-a de leve. — Este aqui sou eu.

E nos três minutos restantes ele mostra quem é, o que não parecia ser e como, no submundo dos clubes privativos de seu principado, ele verdadeiramente é.

Ao fim, para recuperar o ar, ele se levanta, olhando-a como homem algum a olhou na vida.

— Você. Fenomenal. — diz.

— Por que eu? — Linda usa o pouco fôlego para perguntar.

Ela não é uma beldade. É interessante, admite, mas Sebástian tinha trinta mulheres à disposição, e sinal verde para se relacionar com todas. Ele esquivou-se delas uma a uma, e terminou o programa com as duas piores escolhas. Margô, a sabotadora, e Alda, uma menina simples e retraída que não demonstra interesse por homens.

Sebástian tira uma mecha do cabelo de Linda da frente de seu rosto suado. Alisa sua anca, passeia com a mão pelas curvas da bunda e da barriga. Beija-a em cima do coração, entre os seios:

— Você é o meu tipo.

— Seja mais específico.

— Você é a dona dessa coisa toda — ele olha ao redor. — A profissional perfeita, um ser humano admirável. E de lucro você é linda. Desde o dia em, quem eu queria é você.

Para Linda, aquilo bastou.

Cinco minutos depois, ela entra com o show no ar. Nada indica no modo em que senta ou age que teve a melhor trepada de sua vida. Que recebeu a melhor declaração — e a melhor proposta — até hoje. Quando Linda coloca os fones no ouvido e recomeça a gritaria, é novamente o nome forte por trás do espetáculo.

Dê-me uma semana para mandar a ganhadora do programa de volta. Então eu quero você na Europa, comigo.

Linda tapa a boca para que os outros não vejam que ela sorri.

Aos poucos as finalistas surgem, duas princesas em vestidos rodados. O príncipe as recebe levemente descabelado, com a face corada. Ele foi real? Ela se pergunta pela última vez, olhando-o pela tela. Não foi um sonho, um delírio, como costumava sonhar com Henrique na banheira? Mas enquanto ele beija a mão de Margô com seu cheiro ao redor da boca, Linda sente sua presença arder entre as pernas.

Real. Definitivamente real.

28. INÍCIO DO FIM



As cortinas de organza balançam na frente dos janelões que dão vista para o mar, e a brisa chega fresca do oceano. Movo os pés descalços sobre o padrão do mármore, sigo as linhas que desenham o chão e correm rente às paredes da casa. Saio à varanda tocando o parapeito com as pontas dos dedos. A cabeça não está na paz do mundo ao redor, e sim mergulhada em pensamentos escuros.

Sentirei falta do mar.

Fecho os olhos e estou em Passos, muitos anos atrás. Na época eu era só Ana Laura Dias, e não Ana Laura Diniz. Lembro da carta de minha mãe, e da noite à beira do rio. Preciso pegar a carta antes de partir. Não posso esquecer.

O telefone vibra no bolso, e atendo rápido ao ver que é Guilherme. Ele anda muito abatido com todo o circo da mídia, e extra carente. Respondo-o prontamente.

— Amor? — ele diz do outro lado. Sua voz é hoje um tom mais baixa do que costumava ser. Carrega uma nuance de derrota, um tom abatido que inexistia. O flagra com Priscila e a delação premiada de Rossman (que prometeu entregar todos os podres dos Diniz) o deixaram abatido e vulnerável. É tanta sorte que ele tenha a mim.

— Você está vindo? — pergunto.

— Estou quase chegando.

A pausa dura um segundo a mais do que deveria.

— Estou esperando você.

Desligo olhando para a imensidão azul. Um grupo de gaivotas cruza o céu, e penso na minha mãe. Está se divertindo aí em cima, mãe?

Mas então olho para baixo, e me pergunto se não deveria endereçar a pergunta aos infernos. Apoio os braços no parapeito girando o celular fino entre os dedos. Penso nos últimos eventos, e em suas consequências. Guilherme

precisará responder judicialmente por ter sido flagrado com uma garota menor de idade, mas o que o deixou realmente abatido foi a distância de Castro. Seu pai, aconselhado por advogados, o escorraçou da firma e do seio da família, alegando que, quanto mais distância dele e da ‘palhaçada’ que ele causou, menos prejuízos teriam. Castro praticamente se mudou para Brasília para que toda sujeira que começou a ser desenterrada pelos últimos acontecimentos – a ligação com a agência de acompanhantes, o flagrante do filho, as insinuações de Rossman na mídia de que a empresa dos Diniz pedirá em breve falência, e até o sumiço de César e os vinte milhões roubados, anos atrás — se assentasse.

Castro saiu ileso às custas da queda do filho.

Era a cabeça de Castro que você queria, não era, mãezinha?

Afinal, foi a mando dele que os advogados da família responderam à sua carta, anos atrás, que César não podia ser o pai da criança que você estava esperando. Lá se vão anos quando reli pela última vez a maldita carta, mas lembro-me perfeitamente de suas palavras:

“César Diniz nunca esteve em Passos, MG, de forma que a alegação da suposta gravidez transforma-se em calúnia. Por fim, cumpre-nos esclarecer que, havendo qualquer dano à imagem ou honra de nosso cliente, todas as medidas judiciais cabíveis contra a Senhorita, ou quem quer que seja, serão devidamente tomadas.”

Sem o menor remorso, os Diniz obrigaram a moça grávida a se calar. Tentaram mais tarde procurá-la e oferecer uma solução ‘rápida e definitiva’ para o problema que a barriga enorme se tornou, mas minha mãe recusou a oferta. Eles também queriam saber do paradeiro de César, se ele de alguma forma a ajudaria, se havia ganho algum tipo de consciência e decidido prover pela criança.

Oras, Castro conhecia o próprio irmão. Claro que ele não proveria por criança alguma, não depois de conseguir fugir com vinte milhões.

Foi então que você disse que havia se enganado, e o filho era de outro. Fomos deixadas em paz, um problema a menos no meio da confusão. O escândalo da fuga de César estava em seu auge, e fomos esquecidas. Eu e você. Vivemos uma vida inteira sozinhas, nos perguntando como podia haver gente tão mesquinha nesse mundo. Tão poderosa e malvada, tão sem caráter.

Quem defendia o mundo contra pessoas como os Diniz? Você se perguntava.

Como essa pessoa não existia, você a criou.

Eu.

Sua aposta para vingar gerações de calhordas.

Apoio o queixo nas mãos, absorta pelo barulho do mar. Eu um dia me mudaria para a cidade grande e enfrentaria vocês, este era o meu destino. Mas quem poderia imaginar que Guilherme chegaria até a mim antes? Que seria tão palerma e tão... clichê?

Castro, no entanto, era intocável. Além de ser uma raposa, era protegido por advogados, pela esposa devotada, e, agora, pela lei: possuía foro privilegiado. Rodeado de amigos poderosos, jamais seria traído por qualquer bobagem. Seu único problema no momento era Rossman, mas segundo peguei nas conversas secretas entre Guilherme e Castro, ele está com os dias contados. Ninguém ameaça Castro e sai impune. O único que conhece e pode comprovar seus esquemas ilícitos não chegará ao banco de testemunhas.

O que fazer com essa informação, gravada atrás da porta?

Olho no relógio, concluindo que chegou a hora. O que tenho a fazer é simples, mas foi planejado à exaustão. Ando pela sala e ajeito uma almofada fora de lugar. Para que o plano dê certo, uma constelação de circunstâncias precisou ser montada.

No xadrez, para que um jogador calcule os movimentos possíveis das suas peças, ele precisa vê-las. Vê-las em ação, capturando e sendo capturadas, sacrificando-se ou sendo sacrificadas. Você precisa entrar nas casas e mover-se entre os peões. Precisa manter sua estratégia em segredo, e suas intenções bem camufladas

Estou no tabuleiro, estudando o próximo movimento. Vejo Guilherme em uma casa, vejo o rei adiante na casa da amante em Brasília enquanto sua rainha visita a irmã em São Paulo. Adianto as respostas prováveis do oponente a cada movimento meu. É satisfatório perceber que a cada ação que tomo, vejo o cerco ao redor dos Diniz se fechar. Peças começam a se voltar contra eles. Bispos abandonam a jogada.

Há uma peça pequena ali no canto, no entanto, que não consigo visualizar. É uma informação que ouvi no dia em que gravei a conversa sobre a encomenda de morte de Rossman: Guilherme comprou uma arma. Essa arma ocupa uma casa solitária ali no canto do tabuleiro, e não sei se é um cavalo, um bispo ou um peão, se anda de lado, para frente ou pula casas. Já revirei a mansão inteira e não a achei, não faço ideia de onde ele a colocou. Acho, e apenas acho, que ela não está no closet. Mas só porque não a achei, não posso contar que ela não esteja lá. A arma é um alerta que pisca em vermelho.

Continuo a repassar as partes do plano. Em cima da mesa estão os papéis do divórcio. No canto da porta, um tapete enrolado. Há também uma cópia do contrato que assinei meses atrás, mas sem a cláusula de sigilo sobre as traições de meu marido – cortesia de Bárbara. Salvo no celular está o telefone de Mathias

Rossmann, a quem enviarei no momento certo a gravação sobre o plano de assassinato. Olho no relógio, esperando a última peça: o rapaz contratado para aparecer ali. Mesma altura, cor e corte de cabelo que Guilherme. Um elemento que não domino, e que tem o potencial de se mostrar benéfico mas também ser problemático.

Ele e a arma; não se esqueça da arma.

Fecho as cortinas e me certifico de que as portas que dão para o enorme quintal estão fechadas. As câmeras ainda estão gravando o que acontece na casa, ótimo. Subo até nosso quarto. Posiciono um espelho vertical bem em frente da cama e arrumo o outro espelho, amparado por um tripé, de maneira que seu reflexo seja um ângulo do outro. Um jogo de espelhos. Fecho a porta do closet, não sem antes ajeitar a cadeira.

A ideia do espelho vazado entre o quarto e o closet foi ideia de Guilherme. Do closet vemos tudo que acontece no quarto, mesmo com a porta fechada. Com a ajuda dos espelhos, nada fica sem cobertura. Imagino que o intuito de meu marido não era me observar, mas para que eu o observasse eventualmente enquanto estivesse com outra. É na mesma proporção genial e perverso.

Eu gosto.

A porta bate no primeiro andar, e confiro pela última vez se está tudo certo. Está.

Guilherme passa direto pelo envelope claro largado sobre a mesa. Pousa a pasta em uma das cadeiras, ignorando o tapete perto da porta, e se dirige ao bar. Desço as escadas modulando a respiração. Se alguém monitorasse meus batimentos cardíacos, se espantaria com a baixa frequência. Anos de treinamento. Guilherme abre o vidro de cristal e serve-se de xerez. O vinho licoroso avermelha o copo, e Guilherme o leva ao nariz. Cheira o odor rico e robusto da bebida, e degusta o que acredita ser um legítimo Amontillado, importado diretamente da Espanha, quase mil reais a garrafa.

Mal sabe ele que há meses esvazio sem piedade a garrafa sobre a grama do jardim e encho-a, em seguida, com sangria. Dez reais o garrafão. É fascinante pensar nisso, que dentro do invólucro de cristal, a sangria arranque elogios de Guilherme, mesmo quando ele está tristonho e deprimido. A opulência da garrafa o cega. Ele seria mais esperto se jogasse.

Ele me recebe com um abraço, mas não há qualquer afeto no gesto, não do meu lado. Mas talvez haja do dele, porque sinto-o cada vez mais delicado na forma de me tratar. Como se eu fosse um tesouro que ele não tinha visto antes, e descoberto agora. Ao ver o meu sorriso, pergunta sem muita animação:

— Por que me chamou, Ana?

Sorrio, acariciando seu peito sobre a camisa.

— Venha, vamos subir. — Pego em suas mãos e o trago atrás de mim. — Muito stress? — pergunto.

Ele faz que sim, afrouxando a gravata. Entra no quarto, olhando-se nos espelhos. Faço-o se sentar na cama, depois estico o controle remoto até a câmera de segurança e aperto o off. A luz vermelha se apaga.

— As coisas vão melhorar — falo atrás dele enquanto ele me observa. Desligar as câmeras é sinal de que faremos sexo; fizemos aquilo dezenas de vezes, está tudo registrado – embora, para a minha sorte, ele não ande muito animado para isso ultimamente.

— Queria ter a sua certeza — ele fala.

Ajoelho sobre a cama e ando até suas costas. Seus olhos estão voltados para o meu reflexo, caídos e desanimados. Beijo-o no rosto, mas ele vira e os lábios tocam a sua boca. Ele me beija uma, duas vezes brevemente. Leva as mãos aos meus cabelos e os acaricia.

Sem o invólucro que me engane, seu beijo tem gosto de sangria.

Ele mal sente a picada.

A injeção se afasta do seu pescoço, vazia. Guilherme leva as mão ao local dolorido e antes que consiga perguntar o que foi que fiz, escora a mão na cama. Dou um passo para trás, olhos duros nos dele, observando-o girar o rosto até encontrar o meu.

O que corre imediato por suas veias é potente, eu sei. Injetei em mim mesma algumas vezes, e cronometrei quanto tempo demorou para fazer efeito. Calculei seu peso, dosei a quantidade, apliquei em mim novamente.

Ele me olha como se eu o estivesse assassinando. Como se ele esperasse o golpe de qualquer um, menos de mim. Quase sinto pena de como move a boca mas a língua não se mexe.

— Eu sei — sussurro baixo, deixando a cama para me ajoelhar ao seu lado. — A língua fica assim mesmo, como se estivesse costurada com fio de aço. É o flunitrazepam atuando no sistema nervoso central.

Suas sobrancelhas se apertam, e ele tenta chacoalhar a cabeça.

— Não reconhece o nome? É um dos componentes do seu remédio para insônia — explico. — Insônia que eu produzi com outros remedinhos, mas isso não vem ao caso.

Levanto e coloco a injeção dentro de uma sacola, enfiando a sacola na mochila que tiro de debaixo da cama. — O flunitrazepam causa falha na memória. Você não vai se lembrar de nada que aconteceu logo após receber o medicamento. É terrível, realmente causa confusão. Mas você conhece a droga, não conhece? – Olho para ele.

Guilherme mal consegue se manter sentado. Ele pisca os olhos repetidas

vezes, sem conseguir focalizar as cenas à frente.

— Ouvi você contar a um amigo, entre risadas, que deu essa mesma substância a uma ou duas garotas na universidade, na época em que era estudante. Talvez você a conheça por outro nome, claro. Boa noite, Cinderela, já ouviu falar?

Guilherme cai de costas na cama.

— Na ocasião seu amigo perguntou se aquela não era a droga usada por pessoas mal intencionadas que queriam violar suas vítimas. Você respondeu uma coisa engraçada — eu rio, me levantando. — Você disse que foi só uma brincadeira.

Deito sobre ele, subitamente feliz.

— Encare isso como uma brincadeira também.

Que pena, ele não consegue mais me ouvir, nem ver meu sorriso. Levanto-me, olhando para o dia glorioso que a janela mostra.

— Sabe qual foi o seu erro, Guilherme? — Estico os braços e estalo as costas. — Seu erro foi vir atrás de nós.

Dou a volta na cama e trago a cadeira de rodinhas até seu lado.

— Você foi atrás de mim, em Passos. Queria ver quem era a herdeira de César, e se eu sabia do seu paradeiro. Bem, do paradeiro do dinheiro de César, eu descobri depois. — Inclino-me sobre ele e ergo uma de suas pálpebras, em seguida a outra: nada. — Mas aí você achou que seria engraçado namorar a prima. Tsc, tsc...

Subo na cama. Passo um braço sob cada uma de suas axilas e o ergo. Bufando pelo esforço, coloco-o precariamente sobre a cadeira. Guilherme parece uma marionete mole sobre o móvel, e custa uma eternidade equilibrá-lo de modo que não tombe para a frente.

— Uma das primeiras perguntas que me fez, não sei se você se lembra, foi se eu sabia jogar xadrez — limpo o suor da testa na manga da blusa. Uma risada ameaça se formar na garganta. — Você disse que era um jogador. Três anos de namoro e não vi você jogar uma só vez! Mas não foi assim que soube que você não entendia bulhufas de xadrez. Foi quando disse que a rainha só servia para proteger o rei.

Passo a mão pelo nariz dele, sorrindo:

— Bobinho! Nunca aprendeu que, nas mãos certas, a rainha pode ser a peça mais mortal do tabuleiro?

Passo a corda que guardei debaixo da cama ao redor dos pulsos. Firmo-as com um nó, em seguida faço o mesmo com as pernas. Não precisava amarrá-lo, mas por segurança eu o amarro.

— Que jogador não saberia que um peão bem movimentado pode ser

coroados? — dou uma batidinha em sua coxa para avisá-lo de que estamos dentro do tempo planejado. — Um simples peão pode se tornar a peça mais importante do jogo!

Guilherme está sentado e amarrado à cadeira. Sua cabeça tomba para a frente, o pescoço mole demais para segurá-la no lugar. Por precaução, amarro seu peito na cadeira também. Confiro se os nós da perna e dos pés estão firmes, e em seguida, eu o amordaço.

Antes que eu o coloque no closet, virado para o espelho de duas faces, eu o observo. Dou um tapa estalado em sua cara, daqueles que ardem até a palma da mão. Quando acordar, não poderá ter apenas um lado da cara ardido, penso. Viro com vontade sua cara para o outro lado, estapeando-o com outra mão.

Lindo, ver meus dedos marcados naquela cara safada.

— Nunca cheguei realmente a gostar de você — massagueio a mão. — Você me incomodava, sabe? Era desleal e malvado sob um verniz de gentileza. E olhe que entre os Diniz, você é o melhor. Mas veja só, provei a mim mesma que sou uma boa atriz.

Checo as unhas, confiro qual está maior. Assim que descubro qual cresceu mais, pressiono-a contra a sua pele e o arranho. Puxo sua gravata até o final, abro sua blusa com violência, ouvindo os botões quicarem pelo chão, arranho-o no meio do peito.

Em um dos arranhões brotam imediatamente gotinhas de sangue.

— Vai funcionar assim — digo calma, para que ele saiba o que pretendo. — Daqui a pouco, quando o seu sócio chegar, eu o colocarei sentadinho aqui na cama, onde você estava, e religarei a câmera. Nós discutiremos acaloradamente, mas o áudio não vai funcionar. Mostrarei o celular para ele — na verdade, você —, assustada ao descobrir que Castro e você planejam assassinar Rossman. Peço o divórcio antes que seja tarde demais, você surta, e nós lutamos. Você me mata. Desesperado, some com o meu corpo. Como? As câmeras da rua registram que você deixou a casa com um tapete no porta-malas. Quando se lembrar das câmeras, é tarde demais. Está tudo filmado. Que tal?

Uma mensagem no celular, no bolso de trás, me faz estalar a língua. Saio do closet trazendo o aparelho aos olhos: é o cara que contratei para o serviço.

Vou atrasar cinco minutos.

Olho para o celular com uma careta: que droga!

Marcho de um lado para o outro no quarto. Cinco minutos alteraria o tempo de sedação de Guilherme. Ele precisa estar desacordado quando o recolocar de volta na cama. A janela de segurança pro tempo de eficácia do remédio foram

dez minutos, Ana, acalme-se. Mas não poso arriscar colocar mais substância em Guilherme, ou o excesso aparecerá no exame de sangue, e não poderá ser creditado ao remédio de insônia.

Assim que decido ligar para o rapaz, a campanha toca. Desço as escadas estranhando que ele já esteja ali. Ele não ia atrasar? Abro a porta, e o choque de ver o rosto à frente é tão grande que dou um passo para trás.

É Rodrigo quem está ali.

29. A PEÇA DESCONSIDERADA



Não pode ser, não pode ser, não pode ser.

— Eu precisava ver você, Ana.

Meus joelhos fracassam na tentativa de me equilibrar, e ele nota. Ameaça se aproximar, mas paro-o onde está com um gesto de mãos. Pense, Ana. Dou um passo para trás levando as unhas sujas de sangue ao cabelo, me livrando de evidências. Há quanto tempo não o via? Ele não pode estar aqui. Não pode ver o que está se acontecendo aqui.

— Ana, você está bem?

O mesmo coração que não acelera ao sedar o marido, aquece e explode como se estivesse experimentando o amor pela primeira vez:

— Droga, Rodrigo, o que está fazendo aqui?

A frase sai mais como um lamento que uma pergunta. Em cinco minutos ou menos o homem que chamei para simular meu assassinato chegará. Minha vingança é perigosa, dolorida, definitiva. Dali sairei com uma mochila onde levo apenas uma chave e um passaporte falso, e deixo a vida antiga para trás. Essa é a minha chance de por um fim a essa loucura que foi a minha vida, e recomeçar longe dali.

Valeu ter feito tudo que fiz até aqui? Os três anos de miséria dormindo com o inimigo, a dor de partir o coração de Rodrigo, as loucuras que cometemos no Clube? Valeu de tudo?

A resposta é: valeu. Quando tudo terminar, Guilherme afundará de vez e a sujeira respingará em Castro. Tudo bate. Tudo faz sentido. Sob pressão insuportável, Guilherme me assassinou. Quando apresentei os papéis do divórcio, ele perdeu a cabeça. Hoje é o começo do fim dos Diniz.

Rodrigo me olha como se sofresse. Talvez só seu sofrimento conste como efeito colateral indesejável.

— Eu só penso em você, Ana. Preciso saber como você está.

— Vá embora, pelo amor de Deus — Encosto no batente da porta por pura necessidade.

— Eu vou, mas preciso ouvir de você que não me quer mais — ele se aproxima devagarinho. — Que prefere ficar ao lado desse... — Rodrigo fecha os olhos, e seu sofrimento me causa agonia. Sua roupa está amassada e há círculos roxos ao redor dos olhos. — Traidor pedófilo — conclui entre os dentes, com cara de nojo.

— Vá embora — sinto a lágrima descer.

Ele seca minha lágrima com sua mão, e seu toque dispara uma reação improvável, uma que só vi ocorrer antes em jogos de xadrez.

Os jogadores chamam de alucinação de jogo. Começa como uma profunda necessidade, tão urgente quanto respirar, de desvendar os próximos movimentos a fim de não entregar de mãos beijadas o jogo ao oponente. Você começa a movimentar as peças na cabeça, e tenta adiantar os movimentos do lado contrário. E se Rodrigo vir o sócia de Guilherme chegando? E se o segurança do condomínio contar que outro homem, de moto, esteve na casa no dia de minha suposta morte? As movimentações alteram o panorama imaginado, como um caleidoscópio. E então, de repente, você se encontra tão absorvido no tabuleiro imaginário que acaba saindo do tabuleiro real. As peças são uma espiral, movem-se sozinhas, e o que antes você sabia ser só percepção, torna-se realidade.

Rodrigo aproveita que eu não o empurro e dá mais um passo. Entra na casa, encosta a porta atrás de si. Em nenhum momento tira os olhos dos meus.

Seu toque quebra a minha resistência. Eu me jogo em seus braços com todo amor que achei existir em mim e hoje achava que não tinha mais. Eu tenho, eu sinto amor por ele, e está tudo ali. Cada pedaço de mim, cada centímetro, cada partícula minha é dele.

Ele me beija ali mesmo, na soleira da porta. Agarro seus braços com urgência forçando-o a me envolver. Sinto o gosto de sua boca e sorrio, sinto o cheiro de sua pele morna e desfaleço em seu abraço.

Eu me ofereço com a língua, com o ar do meu corpo, com meu peito, onde algo galopa. Como poderia deixá-lo para trás? Como poderia sumir de sua vida e deixá-lo acreditar que estou desaparecida, que fui assassinada pelas mãos do próprio marido, filmado roubando o último suspiro do meu corpo enquanto me sufoca?

Rodrigo me agarra como se eu fosse a última nau a deixar um porto e precisasse estar em mim para não morrer. Me empurra contra a parede da sala, rasga minha camiseta branca, se encaixa entre minhas pernas. Suas mãos

agarram tão forte minha cintura que deixam marcas na pele.

Descolo de sua boca arfando. Sua boca fica linda assim, vermelha, entreaberta, seus olhos pesados nos meus, tão enlouquecidos que comovem.

— Eu quero você e ninguém mais — solto entre um arfar e outro. — Eu amo você.

— Então fuja comigo, Ana.

— Para onde?

— Para qualquer lugar.

Faço que sim, e ele investe novamente contra mim. Sim, eu quero. Eu vou. Dane-se Guilherme, dane-se os planos de vingança. Descubro que não quero mais sofrer para vingar uma maldade antiga, eu quero me livrar deles e seguir a vida. Desconfiei que queria isso quando conheci Rodrigo, mas só tive a certeza quando ele apareceu ali.

— Onde está seu marido traidor? — ele para de me beijar mas não desencosta os lábios dos meus. — Vi seu carro estacionado lá fora.

— Fora de cena — respondo esfregando o corpo no dele. Estou enlouquecida de calor. Quero Rodrigo ao meu lado. Ao meu lado na cama, onde é o seu lugar. Para sempre.

Rodrigo me suspende no colo e pergunta:

— Onde fica seu quarto?

Olho para a escadaria de mármore que leva ao segundo andar.

— E os funcionários, onde estão?

— De folga. Estou sozinha.

Ele me beija outra vez, e encosto em seu peito enquanto sou levada até o meu quarto. A essas alturas Guilherme deve estar acordando, mas nada importa. Depois dessa tarde não quero mais estar ali. Não quero a vida dos últimos anos, não vale a pena.

Que Rodrigo possa deixar de me amar se souber que dentro do closet está o meu marido dopado, sequer cruza a cabeça. Ele me coloca no chão na entrada do quarto, e entramos agarrados ao outro. Mãos, dedos, boca – tudo que é meu precisa encostar nele. Tudo que é meu, quero nele. Puxo-o contra mim, enroscando a língua na sua. Rodrigo responde com a paixão dos encontros proibidos; a mesma paixão dos primeiros encontros e dos amores eternos. Seus dedos apertam minha pele, me livram do que resta da blusa, e botões pulam fazendo barulho no chão do quarto.

Entrego a ele meu corpo e minha alma, virando-me para apreciar a cena por um dos espelhos. Aquele espelho, posicionado para mostrar meu assassinato, agora reflete uma cena improvável.

Ele geme com o nariz afundado entre meu ombro e minha orelha,

mordiscando a pele macia.

— Amo você, Ana — ele respira contra minha pele.

— E eu, você — murmuro de volta.

Fecho os olhos sorrindo ao senti-lo deslizar minha calça pelas pernas. Não sorrio por que imagino Guilherme presenciando a cena, mas porque a sensação é boa. O que sinto por Rodrigo é real. Aconteceu rápido e me varou como uma flecha, não tive a menor chance. Talvez Guilherme nunca venha a saber, mas foi poupado de muita dor porque eu me apaixonei por seu antigo colega de escola.

Rodrigo me vira de modo até que meu peito encontre o seu, e ambos subam e desçam em compasso. Seu hálito esquenta a pele do meu rosto:

— Não acredito que estou com você.

— Você está.

— Arrume suas coisa, vá. — Ele me afasta. — Vamos para a minha casa.

Faço que não, segurando-o. Quero ele ali, sob as vistas de Guilherme. Aquela será minha vingança final, já que ele não passará um só dia na prisão. Depois do sexo, sim, estarei fora. Quero ver Guilherme sofrer.

Enterro os dedos entre os fios de seu cabelo e puxo-o para mim. Ele é tão lindo, penso acariciando o cabelo revoltado. Lindo. Desde o dia em que o conheci, achei-o um sonho de homem.

Assim que Rodrigo volta a me beijar, eu o mordo. Forte, para acordar o bicho que mora nele. Ele geme, mas ao invés de se afastar, ele me prende. Trava os braços ao meu redor, morde meus lábios de volta. Grito, e ele tomba comigo na cama.

Suas mãos descem pela pele lisa da barriga. Seu corpo se inclina sobre o meu, e minhas pernas sobem.

As sensações são divinas. São perfeitas, completas em si mesmo. Nada falta, nada incomoda, nada perturba a paz. A barriga assenta do nervosismo de quem cometeu um crime, e o coração passa a bater de paixão, e não mais de medo. Não sou mais a Ana que quer vingança, sou a Ana que ama o Rodrigo.

Ele beija minhas pernas, lambe minha pele, ajoelha-se na minha frente, reverente. Seus olhos lindos estão em mim. Não tão claros e brilhantes, mas calmos. Como se tivessem se encontrado.

A campainha toca, e ele tensiona.

— Quem é?

Não queira saber, meu amor.

— Ninguém.

— Não vai atender?

— Não.

A campainha não insiste. Rodrigo se deita novamente ao meu lado, e me

olha com devoção. Desliza as mãos pelas curvas de minha cintura, e tenho um pensamento engraçado de que nunca me senti tão confortável sem roupa na frente de um homem. Na verdade, de dois homens.

Ele me deita e se deita sobre mim. Antes que possa senti-lo, no entanto, ouvimos o barulho vir do closet.

Acontece tudo muito rápido, rápido demais para ser evitado.

Ouçó um bam, e demoro um segundo para reagir. Giro o rosto ainda lânguido para a porta de vidro, vendo Rodrigo saltar de susto na periferia da visão. É uma cena ao mesmo tempo lenta e acelerada: Rodrigo assustado, Guilherme tropeçando para fora do closet, empunhando a arma.

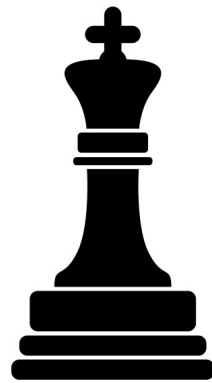
As cenas que se repetiriam para o resto da vida desenrolam-se em não mais que um segundo. Um segundo é o tempo que preciso para entender que perdi o jogo.

Guilherme trôpego pela droga, braço esticado para frente, revólver engatilhado.

A última lembrança do amor da minha vida seria aquela: Rodrigo esticando a mão à frente, e uma bala atravessando-a. Essa cena seria repassada tantas vezes na mente que terminariam por me enlouquecer. Rodrigo assustado, olhando para Guilherme, que, tropeçando para fora do armário, faz o homem da minha vida tombar com o peito perfurado sobre mim.

Guilherme rouba meu rei.

Cheque-mate.



“A única diferença entre um capricho e uma paixão eterna é que o capricho dura um pouco mais.”
Oscar Wilde

30. A TEIA



A limusine estaciona em frente ao escritório de advocacia, não por coincidência, o mesmo que representa a família Diniz há um século e onde Ana Laura recebeu o cartão do clube.

O dia está nublado. A previsão avisou que o tempo viraria, e com precisão infreqüente, o tempo virou. Bárbara fecha os botões do casaco de lã bordado. No lenço que envolve o pescoço, presente da netinha mais nova, estão os dizeres: melhor vovó do mundo.

Uma mulher ruiva na casa dos trinta sai do edifício e caminha até o carro. Ela entra na limusine e bate a porta, tirando a peruca assim que se senta.

- Não aguento mais ser ruiva – ri, balançando o cabelo castanho. A semelhança entre ela e Priscilla é gritante; o mesmo formato do rosto, a mesma constituição miúda e olhar aguçado. Os olhos amendoados, como os da irmã, carregam o tipo de dor de quem preencheu sua cota de sofrimento na vida.

— Bom dia, Alice.

— Bom dia, madrinha.

A limusine parte em direção ao aeroporto, e Bárbara mal espera que ela deixe a avenida para perguntar:

— Conte-me tudo, tudinho. Eu adoro esse momento!

Um músculo repuxa no canto da boca de Alice, mas não chega a ser um sorriso. Ela dobra a peruca e a coloca em um envelope de veludo, enfiando-a na bolsa. Movimenta-se atenta aos próprios gestos, como se executasse a função mais importante do mundo. Fecha a bolsa, ajeita a saia lápis sobre as pernas e recosta no banco de couro.

— Correu tudo como planejado. Destruí todos os documentos, e apaguei todos os rastros. Acabei de assinar minha demissão.

— Eles perguntaram alguma coisa? O que pretende fazer, para onde vai?

— Nada. Disse que estava me aventurando em uma nova sociedade. Vão ficar de olho em meu nome por um tempo, mas não acharão nada.

Bárbara sabe disso. Não é a primeira que Alice trabalha para ela.

— O que fez com o contrato que Ana assinou? — Bárbara pergunta.

— Entreguei a cópia alterada para ela, como me orientou — Alice responde olhando as ruas do centro do Rio passarem pela janela. — Destruí todas as outras, com exceção da que eu deixei para a sua coleção.

Bárbara segura a risada.

— Tenho cópias e mais cópias desse contrato. A única coisa que muda neles é o nome da coitada.

— Se Ana quiser se separar de Guilherme por causa da traição, não há mais cláusula que a proíba. A cópia que a proíbe de falar sobre o assunto também não existe mais.

Bárbara olha para a afilhada com orgulho. Alice, assim como Priscila, são bens valiosos, e seu relacionamento com as meninas envolve muito mais que vingança e dinheiro.

— Deixe-me vê-lo — Bárbara estende as mãos. — Quero dar uma olhada nele.

Alice abre a maleta e entrega à madrinha o papel. Bárbara corre os olhos pelas linhas do documento até o final. Seus olhos envidraçam, e as lembranças a levam para longe. O documento não mudou nada nos últimos quarenta anos.

— Eles ainda usam o mesmo vocabulário arcaico.

Alice segura um elástico de prender cabelo entre os dentes enquanto organiza as mechas em um rabo de cavalo:

— Eles fizeram uma alteração em 1997, se não me engano. No mais, a única coisa que mudou foi a cláusula que inseri secretamente.

Bárbara sabe. Aponta para a frase que, de maneira rebuscada, assegura a Guilherme o direito de levar mulheres para a própria cama do casal.

— Essa da cama foi genial — Alice comenta, finalizando o penteado. — Qualquer juiz que assuma o processo de divórcio sentirá o estômago embrulhar ao ler aquilo. Não sei de onde tira essas coisas, Bárbara.

Bárbara devolve o documento e Alice o recoloca na pasta. A cláusula da cama é um detalhe, um toque de ingenuidade perto da maldade profissional do resto.

— Você tem razão. Qualquer juíza ficará horrorizada. Vamos fazer com que seja uma mulher, não é? E que seja alguém decente. Muitos toleram a traição, mas não a violação do lar. Há algo sagrado em nossas casas e nossas camas.

Alice concorda.

— Agora é a sua vez, madrinha. Como costurou todas essas histórias? – a

advogada pergunta. — Juro que no dia em que estendi o contrato para Ana, achei que ela não o assinaria.

— Você não conhece Ana. Era certo que ela assinaria.

— Ela foi chamada para assiná-lo perto demais do flagra. Não costuma dar certo nesses casos.

— Você estava lá durante o flagra — Bárbara olha para Alice. — Você presenciou sua reação. Ana não age de maneira passional.

Alice lembra das feições de Ana quando a pegou sob seu noivo. Não, definitivamente não havia passionalidade ali.

— Achei que ela fosse assassinar Guilherme, mas ela mal se mexeu.

— Aposto que não pareceu sequer surpresa.

Alice tenta se lembrar da cena.

—É, ela não pareceu exatamente surpresa, apenas... distante. Pensativa, não sei. Quando acordou do estupor, foi atrás dele.

— Ana é uma estrategista. Se ela enlouquecesse de raiva, afastaria Guilherme. Se não demonstrasse ciúmes, Guilherme desconfiaria.

— Foi assim que soube que Ana planejava algo?

— Oh, não. Sabemos que Ana planeja algo desde que chegou ao Rio ao lado do “primo,” três anos atrás. O que não sabemos é sua verdadeira intenção.

— Tive medo que ela me reconhecesse durante a assinatura do contrato — Alice exala. — Mas só eu poderia entregar a via certa. Se outro advogado o fizesse, poderia notar a discrepância entre cópias e dar com a língua nos dentes.

— Mas ela não te reconheceu. Nem vagamente.

— Acha que ela vai nos procurar mais tarde? Ana Laura tem todos os requisitos para continuar no clube.

Bárbara pressiona os lábios, balançando penalizada a cabeça que não:

— Ela não nos procurará. Ela ainda não se vingou de Guilherme.

Aquilo é uma surpresa para Alice.

— Não? O que acha que ela vai fazer?

— Não sei. Só espero que não deixe o sentimento pelo rapaz, o tal Rodrigo, atrapalhar seus planos. Amor e vingança não se misturam.

Alice olha para fora, pensando a respeito. A chegada de Rodrigo não foi planejada, ao contrário de cada evento dos últimos meses. Alice não tem um bom pressentimento a respeito do que pode acontecer a ele. Os perigos ao redor dos Diniz são mais complexos do que parecem.

— Mas continue, madrinha. Você não me contou como chegou às outras, Linda e Ísis.

Bárbara pensa em como começar a explicar intrincada rede que exigiu meses de planejamento, e que tinha desde o início um único alvo: Castro Diniz. O

homem que há 40 anos atrás apresentou a ela um contrato dias antes do casamento, e Bárbara se recusou a assinar.

Foi exatamente nesse dia que ela foi abordada na rua, no final da década de 70, por ninguém menos que a neta de Elise de Sá. A mulher misteriosa ensinou e ela tudo que sabia. Que vingança é um prato delicioso, uma verdadeira delicatessen quando servida fria.

Nem sempre os planos funcionam, claro. Como na vez em que abordou a próxima noiva de Castro, Sarah. Ou a vez em que viajou para Passos, em Minas, para conversar com uma mulher grávida que supostamente carregava uma criança de César Diniz, irmão fugitivo de Castro. Na mesma época, ambas negaram o convite.

A negativas não abalaram Bárbara. Desde então, cada baque ou pedra no caminho dos Diniz teve seu dedo invisível, assim como dedos de muitas outras que vêm e vão nesse intricado processo de auxílio e revanche.

Bárbara começa do começo:

— Foi Marília, mãe de Ana, quem escreveu para a firma de advocacia procurando César, anos atrás. Na carta ela disse que estava grávida dele, e que precisava de ajuda. Ordinários como só o Diniz sabem ser, eles negaram que César havia estado em Passos, e ameaçaram processá-la se ela continuasse espalhando ‘mentiras’ a respeito da família. O problema não era o bom nome de César, claro, e a carta de resposta, pura balela. Meses antes, César havia fugido com muito dinheiro do banco de investimentos onde trabalhava, e feito uma parada em Passos, onde se enrabichou com uma moça qualquer. Isso era tudo que sabiam. Meses depois, a moça apareceu grávida. Os Diniz desconfiavam que Marília pudesse saber de alguma coisa, chegaram a ir até a fazenda interroga-la, mas tudo que encontraram foi uma mulher assustada, querendo ajuda para sustentar uma criança. Logo viram que a pobre mulher do interior não sabia muito. Assim como eles, eu também fui até lá. Queria saber se ela estaria disposta a entrar para o clube, mas quando a conheci, parecia um bichinho assustado. Os Diniz a colocaram contra a parede, ameaçaram-na dizendo que se continuasse a espalhar boatos, viriam atrás dela. Ela negou tudo quando cheguei até lá. Negou saber quem era o pai da criança, negou ter pedido ajuda, negou tudo. Estava com muito medo.

Anos depois, não foi realmente uma surpresa ver Guilherme embarcar para Minas atrás de Ana, a prima bastarda. Quem sabe César não sabia de sua existência, e estaria em contato com ela? As empresas dos Diniz estavam em dificuldades financeiras, precisavam urgentemente de dinheiro, e queriam saber se César sustentava escondido sua “família” no interior. A surpresa chegou depois, quando Guilherme retornou com Ana, e eles começaram a se relacionar.

“Foi com a vinda de Ana que o clube viu uma chance de costurar duas vinganças: a de vocês contra Rossman e a dela contra os Diniz. Mas quando a conheci, tomei um susto. Ela não era uma moça ingênua do interior. Ana tinha uma maldade oculta no olhar. Ela tinha caráter, mas também muita raiva. Uma raiva que cozinhava em fogo baixo, mas perene. Foi muito inocência de Guilherme achar que Ana suportaria o peso dessa falta de amor travestida de liberdade. Os Diniz estão tão longe do mundo dos sentimento que sequer entendem o que causam nas pessoas à volta.

“É aí que você entra na história — Bárbara olha para Alice. — Mexemos nossos pauzinhos e você passou a trabalhar para a firma de advocacia dos Diniz. Logo descobriu Ísis. A menina, uma simples copeira, passaria despercebida para a maioria das pessoas, mas não para você. Você viu nela intelecto, e a promessa do que poderia vir a ser. Soube da resistência do marido obtuso em deixá-la estudar, e me informou a respeito. Decidimos que Ísis seria peça secundária em nosso plano.

“Não foi difícil descobrir que seu marido falava demais, e chamava a atenção do mecânico canastrão. Sequer precisamos incentivar Geraldo Júnior a se aproximar de Ísis. O garçom que contratamos para conversar com Adriano durante as folgas mencionava seu nome durante as conversas com Adriano, e o bobo falava tudo a seu respeito, para os ouvidos de quem estivesse ao lado. O que aconteceu teve o dedo de todas nós: os elogios ao intelecto de Ísis a fizeram colocar o marido na parede. Geraldo fez sua parte, como sempre fazia, e eu enviei no momento certo um link do vídeo para Adriano. Sua esposa estava ao vivo, na cama com o mecânico.

Alice abaixa os olhos e alisa a saia.

— Eu sei, foi vil. — Bárbara admite. — Mas foi melhor para ela. Quando Ísis começou a chorar pelos cantos do escritório, você a abordou. Entregou-lhe um cartão do clube e ela veio. Quando propomos ajudá-la, aceitou na hora. O preço da ajuda era roubar a chave da sala onde estavam os contratos dos Diniz para que você pudesse alterá-los, e mais tarde, entregar o cartão a Ana.

— Mas e Linda? Como seu programa entrou na história?

— Na verdade, Linda entrou nos planos por causa de seu marido, Eduardo. Era ele quem tínhamos em vista. Como Linda estava envolvida em um programa de TV, adequamos os planos para fazê-lo caber nessa nova configuração.

— Eduardo poderia ter se mostrado fiel, e Linda jamais se voltaria contra ele.

— Minha querida Alice — Bárbara chacoalha os ombros em um riso divertido. — Um homem que se junta ao seu pai não é regido pelas mesmas normas morais que o resto do mundo.

Alice concorda. Ninguém trabalha limpo para Rossman.

— Quanto à sua questão, você tem razão: Eduardo não traía Linda. Foi então que inserimos a Juliana, uma nova pupila, na jogada. Ela se candidatou à vaga de estagiária, insinuou-se para Eduardo, e logo este problema estava resolvido. Linda o esmagaria entre os dedos quando descobrisse tudo.

- E esmagou.

- Esmagamos – Bárbara a corrige. – Mas enfim, Eduardo tinha um papel fundamental na vingança. Não sinto qualquer orgulho de ter forçado a traição, claro, mas Linda merecia algo melhor do que aquele casamento moribundo. Na verdade, tinha grande planos para Linda, mas para minha grata surpresa Linda se saiu muito melhor que qualquer coisa que pudéssemos ter imaginado.

Alice sorri, sonhadora, para a madrinha. Definitivamente, Linda surpreendeu a todas.

Bárbara continua:

— Voltemos então ao show. Precisávamos incluir Priscila, sua irmã, no programa. Ela pressionou seu pai a entregar seu currículo a Eduardo, o funcionário casado com a produtora do show “Vida de Princesa.” Você sabe como Priscila sabe ser persuasiva.

— Ela disse a ele que se ele não conseguisse aquela vaga, ela nunca mais olharia para ele.

— E ele conseguiu, é óbvio. Não entendeu como o show aceitou uma garota menor de idade, mas o que podia fazer depois que ela entrou para a casa? Nada.

— Por isso a carteira de motorista forjada.

— Exatamente. Linda jamais deixaria uma garota menor de idade participar, mas tentando agradar o marido, acabou encaixando Priscila no show.

— Dentro da casa, o plano de Priscila era fazer o príncipe se encantar por Linda, certo? – Alice confirma a informação.

— Sim. Ela usou todo o tempo ao seu lado falando de Linda. Como admirava a produtora por ser tão forte e dinâmica, e que disse ela estava se separando do marido. Até mesmo as provocações à Margô, que culminaram no episódio do vestido rasgado, foram feitas para que Linda agisse e mostrasse sua verdadeira face para Sebastián. A semente estava plantada, e só nos restava esperar. Tudo que sabíamos é que Sebastián tinha um histórico de namoradas negras e bem sucedidas, e Linda era tudo que ele sonhava.

— E Henrique?.

— Apenas um plano B. Um modo de compensá-la pelo baque da traição.

— Até aí entendi – Alice fala. - Continue.

— Com Priscila no programa, nos concentramos em Eduardo. Como você

sabe, precisávamos desestabilizar o seu pai. Rossman precisava abrir o bico sobre os esquemas de Castro, e uma forma de fazer isso era mexer com sua fraqueza: você e Priscila. Foi quando tive a ideia de usar Juliana para algo mais. Lembre-se — Bárbara explica didaticamente para que Alice entenda tudo. — Juliana foi trabalhar no departamento de Eduardo, fingindo apaixonar-se por ele.

— Eu sei.

— Ela levava e trazia documentos para ele assinar, que — com uma mão entre as pernas da menina e outra na caneta —, assinava sem ao menos ver o que estava fazendo. Foi assim que ele fundou, juntamente com a identidade falsa de Juliana, uma firma de agenciamento de garotas.

— Que mais tarde foi usada por Guilherme à exaustão, até o dia em que Priscila apareceu.

— Exatamente. Tudo que precisamos fazer foi avisar a Polícia Federal e dar todas as informações. Uma antiga membro do clube nos colocou a par do dia do flagra, para que pudéssemos providenciar a tempo o divórcio de Linda e ela não fosse implicada na história. Depois foi só contar para Rossman que Guilherme, o filho de seu ‘associado,’ tentou dormir com sua garotinha.

— E que Eduardo, seu próprio funcionário, contratava para sua “agência de garotas de programa”.

— Exato, foi essa a bomba que caiu sobre o seu colo. Além de que, claro, tal “agência” era gerenciada do seu escritório. Por falar nisso, como está Priscila?

— Adorando a fama que o show trouxe.

— Ela se sentiu mal por ter se envolvido tão intimamente com Guilherme? Tentamos com que ela apenas o seduzisse, mas ela insistiu em ir adiante...

- Priscila não é mais uma criança, Bárbara – Alice a olha com dor. – Você sabe que ela deixou de ser uma anos atrás.

Bárbara move a cabeça que sim. Ela sabe.

— Para algumas meninas, a situação teria sido traumática. Não para ela. — Alice olha para fora, e completa em um murmúrio: — Não se preocupe com ela. Seu espírito foi trincado muitos anos atrás, pelo nosso próprio pai.

Bárbara pega em sua mão, e por um tempo fazem silêncio.

— Vamos voltar a Linda — Bárbara sugere. Alice concorda.

— Foi só quando Linda pegou Eduardo entrando no motel com a estagiária, que decidiu nos ajudar. Com o tempo descobrimos que Linda tinha problemas de autoestima, o que, infelizmente, muitas mulheres na sua idade tem. Era a hora de ajudá-la como o clube sempre faz. Convencê-la a incriminar o próprio marido.

— O que nem sempre acontece.

— Exato. Não há garantias.

— Eu gosto de Linda.

— Como não gostar de uma fera presa em 1,60 de altura e 80 quilos? Que, quando explode, faz o próprio Criador tremer nas bases?

Alice ri.

— Mas agora quero que me conte sobre outra coisa, madrinha. Você pediu que eu fizesse algo para você em Brasília, mas não me explicou por que.

Bárbara inspira, revigorada.

— Sim, claro. A moça de Brasília – ela sorri candidamente. - Conseguiu alterar a entrega dos anticoncepcionais da farmácia?

Alice a olha de lado.

— Consegui, claro. O homem que faz as entregas sequer perguntou meus motivos. Sempre que há entregas para o endereço que passei, ele altera os remédios. Deu um pouco de trabalho convencer o laboratório a ceder a cartela do placebo que utilizam em pesquisas, mas três, ao menos, foram asseguradas. A garota não está protegida contra gravidez.

Bárbara não se importa com esse detalhe.

— Como é a moça? — pergunta, curiosa.

— Você conhece o tipo. Ruiva, alta, magra. Como você costumava ser.

Bárbara tira os óculos e o limpa demoradamente na barra da saia. Volta a colocar os óculos, balançando a cabeça:

— Castro é tão previsível.

Alice rola os olhos. Sim, ele é.

— Madrinha, o que acha que Sarah fará se a amante de Castro engravidar?

Ao longe, o perfil do aeroporto começa a desenhar o horizonte.

Bárbara olha pensativa para a cidade que em breve deixará para trás. Não é novidade para ela que tudo que fizeram nos últimos meses – nos últimos anos - apenas serviu de aporrinhão para a família poderosa. Seus advogados livrarão os Diniz de quaisquer acusações. E o povo tem memória curta. Aliás, se Castro engravidasse a moça, um filho a essas alturas poderia até mesmo se tornar uma benção.

— Seria maravilhoso se Sarah abrisse a boca e finalmente incriminasse-o pelos crimes que ele cometeu – Bárbara fala, duvidando que isso pudesse acontecer. – Mas ela jamais fará isso.

— Por quê?

— Porque Sarah é uma dama. Talvez ela convença Castro a não assumir a criança. Ela se importa com o nome da família.

A limusine para em frente ao portão de embarque e o motorista abre a porta para que as duas saíam.

— Acha que Sarah algum dia se arrependeu de não ter aceitado o convite

do clube? — Alice coloca os imensos óculo escuros, ajeitando o rabo de cavalo.

Bárbara volta no tempo, tentando se lembrar das palavras exatas que Sarah disse quando a convidou para juntar-se a ela. Lembra da certeza inequívoca da mulher, do horror com que ouviu a proposta, em como pediu a Bárbara que os deixassem ser felizes em paz.

— Acho que não. Sarah se vê como uma rainha, e rainhas protegem seus reis.

Alice não parece nem mais, nem menos contente que antes. No entanto, como fez tantas outras vezes, questiona-se se o que fazem realmente vale a pena, se é mesmo justiça que entregam ou apenas injustiça mascarada.

Bárbara toca no queixo de Alice e o ergue, olhando a garota nos olhos:

— Sarah sobreviverá. Priscila sobreviverá, Ana sobreviverá, assim como Linda, Ísis e você também. Todas sobreviveremos à tempestade, e sabe por quê?

Alice faz que não.

— Por que somos a tempestade.

Bárbara larga seu queixo e enrosca o braço ao seu.

— Pronta para a nova missão?

— Sempre, madrinha.

E unidas somem entre outros no saguão do aeroporto.

31. ALUCINAÇÃO DE JOGO



O que está fazendo aqui, Rodrigo? — minha frase sai mais como um lamento que uma pergunta.

— Eu só penso em você, Ana. Preciso saber como você está.

— Vá embora, pelo amor de Deus — encosto no batente da porta para não tombar. Rodrigo seca minha lágrima com o dedo, e seu toque dispara a alucinação.

A mente visualiza o jogo, adiantando movimentos. Tenta imaginar a reação do oponente, e como responderia. Inicia-se uma movimentação de peças na cabeça que pouco tem a ver com a realidade, mas um jogo de apostas baseadas no que você sabe sobre o adversário. As peças começam a se mover sozinhas, e o que antes parecia loucura se torna realidade.

Não posso enlouquecer.

Rodrigo vai me tocar e eu não conseguirei resistir. Tampouco abrirei mão da vingança. Eu o levarei em um ímpeto para a minha cama, onde faremos sexo sob os olhares de Guilherme, e meu marido traidor será traído de uma forma que nem mesmo sonhou em me trair. Mas há uma arma na casa, e preciso considerar que ela esteja no closet. Preciso considerar também a possibilidade de que Guilherme se soltará das cordas e atirárá em Rodrigo, e embora isso o torne um assassino — fato que o levaria aos tribunais, — Rodrigo seria assassinado.

A jogada não me serve ou agrada. Sei o que preciso fazer, mas antes faço outra coisa. Algo que a mente não tem como simular, prever ou julgar ainda como certo ou errado.

Eu me jogo nos braços de Rodrigo.

Com o nariz afundado em seu pescoço, agradeço aliviada por tudo não ter passado de um devaneio. Afasto-me para olhar em seus olhos por um momento, em seguida beijo-o com todo amor que cabe em meu peito.

— Quero você e nada mais — me declaro. Nada mais.

Em seguida, peço desculpas a quem decepcionei: desculpe-me, mamãe. Não contava com a paixão louca por um homem de cabelo revolto e roupas amarrotadas. Mas eu me apaixonei, e você terá que se contentar com uma meia vingança.

— Eu vou te perguntar outra vez, Ana. Fuja comigo.

— Não — respondo afastando seu rosto do meu. — Eu vou perguntar isso dessa vez: quer fugir comigo?

Sua surpresa é tanta que sua boca entreabre. É irresistível. Enlaço-o pelo pescoço e beijo-o outra vez, com o coração transbordando de paixão.

— Para onde?! — ele pergunta fazendo que sim, sim, sim.

— Explico tudo no caminho. Deixe-me só resolver algo lá em cima e já volto.

Rodrigo me espera no primeiro andar, sob a instrução de não abrir a porta quando tocarem. Subo as escadas de dois em dois degraus, com a diligência e o foco que sempre foram minhas características principais, que me fizeram sobressair na escola e levaram minha mãe a me matricular bem nova em aulas de jogos mentais.

Xadrez, dama, batalha naval. Fui várias vezes vencedora de campeonatos interestaduais.

Entro no quarto ouvindo o celular de Guilherme tocar. É sua mãe, certamente nos perguntando pela enésima vez se estamos prontos para a viagem. O plano era frustrar o passeio a Angra com o meu desaparecimento, deixa-los loucos de ansiedade durante o feriado, mas não haverá mais assassinato. Só haverá minha partida.

Tiro Guilherme do closet, desamarro seus pés e suas mãos, empurro a cadeira até a cama, erguendo as pernas da cadeira do chão até que ele escorregue e caia. Ele desaba no chão sem cuidado.

— O que está acontecendo? — ele pergunta grogue, mal conseguindo mexer o pescoço.

— Você tomou remédio demais.

Ele tenta sentir a língua e fecha os olhos. Coloco as cordas dentro de uma bolsa, espalho as pílulas do remédio de insônia ao seu lado e cochicho em seu ouvido:

— Os papéis de divórcio estão lá embaixo, assinados. Você me agrediu quando eu disse que não aguentava mais. Eu arranhei você, e agora estou saindo de casa. Tchau.

Guilherme geme algo, mas não fico no quarto para ouvir. Desço as escadas sentindo uma alegria estranha, como se tivesse renascendo após uma segunda

chance.

Passo pelo banheiro, então me lembro.

Volto alguns passos. Paro no lavabo, encosto a porta e retiro o espelho redondo da parede, virando-o ao contrário. Ali, escondido dentro do forro, está a única prova dos crimes cometidos nos últimos anos, e minha participação nos eventos dos últimos meses. Recoloco o espelho no lugar, alisando o envelope pardo nas mãos.

Abro o envelope, desdobro a folha amarelada e me pergunto o que devo fazer com aquela carta.

Lê-la pela última vez, a jogadora em mim sussurra.

Passos, abril de 2010

“Responda, Ana: a vingança é uma ciência ou uma arte?

Se respondeu uma ou outra, errou. Uma é metódica demais, e observa o mundo com o distanciamento do observador; a outra é quase uma chacota: falta-lhe método e disciplina.

A vingança, minha filha, é um jogo refinado. É o estudo demorado do adversário. É calma e intelecto, tempo e paciência.

Vingança e amor podem convergir, e se for o caso, cuidado. O amor é um jogo que se joga com o destino, e o danado segura muitas rainhas na mão. Não confie em quem joga tão sujo. A calma e a persistência são o segredo do triunfo sobre o impossível. Você hoje é um peão, mas no xadrez, como bem sabe, peões podem ser coroados.

Vinte e poucos anos atrás, conheci um rapaz muito charmoso que me ganhou com palavras. Amei-o com intensidade, mas só o conheci quando engravidei de você. Ele sumiu, e reapareceu semanas depois, pedindo para encontrá-lo na beira do rio, onde costumávamos passar tempo juntos. Disse que estava passando por um período difícil na capital, que precisaria sumir por um tempo, mas que não podia deixar ‘pontas soltas ou rastros’. Instalou-se em uma pousada afastada da cidade e confessou que não se chamava Mário, e sim César, e que estava saindo do país naquela tarde. Que veio se despedir, e que o monomotor que o levaria a Mato Grosso estava esperando apenas sua chegada para decolar.

Foi então que entendi por que estava me contando tudo em um local tão ermo, e o que queria dizer com “pontas soltas e rastros”. Quando ele segurou no meu pescoço, usei a faca que sempre carreguei comigo para me salvar. E me salvei, e salvei você também. Matei seu

pai naquela tarde bonita, e o enterrei na curva do rio. Desde então, meu jogo passou a ser contra a prisão. Eu precisaria usar tudo que sabia sobre jogos para sobreviver ao que fiz.

Fui até a pousada onde ele estava, peguei suas coisas, paguei com meu dinheiro a hospedagem. Nem mudar o nome ele mudou: na pousada ele era Mário.

Trouxe na calada da noite sua mala para casa e pelos próximos dias só chorei. Então resolvi abrir a mala e descobri o tamanho da encrenca em que me meti. Na mala havia vinte milhões de dólares, em notas de cem. Tanto dinheiro, mas tanto dinheiro que por meses dormi sobre as notas por não ter onde guardá-las.

Foi então que fui à capital, aluguei um cofre e deixei o dinheiro lá. Semanalmente ia à Belo Horizonte e mandava dinheiro pra uma conta que abri no exterior. Na época não existiam sites que explicavam como fazer isso, foi preciso muita conversa, pesquisa, telefonemas, gorjetas, documentos falsos. De pouquinho em pouquinho, vinte milhões viraram dezenove e meio. Orfanatos ganharam obras, gerentes de bancos adquiriram carros novos. Você estava chegando, mas só pude te dar um enxoval discreto. Mas sua chupeta? Não sei se lembra, mas ela era cravejada de pedras caras.

Semanas depois do desaparecimento de César, a polícia apareceu na fazenda de Seu Llosa procurando a tal 'namorada' que tinha feito no local. Castro Diniz, seu irmão, sabia que César tinha alguém em Passos, e que essa 'namorada' estava grávida. O que fiz foi arriscado, mas à essas alturas eu precisava provar que não sabia de nada. Escrevi a carta para os seus advogados e contei sobre a gravidez. Implorei que fizessem essa carta chegar à César, que estava desesperada. Os Diniz fizeram exatamente o que eu esperava: não confirmaram que César era o pai. Na verdade, eles pavimentaram minha inocência para o mundo: disseram que César nunca havia estado em Passos, e só então passei a dormir tranquila outra vez.

Claro que eles reapareceram mais tarde. Queriam saber se César havia me procurado. Naquela época eu ainda dormia sobre as notas verdes, mas quem poderia desconfiar? Eu morava na mesma tapera, vestia as mesmas roupas feias, e você dormia em um berço velho.

Foi só quando você tinha dezoito anos que paramos de visitar sua tia em Belo Horizonte, porque o dinheiro tinha finalmente acabado. É impressionante o que o dinheiro pode comprar. Silêncios, sossego, problemas, e até novas identidades. Está tudo lá fora, você sabe onde.

O número da conta é aquele musiquinha que venho ensinando a você desde criança. A que você só pode cantar sozinha.

Com o prognóstico ruim do câncer, entendi que o dinheiro não compra tudo. Parei de sonhar que um dia o desfrutaria e decidi viver o fim dos meus dias aqui mesmo, em casa. Lembro que quando contei a verdade você ficou com raiva, depois triste, e então entendeu. Sei que hoje está em paz com o que fiz, e sabe que tem uma missão. Sei que não gostou de ver o lugar onde seu pai está enterrado. Mas era preciso que visse: ele simboliza o perigo que os Diniz representam. Não confie neles.

Ana, um último alerta: os Diniz virão te procurar. Outros também virão, porque vieram atrás de mim. Elas se intitulam de “clube”. Não me recordo hoje o nome delas, mas vieram oferecendo ajuda. Claro que não aceitei.

Primeiro você será procurada por eles, depois por elas. O que os Diniz querem é o dinheiro. O que o clube quer eu não sei, mas desconfio que seja o mesmo que nós: vingança. É um clube, não se esqueça: assim que te ajudarem, exigirão ajuda de volta. Lembre-se do que te ensinei: a vingança traz frescor, mas a gratidão é um fardo. Se achar por bem unir-se a elas, considere-as jogadoras também. Você jogará um jogo de espelhos, dois tabuleiros para estudar. Confio que fará o seu melhor, você foi bem treinada.

Com amor,
Mamãe.”

Saio do lavabo e Rodrigo me recebe com um sorriso que infla o peito de emoção. Peço um segundo para mandar do meu celular a gravação da conversa entre Castro e Guilherme para Rossman. Ele merece saber que está marcado para morrer, e é mais que justo que tenha tempo de revidar.

— Não vai levar nada? — Rodrigo pergunta ao ver que só trago minha bolsa pessoal e a mochila velha, que planejo jogar fora assim que estivermos longe de casa.

— Nada — respondo no mesmo instante em que a campainha da frente toca.

Puxo Rodrigo para a cozinha, jogando a carta de minha mãe no triturador da pia até que não reste mais nada. Saímos pela porta dos fundos em direção à rua, onde Rodrigo estacionou a Millenium Falcon.

— E para onde vamos? — ele pergunta.

— Para longe — é tudo que falo.

32. CHEQUE-MATE



Mas por quê? — Sarah para as mãos sobre as flores frescas que arranja em um vaso comprido. Sua boca vinca para baixo, em desagrado. Por que Castro não pode ir para Angra? O senado não dá recesso aos senadores no fim do ano?

— Trabalho — Castro responde distraído, atento apenas ao celular.

Sarah observa com o canto do olho como o marido se curva sobre o aparelho, um objeto que por anos ficou esquecido na mesa do hall, geralmente sem bateria ou desligado. Era a primeira a fazer graça por seu desinteresse pela invenção infernal, até que o celular antigo foi trocado por um smartphone de última geração e passou a ser checado com frequência incomum. Ultimamente ele tem sido até mesmo escondido de suas vistas.

Castro desliga o aparelho com olhar perdido e um sorriso estreito no lábios.

Sarah ajeita o resto das rosas, amassando as flores para que caibam no vaso estreito. Ela conhece os sinais. Na verdade, ela reconhece os sinais. Foram mais de trinta anos de casamento, e ela reconhece todos.

Primeiro o marido se torna silencioso e ainda mais distante. À noite não volta para a cama, não trocam palavras na mesa do jantar, passam dias sem se cumprimentar. Depois ele desaparece por dias, às vezes duas vezes no mesmo mês. Chegam então os extratos dos cartões.

Quando ela tem acesso a eles — quando decide perder seu tempo e checá-los —, os valores estratosféricos denunciam a presença do marido em lugares paradisíacos. Joalherias cujos nomes ela desconhece, restaurantes mundialmente reconhecidos, onde ela mesma não come há décadas, aluguel de jatos particulares, drinks rebuscados, hotéis cinco estrelas.

Semana passada ela ordenou à secretária de Castro uma foto de todos os extratos daquele mês, e Sarah confirmou o que suspeitava. Castro estava de novo com uma amante fixa.

Ela descobriu compras realizadas em outra cidade, enquanto seu marido estava em casa, sinal de que a amante tinha seu próprio cartão. Mas entre todas aquelas compras tolas, uma em particular chamou sua atenção: havia compras e mais comprar feitas em lojas de bebê.

Sarah larga as flores sentindo a conhecida ardência no estômago. É sua úlcera rezingando como uma tia velha, amarga, batendo a bengala no chão reclamando de tudo.

Um cartão para amantes? Essa não era a novidade. O bebê, sim, é uma novidade.

Sarah ajeita a roupa e aperta o brinco de pérolas na orelha. Sabe que houve abortos no passado, ela mesma fez questão de se certificar do último, para que não houvesse no futuro bastardinhos requisitando herança. E agora, mais uma.

Maldito.

Não gosta que a úlcera que a acompanha há décadas tenha se pronunciado. Desde que Castro fez sessenta anos ela tinha sumido.

Ela achou que estivesse finalmente entrando na parte recompensadora daquela união. Estabilidade imposta pela idade. Fim dos boatos, das doenças venéreas estranhas, da libido exacerbada do marido. Rola os olhos quando se lembra da invenção do Viagra, anos atrás. Como odiou aquilo, e praguejou que tivessem inventado algo que acabou com sua tranquilidade.

E agora? O que fazer com Castro, que perdia de vez a razão? Talvez tenha sido excesso de pílulas azuis no cérebro, talvez a maldita crise dos sessenta, a consciência de sua finitude e pequenez. O que faria o homem mais poderoso do país desejar um bastardo? O que passa pela cabeça estúpida de Castro? Ela nunca soube.

Ela sofreu muito no início, quando ainda era amor. Quando assinou o maldito contrato, e soube que o repartiria com milhares de outras. Já não acredita em amor há tempos, não entende passionalidade. Ela acredita no que é palpável: crédito ilimitado, amigas com quem almoçar, um palacete de sonhos, só seu. Mas algumas coisas não lhe agradam. Natal fora de casa, por exemplo. Os jornais falam, as revistas comentam.

Ela leva a mão à boca quando lembra do bebê.

Meu Deus, Castro perdeu a noção de ridículo.

As horas passam morosas e os ruídos da casa, antes tão viva, ficam macabros. Estalos no chão da madeira lembram passos. As ferragens do antigo elevador parecem gemidos. Castro se enfia no escritório e tranca a porta, e Sarah circula entre os cômodos dos três andares, conferindo se as janelas estão mesmo fechadas. Ao terminar a ronda, entra no quarto e vê duas malas repousarem sobre a imensa cama do casal: a pequena, feita por Sarah, onde estão as roupas

de Castro para os festejos de fim de ano em Angra. E a outra, inédita, arrumada por ele. Sarah confere a mala, estranhando seu tamanho e peso. Se fosse dada a pensar tolices, diria que Castro está de mudança.

Ela se senta na cama, cansada. As mãos ainda estão no cadeado fechado que lacra na mala os segredos do marido. Seus pés inchados doem, e ela tira as sapatilhas para massagear os dedos engelhados. Foi um ano ruim, e não deixará saudades. Problemas demais. O escândalo do filho, pego com a filha biscate do querido amigo da família, Mathias Rossman. Um escândalo bobo, que poderia ter sido evitado, mas tomou proporções inacreditáveis. E então as ameaças de Rossman...

E agora, um bebê.

Sarah suspira. Tira o telefone do bolso e tenta ligar outra vez para Guilherme, mas ele não atende. Deixa o terceiro recado na caixa postal:

— Guilherme, sou eu. Seu pai não quer ir para Angra, vê se coloca juízo em sua cabeça.

Ela pensa em mencionar a mala, mas não quer encher a cabeça do menino com mais problemas.

A batida na porta faz Sarah se sobressaltar.

— Sra. Diniz? — a arrumadeira surge à porta sem uniforme e com a bolsa à tiracolo. — Vim me despedir.

Sarah volta a calçar as sapatilhas e se levanta.

— Achei que já tivessem ido.

Ela não espera a jovem responder: aponta para as duas últimas malas sobre a cama e diz, severa: - Faltam essas. Poderia descê-las até o hall, por favor?

Enquanto Lisandra desce com as malas, Sarah a acompanha, sem conseguir tirar os olhos da mala grande.

A moça pousa as malas ao lado da porta.

— Desejo à senhora e ao Sr. Castro um bom natal. E uma ótima virada — a moça deseja.

— Igualmente, Lisandra. Vejo vocês em janeiro.

Lisandra assente. Junta-se aos outros funcionários que a aguardam e partem, juntos, em férias coletivas. O jardineiro, o limpador das piscinas, as camareiras, a cozinheira — todos estão dispensados até o início do próximo ano.

Na casa imensa sobram apenas Sarah e Castro, além do motorista que aguarda a hora da partida para sair de férias também.

No hall coberto de mármore, o coração de Sarah palpita de modo estranho. Castro se recusa a dizer porque não irá para Angra, e Guilherme ainda não retornou suas ligações. A mala continua a incomodá-la na periferia da visão.

O plano era passar dias idílicos na ilha, onde ela não pisa há dois anos.

Guilherme e Ana estarão lá, todos precisam de férias... É claro que Castro arruinaria seu natal como tem arruinado todos os feriados desde que o conhece.

Sarah anda até as malas que se encontram agrupadas, à espera do motorista para embarcá-las. Um conjunto harmônico de valises e bolsas iguais, compradas em Paris. Os presentes de Ana e Guilherme, as roupas, os livros que pretende ler deitada na rede. Só falta o marido.

Ela anda aborrecida até a escadaria e grita:

— Castro! O motorista já está aqui!

Do vão do elevador, ouve um rangido. Ou seria a sua úlcera batendo a bengala no chão? Suas mãos se espremem, nervosas. O coração bate estranho, acelerado, sabendo a resposta do marido antes mesmo que ela chegue. Sarah ouve a voz dele chegar de longe. Um eco rouco, um “não” repetido, por fim a frase que esperava: “eu não vou mais!”.

Sarah se vira sem ar para a mesa do hall, onde as flores mostram o viço da juventude. Flores desperdiçadas, que embelezarão o nada e o vazio. Ao lado das flores está o celular do marido, escondido sob a carteira.

Sarah ouve barulhos no segundo andar. O elevador não se move, continua sem ser acionado, mas ouve Castro colocar coisas em uma caixa. Ela estende as mãos até o celular, olhando por cima dos ombros, como se houvesse mais alguém ali além dos dois. Abre o aparelho e a mensagem desliza na tela, seguida por emojis de fraldas, mamadeiras e chupetas:

Estamos com saudades. Aguardamos você.

Sarah lança o telefone sobre a mesa como se tomasse um choque. A boca continua vincada para baixo, travada no constante estado de infelicidade que se tornou uma marca registrada entre as amigas. Seu coração esmurra o peito, cheio de asco; a úlcera ruge.

Ela doou a vida para aquele homem. Doou sua juventude, e seu coração mal-usado. Algo trinca dentro da boca: foram os dentes.

Ao mesmo tempo que ouve a batida na porta, ouve o elevador ser acionado. Olha para cima, com o peito tomado de ódio. O elevador sobe moroso.

Ela estende a mão até a maçaneta e abre a porta. Suas mãos estão frias, úmidas, dormentes. Está tudo gelado dentro dela: olhos, coração, mente, dedos.

— Boa tarde, senhora. Permita-me — O motorista olha para as malas, indicando saber o que fazer.

— Por favor, Daniel.

Enquanto o elevador sobe, as malas se vão.

Sarah acompanha o motorista até o carro, querendo sair da casa, da vida,

querendo sumir sem saber como. Vê em silêncio o motorista acondicionar as malas na traseira da limusine estacionada na frente da mansão, sentindo uma caverna no peito. Tudo que ela queria era passar o natal em família.

Tudo que ela queria era parar de sofrer por ele.

- É só isso, senhora?

Ela vê a mala de Castro acondicionada entre as outras, e sente-se miserável pelo drama que se seguirá, quando ele perguntar onde a mala está. Ela terá que aguentar mais uma de suas mentiras, e fingir que está tudo bem.

Tudo que ela queria era passar o natal em paz.

- É só – ela responde.

O motorista fecha o porta-malas e entra na limusine, no aguardo. Ela se vira para a mansão e respira fundo. Caminha com um enorme branco na mente até a porta, e ao entrar no hall, com o estômago em chamas e as mãos em punhos, ouve o clanc metálico.

Se Sarah não estivesse tão sedada, tão cansada de tudo, reclamaria do elevador. Diria que ele anda dando problemas desde o casamento, que odeia aquela tolice saudosista no meio de sua casa. Mas ela está sedada. E muito, muito cansada.

Sente-se anestesiada por dentro Como se, após o choque de segundos atrás, de saber do bebê, de Castro e outra mulher – outra família – ela tivesse sido atingida por algo que a deixou em estado de paz. Paz induzida pelo choque.

Sarah encosta a porta da frente e anda até o elevador. Olha por entre as ferragens e vê que o elevador parou entre andares. Ela deveria ter providenciado o reparo. Sabia que isso um dia aconteceria.

—Sarah? — Ela ouve o grito abafado de Castro, preso dentro da caixa de aço. – Sarah, está me ouvindo?

Sarah dá um passo para trás. Continua em choque, quase em estado de graça. A sensação de paz que lhe tomou a mente se espalhou para braços e pernas.

— Sarah! Ligue para o pessoal do reparo? — A voz irritada do marido chega distante, quase como se ele falasse de debaixo d'água.

Sarah se aproxima do elevador. Pensa em tocar no botão, mas não toca em nada.

- Sarah! – ela ouve outra vez.

Sarah expira longamente. Olha para a casa silenciosa, para as enormes janelas de onde as cortinas filtram a luz fraca. Como se em câmera lenta, olha para a carteira parada sobre a mesa, e para o celular ao seu lado.

Olha para a porta.

Em seguida, confere as unhas.

Não é Sarah quem anda, são suas pernas. Elas a levam até a saída, onde pausa as mãos na maçaneta dourada. O metal está frio, mas suas mãos não estão mais suadas. Ela adoraria saber como chamam essa sensação boa que se espalhou por ela. Ao fundo, Castro grita pela última vez o seu nome.

Ela pega a bolsa que repousa na elegante mesinha de canto e sai. Bate a porta, girando a chave. Ao vê-la, o motorista salta, dá a volta no carro e abre a porta de trás:

— E o Sr. Castro, senhora?

— Castro passará o natal em Brasília, Daniel. — Sua voz sai limpa, livre do timbre agudo do nervoso ou do histérico. Ela se senta atrás, e ajeita a saia até que o motorista embarque. — Voltaremos a nos encontrar no dia de Reis.

Dia de Reis, ela pensa na ironia enquanto o carro parte, e a boca sempre vincada para baixo ergue-se em um sorriso inédito.

Fim

OUTRAS OBRAS DA AUTORA

Obrigada por lerem O Clube da Vingança! Pesquisas indicam que 20-40% do sucesso de uma obra está na propaganda do boca-a-boca. Sabe o que isso quer dizer? Que o sucesso de um livro está nas mãos de seus leitores! Deixem sua avaliação, entrem em contato, recomendem o livro caso tenham gostado! E se quiserem conhecer minhas outras obras, aqui estão elas:

Fantasia

[A Morte e a Donzela](#)

[A Jornada das Bruxas](#)

Romance Adulto

[A Última Peça](#)

(romance ganhador do prêmio Literário FLIC – 2016)

[Sessenta Noites em Trindade](#)

[Meu Capitão: Sessenta Noites em Trindade 2](#)

[Sexo, Amor & Outros Estragos](#)

[Selvagens](#)

Mascarado

As Leis do Amor

O Lado Bom do Inferno

Contos e Antologias

[Spin-off de Selvagens: a história de June e João](#)

[Homens de Farda: “O Lado Bom do Inferno”](#)

[Doze por Doze: “Janeiro”](#)

Facebook: Karina Heid Autora

Instagram: @karinaheidr

www.ocaminhointerior.com

www.karinaheid.com.br

REFERÊNCIAS:

A frase “Não deixe o bastardo quebrar você” foi inspirada na célebre frase do O Conto da Aia, de Margaret Atwood: *Nolite te bastardes carborundorum* (ou: não deixe os bastardos te abaterem.)

O final de César foi inspirado no conto *The Way Up to Heaven*, de Road Dahl, publicado no *The New Yorker* em Fev. de 1954. Mais tarde ele saiu na coletânea *Kiss Kiss*, do mesmo autor, de 1960.

Table of Contents

[Title Page](#)

[Copyright](#)

[Dedication](#)

[Contents](#)

[Regras Do Clube](#)

[1. Jogador ou não jogador?](#)

[2. Não deixe o bastardo quebrar você](#)

[3. Qual é o seu preço?](#)

[4. Equifinalidade](#)

[5. O mundo que não gira](#)

[Epigraph](#)

[6. Um ato revolucionário](#)

[7. Precisamos falar sobre César](#)

[Epigraph](#)

[8. Fogueira das Vaidades](#)

[9. Abra os Olhos](#)

[10. Considere a dívida paga](#)

[11. Castelo de Cartas](#)

[12. Gente da sua laia](#)

[13. Forasteiro das Galáxias](#)

[Epigraph](#)

[14. Manipuladores e manipulados](#)

[15. Não abra a porta](#)

[16. Uma traidora acima de qualquer suspeita](#)

[17. Tubarões do aguardo](#)

[18. O mundo é das espertas](#)

[19. O Casamento](#)

[20. Uma promessa feita e cumprida](#)

[Epigraph](#)

[21. É Guerra](#)

[22. Descanse em paz](#)

[23. Vingança número 1](#)

[24. Vingança número 2](#)

[25. Vingança número 3](#)

[26. Tome sua caneta de volta](#)

[27. Real ou não real?](#)

[28. Início do fim](#)

[29. A peça desconsiderada](#)

[Epigraph](#)

[30. A teia](#)

[31. Alucinação de jogo](#)

[32. Cheque-mate](#)

[Outras obras da autora](#)

[Referências:](#)